

ALTESSA

MARÇO • 1961

Cr\$ 35,00

Seu Lobo
Domingos



MINHA VIDA É O GARIMPO (Pag. 34)

Com o mesmo carinho

*com que um artesão
caprichoso trata
de suas ferramentas...*



...o técnico **SINGER*** terá prazer em
cuidar de sua máquina de costura!



Marca Registrada da The Singer Manufacturing Company



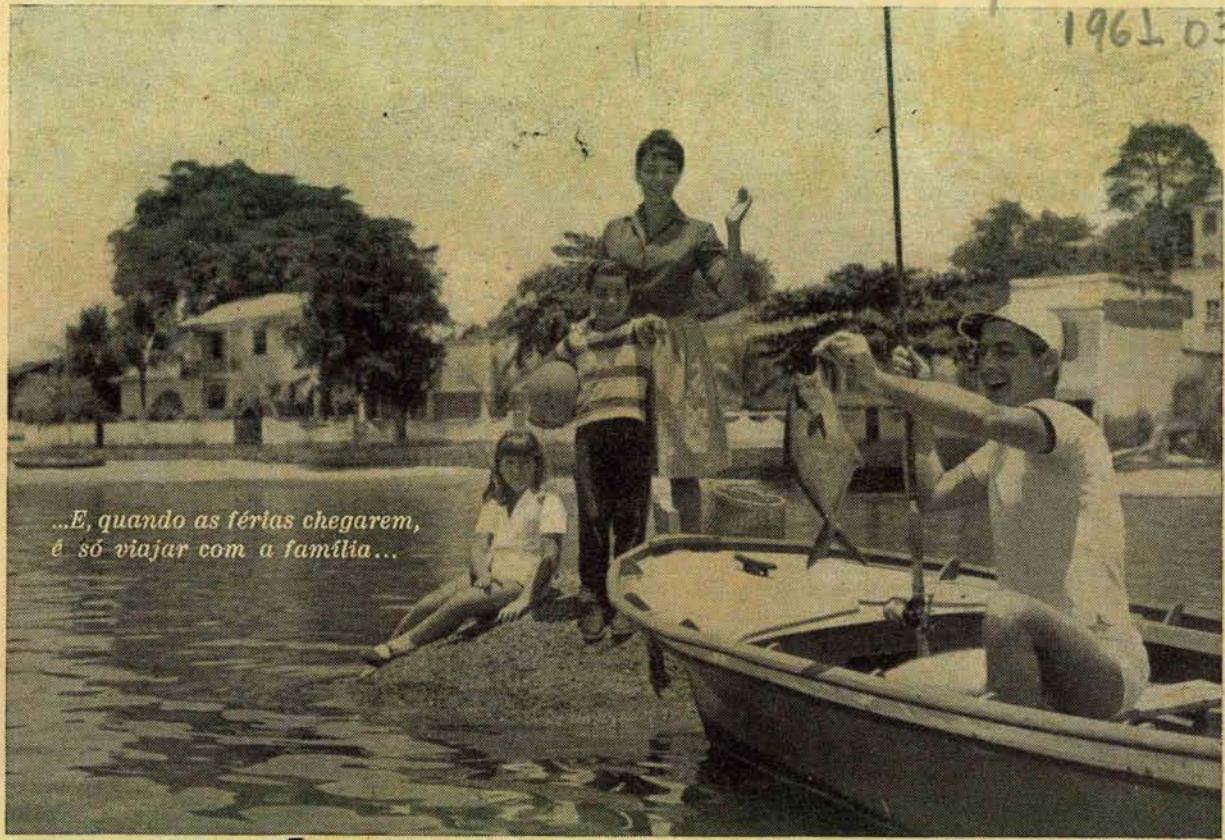
Orgulhamo-nos pelo fato de que, em qualquer lugar do mundo onde existam nossas máquinas de costura — por perto sempre há um técnico Singer experiente, cujo maior interesse é manter em perfeito funcionamento essas máquinas. Basta um simples telefonema, e êle irá imediatamente à sua casa. O Serviço Técnico Permanente é mais uma razão por que Singer é sempre a melhor escolha!

O NOME GARANTE O PRODUTO

Singer Sewing Machine Company



1961 03



...E, quando as férias chegarem,
é só viajar com a família...

EMPRÉSTIMO FAMILIAR

é a grande solução para suas despesas de férias

E as férias chegaram... mas, afi é que começa o problema. Aonde ir? Com que dinheiro? Qualquer que seja o lugar escolhido, sempre há despesas. E é preciso não esquecer que as despesas de casa - como aluguel, etc. - continuam.

Mas, não se preocupe com isso. O Empréstimo Familiar - uma iniciativa pioneira* do Banco da Lavoura, desde 1925 - existe exatamente para solucionar êsses casos. Faça uma visita a uma de nossas agências para conversar conosco sobre o Empréstimo Familiar. E lembre-se: você não precisa gastar suas economias em emergências. Em casos assim, utilize o seu crédito no Empréstimo Familiar. Você pode contar com êle!



EMPRÉSTIMO PARA CONSERTOS

Para as despesas com a reforma da casa, dos móveis, de aparelhos domésticos, etc.



EMPRÉSTIMO PARA TRATAMENTO DENTÁRIO

Para cobrir as despesas previstas pelo orçamento feito pelo seu dentista.



EMPRÉSTIMO ENFERMIDADE

Para as suas despesas com médico, remédios, casa de saúde, etc.

*Já em 1925, logo após a sua fundação, o Banco da Lavoura se impôs como varejista de crédito, realizando um grande volume de pequenos empréstimos de até 200 ou 300 mil réis, destinados, em sua maior parte, a resolver os problemas solucionados pelo Empréstimo Familiar.



Banco da Lavoura - um amigo em toda parte
DE MINAS GERAIS, S.A.

ALTEROSA

A revista da família brasileira

ANO XXIII

Nº 339

Propriedade da

SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.

Rua Rio de Janeiro, 926 — 3º pavimento
Fones 2-0652 e 2-4251 — Cx. Postal 279 —
End. Teleg.: "Alterosa" — Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil.

DIREÇÃO: N. M. Castro e Miranda e Castro, diretores.

REDAÇÃO: Afrânia Cardoso, Cristiano Linhares, Ernesto Rosa Neto, Euclides Marques Andrade, Garry C. Myers, Gibson Lessa, Gilberto de Alencar, Leonor Telles, Maria Lysia e Neusa Batista.

REPORTAGEM: André F. de Carvalho, Aristides Roriz, Dário Carrera Justo, Fernando P. Lima, Geraldo Vieira, M. A. Camacho, Naly Burnier Coelho, Nivaldo Corrêa, Osvaldo Profeta, Pepito Carrera, Ponce de Leon, Roberto Drummond, Walter José Faé e Wilson Frade.

REVISÃO: Cléa Dalva M. Ramos, chefe; Eunice C. Pinto Coelho, Stella Dalva Taveira.

ARTE: Adão Pinho, J. C. Moura e Jarbas Juarez Antunes.

CORRESPONDENTES: Olga Obry, em Paris; Orlani Cavalcanti, em Hollywood; Gastão Fernandes dos Santos, em Roma; e Sérvalo Tavares, em Madrid.

SERVIÇO INTERNACIONAL: Camera Press, King Features Syndicate, Odhan Press, Opera Mundi, Reuter, Transworld e United Overseas Press.

OFICINAS GRÁFICAS E FOTOGRAVURA: Wilson Manso Pereira, gerente geral; assistentes técnicos: Delvair H. dos Santos, Juarez Drosghic e Oldemar Almeida.

PUBLICIDADE

BELO HORIZONTE: Oscar de Oliveira. RIO: Ulisses de Castro Filho — Rua da Matriz, 108 — conj. 503 — Fone 26-1881. SAO PAULO: Newton Feitoza — Rua Boa Vista, 245 — 3º andar — Fone 33-1432.

ASSINATURAS

2 anos	Cr\$ 500,00
1 ano	275,00
1 semestre	150,00

Esses preços valem para todo o continente americano, Portugal e Espanha.

Para outros países: US\$ 3,00, para 2 anos; US\$ 2,00, para 1 ano; US\$ 1,00, para um semestre.

VENDA AVULSA

Em todo o Brasil	Cr\$ 25,00
Número atrasado	30,00
Portugal e colônias	Esc. 6,00

A redação não devolve originais de fotografias ou colaborações não solicitados.

Os conceitos emitidos em artigos assinados não são de responsabilidade da direção da Revista.

LEITOR AMIGO

UM fato bem triste para todos nós precisa ser registrado. Morreu Gilberto de Alencar. Morreu não é bem o término.

Uma criatura como o nosso querido Gilberto não morre. Muda, apenas, o plano de vida. Continua vivo, bem vivo, no coração de seus amigos, na admiração dos seus leitores, no respeito da sociedade, que ele tanto soube dignificar, e na gratidão da Pátria, que ele tanto amou.

Gilberto de Alencar abandonou seu corpo físico em Juiz de Fora, onde residia, bem perto do lugar em que nasceu — Santos Dumont — aos 74 anos de idade. Professor, romancista e jornalista, legou-nos uma excelente bagagem literária, que por certo inscreverá o seu nome entre os mestres da ficção nacional. Era membro da Academia Mineira de Letras e, num recente concurso promovido pela nossa seção «Livros e Letras», foi eleito o melhor cronista brasileiro da atualidade, recebendo votos até mesmo de assinantes residentes na Europa e em diversos países americanos.

Era pai da cronista Cosette de Alencar, também residente em Juiz de Fora, e que o vinha substituindo, durante a sua enfermidade, na página que ele assinava nesta Revista há mais de dez anos.

Gilberto partiu, mas a sua agradável presença continuará sentida por todos nós, através de suas magníficas crônicas, seus belos livros, e pela exemplificação de sua vida simples e digna, e do amor que ele sempre dedicou à sua terra e à sua gente, em cujo coração haverá sempre lugar para uma ternura e uma saudade à recordação do seu nome.

Leitor amigo: não podemos continuar oferecendo-lhe crônicas de Gilberto de Alencar. Revendo-as, porém, em sua coleção, você sentirá sempre aquela presença suave, agradável e delicada do cronista que perdemos para que, chamado por Deus, outros planos melhores também o possam apreciar.

A Redação

CAPA

SOPHIA LOREN, uma das mais discutidas estrelas do cinema italiano, numa fotografia de Luxardo, feita especialmente para esta Revista, nos estúdios de Roma.

CONTOS E NOVELAS

Ventania	30
Baile de Formatura	42
Carta... de Amor?	66

SUMÁRIO

O COMPANHEIRO DE BANCO,

essa incógnita

MARIA LYSIA



SIM, porque o companheiro de banco é sempre uma incógnita, pelo menos até o momento da partida. Compra-se uma passagem só, cadeira número tal; perto ou não da janela. A viagem é longa e, se chega antes, fica-se à espera da incógnita. Homem ? Mulher ? Criança ? E então haverá choro, agitação e brincaremos até o cansaço chegar e seremos empurrados com pés e mãos e não se dormirá. Se mulher, os assuntos eternos e se conversa e se conversa, sempre inesgotavelmente. Então, se a incógnita é um homem, você terá, na maioria das vezes, o egoísmo sentado ao lado. Chegam e se sentam como em poltronas nas suas próprias casas. Não se lembra de que junto, existe um pobre ser humano com o maior sono do mundo. E eles se encostam e cochilam e caem suas cabeças sobre fracos e débeis ombros ... Nós os acordamos, pedem desculpas, depois recomeçam. A incógnita é, muitas vezes, surpresa agradável. De repente, desobre-se um conversador esplêndido e então o respeitamos e somos atenção pura. A noite entra,

não há cansaço. E' um apaixonado de Exupéry e de novo queremos lê-lo. Traz-nos Sparkenbroke com um «esta noite pousei na árvore da morte»... E com simplicidade fala de tudo, da vida que precisa ser passada a limpo (como o poeta), fala da cidade grande, da pequena, de automóveis, indústria, política, de amor, plantações, teatro, tudo. Depois, é-se obrigado a calar, todos dormem. Mas há também aquél que cacetearia com suas conquistas fáceis, fáceis. Incapazes de ver em rostos cansados de trezentos anos uma ironia leve, não de todo má, mas ironia. Não, não percebem nada, que aquelas palavras são vulgares, não têm sentido, são aborrecidos, cansam. E o constrangimento de não se querer dar telefones, endereços... Muitas vezes a incógnita é início de grandes amizades, grandes negócios, mas que também é inicio de grandes decepções, não resta dúvida. E' claro, tudo isso na reciprocidade... Oh, esse misterioso e desconhecido ser humano ! Mas tudo é lição de vida. Até mesmo essas viagens de ida e volta...

Complexo Filial	86	Você Conhece Meu País ?	80	Quitandinha	26
ARTIGOS E REPORTAGENS		A Luta Contra Golias	82	Crianças	28
Côro Piátnitski	18	CRONISTAS		Fonte Viva	29
Onde se Compra uma Cabra ?	22	Maria Lysia	3	Poesia	63
Minha Vida é o Garimpo	34	Milton Costa	8	Saúde	93
Saúde Corporal e Mental	45	Cosette de Alencar	128	Humor	97
A Corrida Mais Absurda	46	SEÇÕES PERMANENTES		Bazar Feminino — a partir da	98
Jean Sibelius	50	Cartas	4	Cinema — a partir da	106
Correspondentes do Interior	54	A Voz do Brasil	6	Panorama — a partir da	114
A Ameaça dos Estimulantes	58	Picadeiro	10	Livros e Letras	122
A Sombra do Passado	71	Aquarela	12	Palavras Cruzadas	125
Elvio Gobbi	74	Fuga	24	Teatrinho	126
Uma Garrafa de Vinho	78				

Companheiras
DE TODOS OS MOMENTOS

• Bons programas
• Melhores locutores
• A melhor música
nos céus de Minas

rádio
MINAS

rádio
PAMPULHA
Direção de
RAMOS DE CARVALHO

Dep. Comercial
Edifício Acaíaca — 14º andar —
Salas 1420/21 — Fone: 2-9711 —
Belo Horizonte
Representantes no Rio e São Paulo:
M. A. Galvão & Cia. Ltda.
RIO — Av. Erasmo Braga, 227 — 2º
andar — Tel. 42-2020
SAO PAULO — Rua Sete de Abril,
342 — 1º andar — Tel. 33-6965.

CARTAS

Classe ou Casta?

M AIS uma vez, meus parabéns a essa esplêndida Revista, na pessoa do redator da seção «Picadeiro», pelo comentário aparecido na edição de Fevereiro, sobre os exagerados privilégios que se estão concedendo à classe de jornalistas e outras classes, em prejuízo da boa ética democrática e da justiça social. Um órgão de imprensa que tem a coragem de se levantar contra essa prática anti-democrática, e até mesmo imoral, merece não só o meu louvor, mas sobretudo o meu respeito.

Felizmente, levamos agora ao

Poder homens que parecem capazes de corrigir esses atentados ao próprio espírito do regime que praticamos, fazendo a República retornar à prática de uma democracia verdadeira, integrada nos salutares princípios da igualdade, fraternidade e justiça para todos. E já não é sem tempo, pois a desordem social, resultante da não observância desses princípios, constitui ameaça à vista, exigindo prontas e enérgicas medidas de saneamento político, administrativo e moral de nossa sociedade.

NAPOLEAO PENA GOMES —
BELO HORIZONTE

Dublagem de filmes: nacionalismo demagógico

FIQUEI sabendo que a Câmara dos Deputados votou um projeto de lei que obriga a dublagem de todos os filmes estrangeiros, para que estes possam ser exibidos no Brasil com os diálogos em português. Essa dublagem deverá alcançar até mesmo as partituras musicais que entrem na composição dos filmes, vertendo-se para o português as

músicas populares e clássicas que foram produzidas em outras línguas. Haverá absurdo maior que este? Será possível que o «nacionalismo» idiota e demagógico ora em voga chegue até ao ponto de mutilar uma obra de arte, para que possa ser vista em nosso País?

OTACILIO R. TRINDADE —
JUIZ DE FORA — MG

• Infelizmente, a notícia é verdadeira. Mas há ainda o Senado, que por certo há de jogar esse projeto no seu lugar exato: cesta.

«Carta às Potências»

O ARTIGO «Carta às Potências» (ALT. nº 337) é desse que deixam a gente sonhando — rezando mesmo — para que os responsáveis pelos destinos da humanidade leiam, meditem e concluam que, como representante dos povos e nações, eles representam mesmo é o ódio e os desvãrios dessas nações e desses povos

quando deveriam representar o amor, o equilíbrio e o bom-senso. Faço votos para que o sr. Lessa continue, com o arrôjo e a independência que lhe são peculiares, a engrandecer o jornalismo e as letras do Brasil.

SETEMBRINO DAMASO —
BOCAIUVA — MG

Concurso de Contos em São Paulo

M EUS efusivos cumprimentos, primeiramente, pela magnífica feição gráfica e jornalística dessa Revista, que acompanho desde há uns seis anos. Trata-se de uma publicação digna dos me-

lhores encômios que tem livre acesso ao meu lar.

Em 1960, segundo divulgação feita nas páginas de ALTEROSA, o poeta Nidoval Reis promoveu em Bauru (SP) um concurso de

contos, sob os auspícios da Tipografia Comercial. Como não consegui apurar os resultados, e na qualidade de participante, gostaria de merecer uma informação sobre o andamento desse Concurso, ou, em outra hipótese, a quem me deveria dirigir para obter esses esclarecimentos.

GERALDO SOLLER —
PRES. PRUDENCE — SP

• Aconselhamos o preso leitor a se dirigir diretamente ao sr. Nidoval Reis, redação do "Didírio de Bauru", em Bauru, SP.

Opinião do Leitor

DESEJO ressaltar que a nova periodicidade dessa Revista veio melhorá-la ainda mais. Assim, estamos de parabéns, tanto nós — os leitores — como os senhores redatores.

OSMAR RODRIGUES FERREIRA —
CAMPO GRANDE — MT

QUERO cumprimentar-vos pelo estupendo êxito da revista ALTEROSA, que já é a leitura preferida dos paulistas, tal é a sua fama entre nós. Boa direção, boa coordenação e boa orientação, só pode resultar em uma publicação excelente. E isso tudo ALTEROSA possui.

MARIA DE LOURDES OLIVEIRA —
SAO PAULO — SP

É APRECIÁVEL a prática de publicar colaborações procedentes de principiantes na arte da poesia e da prosa. Quero elogiar esse trabalho da Revista, assim como os seus ideais e o critério usado na seleção de sua matéria.

ARICY C. D'AVILA FILHO —
BELO HORIZONTE

HABITUEI-ME a ler ALTEROSA, esse veículo admirável da vida intelectual mineira, desde que residi em Montes Claros, onde servi com Demosthenes Rockert, ao tempo da última grande guerra, e onde conheci essa jóia de brasiliidade e afeto que é o meu amigo e seu distinto conterrâneo, Orcival Queiroga.

EVERALDO DA CRUZ RIBEIRO —
RIO DE JANEIRO — GB

APRECIO essa Revista por muitos motivos, inclusive pelo seu formato e pela predominância de texto. Quanto às suas reportagens fotográficas, entretanto, acho que deveriam versar mais sobre assuntos brasileiros.

ASCLEPIADES POMMÉ —
PIRATUBA — SC

Pelos Frutos se Conhece a Boa Árvore



Quer a fortuna vos tenha vindo de vossa família, quer a tenhais ganho com o vosso trabalho, há uma coisa que não deveis esquecer nunca: é que tudo promana de Deus. Nada vos pertence na terra, nem sequer o vosso próprio corpo; a morte vos despoja dele, como de todos os bens materiais. Sois depositários e não proprietários, não vos iludais. Deus vos empresta, tendes que Lhe restituír, e Ele empresta sob a condição de que o supérfluo, pelo menos, caiba aos que carecem do necessário! — LACORDAIRE.

NAO basta dizer-se cristão. Não basta que se faça ato de presença nas cerimônias rituais e que se grite e gesticule nas rodas de amigos, proclamando-se seguidor de Cristo.

O verdadeiro cristão é o que se faz conhecer pelos seus atos, pelos seus exemplos. Jesus já nos advertia contra as enganosas aparências, quando afirmava que os Seus verdadeiros seguidores seriam conhecidos por muito se amarem, e que a boa árvore poderia ser identificada pelos seus bons frutos.

O Abrigo Jesus, essa benemérita instituição criada pelo amor cristão, devotada ao amparo e educação de uma centena de meninas órfãs ou desvalidas, espera da sua caridade um donativo que o auxilie na sua nobre tarefa social e humana. Muitos são os problemas com que defronta, e todos reclamam recursos, muitas vezes amplos e urgentes.

Pratique um ato de verdadeira caridade, auxiliando o

ABRIGO JESUS o lar cristão de 102 criancinhas

Caixa Postal 734 — Belo Horizonte

DONATIVOS AO «ABRIGO»

Junto a este a importância de Cr\$, em cheque bancário como donativo ao ABRIGO JESUS vale postal

NOME

ENDERÉÇO

CIDADE ESTADO

NB — A correspondência e os valores para o ABRIGO JESUS podem ser enviados para a Caixa Postal 734, Belo Horizonte, Minas Gerais.

O MAR... E SEUS SEGREDOS



De acordo com uma crença popular da Malaia, as pérolas são sêres vivos capazes de sentir, ouvir e ver. Quando um mergulhador malaio discute sobre o valor de uma pérola, afasta-se desta e sussurra a quantia. Isto por medo de que possa insultar a pérola, propondo um preço muito baixo.



O CAMPEÃO DA AVENIDA, o «Campeão das Sortes Grandes», vendeu, em fevereiro, da Loteria de Minas:

26.017 com 600 mil
7.537 com 600 mil
19.550 com 500 mil
1.093 com 100 mil
34.670 com 60 mil

e muitos outros prêmios, totalizando mais alguns milhões para os seus felizardos clientes.

SORTES GRANDES ?

CAMPEÃO DA AVENIDA

E... NÃO SE DISCUTE.

AVENIDA, 770 — AVENIDA, 612 — BELO HORIZONTE

A VOZ
do Brasil

Compilação de Afrânio Cardoso

• A esperteza é feia, é ignóbil, mas é sobretudo estéril; fecunda é a inocência. Fecunda é a fidelidade. Os homens de nossos dias espezinharam a inocência e a fidelidade. E perdem a memória. E tornam-se espertos. O esperto é o homem de longa malícia e curta memória; seus impulsos são breves como um piscar de olho; suas reações são elementares, as glandulares, de que são capazes os ratos.

AÇÃO DEMOCRÁTICA — RIO — GB

• Ainda estamos para ver um só homem público que, deixando o cargo, não fale nos espinhos, nos padecimentos da função. Isso aconteceu sempre. Temos, portanto, de acreditar que a vocação para o martírio é que domina os candidatos que andam por toda a parte, neste momento, pelo Brasil inteiro, ansiosos e capazes dos maiores arrojos, para a conquista de cargos que devem ficar vagos. Trata-se sim de vocação para o sofrimento, o que é belo e demasiadamente cristão.

José Clemente
ESTADO DE MINAS — BELO HORIZONTE

• Um dia, em que tiver tempo, ainda hei de escrever um ensaio, tentando a reabilitação do lugar-comum. Acho que o mundo anda tão desorganizado, tão anarquizado, tão confuso, por excesso de inteligência. Toda a gente quer ser original, estranha, inconfundível, e na ânsia incontida de brilhar, vai dando por paus e por pedras. No lugar-comum está a verdadeira sabedoria.

L. M.
ESTADO DE S. PAULO — SP

• Foi proposta ao Estado da Guanabara a instalação de uma indústria de refeições congeladas, que seriam vendidas no mercado interno e externo. Se o negócio der certo, vamos ter muita gente saudosa, no estrangeiro, importando barras de tutu e cubos de farofa.

J. J. & J.
CORREIO DA MANHÃ — RIO — GB

• Em Belo Horizonte, até hoje, apesar das imponentes sedes das escolas de ensino superior, a capacidade de matriculandos é a mesma de dez anos atrás. As Faculdades de Engenharia, Medicina e Direito recebem anualmente apenas de cem a cento e cinqüenta alunos, o que é uma quota ridícula, em face do elevado número de inscritos. Não se concedem recursos do povo à Universidade, senão para que ela possa recolher maior número de estudantes. E o aumento de vencimentos dos professores lhes impõe alguns sacrifícios em benefício da cultura.

DIÁRIO DA TARDE — BELO HORIZONTE

• Li que homens agrediram companheiros com o próprio objeto de trabalho. Mas o fato de João Gilberto agredir Tito Madi a violão, que é seu instrumento de trabalho, cria precedente perigoso, no rádio. Se a moda do João Gilberto pegasse... Caubi Peixoto realizaria agressões a topete. Brio de

Abreu agrediria com uma história da mitologia grega, Jota Maia agrediria com a máquina de Max Nunes escrever piadas, Pato Preto com uma careta, Norma Bênguel com uma desafinada em grande estilo, e Adelino Moreira compondo um samba. Mas a pior agressão com instrumento de trabalho seria a do Al Neto: com dólar...

Nestor de Holanda
DIARIO CARIOSA — RIO — GB

• Dia 31 sentimos realmente no Rio a mudança de nossa condição: era posse de presidente, cadê presidente? Procurávamos por todos os lados, não havia clarim e dragão nas avenidas, o trânsito desenrolava-se normal, sobretudo faltava ar de feriado, faltava o próprio feriado. Ia-se para o bateante com surpresa ofendida. Tivemos de contentar-nos com uma nebulosa e empipocada imagem de televisão, mandada de Brasília, como quem diz: «É o que há para vocês aí da Guanabara, olhem e façam de conta que estão assistindo».

Carlos Drumond de Andrade
CORREIO DA MANHA — RIO — GB

• A medida que os dias chegam e se vão, podemos e devemos garantir nosso mundo interior, interpretando bem os fatos, aceitando bem as coisas, lidando bem com as pessoas. Não se azede nunca. Por nada dêste mundo. Nem durante um minuto. Teime com os dias, refute o monótono e roedor argumento das horas paradas, das horas caladas, horas sem côn, sem sentido e péso. Se o nosso coração estiver azedado, saiam todos da frente, porque virá golpe, na certa. Para ofender, já basta a vida. Não aumentemos a dor dos que mal se agüentam vivos. Sejamos bons irmãos.

Pe. Caetano Vasconcelos
O GLOBO — RIO — GB

• O monopólio estatal do petróleo, já que existe, deve ser integral, começando pela encampação das refinarias particulares existentes. Não mais se justificam essas exceções abertas na lei. Hoje, a Petrobrás já tem capacidade para atender às necessidades de refinação no País. Também na distribuição e comércio dos produtos derivados do petróleo, o monopólio não deve ser partilhado. Já é tempo de a Petrobrás ir entrando nesta área.

General Idálio Sardenberg
JORNAL DO BRASIL — RIO — GB

• Gastamos com as forças armadas uma percentagem desproporcionada de dinheiros públicos. Ficamos com muito pouco, para as grandes obras necessárias ao nosso desenvolvimento econômico. Um povo doente e ignorante não pode fornecer elementos em quantidade e qualidade desejáveis, em caso de guerra. Não seria mais inteligente gastar menos com as forças armadas e mais com educação, saúde, transporte, energia? E o pior não é isso. O pior é que, apesar de gastarmos tanto, estamos sempre... desarmados.

Rubem Braga
REVISTA MANCHETE — RIO — GB

• O governador Carvalho Pinto sofreu sério desgaste político, nos últimos dias. Que ninguém se iluda, porém. Ele vai recuperar-se rapidamente. Um governo honrado, limpo, idôneo, operoso, que não rouba e não deixa roubar — um governo assim não pode cair no descrédito popular.

CRITICA — SÃO PAULO

Impressos de classe

Papéis p/ correspondência
Catálogos e Folhetos
Rótulos e Cartazes
Cartões Comerciais
Jornais e Revistas

TIPOGRAFIA • FOTOGRAVURA

Preços razoáveis - Entregas rápidas

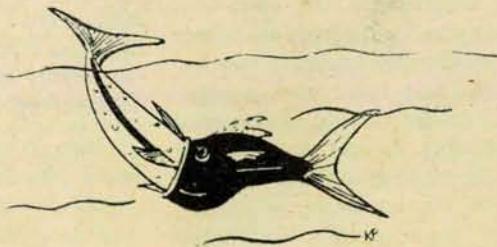
SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.

Rua Rio de Janeiro, 926 - 3º andar
End. Telegráfico: ALTEROSA
Fone: 2-4251 — Caixa Postal 279
Belo Horizonte

EXPEDIENTE: DAS 12 AS 18 HORAS

Departamento de Arte, para
lay-outs, desenhos e montagens

O MAR... E SEUS SEGREDOS



Muitos peixes de mares profundos são equipados de um estômago saco-faringico ou dilatável. Conseguem engolir um peixe de tamanho duas ou três vezes maior que o deles.



MEU FILHO SEM FILOSOFIA

Milton Costa

QUANDO ouvi a voz de meu filho, já era tarde. A lua atravessara a meia-noite. Um silêncio profundo pesava sobre as coisas. Nem vento, nem murmúrios. Eu acordara de repente, nem sei por que. E ficara de costas, na cama, olhando, no teto, os arabescos debuxados pelo quebraluz. E pensava no dia morto, no dia perdido, sem atos que fôssem fundamentos de um futuro invencível, sem atitudes que alegrassem de saudades os tempos vindouros. Imaginava, então, que seria de mim no dia que iria raiar, dali a algumas horas, quando eu tornasse a acordar de um sono agitado, de sonhos absurdos e hiperbólicas imagens.

Foi quando, em meio à quietação, ouvi a voz de meu filho: «Olha lá, Léga! olha lá! me dá o estilingue!». Ele via um passarinho, por certo. E fêz, na cama, envolto pela luz fria do abajur, o gesto de quem estende a mão para alcançar algo, soergueu-se entre as cobertas, os olhos semi-cerrados, as pernas inquietas. Depois, como que frustrado, xingou o amiguinho de travessuras, tornou a deitar-se, voltando-se para a parede.

Novamente, no quarto, o silêncio pesado. Nem um grilo, na distância, trazia para mim sua minúscula música, que quase sempre, em nossas noites insônes, mais aumenta a melancolia.

Em outra casa, não longe dali, o Léga talvez dormisse, sem saber que o seu maior companheiro de diabrusas lhe pedia o estilingue (que talvez estivesse embaixo da cama ou dentro de seu bôlso recheado de seixos), alheio aos xingamentos que meu filho, num momento de raiva, lhe atirava de dentro de seus sonhos...

Não consegui reconciliar o sono. As horas se arrastavam como lêsmas. Membros cansados, cérebro enevoado, olhos fechados, regressei, aos poucos, às paragens coloridas da infância. Rios e moitas, guabirobas e pitangas, estilingues visando quadrilhas de andorinhas, o sabiá no mamoeiro. Quincas, Tião, Eduardo, a turma de peraltas correndo dentro dos dias.

Correndo dentro dos dias. Meu filho também corre dentro dos dias. Meu filho sem epistemologia, sem estética, sem metafísica. Meu filho sem

Kant, sem Nietzsche, sem Schopenhauer. Meu filho que está aprendendo ainda as letras e se acostumando, aos poucos, a uni-las em palavras. Meu filho que se alegra e se orgulha quando consegue ler os nomes dos candidatos políticos escritos no asfalto das ruas ou colados em cartazes nas paredes e nos muros. Meu filho que tem um sono inocente e sonha com as ingênuas malandragens feitas durante o dia. Meu filho sem compromissos e sem preocupações...

Lembrei-me, então, do menino que ficou em tôdas as esquinas do passado. Do menino feliz. Do menino inocente que os dias alteraram e mutilaram. Do menino que já não sabe dormir e sonhar no sossêgo das noites.

Nem posso, ao menos, desejar que meu filho não se transforme, que é necessário, que é inevitável. De que maneira, meu Deus, a sua atual inocência enfrentaria na vida essa alcatéia de lobos esfaimados que são os homens?

Meu filho sem filosofia dorme e sonha. Minha insônia o observa. E há lágrimas irreprimíveis nos meus olhos.

A Natureza Participa da Renovação Nacional



CURIOSO FENÔMENO

PROVOCA

ROMARIA NO PIAUÍ

De OSWALDO PROFETA

Terezinha Rezende, uma linda e robusta criança. O fenômeno do século.

VERDADEIRA romaria vem se verificando na cidade de Campo Maior, distante duas horas de automóvel da capital piauiense. Roomeiros de várias partes do Nordeste, diariamente, visitam aquela cidade para conhecer a menina que nasceu com o emblema político de JQ na testa: uma mancha reproduzindo a famosa vassoura.

De passagem por Teresina, o repórter conseguiu entrevistar, no aeroporto local, várias pessoas que conhecem a menina e seus pais. Entre outros, o repórter do jornal local «O Imparcial», que atribui o fato à participação de d. Maria de Lourdes de Melo (mãe da menina) na campanha eleitoral

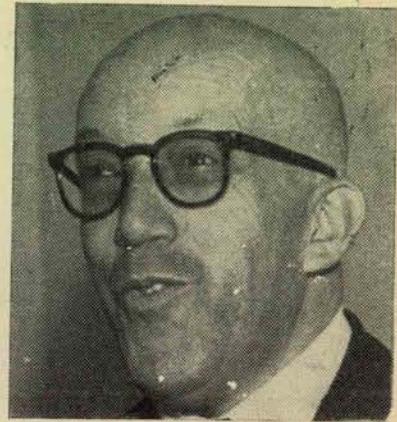
do sr. Jânio Quadros. Durante todo o tempo de gestação, d. Maria trazia ao seio um emblema da conhecidíssima vassoura, símbolo da campanha do atual chefe da nação. E o mais interessante do fenômeno, é que, conforme se pode verificar nitidamente na foto (adquirida em Teresina, do fotógrafo E. Reis) a vassoura traz aqueles olhos característicos do sr. Jânio Quadros: observe-se no ângulo formado pelo nariz e o olho esquerdo da criança.

Ao que se sabe, alguns médicos da capital examinaram a mancha, achando-a realmente um caso raro em medicina; uns chegam mesmo a acreditar na coincidência do fato de d. Ma-

ria, no período da gestação, haver se impressionado por demais com a vassoura do sr. Jânio Quadros. Um deles, naturalmente lotista, acha que se fosse uma espada também deixaria a sua marca da mesma maneira. «Só que daria maior elegância ao nariz da menina», acrescenta. O pai de Terezinha, sr. José Rezende de Souza, comerciante em Campo Maior, todavia, assevera:

— A minha espôsa sempre foi admiradora do homem da vassoura. E estou muito satisfeito, acrescenta, em minha filha trazer o carimbo inconfundível daquele que há de tirar a sujeira política e administrativa de nossa Pátria.

Dois estilos de governo



GOV. MAGALHÃES PINTO

OS candidatos de nossa preferência foram empossados: Jânio, no Palácio do Planalto, e Magalhães, no Palácio da Liberdade.

Os leitores não ignoram que nos batemos pela vitória de ambos sem outro objetivo que não o interesse nacional, circunstância que devemos salientar apenas para deixar bem claro a independência de nossa atitude, o que nos coloca em boa posição para examinar os atos dos homens que ocupam agora o Poder nas áreas da União e do Estado.

Como é do nosso feitio, e até mesmo do nosso dever, não estaremos aqui simplesmente para bater palmas ao Presidente e ao Governador que recomendamos como melhores candidatos. A campanha terminou. O povo, em expressiva maioria — cerca de 100 mil no Estado e cerca de 1 milhão e oitocentos mil na União — optou pelos candidatos que se

propuseram realizar uma mudança radical, para melhor, nos métodos e costumes que levaram a República ao perigoso declive em que se encontra.

Não existem mais o candidato Jânio e o candidato Magalhães. Existem, isto sim, o presidente Jânio Quadros, supremo mandatário da Nação, e o governador Magalhães Pinto, chefe do governo de Minas Gerais. Nunca lhes negaremos o nosso aplauso, enquanto cumprirem dignamente os seus mandatos, do mesmo modo que jamais lhes faltaremos com a nossa crítica construtiva, sempre que, levados pelas contingências da falibilidade humana, vinhão a se afastar do que for mais consentâneo com os legítimos interesses do País e do Estado.

Estas considerações se jutificam na oportunidade em que fazemos a nossa primeira análise dos atos dos novos Governos que se implantaram na Repúblí-

• O cel. aviador João Adil de Oliveira, que chefiou o famoso inquérito do Galeão, para apurar o assassinato dirigido pelo chefe da guarda pessoal de Getúlio Vargas, teve a sua promoção várias vezes vetada pelo governo Kubitschek. Em decreto assinado pelo presidente Jânio Quadros, foi o cel. Adil promovido agora a Brigadeiro do Ar.

• Quase uma centena de canais de emissoras de rádio e de televisão, concedidos irregularmente pelo último governo, foram cancelados agora por ordem direta do presidente Jânio Quadros.

• O governador Magalhães Pinto aceitou o pedido de renúncia do sr. José Madureira Horta, do cargo de Contador Geral do Estado, nomeando, para substituí-lo, o sr. Michel Ahouagi, organizador da contabilidade da CAMIG e da ACESITA.

• Os principais diários paulistas já estão sendo vendidos a 8 cruzeiros, nos dias úteis, e 15 cruzeiros, aos domingos.

• Está assim constituído o governo do sr. Jânio Quadros: Brigadeiro Grum Moss, na Aeronáutica; Romeiro Cabral da Costa (de Pernambuco), na Agricultura; Afonso Arinos de Melo Franco (de Minas Gerais e

se fôsse o próprio Jânio que estivesse batendo à porta dêles...

• Estamos ainda a cerca de ano e meio distantes da eleição que deverá indicar o substituto do atual prefeito de Belo Horizonte, e já sobem a mais de vinte os nomes dos candidatos ao cargo. Entre estes, Nilton Veloso e José Maria Magalhães, da UDN; Jorge Carone e Jorge Ferraz, do PR; Vasconcelos Costa, do PSD; Waldomiro Lobo, do PTB; Nelson Thibau e Eduardo Rios Neto.

• É simplesmente dramática a situação financeira da Rêde Ferroviária Federal, cujo «deficit» para este ano é estimado em 35 bilhões, com a extensão das vantagens da paridade aos seus funcionários.

• O governo do sr. Magalhães Pinto ficou assim constituído: Osvaldo Pierucetti, no Interior; prof. José Faria Tavares, na Segurança Pública; Bilac Pinto, nas Finanças; Oscar Dias Correia, na Educação; Abel Rafael Pinto, na Agricultura; José Ribeiro Pena, na Viação; Roberto Resende, na Saúde e Assistência; prof. Edgar de Godoy da Mata Machado, no Trabalho; Paulo Campos Guimarães, na chefia do Gabinete do Governador; ten-coronel Euclio de Alvarenga Mafra, na che-

REGISTRO

atual senador pela Guanabara), no Exterior; Pedroso Horta (paulista), na Justiça; Castro Neves (paulista), no Trabalho; Clemente Mariani (da Bahia), na Fazenda; Clovis Pestana (gaúcho), na Viação; Brígido Tinoco (fluminense), na Educação; marechal Odílio Denys, na Guerra; almirante Silvio Heck, na Marinha; Cateote Pinheiro (do Amazonas), na Saúde; João Agripino (da Paraíba), na pasta de Minas Energia; Artur Bernardes Filho (mineiro), na Indústria e Comércio; João Batista Leopoldo Figueiredo (paulista), na presidência do Banco do Brasil; general Pedro Geraldo de Almeida, na chefia da Casa Militar; Quintanilha Ribeiro, na chefia da Casa Civil; e José Aparecido de Oliveira (mineiro), na Secretaria Particular do Presidente.

• Muito engraçados êsses jornais pessedistas, na elaboração de suas tendenciosas manchetes políticas, como esta que apareceu há pouco num matutino de Belo Horizonte: «PSD não fechará a porta a um entendimento com Jânio Quadros». Como

ca e no Estado, com as melhores esperanças dos brasileiros em geral e dos mineiros em particular, por uma completa moralização político-administrativa do Brasil e de Minas Gerais.

* * *

Os primeiros quinze dias de ação do presidente Jânio Quadros estão mostrando o que deverá ser o seu governo: personalista, autoritário, de decisões corajosas e moralizadoras. Tal como ele próprio anunciou durante a sua pregação cívica, como candidato das esperanças democráticas do País.

Não vemos como justificar o alarme da imprensa ex-governista e dos políticos derrotados, diante dos primeiros atos do novo Presidente, reveladores da sua firme decisão de promover a recuperação econômica, financeira, social e, sobretudo, moral, deste País. Pois não foi esta, exatamente esta, a bandeira desfraldada pelo sr. Jânio Quadros durante a campanha cívica que o consagrou como depositário da confiança da esmagadora maioria do povo brasileiro?

Jânio está cumprindo o que prometeu. Por isso mesmo, o povo está satisfeito com Jânio e confiante em que não lhe faltará energia, discernimento e verdadeiro espírito público para levar a bom termo o seu mandato, responde o País na trilha de seus mais legítimos e dignificantes destinos.

Vamos ter, portanto, na área federal, um «governo rude e áspero», para empregarmos os próprios vocábulos do sr. Jânio Quadros. Abençoada aspereza e bendita rudeza — respondem os brasileiros — se com elas pudermos, em curto prazo, extirpar dos escâlões políticos e administrativos da Nação os grandes males que a afigem: a irresponsabilidade, a corrupção, o empreguismo, o negocismo, o compadrio, o filhotismo, a dilapidação dos dinheiros públi-

cos, o aviltamento da moeda, o peleguismo e tudo o mais que está tornando insuportável a vida da coletividade brasileira.

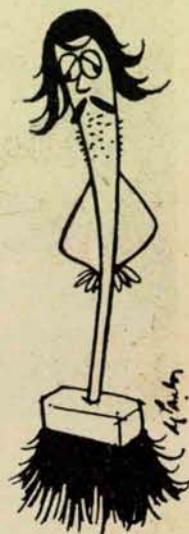
Que venha, pois, o governo rude e áspero — repete o povo nas ruas — se áspero e rude o for para todos e em benefício de todos. Se isto acontecer efetivamente, o sr. Jânio Quadros terá sido, em verdade, um homem providencial, um enviado da Misericórdia Divina para retirar o nosso País do fundo — e não mais da beira — do abismo em que o lançaram. Sobrecarregado de dívidas externas a curto prazo, com o organismo econômico combatido por uma inflação que atingiu as fronteiras da loucura, em plena desordem administrativa, social e moral, minado por uma camarilha de políticos demagogos e irresponsáveis, que não se fartam de iludir e mistificar as massas pouco esclarecidas, em benefício exclusivo de seus interesses pessoais, o País está a exigir, como terapêutica de salvação nacional, um governo desse tipo: rude e áspero.

* * *

Embora visando aos mesmos objetivos do presidente Jânio Quadros, na área estadual, o estilo de governo a que se inclina o sr. Magalhães Pinto é bem diverso, atendendo ao que se pode deduzir de

us primeiros atos.

(Continua na pág. 48)



REGISTRO

fia da Casa Militar. O prof. Paulo Camilo de Oliveira Pena foi designado para secretário particular do Governador, o jornalista Milton Fernandes para a chefia do Serviço de Imprensa, e o dr. Gilberto Alves da Silva Dolabela, para Advogado Geral do Estado. Na direção da Imprensa Oficial, interinamente, foi empossado o jornalista José Guimaraes Alves.

• Os deputados que compõem a bancada udenista na Assembléia não fazem segredo de sua disposição de romper com o governo Magalhães Pinto, caso seja realizado qualquer acordo com os partidos derrotados na eleição de 3 de outubro. E o líder dessa bancada, em entrevista aos jornais, declara que renunciará o seu mandato e voltará à sua banca de advogado, se não prevalecer o ponto de vista de seus líderes.

• Enquanto isso, o semanário «Bionômio», dirigido pelo deputado Euro Arantes (UDN), afirma: «Sabe muito bem o sr. Magalhães Pinto que não foi para desenterrar êsses cadáveres que o povo mineiro votou em seu nome. Toda a sua campanha fêz-se em torno da promessa de renovação, que deve ter para o novo governador a significação de um compromisso. E renovação completa, desde os homens até os pro-

cessos, ficando bem certo que não é possível modificar os processos, se não substituirmos os homens. Foi para mudar, mas mudar de fato, que a maioria do povo mineiro consagrou o candidato da oposição, símbolo, naquele instante, de toda a esperança de quem não queria que as coisas continuassem como estavam».

• Entremedes, os próceres do PR, PTB e PSD com assento na Assembléia, continuam afirmando que o governador Magalhães Pinto terá que marchar no rumo de uma pacificação. «Ninguém — afirmam êles — poderá governar o Estado com mais de dois terços da Assembléia em oposição. Até mesmo os vetos governamentais seriam anulados pela oposição parlamentar».

• Embora mais discretamente, a vassoura começou a funcionar também em Minas Gerais, com os seguintes atos do governador Magalhães Pinto: revogação dos decretos executivos que alteraram as funções de extranumerários-mensalistas, com o cancelamento das respectivas fichas cadastrais no DAG; ordem para conclusão urgente de todos

os inquéritos administrativos iniciados e paralizados; anulação do registro da «Hidrominas» na Junta Comercial, com a consequente destituição de toda a sua diretoria, e dos atos por ela praticados; ordem para a volta imediata, às repartições a que pertencem, de todos os funcionários postos à disposição de outros órgãos da administração; proibição de qualquer nomeação para o serviço público estadual; levantamento do inventário completo dos bens patrimoniais do Estado; recolhimento de todas as máquinas da Secretaria da Viação e do DER existentes no interior do Estado, e que não estejam prestando serviços regulares; abertura de inquérito para apurar as denúncias de irregularidades no arrendamento de hotéis do Estado nas estâncias hidrominerais.

• Consta que o governador Magalhães Pinto está estudando a conveniência de atender a uma velha aspiração do Corpo de Bombeiros, no sentido de dar a essa briosa corporação um comando próprio, embora subordinado ao Comando Geral da Polícia Militar. Ao que parece, a medida visa atender melhor às conveniências daquela unidade, dado o seu caráter de especialização mais técnica do que propriamente militar, e dado o seu relevante sentido de utilidade pública.



AQUARELA

EDGARD MELO ASSUME A PRESIDÊNCIA
Aspecto da reunião aparecendo: Moacyr de Castro Oliveira, e João D'Angelo (de "O Diário"), o presidente Edgard Melo, o major Flósculo Santiago Ramos (de "O Globo"), além de outros.

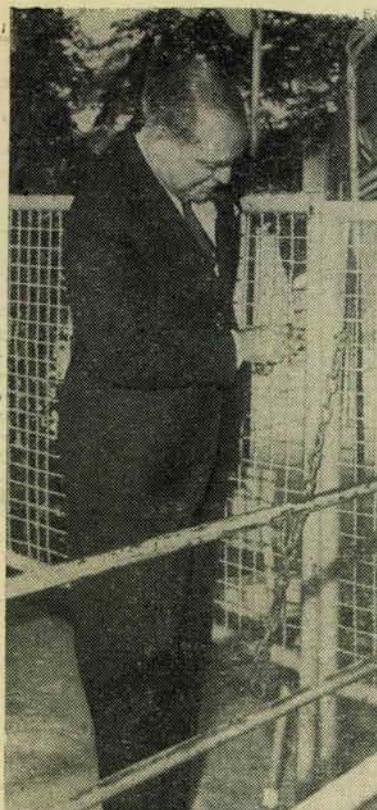
EM decorrência dos pedidos de licença formulados pelos srs. Mário Veras e Rubens da Silva Pontes, respectivamente presidente e 1º vice-presidente da Associação Mineira de Propaganda, e da renúncia do 2º vice-presidente, sr. Daudi Paulino da Silva, assumiu a presidência do ór-

gão de classe dos publicitários mineiros, de acordo com os estatutos, o sr. Edgard Melo, tendo o sr. Flósculo Santiago assumido a secretaria.

Na presidência, o sr. Edgard Melo expôs seu plano administrativo, que compreende uma série

A. M. P. TEM NOVO PRESIDENTE

de importantes e oportunas medidas de interesse não só da entidade, mas, sobretudo, dos associados. De acordo com proposta de seu atual presidente, a Diretoria da A.M.P. deverá designar a composição de grupos de trabalho, e lançará as bases para a aquisição de sua sede própria.



DELANE FECHOU O IATE
Mas a contenda não terminou af.

IATE: luta pela posse

NÃO era digno de se prever que as providências da Prefeitura da Capital no sentido de alienar alguns de seus imóveis, a fim de obter numerário para levar avante obras de interesse da coletividade fôsse redundar em tamanha grita. A coisa começou quando o prefeito resolveu vender em hasta pública as instalações do Iate Gôlfe Clube de Minas Gerais, localizado na Pampulha. Não conseguindo oferecer o maior lance no leilão, os sócios do aristocrático clube discordaram da legalidade da medida e resolveram ingressar na justiça. O «affaire» prossegue com seus altos e baixos, enquanto as partes litigantes vão dando suas cartadas com o objetivo de assumir o controle do disputado imóvel. Enumerar os incidentes verificados daí para cá, seria fastidioso, já que são do conhecimento de todos.

Por outro lado, um dos momentos marcantes da querela foi aquêle em que o chefe do Executivo Municipal, destituindo o antigo presidente da agremiação, senhor Arsênio Garzon, nomeou o sr. Delane da Costa Ribeiro para responder pela presidência do elegante clube. Os antigos sócios, não concordaram com a deliberação

do Prefeito, agruparam-se em torno do substituto legal do elemento demitido e convocaram uma reunião extraordinária, declarada pelo sr. Delane, ilegal. O Iate ficou assim momentaneamente com dois presidentes, resultando desta situação um dos episódios mais curiosos da renhida luta. Aliás, os grupos que a princípio eram dois passaram a três, quando uma companhia imobiliária da Capital entrou em cena, lançando ações para um novo grêmio semelhante ao primeiro e destinado a funcionar também às margens do famoso lago, com o nome de Pampulha Iate Clube.

Depois de muito falatório nas colunas da imprensa, parece que, tão cedo, não vamos ter uma pausa (merecida) em torno do assunto. Ainda agora, o sr. José Cabral, vice-presidente do clube, vem de convidar os antigos sócios a ingressar no novo Pampulha Iate Clube. «Considero o Pampulha Iate Clube um empreendimento que já nasceu sob o signo da vitória», diz. «Será nêle que os antigos sócios do Iate Gôlfe Clube de Minas Gerais continuarão a manter o agradável convívio que data de 18 anos».



HOMENS, MULHERES & CACHORRO
Dilúvio igual para todos.

SOB O DILÚVIO

A CHUVA varou dezembro, Janeiro e princípios de fevereiro, dias e noites sem parar. Maravilha para as lavouras, transtorno para a cidade. O povo da roça continuava a bendizê-la. O da cidade maldizia-a. Belo Horizonte transformou-se em Buracap, com a pavimentação das ruas se esfacelando. Certo que as chuvas eram intensas, mas a Prefeitura «dormiu no ponto». Nunca se viram tantas «crateras» abertas numa cidade que afinal de contas não está construída em terreno vulcânico.

Foram dramáticos os efeitos dos aguaceiros sobre a Capital. Casas

e barracões, localizados nos bairros mais humildes, desabaram, deixando centenas de pessoas desabrigadas. Pontes cairam. Houve inundações. Nas proximidades da Renascença, barracas cedidas pelo Exército serviram, por alguns dias, de residência para famílias pobres lançadas, de repente, ao relento. Várias pessoas foram forçadas a abandonar, às pressas, suas casas, tentando salvar o máximo possível de seus pertences. Raros casos fatais se registraram, mas os danos materiais causados foram consideráveis.

ANA LÚCIA E FÁBIO
No momento da bênção nupcial.

ENLACE GAMA-MOURA



de d. Cecília Moura.

Testemunharam o ato civil, por parte da noiva o sr. Rubem Augusto Ferreira e sr^a, sr. Emílio Augusto Ferreira e sr^a. A cerimônia religiosa foi paraninfada pelo dep. José Augusto Ferreira Filho e sr^a, sr. Carlos Dias da Gama e sr^a, sr. José Renato Moura Rezende, srta. Inês do Nascimento Moura e sr. João Batista Ferreira e sr^a.

VINHETAS

• A Rádio Itatiaia, emissora que vem se destacando pelos seus grandes trabalhos de cobertura nacional e internacional, comemorou o seu 9º aniversário de atividades.

• O conhecido cantor Juca Chaves, afirmando que ganha acima de um milhão de cruzeiros por mês, acrescentou: «Mas o artista tem gastos extraordinários. Senão, vejam: só em correspondência e relações públicas eu gasto mais da metade do que ganho mensalmente, ou sejam, 500 mil cruzeiros».

• Nos primeiros dias de abril próximo, 23 mil médicos brasileiros estarão recebendo uma revista nova e gratuita, editada exclusivamente para médicos, intitulada «O Médico Moderno» — e que será editada mensalmente por uma gráfica paulista. Diferente das outras que os médicos já recebem, esta revista não conterá artigos científicos. Antes, irá fornecer-lhes informações importantes do ponto de vista profissional, que dizem respeito aos aspectos econômicos da atividade médica.

• Onde falha a ação do Governo — e esta falha é comum — sente-se logo a dinâmica da iniciativa privada. Ainda agora, vemos os dois maiores bancos mineiros, o Lavoura e o Nacional, estabelecendo novas carteiras de empréstimos, especialmente destinadas aos estudos da nossa juventude, cada vez mais onerosos, com a omissão do Governo frente ao maior dos problemas brasileiros.

• No ano passado, 468.700 passageiros transitaram pelo Aeroporto da Pampulha, dos quais, 224.680 passageiros embarcados, 217.846 desembarcados, e 26.174 em trânsito colocando-se, assim, em quarto lugar, em movimento, em relação aos demais aeroportos do País, sendo superado apenas pelos do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília.

• Segundo informações prestadas pela Superintendência da Guarda Civil, para que Belo Horizonte passe a contar com um policiamento eficiente, tornam-se necessários de 8 a 9 mil elementos, enquanto aquela repartição dispõe de apenas 1.300 guardas. Tal deficiência é uma das causas responsáveis pela onda de assaltos que já vem provocando revolta entre os habitantes da Capital.

• O Banco de Crédito Real de Minas Gerais S. A., numa iniciativa louvável e de grande utilidade pública, fez imprimir, para distribuição entre os seus depositantes, um excelente trabalho do jurista Erimá Carneiro sobre «Imposto de Renda — Pessoa Física», na série «O Seu Banco Aconselha». O volume, em excelente apresentação gráfica, esclarece de modo completo as dúvidas que possam surgir quanto ao referido tributo, e explica pormenorizadamente como preencher as declarações.

• A menina Beatriz Brandão Guerra, que, há algum tempo, fugira de sua residência, no Rio, foi finalmente localizada numa casa de São Cristóvão onde se empregava como servicial. A menina, que foi encontrada em trajes masculinos, de cabelo curto e com o nome de Flávio, fugira de casa com a intenção de viver a personagem de um livro que pretendia escrever: uma jovem que percorre o mundo em trajes masculinos.

PODIA TER SIDO TRÁGICO

FELIZMENTE, não passou de grande susto o que sofreram os passageiros do avião PP-PDC, da Panair do Brasil, acidentado quando aterrissava no aeroporto da Pampulha, desta Capital. Tendo saído do Rio, antes do meio-dia, com destino a Belo Horizonte, o aparelho realizou sua viagem normal e igualmente a operação de pouso teria sido bem sucedida, se, na extremidade da pista, não se encontrasse uma faixa molhada, que fêz com que a pesada aeronave derrapasse. O desastre só não teve graves consequências, graças à intervenção



CONSTELLATION EM PÔSE EXÓTICA
Tudo, porém, não passou de susto.

oportuna do piloto que executou o chamado «cavalo de pau», o que não impediu que o «Constellation» ultrapassando a pista, galgasse um barranco, estacionando finalmente na posição um tanto insólita que a foto nos mostra.

A maioria dos passageiros do gigantesco aparelho nem teve tem-

po de tomar conhecimento do que realmente se passava no momento do acidente, mas, alguns deles mais «observadores», bem que tiveram oportunidade de tremer um bocado. O trem de aterrissagem do «Constellation» partiu-se e a parte inferior de sua fuselagem ficou seriamente danificada.

OS MELHORES DO RÁDIO E TEVÉ

CRONISTAS especializados representando todos os jornais e revistas da Capital, escolheram os «Melhores do Rádio e Televisão» de 1960, concurso que anualmente se faz, numa promoção dos nossos confrades do semanário «Binômio», e que anualmente vem adquirindo maior divulgação e interesse, não sómente entre os elementos da classe como por parte do público.

Quinze cronistas votaram e o resultado foi o seguinte: «Melhores da Televisão: ROSANA TOLEDO (cantora), GILBERTO SANTANA (cantor), MILTON COLEN (narrador de esportes), JAIME RIGUEIRA (comentarista de esportes), WALTENCIR MATTOS (tele-ator), LADY FRANCISCO (tele-atriz), MAURO GONÇALVES e ANAIDE MARTINS (cômicos), LEVI FREIRE (animador de programas), VICENTE PRATES e VÍNICIUS DE CARVALHO (produtores de programas), ANA LÚCIA KATAH (garota propaganda), MÁRIO LÚCIO VAZ (diretor de TV), DÊNIO MOREIRA (entrevistador), NEYDE GEO-

VANNI e OSVALDO MARINHO (revelações), LUIZ GERALDO (locutor), ELZIO COSTA (produtor de programas humorísticos). «Melhores do Rádio»: NIVIA DE PAULA (cantora), FLÁVIO DE ALENCAR (cantor), GETÚLIO MILTON (locutor), MARIA SUELI (locutora), HAMILTON MACEDO (locutor de esportes), ULPÍANO CHAVES (comentarista esportivo), ALDAIR PINTO (animador de auditório), ASSAD DE ALMEIDA (disc-jockey), CANARINHO (animador de programas sertanejos), OSVALDO FARIA (rádio-reporter), ANETE ARAÚJO (atriz), TARCÍSIO PIMENTA (ator), RICARDO PARREIRAS e HELOISA MALLARD (cômicos), SEIXAS COSTA (novelista), DINA FERNANDA (produção de programas), CLARA NUNES e AVELINO SOBRINHO (revelações).

Essa promoção do semanário «Binômio» será encerrada com a entrega dos prêmios aos «melhores», prêmio este que recebeu a denominação de «Ari Barroso», em homenagem ao nosso maior compositor de todos os tempos.

*Primeiro abraço a Nívea de Paula (melhor cantora) lhe foi dado pelo marido. Ambos muito alegres, por sinal. * Elias Salomé vota.*



A MAIS VERGONHOSA DAS FILAS

ENTRA ano, sai ano, e o problema do ensino entre nós permanece inalterado. Trata-se de uma verdadeira calamidade que se verifica não só em Belo Horizonte, mas em todo o País, desafiando as autoridades responsáveis.

Este ano, junto à entrada do Instituto de Educação, nesta Capital, enorme fila se formou, integrada por mães de família que desejavam conseguir, quando menos, uma vaga para algum de



NÃO FORAM AO VENTO, NÃO PERDERAM ASSENTO
Algumas conversam, outras fazem tricô e uma lê ALTEROSA.

seus filhos naquele estabelecimento oficial de ensino. A enorme fila atravessou dias e noites, enquanto familiares daquelas senho-

ras, ou elas mesmas, improvisavam acomodações no cimento frio do passeio. Mais do que uma calamidade, uma vergonha.

BODAS DE PRATA

HOMEM de sete instrumentos e amigo de mil amigos, Enéas Nóbrega de Assis Fonseca, uma das personalidades mais queridas da sociedade da Capital mineira, e sua distinta esposa, d. Margarida César de Assis Fonseca, acabam de completar 25 anos de casados, comemorando com uma Missa de ação de graças na Catedral da Boa Viagem e uma recepção em sua residência de Santo Antônio, as suas bodas de prata.

Na foto, o casal Assis Fonseca, cercado dos seus 13 filhos: Fernando, Marina, Ricardo, Helena, Beatriz, Maria Cristina, Roberto, Paulo, Margaridinha, Enéas, Maria Cecília, Nelson e Andréa, o



FAMÍLIA ASSIS FONSECA
25 anos, 13 filhos.

mais velho com 24 anos e a mais moça com 2.

Marina, Helena, Beatriz e Maria Cristina foram campeãs minei-

ras e brasileiras infanto-juvenis e são estrélias de primeira grandeza do patrimônio esportivo do Minas Tênis Clube.

GUIDO CACAVONE

COMO inúmeros outros italianos, Guido Cacavone veio para o Brasil em busca de melhor sorte. No entanto, embora distante de sua pátria, não esqueceu as canções peninsulares aprendidas nos verdes anos. E até aprendeu outras, tendo começado a cantar publicamente, primeiro em serenatas, e, depois, em casas de amigos. Daí a pouco, seu nome era conhecido em todo o Brasil.

Em Belo Horizonte, tentou car-

reira na televisão, encontrando estímulo em seu amigo Otávio Cardoso, tendo se apresentado em vários programas transmitidos pelo Canal 4. Recentemente, o consagrado cantor esteve no norte do País, onde obteve grande sucesso. Também na Itália, Guido Cacavone possui fãs, e entre estes encontra-se sua mãe, sempre ávida em receber notícias do filho distante, publicadas em jornais daqui.



CACAVONE
Inspiração da Itália em cenário brasileiro.



ENCONTRO DE REPRESENTANTES E VENDEDORES
Acertando pontos de vista para aumentar vendas.

1^a CONVENÇÃO NACIONAL DULCORA



PISCINA INFANTIL
Sol e água fresca fazem crianças saudáveis.

ESTAMOS a 7 de janeiro, na Catedral que se ergue no coração da cidade fluminense de Marquês de Valença, onde se realiza uma bela e comovente cerimônia, o enlace matrimonial de Nely e Fábio. Ela, filha do casal Nabor Pinheiro Fernandes e Paulina Medeiros Fernandes.

Com um rico vestido de cetim de sêda pura, apresentando uma túnica bordada com pérolas, «strass», vidrilhos, etc., a noiva deu entrada no sumptuoso templo precisamente às 18 horas, amparada ao braço do pai. O vestido, mais curto na frente, deixava entrever os bicos dos sapatos também de cetim. O véu, acompanhando a cauda imensa do vestido, era preso à linda grinalda tipo princesa. As «demoiselles d'honneur», trajando vestidos de cetim

REUNINDO representantes e vendedores da Chocolate Dulcora S.A. de diversos Estados, realizou-se, recentemente, em São Paulo, a 1^a Convenção Nacional daquela Organização. Durante 3 dias, foram debatidas importantes questões ligadas à expansão da empresa, funcionando o conclave, ainda, como elemento de melhor aproximação entre os seus participantes. Estiveram pre-

sentes vendedores e representantes de Pôrto Alegre, Curitiba, Florianópolis, Belo Horizonte, Recife e Rio de Janeiro.

Na foto, um grupo de congresistas, entre os quais, os srs. Adolf Weinzettl, do Rio de Janeiro e Paulo Gardano, diretor comercial da Chocolate Dulcora S.A. Aparecem ainda componentes da firma «Alimentícios Bom Jardim Ltda.», desta Capital.

CLUBE SANTA MÔNICA

DA mesma forma como em Belo Horizonte e outras grandes cidades brasileiras, em São Paulo têm surgido, ultimamente, clubes recreativos modernos e elegantes, como acontece com o «Santa Mônica de Campo e Náutica», onde a elite paulista pode gozar as delícias do esporte saudável e bem orientado.

O «Santa Mônica de Campo e Náutica», localizado no Borrão, vem atravessando uma fase de grande progresso, sendo que entre as inúmeras obras ali realizadas, destaca-se a piscina infantil, entregue recentemente aos sócios mirins, em meio a muita alegria e entusiasmo.

NELY
No dia mais importante de sua vida.

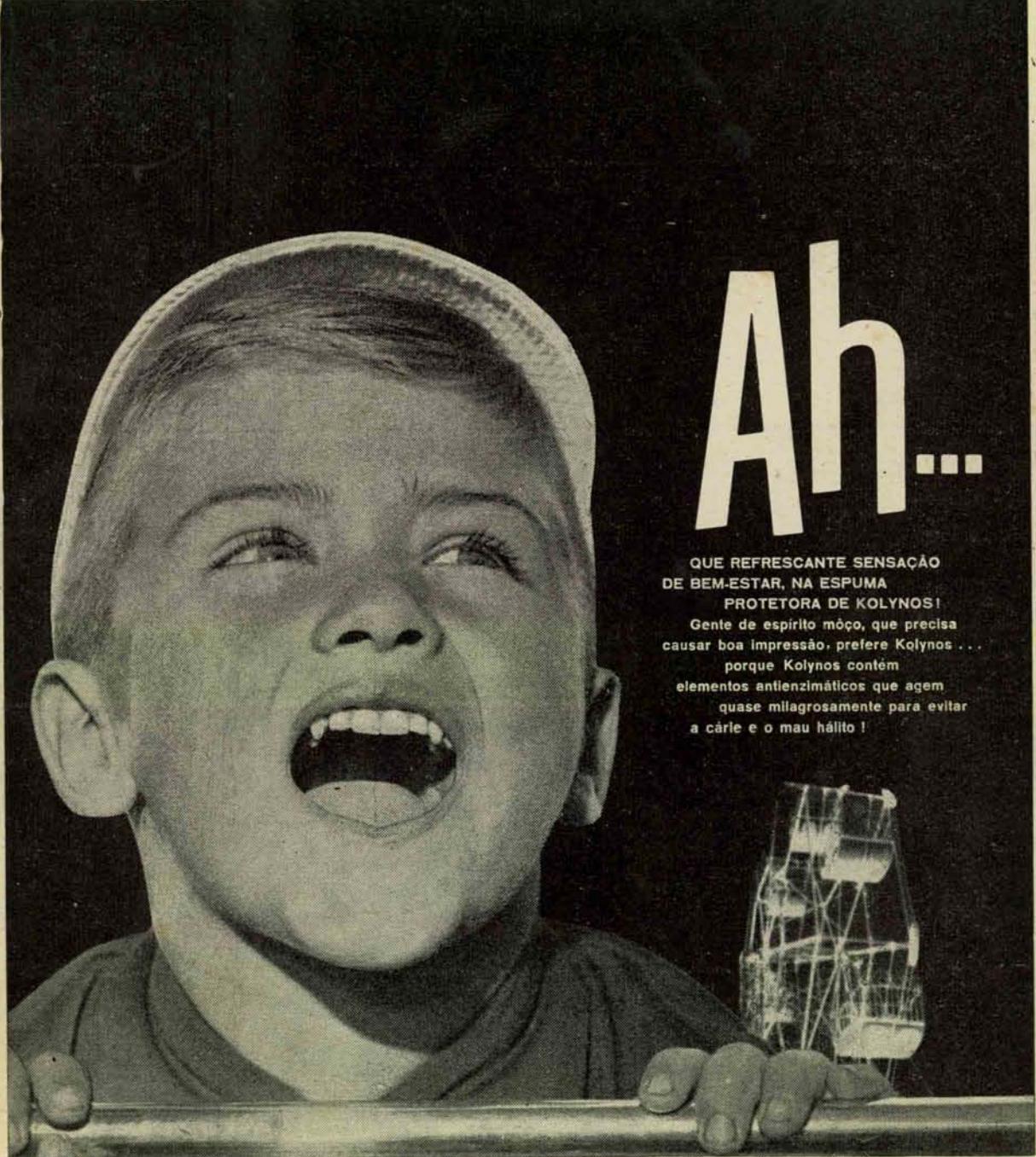
NELY E FÁBIO

com sapatos do mesmo tecido, traziam às mãos botões de rosa. A ornamentação do templo estava linda.

Terminadas as solenidades religiosas, os noivos e convidados dirigiram-se à Academia Valenciana de Letras, onde houve uma recepção. No Salão Nobre da Aca-



demia, ricamente ornamentado e iluminado, o sr. Nabor Pinheiro Fernandes e senhora, juntamente com os noivos, receberam os cumprimentos dos inúmeros convidados. O Presidente da Casa, dr. Antônio Augusto de Siqueira, erguendo a sua taça de «champagne», brindou os noivos.



Ah...

QUE REFRESCANTE SENSAÇÃO
DE BEM-ESTAR, NA ESPUMA

PROTETORA DE KOLYNOS!

Gente de espírito móço, que precisa
causar boa impressão, prefere Kolynos...
porque Kolynos contém
elementos antienzimáticos que agem
quase milagrosamente para evitar
a cárie e o mau hálito!

gente DINÂMICA prefere



- sensação extra de frescor !



MARIAN KOVAL
(Diretor Artístico do Coral)

Côro Piátnitski

Fotos de
A. VOROTINITSKI

DE PAZ E HARMONIA



MARIAN KOVAL

(Diretor Artístico do Coral)

Côro Piátnitski

Fotos de
A. VOROTINITSKI

DE PAZ E HARMONIA



Beleza, harmonia e graça se aliam no ritmo desta dança popular russa — A Corrente de Ouro — interpretada por Liudmila Tijómirova, Nina Frolova e Peter Sorokin.

MENSAGEIRO DE PAZ

No mapa das excursões artísticas do Côro Piátnitski, de Moscou, no estrangeiro, surgiu, em 1959, novas bandeirinhas indicadoras de suas belas atuações. Com artistas representantes das Repúblicas Federadas, o côro integrou um grupo de certos que, denominando sua programação de **Festival russo de música e danças populares**, organizou-se para visitar os Estados Unidos e o Canadá, na inauguração da Exposição Soviética, em Nova Iorque. Dos duzentos artistas do Grupo, cem pertenciam ao Côro Piátnitski e interpretavam mais de um terço da programação. Realizamos, em dois meses, 51 concertos naqueles dois países, cuja imprensa, através de seus cronistas especializados, nos deu o mais estimulante apoio e entusiástica cobertura publicitária.

No acúmulo de gratas impressões sobre o povo desses dois grandes países, destaca-se a que nos foi dada pelos nossos espectadores e ouvintes. Sentíamos, ao

termino de nossos concertos, o calor dos sentimentos amistosos ao povo da União Soviética, e recordamos, com particular emoção, essas exteriorizações nas cidades de Nova Iorque, Hollywood, Oakland, Minneapolis e Montreal. Curioso é que, em Washington, avisaram-nos que compareceria ao concerto um público oficial, que se manteve sóbrio no início, mas, na segunda parte, manifestou seu entusiasmo sem nenhuma moderação oficial... Em Hollywood, sensibilizaram-nos com uma saudação extraordinária: no intervalo do concerto, as luzes se apagaram e vinte mil pessoas acenderam, simultaneamente, isqueiros e fósforos, numa homenagem — informaram-nos — muito rara na grande cidade do cinema.

Nessa excursão pelas belas e acolhedoras cidades norte-americanas, ensaiamos canções que não figuravam no repertório — **Campo Campinho** e **Noites de Moscou** — famosas canções soviéticas que, adquirindo nova cor e nuances artísticas na interpretação do

Côro Piátnitski, enlevavam sempre o público. Mas os norte-americanos vibravam, realmente, era quando o Côro interpretava o belo coral de S. Foster, compositor norte-americano — **A Casinha Sobre o Rio**. A interpretação era em inglês...

No Canadá, cantamos, em francês, outro coral magnífico — **As Fontanas** — e, como o idioma e a cultura francesa estão muito difundidos em Montreal, imaginem o sucesso que obtivemos.

Após estada de dois meses nos Estados Unidos e Canadá, o Côro Piátnitski foi convidado pelo Instituto de Belas Artes do México para realizar uma *tournée* pelo país. Durante um mês, demos 30 concertos na maravilhosa terra mexicana, cuja recepção magnífica foi enriquecida pela atuação de bailarinos mexicanos em honra dos artistas soviéticos. E honra tanto maior quando verificamos a beleza das canções mexicanas através do assombroso talento criador e interpretativo de seus artistas, aliado à extraordinária



A Dança das Camponesas é outro bailado típico a que as indumentárias luxuosas e coloridas dão extraordinário toque bizarro.

musicalidade, o perfeito gôsto artístico e a maestria dos músicos da terra prodigiosa. Desnecessário dizer que do México trouxemos, para interpretação em todo o mundo, preciosas canções folclóricas, inclusive a bela *Noite Azul*, de Espinosa de los Monteros, que, surpreço, confessou jamais ouvir de sua música uma interpretação tão bela quanto sentida. A imprensa oferecia-nos a mesma carinhosa cobertura publicitária que a dos Estados Unidos e Canadá, sensibilizando todos os artistas do Côro. Numa de suas notas elogiosas, a imprensa focalizava, quase sempre, a magnifica impressão que o Côro

(Conclui na pág. 28)



O Baile do Norte, bela dança com chales, interpretada por Nina Klimova e Svetlana Glinskaia, apresenta indumentárias típicas luxuosas e ritmo coreográfico de alto índice artístico.

ONDE É QUE SE

*Apêlo de um
barnabé que
converteu mulher
e filhos ao
vegetarianismo*

**Texto de
GIBSON LESSA**



RECEBI de um Barnabé (estadual) a seguinte carta, que vale uma crônica e, por isso, aqui vai transcrita, na íntegra :

«Meu caro jornalista.

Eu não era vegetariano. Apesar do grande exemplo de Bernard Shaw (que não comia carne e viveu 93 anos) nem eu, nem a mulher, nem os filhos, não éramos vegetarianos.

Mas, agora, o senhor sabe, com essa alta de preços, aproveitamos o pretexto da greve branca deflagrada pela As-

sociação das Donas de Casa e tratamos logo de aderir.

Pois o senhor sabe que vamos indo muito bem ?

Quando à mesa, a nostalgia de um bom bife nos belisca, nós usamos a cabeça e lembramos, cheios de náuseas, que se uma rosa é uma rosa, um bife, afinal de contas, não é um bife — é um pedaço de defunto, abominável.

Essa idéia-mãe, essa descoberta-de-gênio, (a de que um bife não é um bife, é uma posse de defunto, abominável) produziu excelentes resulta-

dos entre nós, minha mulher e eu.

Quanto às crianças porém, não foi fácil. Desde pequenos, vinham comendo as suas possezinhas; como incutir-lhes nos espíritos tão tenros, a nau-seabunda idéia ?

Apelamos para a vaidade dos infantes : não queriam ser «tarzans» ? pois Tarzan não come carne. Desmentiram-nos. Invocamos, então, a Natureza, demonstrando-lhes que os animais mais fortes da «jangular» são vegetarianos, não comem carne. Demos o exemplo

COMPRA UMA CABRA?

do gorila, estremecendo as selvas do Congo com seus dois metros de altura, seus 800 quilos de peso e aquela bravura tóda e tudo a custa só de banana.

Pois soubessem que gorila não come carne.

E o orangotango de Bornéo, capaz de dobrar pelo avesso as mandíbulas de um crocodilo?

Pois soubessem que orangotango também não come carne.

E o elefante? e o touro? e o hipopótamo? e o rinoceronte? eram ou não eram os ani-

mais mais possantes da floresta e dos campos?

Pois soubessem, nenhum deles come carne, são todos vegetarianos, e no entanto...

A meninada delirou.

E assim, ficamos aqui em casa, livres do açougueiro. Mas o diabo é que o verdureiro, agora, está tirando a forra. Não há repolho, tomate, bananas que cheguem.

Escapamos do matadouro zoológico e caímos no sorvedouro da botânica.

Agora, andamos inclinados a comprar uma cabrita e daí a

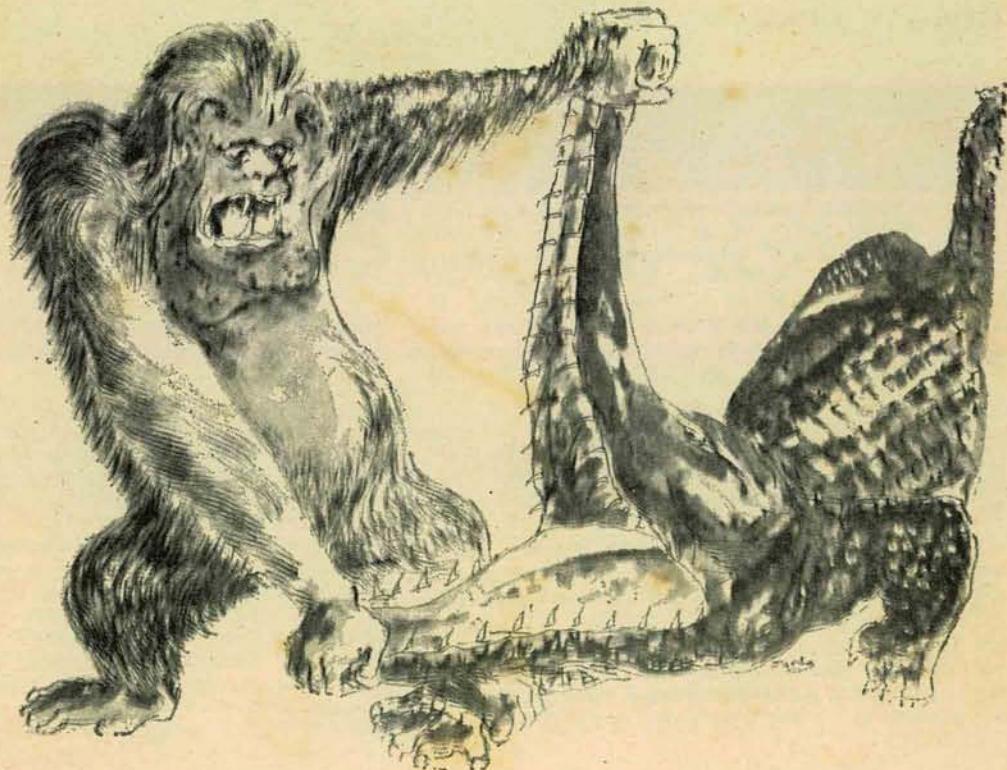
razão de ser dessa carta — o senhor sabe onde se compra, na cidade, uma cabra?

Em matéria de regime alimentar aqui em casa, temos de mudar urgente de política e de patronos.

Em vez de gorilas, orangotangos, elefantes, rinocerontes, touros e hipopótamos, vamos invocar junto às crianças o bom exemplo de **Gandhi**, aquêle indu que vivia de tanga bebendo apenas leite de cabra.

Até por que, de tanga, já estamos. Agora, só falta a cabra.

Todo seu, etc., etc., etc...»



Enquanto escrevia o sol começou a se levantar. Ainda não tinha atingido o ponto mais baixo da curva que as montanhas desenhavam no lado leste do vale, mas o céu estava roxo como a neve lá fora. Ela se levantou e foi até a janela. Pequenos flocos de nuvens douradas subiam das altas cristas das montanhas. Por detrás desses picos, o céu tinha uma tonalidade profunda e luminosa. Cada arbusto recoberto pela neve, cada pedra no jardim projetava uma sombra delicada sobre a neve rósea. Ela apoiou a cabeça contra a vidraça fria e sentiu-se subitamente invadida por tão grande felicidade que tinha a impressão de que apenas a vidraça a impedia de se dissolver na luz da manhã... (Ethel Vance)

De Elvino Pocai — A felicidade não nos vem dos bens materiais; ela está na bondade e no bem que damos aos outros, sem esperar recompensa Divina ou humana, porque o sermos pródigos no bem, é um talismã de boa-ventura a palpitáremos no próprio coração.

Para dizer a mágoa, funda e imensa, que me causava a tua indiferença, sempre a rima encontrei, tal qual a quis. Hoje, que o teu carinho me agasalha, a idéia foge e, esquia, a rima falha, sem que eu possa dizer que sou feliz... (Gracielle Salmon)

LEONOR TELLES

Fuga

Do Diário de Anne Frank — Todos nós vivemos, mas sem saber por que e para que. Todos vivemos com o objetivo de ser felizes; nossas vidas são diferentes e, entanto, iguais. Nós fomos educados em boas rodas, tivemos oportunidade de aprender e possibilidade de atingir algo, temos todos os motivos para esperar muita felicidade, mas... é preciso que a mereçamos por nós mesmos. E isso nunca é fácil. É preciso trabalhar, e trabalhar direito, sem ser preguiçoso e jogador, se se quer merecer felicidade. Preguiça pode parecer atraente, mas trabalho dá satisfação.

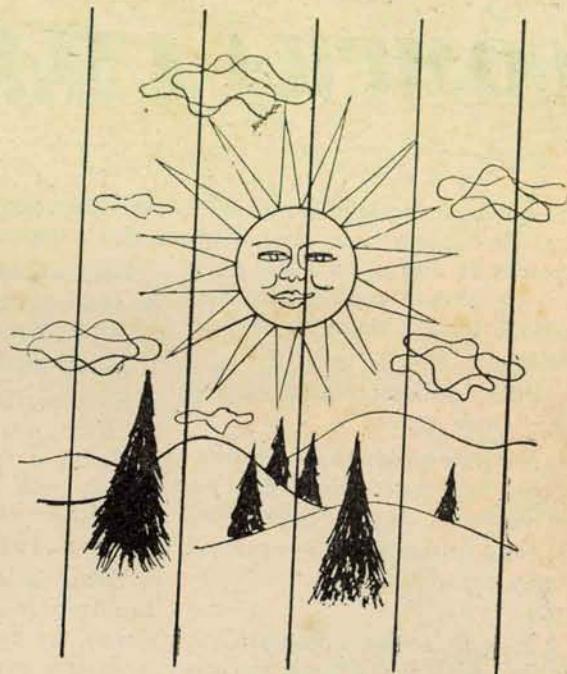
Ah! dizer ninguém pode sem alarde que no mundo um momento de ventura teve: não há, bem o saíbeis, quem guarde na alma um clarão fugaz que não perdura.

Felicidade! Sol em plena tarde! Engano que é carícia e que é tortura! Pira de cinzas mortas que não arde no peito onde a ilusão não mais perdura!

Veremos outra vez o que já vimos: a estrada percorrida em meio à estrada que palmeirando a passos lentos imos... Será goivo no outono assim como era, eternamente mal-aventurada, a alma que lírio foi na primavera... (Alphonsus de Guimaraens)

Quero fazer o bem e receber — Deus lhe pague por tudo que fizer. A vida assim tem mais razão de ser e o bem depende sempre da mulher.

Quero acolher com meu sorriso amigo os bons e os maus — numa carícia forte. Saber que não te-



“É dando a felicidade que chegamos a possuí-la...”

rei nunca o castigo, pois todos me desejam boa sorte!

Viver assim, sem mancha ou cicatriz é sentir a existência sempre bela. Ter puro o coração, a alma singela e a certeza de sempre ser feliz!... (Mercês Maria Moreira)

De Charles Morgan — Ficou silencioso, inundado de uma felicidade tão grande, e tão diferente de qualquer ventura antes experimentada ou imaginada...

Um filósofo, olhar perdido no tempo ignorado, falou um dia para meu coração ouvir: — Vai, busca todas as alegrias, e não deixes fugir o que te pode dar felicidade. E eu, no amanhecer da vida, presurosa parti por caminhos vários colhendo para minha sensibilidade a poesia da própria dor humana. Em tarde triste, parei cansada, as mãos vazias, vazio o coração, ante a vida que tudo me ofertara, ante a vida que tudo me negara, crendo que a felicidade é quase nada, breve como o canto das aves, fugaz como as rosas, semelhando música que se perde no turbilhão da própria sonoridade. Crendo que a felicidade é taça de capitoso vinho que ao levarmos aos lábios, de súbito tomba de nossas mãos, partindo-se em mil pedaços, em pedaços mil partindo um coração... (Anita Ferreira de Maria)

De Guilherme de Guimaraens — A única maneira de conservar a felicidade, é estar sempre disposto a renunciar a ela.

-viajando pelo Brasil...

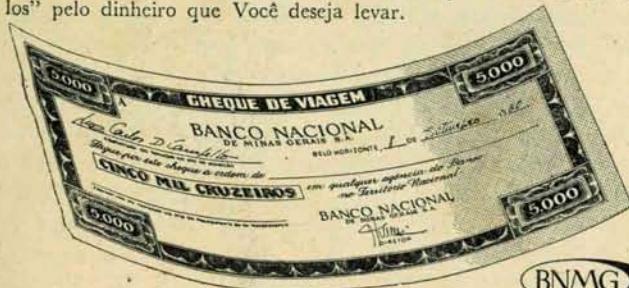
EM
FÉRIAS
OU A
NEGÓCIOS



CHEQUES DE VIAGEM

garantidos pelo Banco Nacional de Minas Gerais

É realmente uma garantia para seu dinheiro, o uso dos Cheques de Viagem do Banco Nacional de Minas Gerais. Você está a salvo dos riscos de uma perda ou mesmo de um roubo. E Você pode usá-los como dinheiro... mas um dinheiro que só a Você pertence! Proteja o seu dinheiro, viaje tranquilo com os Cheques de Viagem do Banco Nacional de Minas Gerais! Não custam nada para Você. Basta "trocá-los" pelo dinheiro que Você deseja levar.



BNMG

BANCO NACIONAL
DE MINAS GERAIS S.A.

Segurança completa

Mesmo em casos de perda ou roubo, seus cheques estão protegidos e podem ser reembolsados. São impressos como dinheiro, em papel infalsificável.

Facilidade maior

Estes cheques são emitidos sob a forma de cédulas, nos valores de Cr\$ 1.000, Cr\$ 5.000 e Cr\$ 20.000 cada um. Você escolhe os valores e as quantidades que desejar.

Circulação nacional

Onde chegar, Você poderá transformar seus cheques em dinheiro. Basta apresentá-los na agência local do Banco Nacional de Minas Gerais.

Autenticação pessoal

Ao receber seu cheque, Você tem que assiná-lo na hora. Depois, para transformá-lo em dinheiro, Você o assinará de novo. A segunda assinatura é que lhe dá valor!



A ARTE DE VENDER

Interessado no desenvolvimento do mercado de exportação, o fabricante de calçados enviou dois de seus vendedores a países que se assemelhavam pelo primitivismo. Algumas semanas depois, recebeu do primeiro o seguinte telegrama: «Chegarei no próximo avião. Impossível vender sapatos aqui, onde todo mundo anda descalço».

No dia seguinte, era o outro quem telegrafava, dizendo:

«Prepare grande remessa. Possibilidades ilimitadas de venda, pois todo mundo aqui anda descalço!»

HORA CERTA DIFÍCIL

— Ah, os relógios! — exclama o sr. João para o amigo. — Quem pode confiar nêles? Veja bem: trago um no pulso, outro no bôlso do colête e um terceiro no bôlso da calça. O primeiro, olhe aí, está marcando 1 e 15; o segundo, 3 e 20 e o outro, 5 horas!

— E como faz o senhor para saber a hora certa? — interroga o amigo, intrigado.

— Ora esta, pergunto ao primeiro cristão que encontro na rua...

BEM MANDADO

Certo de que seu constituinte era irremediavelmente culpado e seria condenado à pena máxima, aquele advogado tentou livrá-lo da pena capital, subornando um dos jurados:

— Então você já sabe — disse êle. — Sustente a opinião de que o crime foi casual e não deixe que os outros o convençam do contrário.

— Ora, deixe por minha conta — replicou o jurado. Depois de algumas horas de discussão, o júri opinou pelo crime casual, condenando o réu a um curto período de prisão. Cheio de alegria, o advogado acertou as contas com seu cúmplice, agradeceu efusivamente e depois lhe disse:

— Acredito que você tenha suado para convencer os jurados a aceitarem sua opinião, não foi?

— E', rapaz, de fato a coisa não foi de brincadeira — respondeu o outro, cheio de orgulho. — Imagine que os outros todos queriam absolvê-lo!

 E quando perguntaram aos eleitores de uma certa cidade se êles eram favoráveis à compra de máquinas de votar, aquêle homenzinho respondeu categórico: — Definitivamente não ! Acho que cada um deve votar por si !

OH! AS MULHERES

Um homem visita um casal que não vê há muito tempo e a esposa abre-lhe a porta :

— Olá, Judite, que prazer tenho em vê-la ! Como vai o João ?

— O João ? — repete ela, espantada — então o senhor não soube ? O João morreu. Foi à horta colher um repolho para o jantar, sentiu-se mal e morreu...

— Que horror Judite ! E o que foi que você fêz ?

— Ora, que poderia ter feito ? Tive que abrir uma lata de ervilhas !

— Querido, como estou feliz !

— Que houve, ganhou a sorte grande ?

— Quase isto: vi três mulheres bem mais gordas do que eu...

Brincando distraídamente com seu anel de brilhantes, a esposa daquele "nouveau riche" deixa-o cair. A empregada faz menção de apanhá-lo, mas a mulher a interrompe dizendo:

— Deixe, Maria, meu marido comprará outro...

O recenseador pergunta àquela senhora a sua idade.

— Bem, deixe-me fazer as contas: eu tinha 18 anos, quando me casei e meu marido tinha 30. Hoje ele tem 60, isto é, o dobro do que tinha naquela época. Então devo ter 36, não é ?



— Meu filho, escolha uma mulher como tua mãe: carinhosa, cuidadosa, sincera... A beleza não é tudo !

crianças

— Juquinha — disse a mamãe à hora em que o menino ia soprar as cinco velas do seu bonito bolo de aniversário — você deve formular um pedido, pensando naquilo que mais gostaria de possuir.

Sem perda de tempo, o menino fechou os olhinhos e anunciou solene :

— Desejo um pedaço de bolo bem grande !

O garotinho aprendera a oração do "Pai Nossa" no jardim e à noite repetiu-a nestes termos :

— Pai Nossa que estais nos Céus, como é que o Senhor sabe o meu nome, hem ?

Vendo que não tinha jeito de escapar à injeção, o garotinho estendeu o braço garbosamente, mas na hora em que ia receber a agulhada, cochichou ao ouvido do médico :

— Acho que sua mãe está chamando o senhor lá fora...

— Mamãe, onde é que eu estava antes de nascer, hem ? — pergunta a garotinha de 3 anos.

E a mãe, sábviamente :

— Aqui dentro, juntinho do meu coração.

— Nossa ! — admira-se a menina — então a senhora era canguru ?



— Dinheiro ! sempre dinheiro ! Você e minha mulher fariam um ótimo par !

A MÃE que trabalha fora do lar e que possui crianças menores de sete anos deve ter, por certo, uma substituta responsável para cuidar delas durante o dia e seria excelente se esta pessoa pudesse dar-lhes, não apenas a proteção material necessária, mas amor e compreensão, elementos de vital importância no desenvolvimento normal da criança.

Muitas mães que enfrentam o problema do trabalho fora de casa notam como suas crianças se lhes apegam com exagero, quando podem desfrutar de sua companhia no lar, exigindo delas uma atenção quase constante. É possível que isto se deva à falta de calor e de afeição por parte da pessoa que a substitui, mas pode ser também que a própria mãe, sentindo-se como que culpada por estar ausente da criança durante muito tempo, procure compensar esta falta cercando-a de atenções exageradas ou concedendo-lhe privilégios maiores do que aquelas que lhe seriam dadas em outras circunstâncias.

Considerando ser o trabalho fora do lar uma necessidade que se impõe cada vez mais acentuadamente à mãe de família, gostaria de fazer-lhe algumas sugestões, visando o bem-estar da criança. E aqui vão elas.

Empenhe-se em conseguir a melhor substituta possível e, estando em casa, procure orientar e disciplinar a criança do mesmo modo que você deseja que ela a oriente durante sua ausência.

Passe algum tempo lendo para a criança, fazendo coisas junto com ela e com outras crianças de sua idade, explique-lhe o que ela desejar, responda as suas perguntas e tenha sempre um tempinho para conversar amigavelmente com ela. Entretanto, cuidado para não permitir que ela monopolize todo o seu tempo. Ensine-a a distrair-se sózinha e anime-a a cuidar de si e a adquirir segurança própria. Tenha como objetivo fazê-la feliz enquanto você estiver em casa, mas sem dispensar-lhe muita atenção pessoal, pois o importante é que seu filho não cresça superdependente de você, no que se refere às suas necessidades físicas e emocionais.

Estando seus filhos em idade escolar, especialmente entre os sete e os catorze anos, providencie para que alguém cuide dêles antes ou depois das aulas e, em casa, habite-os a participarem das pequenas obrigações caseiras. Você conseguirá isto com grande facilidade, se mantiver um bom intercâmbio com eles. Mas, por favor, não estipule tarefas para as crianças mais velhas executarem durante sua ausência, pois isto não teria um caráter de participação espontânea. O ideal seria seguir que elas a ajudassem sem serem obrigadas a fazê-lo. — Garry C. Myers.

CRÍANÇAS

MÃES
que trabalham
fora



CÔRDO PIÁTNITSKI, mensageiro de paz e harmonia

Conclusão da pág. 21

causava na interpretação das canções mexicanas, ressaltando a «pureza da pronúncia espanhola». Atuamos, felizes, em teatros esplêndidos e em tablados improvisados, sendo um êxito inesquecível a dança mexicana **A Negra** que, com a dançarina Josefina Lavalle, o Côrdo dançou em trajes mexicanos. Mas a emoção maior foi a nota do jornal **Últimas Notícias**, que afirmou ser o Côrdo Piátnitski bem harmonizado, correspondendo às exigências mais rigorosas da técnica musical e coreográfica, realizando concertos que infundiam, no auditório vibrante, um contagioso sentimento de carinho pela humanidade toda. E, ainda, na edição seguinte, descreveu o nosso espetáculo no Teatro de Belas Artes, na cidade do México: naquele ambiente solene, quase faustoso pela riqueza arquitetural e artística da grande sala, o Côrdo realizou, com a magia de sua arte, completa união de estudantes, músicos, artistas, senhoras da alta sociedade, católicos, comunistas, mexicanos e estrangeiros numa só consagradora ovada que perdurou, através da imprensa toda, tendo até um crítico da revista **Siempre** confessado que, mesmo correndo o risco de ser tomado por vermelho, gostara menos da Festa no Gelo, notável conjunto norte-americano, do que do Côrdo Piátnitski, cuja representação era algo de transcendental e inesquecível. O jornal **El Occidente**, de Guadalajara, cidade de beleza inesquecível, chegou a dizer que era uma Rússia desconhecida aquela que o Côrdo lhe mostrava, em todo o esplendor de sua grandeza artística. E terminava o seu comentário que nos tocou fundamentalmente: «Os artistas russos trouxeram a beleza e a harmonia, que constituem a sua arte magistral!»

Regressamos à Rússia sonhando ainda com as recepções maravilhosas dos povos generosos dos Estados Unidos, Canadá e México, unidos numa só vibração artística, cuja beleza espiritual nos infunde a esperança de que dentro em breve teremos a consolidação da paz na terra e o fortalecimento da amizade entre os povos — povos distantes que precisam melhor se conhecer para melhor se amarem.

VENTANIA

Texto de
CAIO PORFIRIO CARNEIRO

Ilustração de
JARBAS J. ANTUNES

VELHO Aristides recebeu a notícia e fêz que não ouvia. Informou-se de outros assuntos e deitou-se na rête, olhos distantes. Ficou perdido no embalo, esquecido do vaqueiro Nena, ali escorrido, esperando. Urubus passeavam no céu azulado, sem nuvens. O vento levantava redemoinhos lá embaixo, na vastidão da caatinga, como de costume. Os armadores davam sinal de vida, no seu gemido uniforme, cadenciando o silêncio.

— Nena !

— Tou aqui, seu Aristides...

— Pode ir, Nena.

O vaqueiro só esperava pela ordem. Mal se despediu. Conhecia os silêncios do velho Aristides.

— Nena !

Voltou do oitão, o coração vexado, parou no batente.

— Tou aqui, seu Aristides...

O velho ainda guardou um mutismo prolongado.

— Diga pro Sabino que eu tenho uma conversa com élle.

— Tá certo, seu Aristides...

Ainda ficou esperando outras ordens.

— Adeus, Nena.

— Té logo, seu Aristides...

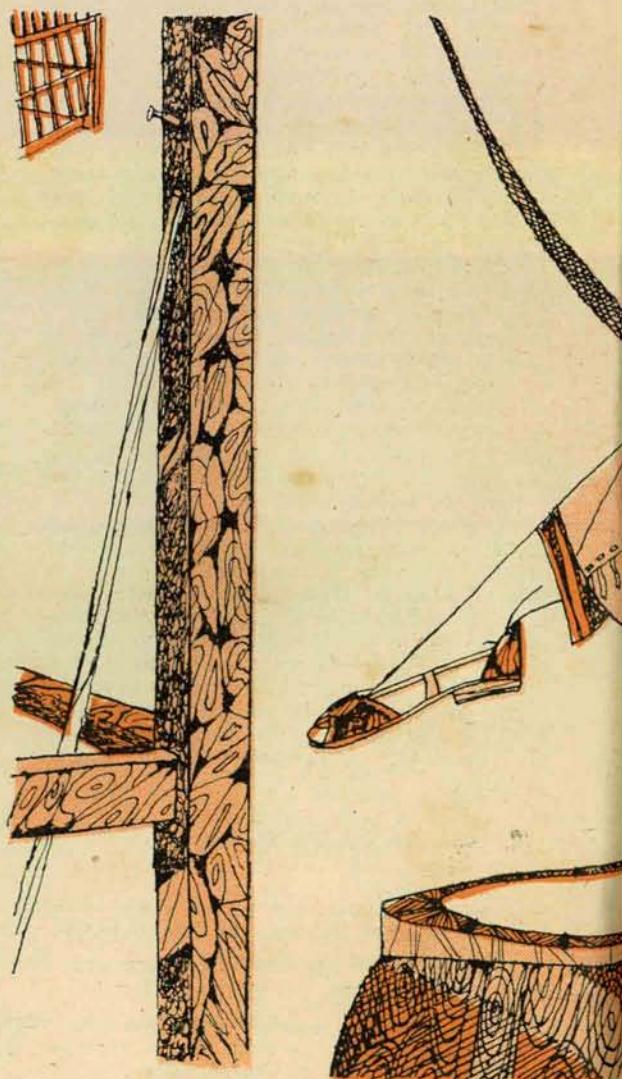
Vaqueiro Nena se foi ligeiro. Velho Aristides dava impulsos no cajado para aumentar o embalo da rête. Mão trêmula, nervosa, segurando o cacete com tôda a sua fortaleza. Agora chegava da cozinha o batecum do pilão, entrando na cadêncio do ring-ring dos armadores. A rête subia e descia no embalo uniforme.

A mão forçou o cajado como escora na grêta do tijolo e o embalo estancou. Velho Aristides levantou-se como sentindo dores, os ossos estalando. Foi até à porta do alpendre. Deixou o cajado de lado, segurou o parapeito com as mãos, e estendeu a vista para a vastidão do seu mundo. A cérca de pau-apique, o estirão igual de marmeleiros desfolhados, carnaubeiras esguias, o Apodi acinzentando além muito longe. O sol brilhava na sua intensidade e o vento continuava tangendo os redemoinhos, jogando ciscos para dentro do alpendre, grudando no corpo esguio de velho Aristides a camisa de fustão. Do Apodi, a vista escorregou para a esquerda, na direção do juazeiro, e ali parou. Para mais distante, as terras do dr. Tancredo. Ficou cismando, jogando a vista em pensamento para o outro lado da extrema, vendo dr. Tancredo na sua sala de visitas cheia de belezas e novidades. O juazeiro, bem na extrema, servindo de sentinelas, impedindo que dr. Tancredo avançasse, os braços verdes estendidos para o vento, imponentes, frondosos.

O gesto de contrariedade voltou a se traduzir no hábito antigo: velho Aristides cofiava o bigode, de leve, de leve.

— Tomou o remédio, Aristides ?

Desviou rápido a vista para o Apodi, despistando da mulher. Não deu resposta. Desencostou-se, segurou o cajado e voltou para a rête, deixando ve-



lha Teresa sózinha na porta da sala, abandonada na sua pergunta. Tornou a se deitar, agora pigarreando. Velha Teresa adivinhou a esquisitice do marido, mas aproximou-se fazendo de desentendida:

— Tomou o remédio, Aristides?

— Já disse que não quero, mulher!!!

Velha Teresa ainda ficou um instante parada, submissa. Voltou depois para as suas obrigações de dentro de casa e velho Aristides continuou concentrado nos seus pensamentos, olhos perdidos nos urubus distantes, se embalando, soltando pigarro forte. A mão se contraía, forçando o cajado para o embalo, a outra passeando no bigode, de leve, de leve.

I I

Seu Sabino chegou com escuro. Gritou «Compadre Aristides!», e ficou esperando no batente. A porta de fora escancarada. Enxergava uma claridade de lamparina na sala de jantar. A velha Teresa foi quem deu a ordem:

— Entre, compadre!

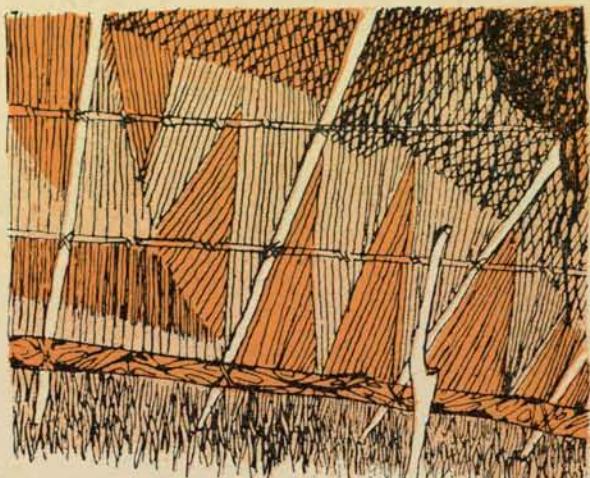
Foi pelo corredor escuro e parou na entrada da sala, dando boa-noite.

— Me chamou, compadre?

— Sente, Sabino.

Velho Aristides, na cabeceira da mesa, mexia a xícara. Velha Teresa dirigiu-se à cozinha de onde chegava pedaço de modinha da criada Raimunda.

Por alguma razão, o velho fazendeiro não permitia que tocassem em seu juazeiro.



Seu Sabino se sentou mais afastado, perto da parede, e ficou esperando, chapéu na mão. Soubra, pela bôca do vaqueiro Nena, que dr. Tancredo trancara a manga para o gado de velho Aristides. A renitência do velho irritara dr. Tancredo. Vinte braças de caatinga, para estender a manga, facilitar água para tôdas as fazendas vizinhas. Velho Aristides continuava sem se envergar, não venderia uma braça.

Velho Aristides mexia a xícara, indiferente, cabeça baixa, paciente. Vinha de fora latido de cachorro e ton-fraco de capote.

— Sabino !

— Diga, compadre...

A lamparina, no centro da mesa, projetava a cabeça de velho Aristides na parede, deformada, alcançando o teto. Velha Teresa agora ralhava com criada Raimunda.

— Sabino, e o teu gado ?

— Vai de pé, compadre. Tá aguentando o verão. O vento é que n'é bom sinal...

Seu Sabino continuou esperando. Velho Aristides soltava o seu pigarro forte, chiando na respiração. Virou a xícara em goles miúdos, depois passou a mão no bigode, e ficou com os dedos ali passeando, olhos perdidos.

— Toma um cafêzinho, Sabino ?

— Obrigado, compadre.

Velho Aristides se levantou apoiando-se na mesa, saiu escorado no cacete até à porta do oitão, ficou olhando para fora, na direção do juazeiro, esquecido da visita. Seu Sabino conhecia aquela mania do velho. Cismava horas e horas no alpendre, os olhos no juazeiro da extrema, sózinho no descampado, verde no meio do barba-de-bode seco.

Velho Aristides se virou de repente, tornou a se sentar gemendo, encarou o outro de frente :

— Sabino, o meu juazeiro ninguém derruba.

Seu Sabino não sabia o que responder. Concordou de cabeça.

— Se não tivesse o juazeiro, Sabino, eu vendia as vinte braças. Disse isso pra élé. Mas no juazeiro ninguém toca. Meu gado fica sem água, Sabino, mas o juazeiro fica de pé.

O vento zunia lá fora. Pisotear de rês no oitão. O cachorro agora latia distante.

— Sabino, já falei com o Nena.

— Diga, compadre...

— Vou juntar amanhã o meu gado com o seu. São cento e cinqüenta e três cabeças, mais os bezerros. Fico só com as vaquinhas de leite.

Seu Sabino espantou-se com a notícia. Pensava que velho Aris-

tides ia pedir o seu auxílio junto de dr. Tancredo. O Serrado sempre utilizara a manga da fazenda Lagedo, desde o tempo de Ajudante Malaquias. Não teve o que falar. Velho Aristides agora olhava para outro lado. Velha Teresa apareceu e entrou no quarto. Criada Raimunda voltou a cantar na cozinha, mexendo nos pratos.

— O vento anda brabo, hem, Sabino ?

— E'...

Velho Aristides escorou os cotovelos na mesa, dedos passeando no bigode.

— Meu poço tem pouca água, Sabino. O cata-vento trabalha pouco.

Seu Sabino arriscou, de jeito :

— E a manga, compadre ?...

Velho Aristides levantou-se e



foi armá a rête no canto, respiro difícil. Informou de costas :

— Não incomodo vizinho novo, Sabino. E no juazeiro ninguém toca.

Seu Sabino conhecia de longe a renitência do velho. A história do juazeiro era para despistar. Não queria ceder um palmo do Serrado. Preferia perder a manga, ficar sem água para o gado, levar o Serrado para a ruina.

— O gado vai amanhã, Sabino. Muito obrigado.

Seu Sabino então se apressou em ficar às ordens :

— O Tabuleiro é do senhor, compadre. Tou às ordens...

O velho agora se arriava, estalando as juntas, gemendo, soltando o cacete debaixo da rête.

— Lhe dou vinte cabeças, Sabino. E nas crias é de meia.

— Carece não, compadre...

— Lhe dou vinte cabeças, Sabino. Pode escolher. Nas crias é como disse.

— Mas compadre...

— Se fôr de muito trabalho, Sabino, procuro o Jorge Rocha.

Seu Sabino se remexia, cruzando e descruzando as pernas, sem saber como negar o presente :

— Que é isso, compadre ?...

Pode contar comigo. Espero o gado amanhã. E' o Nena que vai levar ? Muito obrigado pelo presente, mas não carecia, compadre...

O velho, dentro da rête, na sua posição de costume, cabeça meio levantada, dedos trêmulos passeando no bigode. Respirando com chiado. Velha Teresa tornou a aparecer.

— Quer o chá agora, Aristides ?

— Mais tarde.

Da cozinha, nem mais sinal de criada Raimunda. Velha Teresa trancou a porta do oitão, reclamou vento nas costas do marido. Um jumento relinchou lá fora, distante. Uma tropa passava lá embalhado, os gritos dos comboieiros varando a noite. Velha Teresa voltou para o quarto, deixou os dois no silêncio. O relógio velho de parede batia um tic-tac gasguito.

— Sabino !

— Diga, compadre...

— Não demoro muito, Sabino.

Seu Sabino se esforçou para entender. Velho Aristides com os seus pensamentos voando distante.

— O teu filho, meu afilhado, tá ainda no colégio ?

— Tá, sim, compadre.

— Vai ser doutor ?

— Se Deus fôr servido...

Velho Aristides olhava a parede, dedos no bigode. Seu Sabino teve vontade de se despedir. Os gritos dos comboieiros agora vinham de distante.

— Não demoro muito, Sabino.

Seu Sabino agora comprehendia.

— Nem fale nisso, compadre. O senhor é homem inda forte, vai longe...

— Não diga besteira, Sabino. Não demoro, você sabe.

Outro silêncio prolongado. A criada Raimunda voltava a mexer na cozinha. A lamparina, no meio da mesa, apaga-não-apaga com o vento que entrava pela porta aberta da sala de fora, zoando no corredor. Seu Sabino achou de ir indo, morava longe. Levantou-se pedindo licença. Voltou a garantir que estava às ordens, ficava aguardando o gado. Chamaria o vaqueiro Rafael para auxiliar o vaqueiro Nena a soltá-lo no cercado da Capoeira Velha. Ainda criou um tico de coragem para perguntar a velho Aristides se élé,

Sabino, podia ir falar com dr. Tancredo. Mas não mexeu a boca.

— Teresa ! O Sabino já vai, Teresa !

Velha Teresa apareceu para as despedidas, o terço na mão. Velho Aristides nem respondeu o «até logo, compadre, deixe disso, o senhor vai longe...» Ficou passando os dedos de leve no bigode, bem de leve.

Seu Sabino já ia no corredor, quando veio o grito :

— Sabino !

— Diga, compadre !

— No meu juazeiro ninguém toca, Sabino !

Seu Sabino ainda aguardou um minuto. Depois soltou outro «boanoite» e foi saindo. Os dedos do velho continuavam a passear no bigode, de leve, de leve.

III

Velha Teresa levantou-se ainda com os galos cantando e estranhou encontrar o marido dentro da rede, dormindo silencioso, sem o chiado da respiração. Velho Aristides metia os pés cedo e ficava remexendo por dentro de casa, quebrando o silêncio com as batidas do cacete nos tijolos, soltando pigarro alto. Dava seus gritos no alpendre, chamando vaqueiro Nena.

Velha Teresa aproximou-se da rede do seu velho e viu o volume encolhido dentro.

— Aristides !

Puxou no punho da rede, o volume balançou, mas não deu resposta. A claridade era pouca, entrando pelas grêtas do telhado. Velha Teresa abriu a janela e a manhã que vinha chegando entrou, clareando melhor.

— Aristides !

Curvou-se para ver de perto. Velho Aristides olhava para cima, boca aberta, braço abandonado para fora da rede.

— Raimunda !!! Raimunda !!!

A criada, àquela hora já escorada na cozinha, vendo a água ferver, veio se coçando, abrindo a boca para tanger o resto de preguiça.

— O Aristides teve uma coisa, Raimunda. Nem responde. Aristides ! Aristides !

Criada Raimunda, com o seu espanto, esqueceu o sono de vez.

— Parece que ele tá morto, sinhá Teresa...

Os olhos do velho vidrados frios, para cima, no rumo da cumeeira, boca esperando ar. Velha Teresa sacudia o marido pelos ombros.

— Aristides ! Aristides !

— Virge Maria... Ele tá morto mesmo, sinhá Teresa...

A velha aumentava a sua angústia, de joelhos, chamando o

(Continua na pág. 90)

Perfume e embeleze

SEUS CABELOS...

com Óleo ou Brilhantina

PALMOLIVE



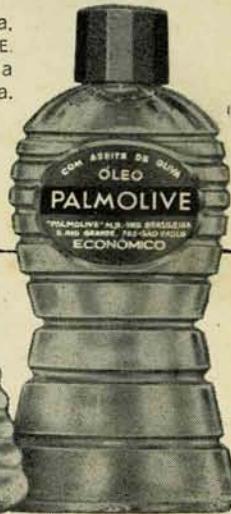
ÓLEO PALMOLIVE é feito com azeite de oliva, que dá brilho e beleza aos cabelos. Para obter um duplo resultado embelezador, use ÓLEO PALMOLIVE assim:



1. PARA FRICÇÃO: - Antes de lavar a cabeça, fricione o couro cabeludo com ÓLEO PALMOLIVE. Essa fricção fortalece a raiz do cabelo, ajuda a remover a caspa e facilita uma limpeza perfeita.



2. PARA O PENTEAMENTO: - Aplique ÓLEO PALMOLIVE e seus cabelos ganharão novo brilho, ficando bem penteados e deliciosamente perfumados.



Brilhantina PALMOLIVE

contendo azeite de oliva, revive o brilho natural dos cabelos e mantém seu penteado perfeito e alinhado o dia inteiro.



ÓLEO E BRILHANTINA PALMOLIVE - os únicos que contém azeite de oliva!

OBP 10.60

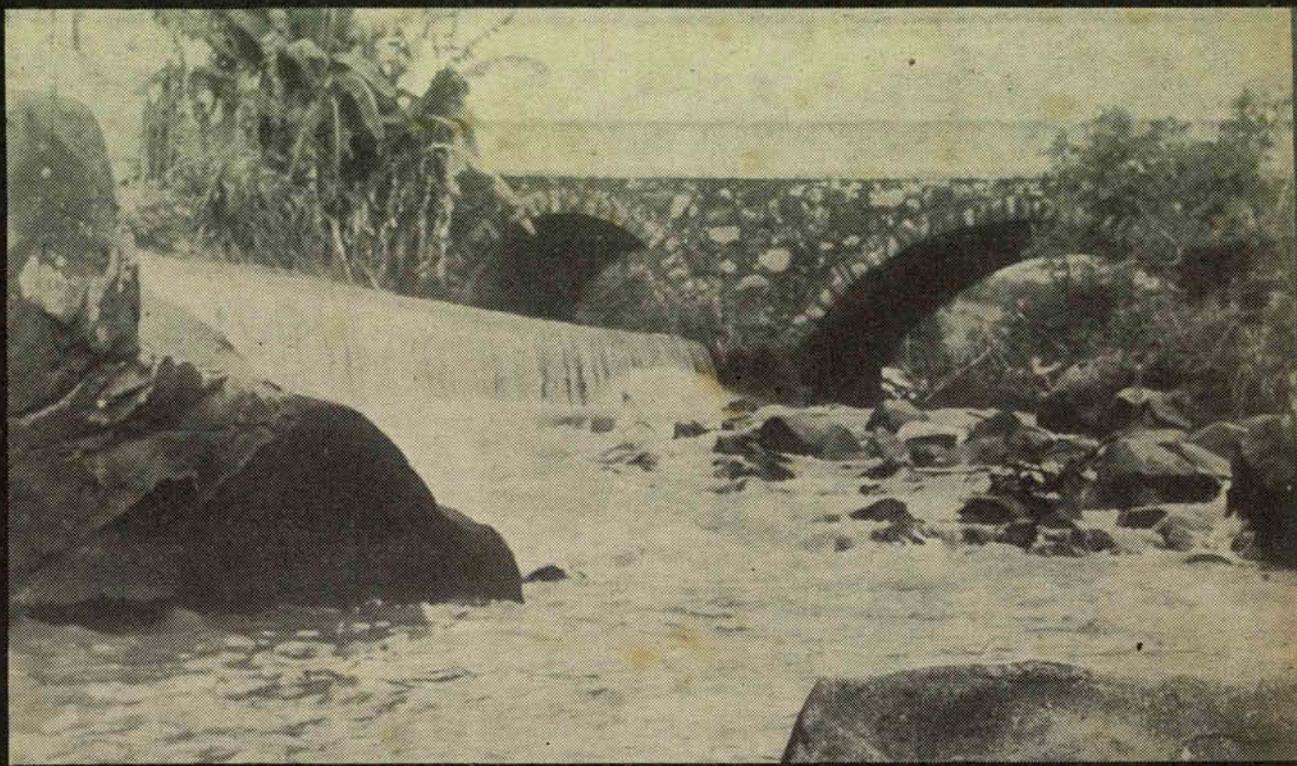


O garimpeiro tanto impressionou a Bernardo Guimarães que o romancista fez desta visão constante uma obra imortal.

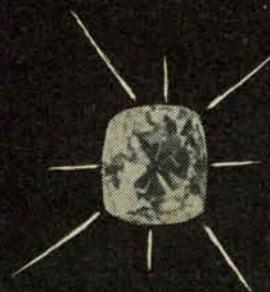
Texto de **FERNANDO P. LIMA**

Fotos de **FERNANDO P. LIMA**
LUIZ CARLOS DE ANDRADE

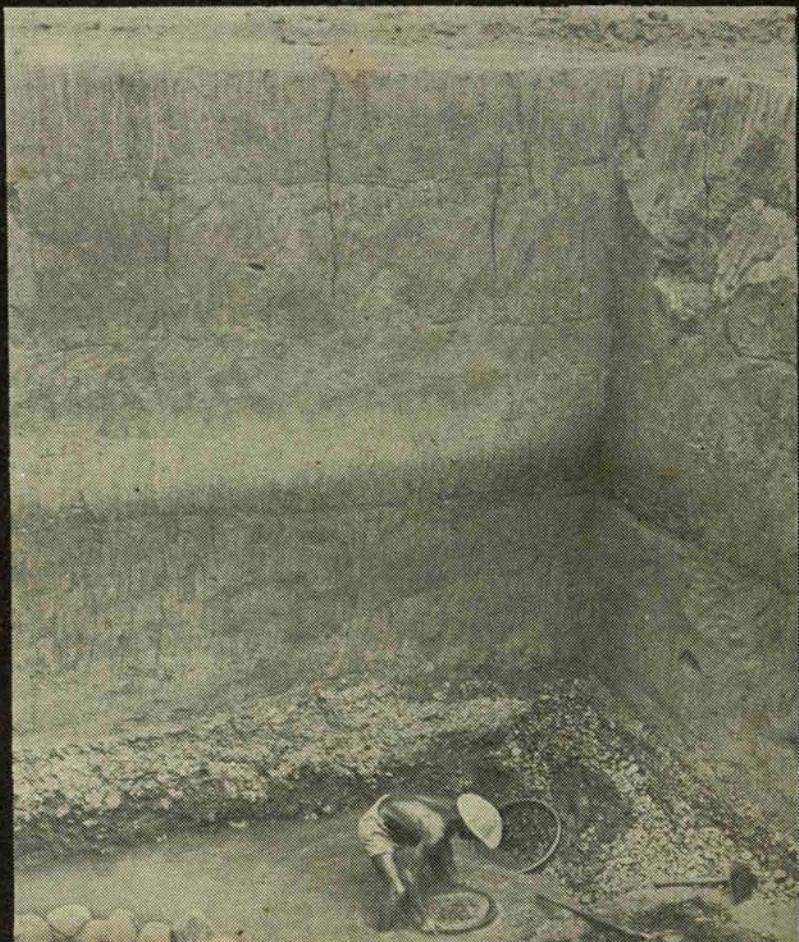
Minha Vida e o garimpo



O famoso Rio Bagagem, com seu pontilhão de pedra e suas configurações impressionantes de «Cabo Verde».



Antevisão de uma tragédia certa. Vemos um garimpeiro num profundo buraco, que cavou com dois companheiros, procurando o cascalho que ainda está mais embaixo. As grandes fendas no barreiro podem ser vistas na fotografia. O desmoronamento será coisa de horas, dias, semanas? Ninguém sabe, mas o desmoronamento virá infalivelmente e o enterrará. Adverti-lo é perder tempo. Muitas vezes os companheiros são obrigados a arrastá-lo à força de seus montes de cascalho. As vezes chegam tarde demais. O garimpo é um jôgo em que a vida entra também e é apostada.





Por esta rua passou Bernardo Guimarães, montado num burro, para escrever o seu «Garimpeiro». Lúcia e Elias, seus célebres personagens, nela se amaram e nela teriam vivido.

VIDA DE GARIMPEIRO

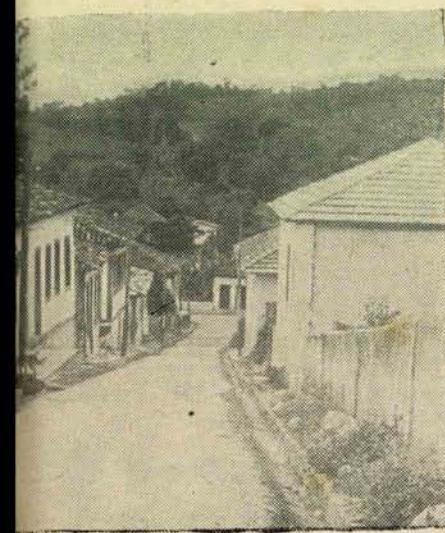
NOS meados de 1855 um homem chamado Aprígio Barão (e Barão mesmo, porque comprara o título de um nobre do Rio de Janeiro) vivia um drama, com sua mulher, na cidade de Carmo da Bagagem, em Minas Gerais. A infelicidade no garimpo reduzira-o a dois escravos. E a fome rondava sua casa. Chmando-os, mandou que êles fôssem à vila comprar fiado, numa venda qualquer, víveres de primeira necessidade. Todavia, não foram felizes os dois escravos. Nada conseguiram trazer. Ninguém fiava mais ao Barão e à sua aflita esposa. A realidade surgia indiferente a tudo. Volta e meia comentava-se, na Bagagem, além dos infortúnios do Barão, o amor de seus dois últimos escravos: o negro Casemiro e a preta Rita Baroa (tal como o povo a conhecia, talvez por conta daquele «BARÃO» todo imponente e inédito no garimpo). Era um amor tempestuoso e selvagem. Sempre rogavam ao Barão que os deixasse casar mas, à negativa sistemática, se juntavam imprecações do casal. Certo dia, neste mesmo ano, quando o casal de nobres já principiava a sentir o estôma-

go arder, os dois amantes «faiscavam» numa grupiara de Joaquim Antônio, junto do tronco de uma ÁRVORE DA VIDA quando a preta achou uma pedra. Examinou-a e nada disse à Casemiro. Limpou-a bem nas saias de algodão e partiu ao encontro de seus amos. Tinha, naquele momento, vislumbrado uma oportunidade. Queria fazer uma proposta. Com a mão direita fechada e estendida, aproximou-se da mulher do Barão e disse-lhe:

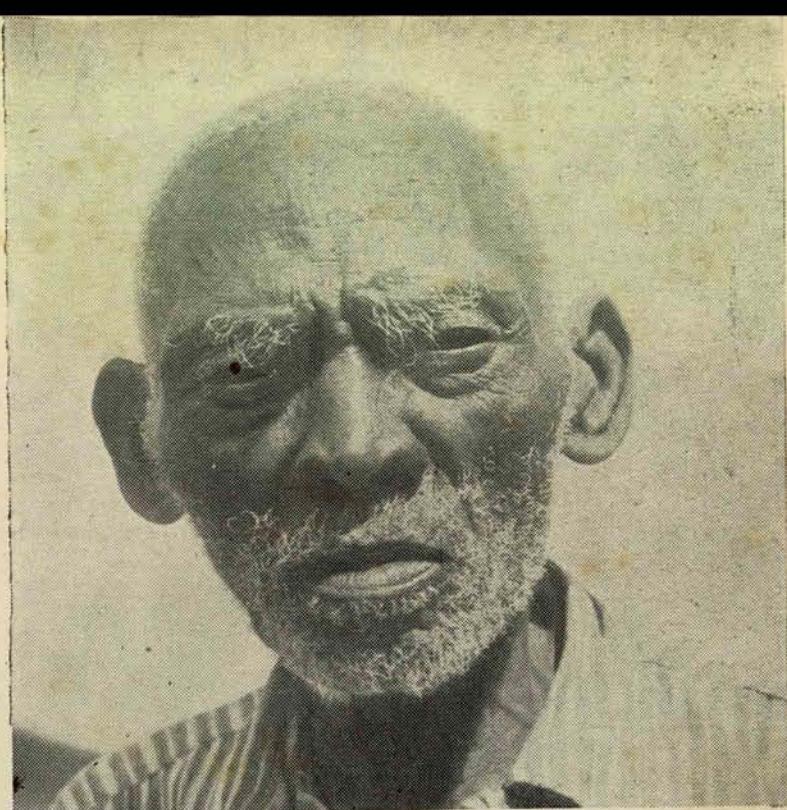
— Sinhazinha, se eu te der uma pedra tu me dá liberdade pro meu preto?

— Dou. Desembucha, mostra logo!

Aprígio Barão acercou-se de sua mulher no instante exato em que Rita Baroa abria a mão. Fêz um enorme esforço para não perder os sentidos. Na mão preta e esburacada da escrava foi o Barão o primeiro homem do mundo a ver o «ESTRÉLA DO SUL»! Com ela Aprígio Barão poderia comprar hoje uma metrópole inteira e Rita Baroa estava trocando-a pela coisa mais preciosa que jamais conhecera: A LIBERDADE!



Este homem tem cem anos e por cem anos conseguiu acalentar um sonho por entre a sinfonia triste das ferramentas do garimpo. E' mais que um bravo: do mundo só conhece os despejos.



Estréla do Sul, antiga Carmo da Bagagem, ou Bagagem simplesmente, é a cidade mineira que teve suas entranhas revolvidas pelas máquinas rústicas dos garimpeiros. Isto por mais de duzentos anos, quando os primeiros barracos forrados de buriti e pelos leques das palmeiras espalharam-se pelas margens do famoso rio Bagagem. Eram os fazendeiros, eram os senhores de engenho, eram os aventureiros, os possseiros, era o Brasil que corria para o Carmo da Bagagem. Atrás de suas terras de cultura? do melhor gado dêste País? Não, atrás de um sonho!

Com peneiras e alavancas.

Os escravos acompanhavam seus amos e punham-se a faiscar, trocando a cana de açúcar pela **ESTRÉLA de PEDRA**.

A história da Bagagem, toda-via, principia muito depois, pelos meados de 1855, quando a expectativa era grande, centenas de

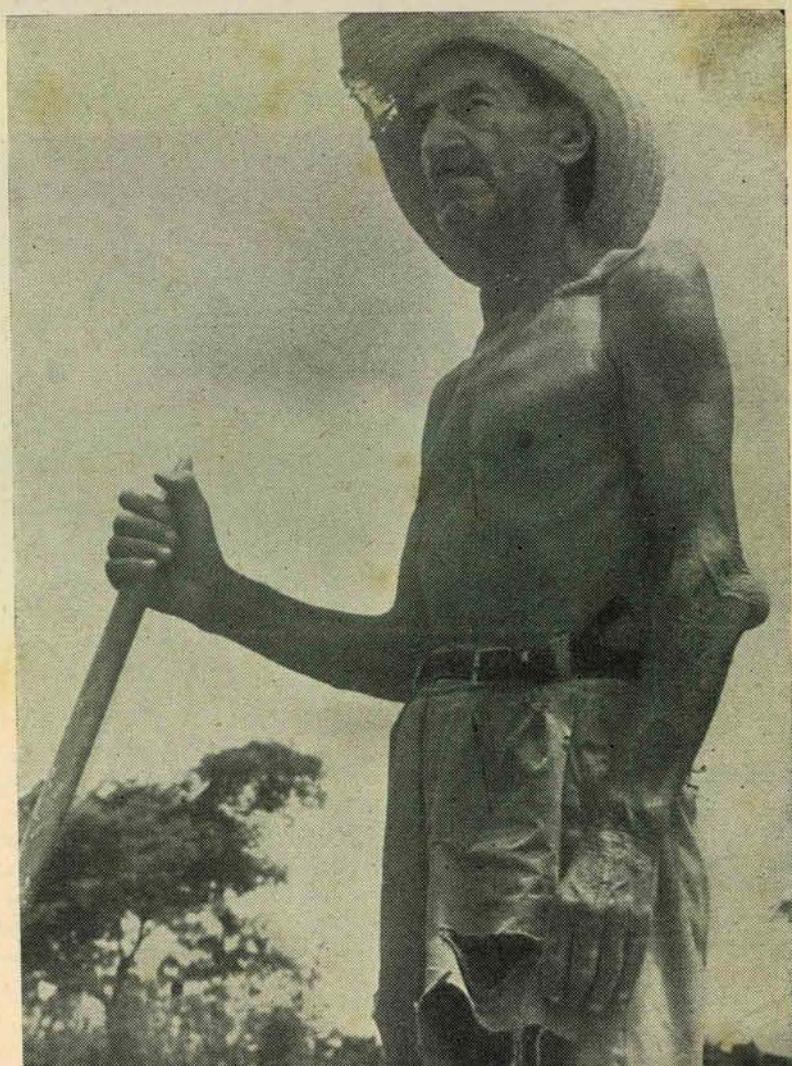


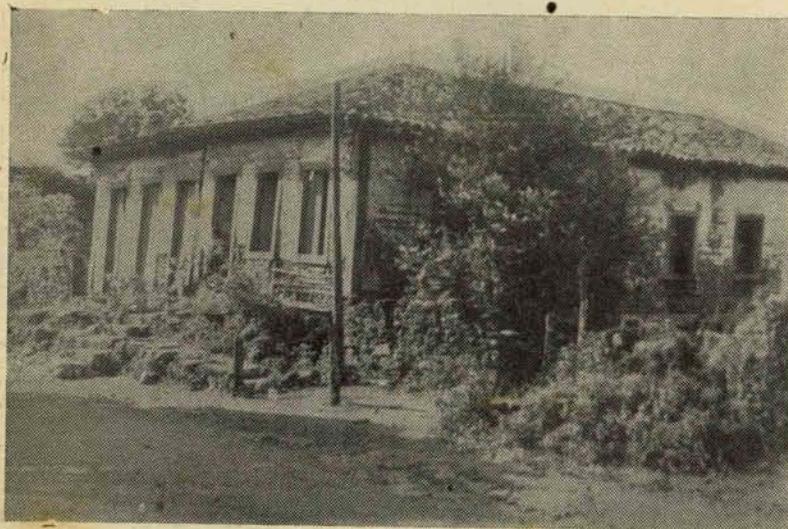
Imagen «de aço» de um garimpeiro velho, curtido pelo sol da Bagagem. Seus olhos parecem firmar-se num horizonte longínquo e feliz, mas a sua alma está enterrada, sem esperança, na terra rude e encantada de Estréla do Sul.

ricos proprietários viam-se na miséria, devorados por uma miragem fantástica naquela espiral de vício, naquele brilho estrepitoso que vinha de noite das arestas de uma estréla enterrada, escondida na sua ostra de cabo-verde, no buxo de um peixe, no fundo de

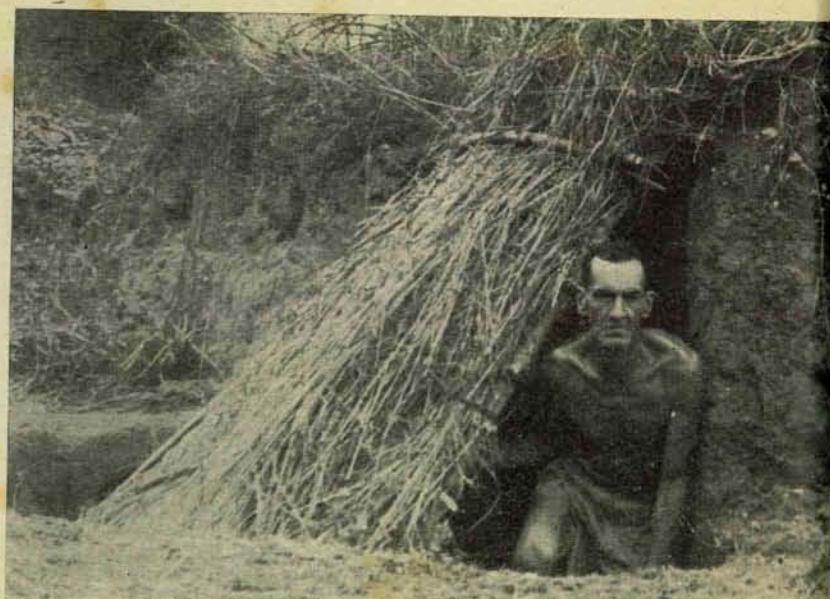
cas de encontro aos barrancos atrás dos cascalhos profundos.

Pois foi neste mesmo ano, como vimos, que um casal de escravos abalou a nação com sua história de pedra. Porque tudo que sai da Bagagem é de pedra, até o coração dos homens rudes curti-

e com ela vai morrendo. Pelas ruas estreitas que o homem rasgou às pressas, cheias de casinhas brancas, caminhou Bernardo Guimarães. Ali colheu ele o material sensitivo e humano de seu «GARIMPEIRO». Viu a filha de um barão assentada numa



Tapera de um garimpeiro, nos famosos garimpos da Bagagem, encontrada pelo jornalista. Este homem não aceita a fatalidade, nem o destino, nem nada. Os entendidos tentaram dissuadi-lo, mas não lograram esmorecê-lo, porque nem a Vida, nem a Verdade o desiludem. Ele ficou naquelas terras lendárias, indiferente à chuva, ao sol, à miséria ou à morte. É o retrato vivo de uma história triste e da luta do homem em busca desesperada da felicidade.



uma grupiara perdida, ou junto das raízes de um buriti derrubado, em qualquer lugar, até nas águas turvas, amareladas, lamicentas do rio Bagagem. E os garimpeiros batiam as peneiras e os escravos faiscavam e os homens faziam tremer as alavan-

dos no sol, na lida sobre-humana contra a NATUREZA e o DESTINO.

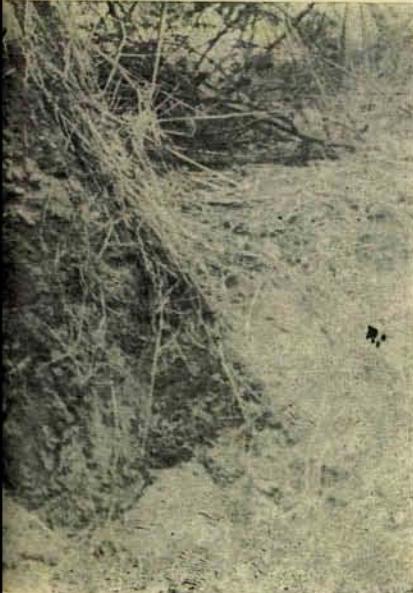
Bagagem, ao invés de ir crescendo, vai diminuindo com o correr dos anos e há quem diga que Estréla do Sul é do tamanho de uma esperança: com ela cresce

pedra a ler umas cartas de seu amante e criou Lúcia, a filha do Major, que as visões da Bagagem levaram de roldão à miséria. E logo, no rosto de bronze e no coração cheio de histórias heróicas do garimpeiro, nos seus olhos perdidos de lendas, nos seus

Numa grupiara perdida de Joaquim Antônio, em **Estréla do Sul**, uma negra escrava, à flor da terra, entre o cascalho bruto e feio, encontrou o que veio dar-lhe o amor e a liberdade: um dos mais belos e valiosos diamantes do mundo, o extraordinário «Estréla do Sul». Note-se no círculo branco o local exato onde foi encontrada a pedra famosa. Pertence, hoje, à esposa de um Marajá da Índia. Nem um marco foi colocado ali. Nosso País não pôde reter a pedra. Não deverá, ao menos, guardar a sua bela história de amor e sacrifício? Esta foto exclusiva da Revista **ALTEROSA**, é uma contribuição para os estudiosos do Estréla do Sul e para seus historiadores.

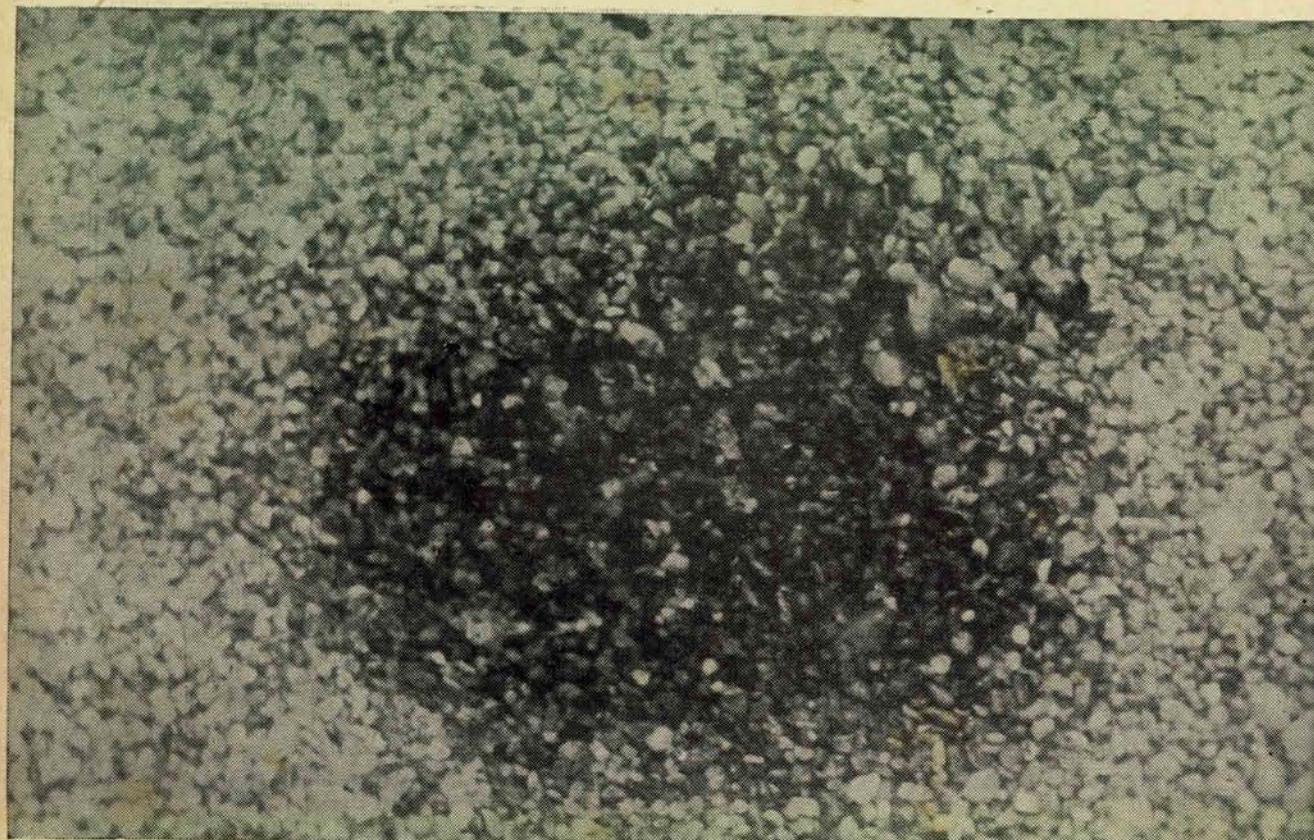


MINHA VIDA



braços de aço, concebeu Elias, o homem perseguido pelo destino. Porque na Bagagem, em cada tapera de barro, em cada rancho de bambu, há uma LÚCIA eternamente triste esperando que brilhe nas mãos de seu amor a estréla de pedra da sua liberdade.





Quando o garimpeiro bate a sua peneira, fica, no centro do cascalho, invariavelmente, uma roda escura. É a chamada «forma do diamante». Só ali é encontrado, nunca na parte clara do cascalho. Na foto, podemos ver nitidamente o círculo escuro, onde, na expectativa da busca poderá ser encontrada a fortuna ou a desilusão.

MINHA VIDA É

Estréla do Sul, com o correr dos anos, desapontou os garimpos organizados. Já agora, os que tocavam «o negócio» não mais contavam com os escravos e pagavam caro a subsistência de seus homens livres. Prejuízos ou o «elas por elas» desanimavam as novas iniciativas. Houve o recuo e principiou o desespéro; houve lágrimas que irromperam como os únicos brilhantes molhados daquele terra seca, surda aos clamores dos garimpos. Eram já os gritos das fortunas que o rio Bagagem esfacelou, dissolveu; era o grito das promessas violadas pelas crateras de terra, pela lama

das valas, pelo cascalho ingrato. Poucos fogos já eclodiam de encontro ao céu azul e bem poucas eram as alegrias. Mas o garimpeiro ficou. Impelido por uma voz misteriosa que o chama, até hoje, das entranhas da terra da Bagagem, como um grito de dor daquele ventre morto, incapaz de gerar mais estrélas de pedra, ou como um clamor moribundo de um solo que está chamando algum garimpeiro para ofertar-lhe a última estréla. E o garimpeiro ouve. Com a testa inundada pelo suor frio das febres, com os calos enormes nas mãos de ferro, ele cava. Indiferente à chuva ou ao

sol, aos desmoronamentos, à vida ou à morte.

Estréla do Sul encruou, criou bolor e adormeceu naquele sono entorpecente das cidades mortas. Seus garimpeiros pareciam entrar para dentro da terra nos grandes buracos cavados e ouvia-se, ao passar naquelas ruas vazias, naquelas estradas silenciosas, o barulho das ferramentas invisíveis, como ruidos espirituais de uma cidade fantasma.

A história de uma vila de garimpeiros a quem o DESTINO deu fôrças para fazer um IMPÉRIO e não deu sequer as energias necessárias para que ela se im-



O garimpeiro, após bater a peneira passa sobre o cascalho a rústica espátula. Seus olhos estão toldados pelo sol abrasador, pelo cansaço, mas a idéia fixa de um sonho fá-lo continuar e, por nada dêste mundo, deixaria de ver neste cascalho o menor diamante do mundo. Até «cego» o garimpeiro «vê» o diamante de sua liberdade.

O GARIMPO

pusesse como cidade. Em suas vielas amargas e pedregosas as histórias tristes do garimpeiro parecem sair das janelas arrebentadas das suas casas velhas.

* * *

— A senhora sabe de alguma história triste de garimpeiro para contarmos nesta reportagem? — perguntamos a uma velha de quase cem anos.

— Tôda história de garimpeiro é triste, meu filho... Está vendo lá, aquêle? É o Euzébio da Cruz, bom homem, pobrezinho, veja o seu estado!

Olhamos para onde nos apontava e vimos um homem caido

junto a sarjeta suja e abandonada.

— Aconteceu o quê com êle?

— Mordido, meu filho, mordido pela cobra de vidro.

— E o que é a COBRA DE VIDRO, mulher?

— Garrafa de cachaça — desabafou a macróbia, voltando logo para o seu tugúrio.

Hoje, Estréla do Sul, tendo à frente de sua administração um homem saído do povo, benquisto por todos, trabalhador, principia a sua construção definitiva. Onde Sebastião Paes de Almeida (sim, o atual presidente do Banco do Brasil) nasceu, surgiu, doado por êle, um moderno hospital. De no-

ta também são as construções da agência do B. B. (já terminada), do cinema moderno e do «Praia Clube» (que já ganhou uma lancha de um candidato ao governo de Minas). Com um hotel muito bom e uma inesgotável tradição histórica, é Estréla do Sul centro eterno e constante de estudos e de visitas turísticas.

Mas é o garimpeiro, imortalizado naquelas ruas por Bernardo Guimarães, quem criou, deu vida à Bagagem lendária. Mais que vida, deu HISTÓRIA, a história do solitário e magnífico «ESTRÉLA DO SUL», terceiro diamante em beleza do Mundo!

BAILE DE FORMA

DONA Sara olha-se no espelho da penteadeira. Seu rosto é flácido de bochechas caídas, seus cabelos são grisalhos, sua pele apresenta manchas escuras. Dizem que é de velhice. Velha mesmo. Gorduras moles nos braços, na perna, na barriga, que cai em dobras. Mas nunca, nem mesmo nos dias de mocidade, tão feliz como hoje. Sua vontade é cantar, dançar por entre os móveis do quarto.

Dez horas no despertador por cima da cômoda. Pode ouvir os passos irrequietos do marido pela sala. Nervoso, coitado. Já a chamou umas duas vezes, pedindo-lhe que se apressasse. Não sabe por quê. Se o Miguel ainda está fazendo a barba no banheiro...

Hoje, levantou muito cedo. Não aguentava ficar na cama. De que jeito? Revirando que nem doida? Só se fôsse para brigar de vez com seu Néder. Ele já resmungara:

— Que diabo! Não pára de mexer...

Nunca pincho ficou de pé. Há muitos anos não se levantava tão depressa. Para lavar o rosto teve que acender a luz. Um escuro... Abriu a porta da cozinha. Ainda havia estrélas no céu. Mas que importava! Melhor mesmo que o dia fôsse bem comprido, para mais tarde ter muitas coisas a contar. Como nos contos de fadas, começaria a história para os netinhos:

— Foi há muitos e muitos anos, no dia da formatura de Miguel...

Marcara hora no cabeleireiro e também na manicura. Queria ir bem bonita. Para isto juntara dinheiro desde o princípio do ano. Cada mês uma economiazinha. Não. O filho não haveria de envergonhar-se dela!

Pela manhã houve missa. Uma lindeza! O côro cantava que até

parecia música do céu. E na saída houve apertos de mãos, abraços de parabéns. Ela ficava emocionada, quando o seu menino era cumprimentado. Menino mesmo. Pena que não coubesse mais no seu colo, para que ela pudesse dizer, a segurá-lo bem alto, para que todos o vissem:

— Pois não é mesmo inteligente? Já formado em medicina! E é meu filho...

Na cerimônia de entrega dos diplomas, cansou-se um pouco. Aquela multidão de gente a falar e a gesticular. Seus pés já muito acostumados ao uso dos chinelo, mal suportavam o aperto dos sapatos. Tirou-os um pouco. Que alívio! Depois enfiou só a pontinha dos dedos, para não correr o risco de adquirir uma bôlha-dágua no calcanhar.

O marido estava engracado no seu terno novo: o pescoço muito téso no colarinho duro, os cabelos — ah! rebeldes! — não obedeceram muito ao pente e formavam redemoinhos. Dona Sara teve que catucá-lo de leve, pois ele passou por ligeira modorra:

— Vamos, não durma. O menino já vai receber o diploma.

E os dois, coração na garganta, cravaram os olhos no palco.

— Dr. Miguel Néder — leu o paraninfo da turma.

Era ele. Um minuto apenas no palco iluminado. Um fotógrafo tomado posição. Uma piscada de luz. Um abraço e um aperto de mão. Pronto. Doutor diplomado! Dona Sara tirou um lençol branco da bolsa, com os dedos duros, completamente sem tanto por causa das luvas, e limpou uma lágrima. Seu Néder assouesse ruidosamente.

Naquele instante ela sentiu-se redimida de todos os vexames sofridos. Quantas vezes por trás do balcão, o rosto afoguado, um tra-

vo de humilhação na garganta, ouvira com um sorriso nos lábios:

— Cambada de turcos! Vem aqui pro Brasil só pra roubar da gente...

E precisava calar. Sorrir até. Senão acabava a freguesia.

O dinheiro contado, um chinelo de três em três meses. Do mais ordinário. E o menino crescendo, o menino estudando, o menino formando. Só chorando mesmo. Ah! mundo doido. Quando se sente vontade de chorar, ri-se; quando o momento é de riso, de alegria, uma lágrima quente e abençoada escorre pela face.

Dez e cinco no relógio por cima da cômoda. O marido a caminhar inquieto pela sala, o filho a fazer barba...

Olha-se mais detidamente no espelho grande do guarda-roupa. O que não daria para ser um nadinha mais magra... Por que só agora pensava nisto? Talvez excesso de felicidade. Tinha até medo. Por um ano inteiro antecagara o momento do baile. A valsa... Havia de ser muito leve nos braços de seu menino. Nem por sombras queria ser-lhe pesada. Mal tocaria o chão. Dançaria muito de leve mesmo.

— Sara!

— Já vou — grita para o marido, a esperá-la à porta da rua.

— Anda, criatura! Já tá na hora...

É só uma olhadinha mais. Precisa guardar tóda a felicidade do momento. Dá um risinho nervoso para o seu rosto refletido no espelho, para seus olhos que brilham como os de uma donzela.

— Depressa, mamãe. O carro já está aí.

Agora é o seu menino. Como está bem-apessoado, um rapagão. Breve se casará e haverá de deixá-la. Mas que fazer? Isto é

TURA

A valsa, a valsa, a valsa, parece-lhe que gritam o vento, as estrélas, o sinal vermelho, virando sinal verde.

Conto de
M. L. Abreu de Oliveira
Ilust. de Jarbas

assim mesmo. Namora uma boa moça. Dizem. Só a conhece de vista. Talvez até fique noivo dela.

O automóvel correndo pelo asfalto, parando maciamente ante o sinal vermelho. Dona Sara com um friozinho no estômago. A valsa, a valsa, a valsa, parece-lhe que gritam o vento, as estrélas, o sinal vermelho, virando sinal verde.

Desce lèpida à porta do clube, amparada pelo braço do filho. O marido um pouco bisonho, no meio de tanta gente grã-fina, sem saber que uso fazer das mãos. Se ao menos fumasse... Dona Sara



VIDA DIFÍCIL? POR QUÊ?



MELHOR do que reclamar contra as dificuldades da vida, melhor do que perder tempo em queixas que nada resolvem é dar um jeito de enfrentar as coisas com ânimo forte, tirando partido de todas as oportunidades de ganhar melhor — e de viver melhor! Se é este o seu caso, se você dispõe de algumas horas de folga durante o dia e à noite também, aproveite esta oportunidade excepcional e inscreva-se em nosso Departamento de Assinaturas de ALTEROSA. Colocando, assinaturas no seu círculo de relações, você poderá fazer um outro ordenado, além de realizar um trabalho útil e meritório.

Para viver melhor
— ganhando mais —
aproveite suas horas vagas,
colocando assinaturas de

ALTEROSA

a revista que todos desejam.

Dirija-se hoje mesmo à Soc. Editora ALTEROSA Ltda., Caixa Postal 279, Belo Horizonte (MG), indicando seu nome e endereço completos, profissão, estado civil, grau de instrução e fontes de referências idôneas — comerciantes, industriais ou bancos de sua cidade — com as quais não tenha relações de parentesco.

feliz, a sorrir, sem ver ninguém, pensando só na valsa. Parece que agüentou tudo para dançá-la com o filho. Se tocassem o «Danúbio Azul»... Haveria de ser tão leve como uma pluma.

O filho puxando-a suavemente pelo braço, apresentando-lhe a namorada.

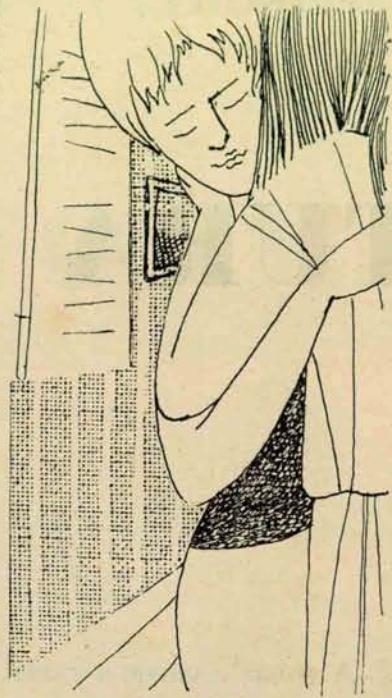
— Mamãe, esta é a Márcia... Dona Sara sorri, abraça-a eufórica, convida-a para sentar-se perto dela.

Até nisto o menino tivera gosto. Boa menina e bonita. Carinha de criança. Magrinha. Cintura estrangulada que nem de vespa. Um amor!

Músicas ora dolentes, ora saltitantes. Leques. Rendas. Até peles. Com esse calor... Dona Sara acompanhando, com olhos brilhantes, os pares deslizando pelo piso encerado. O tempo correndo.

Agora um pequeno intervalo. Meia noite no relógio de ponteiros verdes de Miguel. Silêncio, carregado de eletricidade. Os músicos empunham os instrumentos. E começa a melodia, a princípio docemente, e vai subindo, subindo, enchendo o salão. Dona Sara sente uma tontura gostosa. Ergue os olhos para o filho, que se está levantando. Precisa de auxílio. Tão gorda e com aquele aperto... E então vê Miguel a segurar as mãos de Márcia, a caminhar com ela para a valsa...

A cabeça de Dona Sara parece crescer muito, como se fosse rebentar. Depois aquela suor frio.



Que vontade de voltar para casa, de dormir muito, se possível, por toda a eternidade.

— Meu Deus! Que música mais triste — diz tão baixinho que seus lábios mal se movem.

Os sons majestosos da valsa invadem o salão, fogem pelas janelas escancaradas e vão morrer muito longe, num ponto qualquer perdido na noite.

☆ ☆ ☆

O EX-ENGRAXATE

Nasceu um novo ofício: um engraxate londrino, tendo verificado que seu trabalho não lhe trazia riqueza, decidiu modernizar-se e organizou um rápido serviço para dar lustro às unhas. Os cavalheiros se detêm durante um momento em sua cadeira, escolhem as cores do esmalte e, em poucos minutos, podem prosseguir seus caminhos com mãos e pés brilhando.

☆ ☆ ☆

REVISTA DE IDENTIFICAÇÃO

Está sendo distribuída agora mais uma edição, número 32, da Revista de Identificação e Ciências Conexas, relativa ao segundo semestre de 1960.

O prestigioso órgão técnico, brilhantemente dirigido pelo sr. Raul Pedreira Passos, chefe do Gabinete de Identificação da Polícia Civil de Minas Gerais, está apresentando, como sempre, magnífica colaboração de nomes os mais consagrados na sua especialização, entre os quais, Raul Pedreira Passos, Marcos de Almeida, Nelson Hungria, padre dr. Emílio Silva, Roberto Lyra, Gilberto Pôrto e Shinnosuke Yasoshima.

VIDA DIFÍCIL? POR QUÊ?



MELHOR do que reclamar contra as dificuldades da vida, melhor do que perder tempo em queixas que nada resolvem é dar um jeito de enfrentar as coisas com ânimo forte, tirando partido de todas as oportunidades de ganhar melhor — e de viver melhor! Se é este o seu caso, se você dispõe de algumas horas de folga durante o dia e à noite também, aproveite esta oportunidade excepcional e inscreva-se em nosso Departamento de Assinaturas de ALTEROSA. Colocando, assinaturas no seu círculo de relações, você poderá fazer um outro ordenado, além de realizar um trabalho útil e meritório.

Para viver melhor
— ganhando mais —
aproveite suas horas vagas,
colocando assinaturas de

ALTEROSA

a revista que todos desejam.

Dirija-se hoje mesmo à Soc. Editora ALTEROSA Ltda., Caixa Postal 279, Belo Horizonte (MG), indicando seu nome e endereço completos, profissão, estado civil, grau de instrução e fontes de referências idôneas — comerciantes, industriais ou bancos de sua cidade — com as quais não tenha relações de parentesco.

feliz, a sorrir, sem ver ninguém, pensando só na valsa. Parece que agüentou tudo para dançá-la com o filho. Se tocassem o «Danúbio Azul»... Haveria de ser tão leve como uma pluma.

O filho puxando-a suavemente pelo braço, apresentando-lhe a namorada.

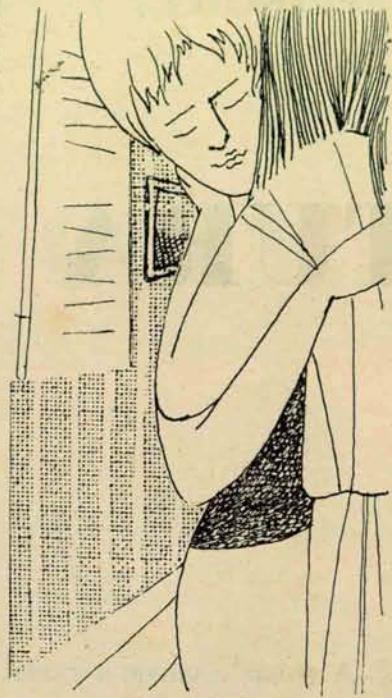
— Mamãe, esta é a Márcia... Dona Sara sorri, abraça-a eufórica, convida-a para sentar-se perto dela.

Até nisto o menino tivera gosto. Boa menina e bonita. Carinha de criança. Magrinha. Cintura estrangulada que nem de vespa. Um amor!

Músicas ora dolentes, ora saltitantes. Leques. Rendas. Até peles. Com esse calor... Dona Sara acompanhando, com olhos brilhantes, os pares deslizando pelo piso encerado. O tempo correndo.

Agora um pequeno intervalo. Meia noite no relógio de ponteiros verdes de Miguel. Silêncio, carregado de eletricidade. Os músicos empunham os instrumentos. E começa a melodia, a princípio docemente, e vai subindo, subindo, enchendo o salão. Dona Sara sente uma tontura gostosa. Ergue os olhos para o filho, que se está levantando. Precisa de auxílio. Tão gorda e com aquele aperto... E então vê Miguel a seguir as mãos de Márcia, a caminhar com ela para a valsa...

A cabeça de Dona Sara parece crescer muito, como se fosse rebentar. Depois aquela suor frio.



Que vontade de voltar para casa, de dormir muito, se possível, por toda a eternidade.

— Meu Deus! Que música mais triste — diz tão baixinho que seus lábios mal se movem.

Os sons majestosos da valsa invadem o salão, fogem pelas janelas escancaradas e vão morrer muito longe, num ponto qualquer perdido na noite.

☆ ☆ ☆

O EX-ENGRAXATE

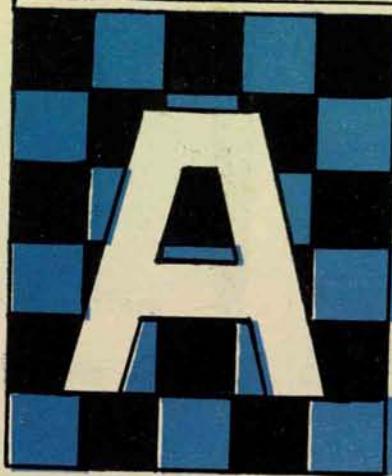
Nasceu um novo ofício: um engraxate londrino, tendo verificado que seu trabalho não lhe trazia riqueza, decidiu modernizar-se e organizou um rápido serviço para dar lustro às unhas. Os cavalheiros se detêm durante um momento em sua cadeira, escolhem as cores do esmalte e, em poucos minutos, podem prosseguir seus caminhos com mãos e pés brilhando.

☆ ☆ ☆

REVISTA DE IDENTIFICAÇÃO

Está sendo distribuída agora mais uma edição, número 32, da Revista de Identificação e Ciências Conexas, relativa ao segundo semestre de 1960.

O prestigioso órgão técnico, brilhantemente dirigido pelo sr. Raul Pedreira Passos, chefe do Gabinete de Identificação da Polícia Civil de Minas Gerais, está apresentando, como sempre, magnífica colaboração de nomes os mais consagrados na sua especialização, entre os quais, Raul Pedreira Passos, Marcos de Almeida, Nelson Hungria, padre dr. Emílio Silva, Roberto Lyra, Gilberto Pôrto e Shinnosuke Yasoshima.



CORRIDA MAIS ABSURDA

ESPUMANDO de raiva, o ministro francês pulou da cadeira durante tempestuoso debate na Assembléia.

— Desta vez vocês foram muito longe — trovejou — contra a

oposição. — O povo francês se revoltará!

Gentilmente, um colega fê-lo assentar-se de novo.

— Não há razão para se preocupar — assegurou ao enraivecido ministro. — Em três dias, co-

meça a «Tour de France». Francês nenhum vai-se revoltar agora. Pode atrapalhar a corrida...

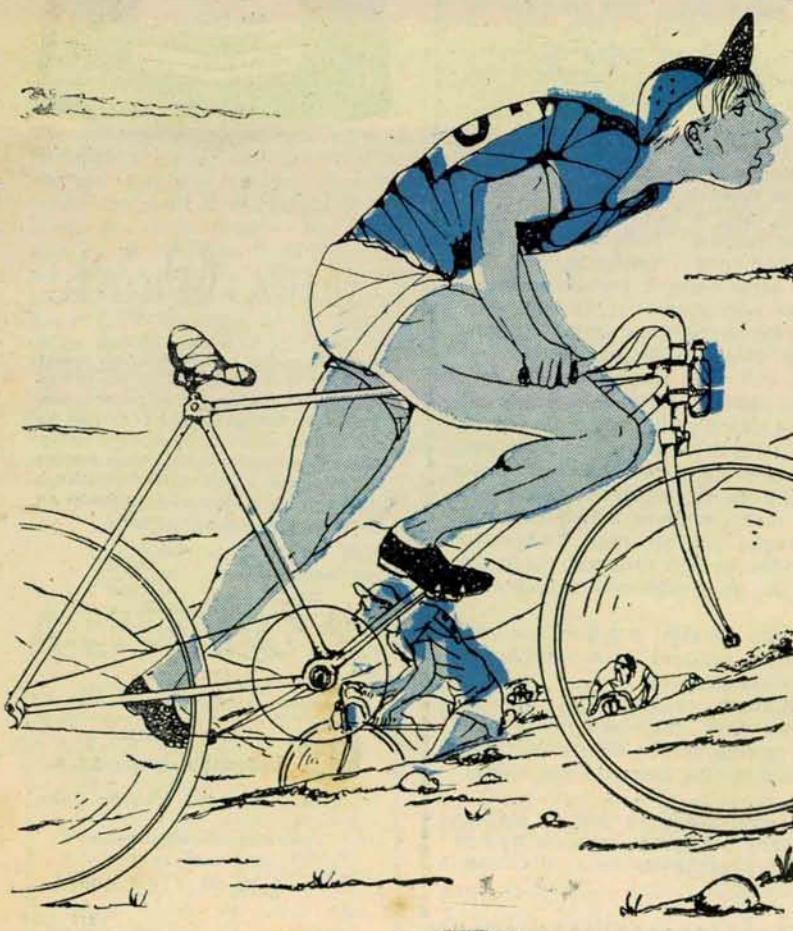
Essa anedota pode ser apócrifa. Mas indica, certamente, a estima apaixonada que os franceses têm por sua corrida de bicicletas, conhecida como a **Volta da França** — a mais rica, mais cruel, mais cômica e mais heróica, a mais engraçada e a mais perigosa do mundo. E também a mais longa.

Para se ter uma idéia do terreno e da distância coberta, imagine-se uma rota descendo de Belo Horizonte pela Mantiqueira, entrando no Estado de São Paulo, subindo pelo Mato Grosso, e voltando a Belo Horizonte através do Estado de Goiás.

Este ano, a volta, que dura vinte e quatro dias (inclusive dois dias de descanso apenas), começou em Mulhouse, perto da fronteira alemã, no dia 25 de junho. Quando terminou, no dia 18 de julho, em Paris, os corredores haviam coberto 4.321 km, escalado mais de vinte passagens de montanhas (nos Pireneus e nos Alpes), pernoitado em vinte e duas cidades, recebido cerca de 18 milhões de cruzeiros em prêmios e deixado a estrada entulhada de bicicletas e homens amassados.

Para aqueles que correm nela, a Volta é comumente uma tortura implacável, durante vinte e dois dias. Cada ano, aproximadamente 120 jovens soberbamente preparados disparam da linha de saída. Em 1957, 64 não chegaram ao fim. No ano de 1958, sómente 42 caíram fora, o que significava que a Volta tinha sido fácil demais. Foi endurecida consideravelmente a partir de 1959.

E' intenso o interesse pela Volta da França, em toda a Europa.



A VOLTA DA FRANÇA é, na sua tragi-comicidade, o espetáculo anual que faz o país parar...

Quando os corredores passam como um raio através de uma cidade, todas as atividades são interrompidas. As estradas são bloqueadas, as lojas se fecham, e todos os residentes se reunem para aplaudir os corredores, vestidos em cores vivas, seguidos por 1.000 homens, em 350 veículos (250 carros, caminhões e ambulâncias, 100 motocicletas), da comitiva de repórteres, funcionários, massagistas, médicos e técnicos. Essa caravana se espalha por uns 5 km, ao longo da estrada, e estima-se que mais de 12.000.000 de pessoas, contidas por 13.000 policiais, observam-na passar.

A Volta não se preocupa com as formalidades, nas várias fronteiras que tem de cruzar. Os homens da alfândega simplesmente erguem as barreiras e a Volta continua a todo pano, sem exceção, passando toda a comitiva e — quem sabe? — um ou dois contrabandistas.

A Volta da França nasceu em 1903, como uma promoção para elevar a tiragem de um jornal esportivo chamado *L'Auto*. Um limpa-chaminés, Maurice Garin, ganhou a primeira Volta, de apenas 2.400 km, em 94 horas e 33 minutos de pedalagem furiosa.

A França ficou imediatamente apaixonada pela corrida. Mas, no verão seguinte, esse amor se tornou egoísta, partidarista e fanático. Onde quer que Garin estivesse pedalando, estava competindo contra algum favorito local, cujos seguidores espalhavam taquinhos no seu caminho. Uma vez, 100 homens tocaram-no, bateram nêle com cacêtes e quase o mataram.

Os quatro primeiros corredores a cruzar a linha de chegada foram desqualificados por várias «ir-

regularidades», e Henri Desgrange, redator de *L'Auto* (agora chamado *L'Équipe*) e fundador da Volta via, com lágrimas, o seu sonho destruído.

— Não haverá nunca mais outra Volta da França, chorava Desgrange.

Mas houve. A de 1959 foi a 46ª. Sobreviveu a duas guerras mundiais, à ocupação alemã e à Terceira e à Quarta Repúblicas.

De muitos modos, a Volta se assemelha à guerra. Seus problemas táticos são incrivelmente complicados. Em primeiro lugar, deve ser traçada a rota, o que não é tão fácil como parece. Para começar, uma cidade tem de pagar cerca de um milhão e quinhentos mil cruzeiros pelo privilégio de ser selecionada como uma escala da Volta; deve fornecer mais de 1.000 camas e prometer a cooperação de todas as autoridades municipais. A rota é mu-

dada todo ano, em parte para conservar a Volta de âmbito verdadeiramente nacional, em parte para satisfazer aos clamorosos pedidos de novas cidades; em parte, para punir as cidades cujos padrões de cooperação não chegaram ao que a Volta espera.

A rota a ser seguida, na segunda quinzena de junho, é planejada já em fevereiro. A Volta chegará a um lugar assim-e-assim às 10h01 da manhã. O tamanho da multidão esperada é estimado, assim como o número de policiais e barricadas necessários para contê-la; e também a quantidade de alimento que a Volta e sua comitiva comerá em cada escala, o número de toalhas necessárias, a quantidade de gasolina que os veículos da Volta precisarão e a localização das cabinas de telefone, para a imprensa.

Ao todo, a Volta custa cerca de 75 milhões, que são, em par-



te, pagos por patrocinadores comerciais (por exemplo, o «Saint Raphael Quinquina Vermouth») recompensa os homens mais velozes em certas passagens de montanha com três milhões; em parte pelas taxas das cidades-escalas; e em parte, por L'Équipe, que absorve qualquer «déficit» em que a Volta incorra, usualmente de uns três milhões.

No momento em que a Volta começa a se movimentar, está organizada como um exército. Cada uma das equipes — geralmente composta de mais ou menos doze — tem três carros, um caminhão, três treinadores e três mecânicos. Não há espaço para as mulheres dos corredores, que têm de assistir a corrida pela televisão.

Em média, os corredores pedalam mais de seis horas por dia — sem parar um minuto. Tiram frutas e sanduíches de sacolas colocadas no ombro ou de mulheres que se postam à margem da estrada para admirá-los. A velocidade média da Volta é de 40 quilômetros por hora, mas, às vezes, dispara em encostas de montanhas a 100. As bicicletas de alumínio pesam apenas 2,5 kg cada uma e têm pneus da largura de um polegar de homem. A tão alta velocidade, uma quebra na pavimentação, um trecho de areia ou óleo, uma volta muito fechada, podem significar desastre. Houve poucos acidentes fatais até o presente, possivelmente porque os homens ficam tão cansados que, quando uma trombada é inevitável tendem a relaxar e rolar com o choque.

Pelo fim da corrida, a maioria dos corredores está sofrendo intensamente — não de fadiga geral, mas também de cólicas e feridas provocadas pelo selim. As últimas, uma fatalidade profissional dos corredores de bicicleta,

transformam-se em bôlhas feias e, em seguida, em carbúnculos. O assento de um corredor de bicicleta é duro e estreito. Uma almofada, popular anos atrás, era um bife grosso, colocado no assento. Mas não é mais usado. A penicilina e outras drogas maravilhosas estão à mão, no ambulatório volante que acompanha a Volta.

Alguns dos corredores tomam drogas durante a Volta, tanto para amortecer a dor de seus corpos torturados como para estimulá-los para a próxima escalada estoura-pulmões. Mas uma dose excessiva nunca é dada como a razão por que fulano abandonou a corrida. O eufemismo da Volta

♦♦♦
Os males da democracia só podem ser curados quando se aplicar a própria democracia, em proporções maiores. — Alfred E. Smith.

é a «perturbação gástrica», que derruba meia dúzia de homens por ano.

A história da Volta está pontilhada de atos de sabotagem. Em 1914, Paul Duboc estava na frente, a uma distância bem grande. De manhã, montou em sua bicicleta e disparou, sem perceber que estava serrada quase em duas por uma lâmina tão fina que o dano era quase imperceptível a olho nu. Um pouco mais adiante, Duboc virou rapidamente, a uma velocidade de 40 km por hora. A bicicleta quebrou-se ao meio. Duboc foi projetado por cima dos guidões em uma vala. Poucos anos mais tarde, a mesma coisa aconteceu com um basco chamado Fontaine. Desde então, todos

os corredores examinam minuciosamente suas bicicletas, cada manhã.

Em 1950, para desânimo dos fãs franceses, a equipe italiana, capitaneada por um corredor chamado Bartali, tomou a liderança e se manteve nela teimosamente. Quando os ciclistas italianos rodavam através de Bordeaux, tiveram de passar por um grupo de franceses que os apupavam e, mais tarde, quando cruzavam os Pireneus, Bartali foi derrubado de sua bicicleta por um espectador, enquanto seus companheiros eram submetidos a uma saraivada de pedras e tomates podres. Um poucas milhas mais adiante, quase que Bartali foi empurrado despenhadeiro abaixo, por um carro. Enfurecidos, os italianos retiraram-se da corrida e, significativamente, a Volta evitou a Itália no ano seguinte — aparentemente temendo a retribuição das mãos dos fãs italianos.

A sabotagem continua até hoje em dia. O vencedor de 1958, Charles Gaul, do Luxemburgo, montou em sua bicicleta uma certa manhã, desceu em seguida ao sentir que a máquina estava fraca. Examinando-a, descobriu que todos os parafusos tinham sido desaparecidos.

Ao ganhar, no ano atrasado, a participação de Gaul na bolsa da corrida aproximou-se de 750 mil cruzeiros. Mas isto era apenas parte dos seus troféus. Tornara-se, aos 26 anos, a maior atração do ciclismo. Os fabricantes lutavam para que ele fizesse propaganda de seus produtos; corridas menores ofereciam-lhe uma grande percentagem da receita, se corresse contra um campeão local. Como os nossos grandes jogadores de futebol, os corredores de bicicleta são celebridades na França. Um dos ciclistas mais conhe-

☆ ☆ ☆

PICADEIRO

Aos que conhecem o novo chefe do Governo Mineiro, não terá, por certo, causado surpresa a política de punhos de renda com que vem pautando a fase inicial de sua administração.

Homem ameno, suave e conciliador — sem prejuízo da prudente energia com que se conduz nos momentos decisivos — o sr. Magalhães Pinto parece inclinar-se por uma política de pacificação das diversas correntes em que se divide a opinião mineira. Por força de seu temperamento e de sua formação, o novo Governador talvez venha a representar um polo de atração para todas as forças políticas de expressão eleitoral dentro de nossas fronteiras.

Têm sido ostensivos os atos de cortesia do novo Governador mineiro para com os seus adversários

— (Continuação da pág. 11)

políticos, especialmente para com os principais líderes do PSD, PR e PTB, que formavam a coligação pró-Tancredo Neves. E as visitas desses líderes ao sr. Magalhães Pinto, em Palácio, são publicadas com fotografias e notas oriundas do Serviço de Imprensa do governo estadual.

Foi revelado pela crônica política um acordo que estaria em vias de ser concluído entre o governador Magalhães Pinto e os chefes dos mencionados partidos, srs. Benedito Valadares, Bernandes Filho e San Tiago Dantas, através de negociações promovidas pelo seu Secretário do Interior, sr. Osvaldo Pierucci. Com este acordo, as bancadas pessedista, republicana e trabalhista, na Assembléia, passariam a dar apoio ao atual Governo do Estado.

(Continua na pág. 84)

cidos é Louison Bobet, um ex-aprendiz de padeiro, que ganhou a Volta três vezes. Agora abastado, segundo os padrões franceses, Bobet voa em seu próprio avião, vive numa casa luxuosa e tem interesses em vários negócios lucrativos.

Mas, aos 34 anos, a sua carreira está quase terminada. As suas feridas de sela tornaram-se crônicas. Impediram mesmo a sua participação nas Voltas de 56 e 57 e, em 58, sómente umas poucas horas antes da corrida foi que se soube que Bobet iria competir. Competiu, e durante alguns dias, tudo ia bem. Então, as feridas de sela reapareceram. Bobet pedalava agonizado. Terminou em sétimo lugar. E despediu-se, assim, da Volta.

Alguns puristas do ciclismo bradam que a Volta não é, hoje em dia, uma verdadeira corrida individual, mas corrida de equipes, cada uma liderada por um ou dois astros. Se Charles Gaul perdeu a volta de 1956, foi porque as outras equipes amontoaram-se em volta dele, segurando-o, enquanto os seus astros iam em frente. Quando ganhou em 1958, foi em parte porque os seus colegas de equipe lhe passavam uma bicicleta sempre que houvesse qualquer enguiço. Dessa maneira, podia continuar a correr, enquanto os corredores menores (chamados **domestiques** no jargão da Volta) esperavam pelo caminhão de consertos.

Um **domestique** ajuda de muitas maneiras o astro de sua equipe. As vezes a fim de arranjar alimento ou bebidas para ele. Outras vezes alterna como um paravento, permitindo que o astro viaje protegido. Durante uma corrida de seis horas, isto pode significar economia de segundos vitais. As vezes, um adversário dispara sózinho para conquistar o bônus especial para o vencedor da corrida do dia. Se o astro estiver muito cansado para aguentar a disputa, envia um **domestique** em seu lugar. O **domestique** viaja o dia inteiro na cola do adversário e, num esforço final, derrota-o, impedindo assim que o adversário ganhe o bônus.

Tudo isso é parte da tática da Volta, porém, e os fãs verdadeiros não a desejam de outra maneira. A Volta da França são 22 dias de suor, sangue e sofrimento. Os corredores pedalam e pedalam, enquanto a Europa inteira observa. A Volta é uma amante caprichosa, mas os corredores amam-na assim mesmo. — Robert Daley.

Ela pensa que sabe tudo!



CREME DENTAL **COLGATE**

limpa e embeleza os dentes - combate o mau hálito e ajuda a evitar a cárie!

COLGATE é o Creme Dental da mais pura qualidade que existe. Sua espuma ativa e penetrante, destrói as bactérias e ácidos causadores da cárie e do mau hálito. Pelos resultados positivos que oferece para a saúde dos dentes e a higiene da boca, COLGATE é o creme dental preferido por milhões de pessoas no mundo inteiro!





JEAN SIBELIUS

WALTER MACHADO

ESTA' com a razão Ary Vasconcelos ao afirmar que "Sibelius é uma descoberta que todos os que amam a música terminam fazendo, mais cedo ou mais tarde".

Sibelius, o maior gênio sinfônico de todos os tempos, descobri-o, accidentalmente, num feliz acaso, quando a Mesbla, instalada na esquina da Rua da Bahia com Goitacazes, vendia, em liquidação, como refúgio, as suas músicas gravadas em discos importados, rotação 78, séllo vermelho, 12", ao preço dos de 10", populares, nacionais. Naquela ocasião ao adquirir a *Quarta Sinfonia*, longe estava de imaginar o tesouro que comigo levava. Não obstante ser essa a mais transcendental das suas obras, paradoxalmente, foi o meu "Abre-te, Sésamo" para um mundo estranhamente novo, emocionante, rico, grandioso e belo.

Havia, afinal, descoberto Sibelius, o gênio das sinfonias cósmicas.

A sua música profunda, nobre, de beleza estranha, possui uma peculiaridade: não pode ser assimilada logo de início; quanto mais vêzes, porém, a ouvimos, maior o seu poder de fascinação. Se alguém, que ama a boa música, tem a felicidade de descobri-lo, "dêsse momento em diante Sibelius torna-se uma divindade interior e, sempre que ouve uma de suas músicas, é como se estivesse realizando uma misteriosa eucaristia, em que o espírito do Mestre se apresenta em tôda a sua grandiosidade cósmica".

Ao tentar descrever o que significam para mim algumas das suas criações musicais, não existe nisso preocupação ou intenção de evidenciar um especial dom sobre o assunto em tela, inexistente em minha pessoa. Ao contrário, o meu objetivo é tão somente o de demonstrar que a música dêsse genial compositor finlandês, infinitamente grande, substancial, sublime, tem o mágico e o insuperável poder de nos transmitir, direta e espontâneamente, imagens, quadros, cenas, histórias completas em côres tão vivas e nítidas quanto as de um filme colorido que passasse ante nossos olhos, tendo como trilha sonora a obra sibeliana. Somos capazes até mesmo de sentir as mais diferentes sensações: de calor, frio, odor; de ambientes escuros, claros, lúgubres, alegres, estranhos e sobrenaturais; enfim, tudo que é, através da sua música, nos queira transmitir.

A explicação para esse fenômeno talvez esteja na sua peculiar faculdade musical de registrar, através do som, a côr, a imagem, etc. Adolf Paul diz: "Para ele existia uma estranha, misteriosa conexão entre

o som e a côr, entre as percepções mais secretas da vista e do ouvido. Tudo que via, lhe causava uma impressão correspondente no ouvido — cada impressão do som era transferida e fixada como côr na retina da sua vista e daí para a sua memória".

Trata-se, portanto, de fenômeno "sui-generis", difícil, ou talvez, impossível de se repetir em outro gênio da música.

Não podemos negar a necessidade de existir certa afinidade entre o músico e nós, para que o fenômeno seja manifestado. A razão principal, entretanto, reside na sua linguagem musical rica, expressiva e poderosa, detentora de maior força de expressão e de visualização que a escrita e a falada.

A vista disso, o que a seguir passarei a narrar não é obra da minha imaginação, ou fantasia por mim concebida; e nem tão pouco interpretação das suas peças musicais, pois me falta competência para tal: não sou músico e não conheço música. Sou apenas um musicômano, que teve a ventura de descobrir Sibelius e que, para mim, através da sua obra, em ídolo se transformou.

As suas músicas são, de fato, mensagens sonoras televisionadas em nossa mente, de forma direta e espontânea, e com tal riqueza e nitidez de detalhes e côres, que nos assustam, arrebatam, espiritualizam, aperfeiçoam e dignificam. Talvez por isso, tenhamos a estranha sensação de que Sibelius não está em sua música, mas em nós mesmos, a nos comunicar diretamente o que a sua imaginação ilimitada criou. Por essa razão, provavelmente, quando ouvimos as sinfonias, com especialidade a *Sétima*, "somos arrebatados a um mundo novo e sublime, onde cessam as limitações e onde podemos contemplar Deus face a face, como Moisés no alto do Sinai".

Se é procedente ou não o efeito que a sua música nos proporciona, nada posso adiantar, uma vez que Sibelius sempre se recusou a revelar o significado da sua música, ou os temas que lhe serviram de inspiração para o repertório musical. Ele próprio confessa: "My attitude has never been an active one when there was a question of clearing the way for my music. I have always preferred to let my works speak for me".

O certo é que tive a grande alegria de ver confirmados, alguns anos depois, o ambiente estranho, misterioso, sobrenatural de uma densa e escura floresta que percebi em *Tapiola* e, na magnífica *Sétima Sinfonia*, as paisagens sublimes e infinitas do mundo cósmico.

e o seu Mundo Maravilhoso da Música

JEAN SIBELIUS



OUVINDO SIBELIUS

I

The Maiden with the Roses

(De «Swanwhite» Op. 54)

LINDA camponesa, de andar lânguido e despreocupado, cabelos côr de ouro, banhados de luz.

Seu olhar transparente, seu sorriso brejeiro, sua graça feminina transmitem-nos tôda a alegria de uma esplêndida manhã, numa paisagem bucólica.

Tem sôbre os ombros um lindo chale de côres vivas.

Sobraçando um ramalhete de rosas vermelhas, caminha despreocupadamente pela estrada.

Interrompe, por vêzes, o passo e contempla o campo.

A brisa, que lhe acaricia os cabelos, faz ondular levemente a vegetação rasteira, com milhares de flores silvestres e multícores, que se estendem a perder de vista.

Surge ao seu encontro um jovem (assinalado por um acorde diferente na orquestra), entreolham-se, abraçam-se, e juntos caminham, numa cadência idêntica à da música, ao longo da estrada que se perde no horizonte.



II

«Tapiola»

(Poema Sinfônico Op. 112)



AMBIENTE estranho, misterioso, de uma escura e densa floresta. Nela, alguém movimenta-se cautelosamente.

A solidão ambiente envolve-lhe o espírito e os seus lamentos e súplicas aos deuses ecoam pelo espaço.

Ruidos estranhos, gorjeios e bater de asas fazem-se ouvir na imensa e misteriosa floresta.

O momento é de "suspense". O perigo parece espreitá-lo a cada passo.

Caminha vigilante, perscrutando sombras fantasmagóricas que surgem naquele ambiente sombrio e de poder sobrenatural.

Um fortíssimo e surpreendente acorde na orquestra assinala algo terrífico e expressa bem o pânico daquele sér solitário (guerreiro? herói mitológico?).

Estaria ele, frente a frente, com um monstro da floresta ou uma aparição sobrenatural, na forma daquele?

Agora, enfrentam-se numa luta titânica de vida ou de morte... Finda-se a luta.

Ele se ergue e corre atemorizado, numa fuga precipitada. Foge daquele ambiente impressionante e de terror.

Não vai muito além, pois percebe que as forças, aos poucos, vão-lhe faltando.

Por fim, tomba, exausto, com o peito ofegante. Respira com grande dificuldade, num esforço sobre-humano para sobreviver.

Agonizante, imóvel, de olhos parados e voltados para o céu, jaz no solo o corpo do combativo guerreiro.

Ouve-se, ao longe, no vento que sibila pela floresta, o sopro gelado da morte.

Agora, formidável nevasca varre a região.

Seu corpo, aos poucos, vai sendo coberto pela neve, enquanto o espírito revive, no espaço, a sua magna e derradeira façanha.

III

Sinfonia n° VII

(Em Dó maior)

OUVEM-SE os timbales e tôda a orquestra inicia o tema, numa escala ascendente.

Sinto o espírito em elevação. Lentamente, parece desprender-se da matéria, tornar-se mais leve e, gradativamente, atingir as camadas mais elevadas da estratosfera.

Aí, identifica-se com o espaço infinito, com o universo...

As madeiras anunciam uma região estranhamente sublime. O meio-ambiente é puro e de paz celestial. Descortina-se, em volta, o horizonte infinito.

Um majestoso astro passa entre mim e a terra, deixando, em sua trajetória, uma grande órbita lúminosa e desaparece no infinito.

Névoa de vapor condensado desloca-se, vagarosamente, em minha direção e dilui-se ao passar por mim.

Acordes graves descrevem regiões profundas, de um azul intensamente escuro. E' um ponto de referência para a altura incomensurável em que me encontro.

Aves "marinhas" em vôos incertos, descem e sobem no espaço, agitando asas brancas. Em descaídas sucessivas, tocam de leve a superfície do oceano cósmico, erguendo-se novamente no espaço.

Os vôos lentos e sinuosos das aves, em número crescente, são interrompidos; e o bando inicia, bruscamente, uma revoada agitada, rápida.

O que se passa?... Vento?... Tempestade?...

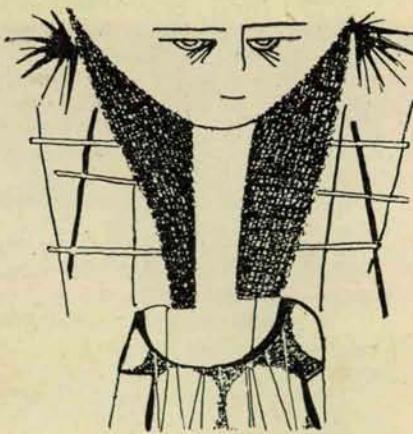
Não, é o Sôpro Divino que impulsiona e faz rolar o globo terrestre no espaço infinito. Percebo a direção de onde ele vem. Não consigo ver o Ente Supremo, mas advinho-o na sua majestosa e ciclopica Figura.

O sol resplandece no infinito e os seus raios de ouro banham o astral. Estrélas de beleza inaudita cintilam no firmamento.

Vem-me à lembrança a criação do mundo pelo Divino Mestre. As trompas ecoam no espaço, anunciando o maravilhoso feito. E' o "Gloria in excelsis Deo" que as trompas anunciam e o eco responde no infinito.

Extasiado com êsse ambiente celestial, divino, quis ter certeza da minha presença. Procurei a mim

ADEL MARINO



“ela”

OENTARDECER embrenhava-se pela noite a dentro, porém, ela continuava de olhos abertos, absorvendo o espetáculo de beleza que, em fases sucessivas, a natureza lhe oferecia.

Sua aparência era agradável, poderíamos dizer que era bonita. Tinha um encanto misterioso que

nos atraía. Ao aproximar-nos dela éramos invadidos por uma paz interior que purificava a alma.

Desfrutei momentos inesquecíveis ao seu lado. Penetrei nos seus pensamentos mais íntimos, ouvindo-a falar sobre sua vida, sobre os que a rodeavam.

Seu nome, confesso que não sei. Ela não traz daquelas pulseirinhas

que servem de identificação. Poderia arranjar qualquer um para me justificar perante vocês, mas detesto falsidades. Ela será apenas «ela».

* * *

Naquela noite, ouvia-se uma suave canção de ninar com que a brisa ligeira embalava os ramos das árvores. Do céu, as estrélas enviavam mensagens num piscapiscá que só os corações enamorados ou a alma dos poetas comprehendem. Vez por outra, uma estrelinha travessa escorregava, suspendingo uma nuvem de poeira prateada e logo depois, assustada, se escondia nas dobras do manto celestial.

Quando ela falou, parecia monologar:

— Despertei com o leiteiroindo de casa em casa deixando garrafas de leite. O padeiro distribuindo pão a seus freguês. Pessoas seguindo para o trabalho. Crianças a caminho da escola. Foi um dia comum, igual a tantos outros, mas, de modo geral, agradável. O velhinho da casa 39 melhorou de seu reumatismo e deu algumas voltas pelo parque ensolarado. Fiquei tão contente que tive vontade de abraçá-lo.

Eu a contemplava calado. Tão simples, tão despretenciosa, desprovida de qualquer vaidade. Se

JEAN SIBELIUS



fôsse rico, colocaria o maior tesouro do mundo a seus pés. Qual, ela não se sentiria bem, ataviada de jóias. Algumas estrelas, as maiores e mais brilhantes, seriam o único adôrno digno dela. Se pudesse consegui-las...

— Tenho uma amiguinha, garota de quatro ou cinco anos, que todas as manhãs se senta numa das calçadas com sua boneca e seu gatinho. Ela me faz lembrar «Alice no País das Maravilhas». Cria um mundo só seu, onde tudo é vida e todos os seres falam. Conversa horas e horas com árvores, flores, casas, animais e brinquedos.

Qual de nós, por mais amadurado que seja, não tem um mundo só seu? pensei. Uma terra encantada, a pátria da esperança, onde tudo se movimenta de acordo com a nossa vontade, onde os sonhos mais impossíveis se transformam em realidade. Ali, somos o Destino e como destino agimos guiando todas as coisas. As vezes, envergonhados, escondemos essa criancice de adulto num porão escuro e empoeirado do coração. De tanto viver na escuridão ela acaba mais cega que uma toupeira. Como um cego conduzindo outro, sonho e esperança despencam-se por abismos desconhecidos.

— E aquêles garotos, prosseguiu ela, brincam o dia inteiro, correndo, pulando, gritando, fazendo toda sorte de estrepólias. Os capetinhos me deixam cansada só em vê-los. Certa vez, brincavam de aventureiros em busca de ouro. Cavaram um buraco enorme. Cada pá de terra que arrancavam dava-me a impressão de estar sendo dissecada.

Lembrei-me da minha infância. Fui como aquêles garotos, talvez pior. Fiquei quieto, ela já sabia das minhas travessuras.

— Como se divertiram esta tarde! Antes da retreta a banda de música passou por aqui. Como num passe de mágica, crianças brotavam de todos os cantos e se juntavam ao grupo que seguia a banda, como se aquêle conjunto de instrumentos emitisse o mesmo som irresistível da flauta misteriosa de Buntig. Até eu me senti tentada a acompanhá-los.

Banda de música, retreta no corrêto do jardim. Velhos, moços e crianças em trajes domingueiros, gozando horas de verdadeiro prazer. Vovô e vovó, enleados pelas valsínhas antigas. Os jovens pelos ritmos mais modernos e nem por isso menos sentimentais. Meninos, em postura garbosa como de seus soldadinhos de chumbo, desfilando ao som das marchas milita-

próprio, mas não me encontrei; quis certificar-me da minha forma, mas, para surpresa minha, não a distingui. Era como se o "ego" perdesse a si mesmo e se identificasse com o universo, fazendo parte integrante desse todo, e quisesse dizer-me: eu não sou eu, sou o universo.

Nuvens brancas rodopiam no espaço em espiras helicoidais impulsionadas pelo vento. Num ritmo leve, etéreo e gracioso de valsa, elas se deslocam no espaço em rodopios sucessivos.

Mantendo o mesmo ritmo, reconheço, no batido acelerado dos timbales, o bater de asas. São as aves que voam, acompanhando o movimento idêntico das nuvens.

Nas cordas, ouço o canto estranho dessas não menos estranhas aves que voam, rodopiam e sobem, também, em espiras helicoidais, uma após outra, cada vez mais próximas de mim, insinuando-me idêntica ascensão.

A orquestra, numa escala ascendente, sugere-me recônditos mais elevados do que aquêle. As trompas revelam a magnificência infinita daquelas regiões inconcebíveis.

Percebo o limiar intransponível, sagrado, que accusam as cordas num acorde brusco e cortante.

Lá no alto, bem no alto do infinito, no inatingível, pressinto o Divino Mestre que agora repousa tranquilamente no tapete cósmico. O solo de flauta confirma esse ambiente celestial e sagrado.

Ouve-se um longo acorde final. Aves alinhadas, lado a lado, de asas abertas e imóveis, deslocam-se no espaço, horizontalmente, deixando atrás um largo e tênue tapete de neblina, para desaparecer no nevoeiro que limita o horizonte infinito.

res. Peculiaridades tão bonitas que as cidadezinhas perdem na ânsia de se transformarem em cidade grande.

— Pena você não ter chegado mais cedo, disse ela, pois teria visto quantos casais de namorados felizes passeavam por aqui. Ternura, carinho, promessas de eterno amor... O tempo passa, mas o amor é sempre o mesmo.

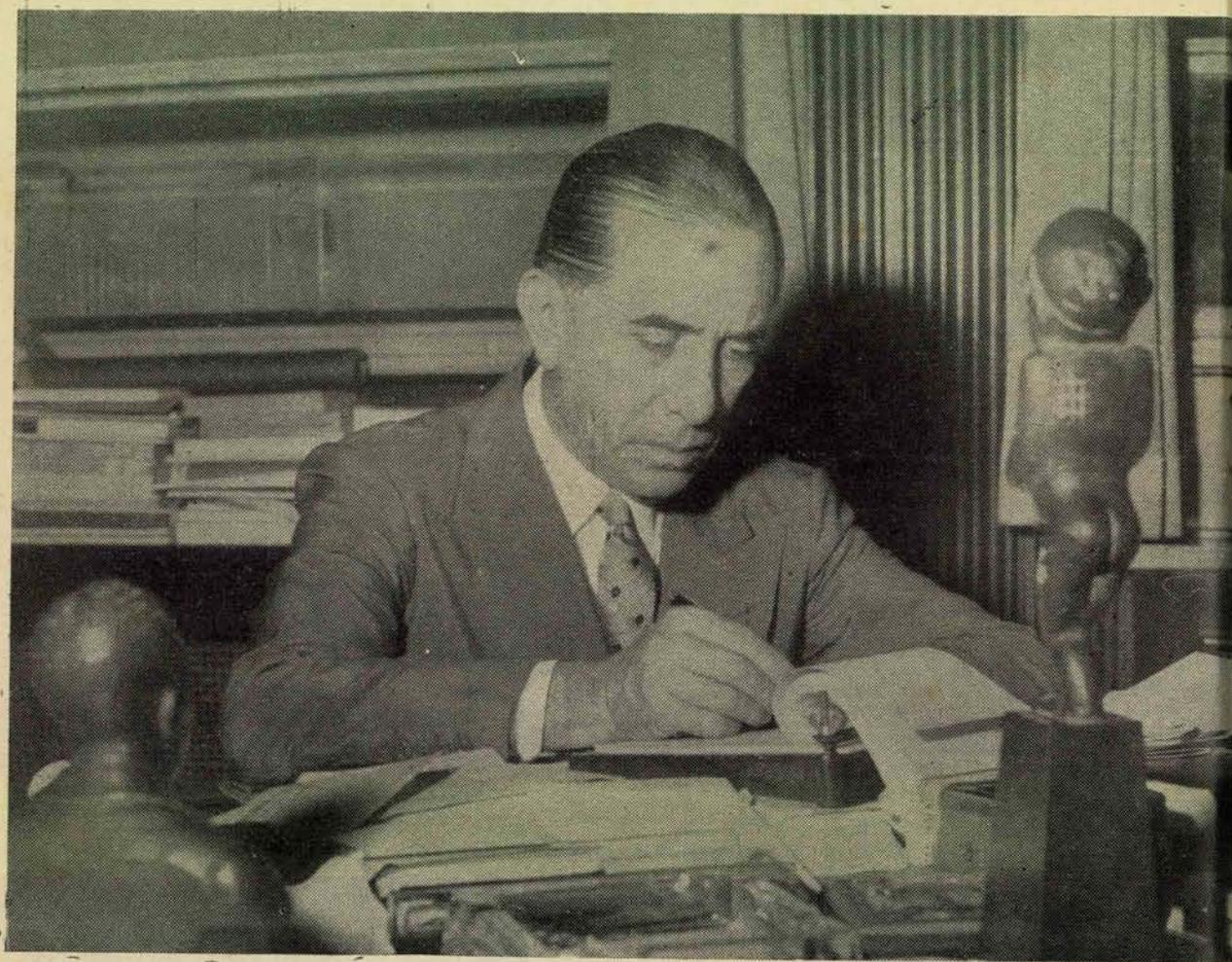
Embora por apenas alguns instantes, ela era sómente minha. Mas foram suficientes para que eu compreendesse o quanto a amava.

— Você comprehende essas coisas melhor do que eu — falou ela, interrompendo meus pensamentos. Passou por essa fase e, embora casado há tantos anos, continua o mesmo jovem enamorado.

Essas palavras quebraram o encantamento. Precisava apressar-me, minha esposa, em casa, esperava-me. Agora, só restava dar-lhe um carinhoso boa noite.

Chova ou faça sol, ela estará sempre no mesmo lugar. Algumas pessoas não lhe prestam atenção, outras olham-na com ternura.

Nesta cidade do interior, «Ela» é a ruazinha calma onde sempre morei e, teria dito tudo isso, se pudesse falar...



A VIDA OBSCURA DOS

À HORA em que escrevo, mais de trezentas pessoas têm os olhos e ouvidos atentos, vendo e escutando, anotando e preparando as notícias que amanhã, ou dentro de alguns dias, figurarão na seção do interior de um jornal paulistano.

Duas páginas ou mais são tomadas, diariamente, para revelar aos leitores o que se passa nas cidades interioranas, seja uma briga na Câmara Municipal, seja a inauguração de um melhoramento público, seja um crime hediondo ou uma «boudade» política ou social...

E, curioso, essas novidades, que deviam, a rigor, interessar únicamente aos habitantes da cidade em que os fatos se deram, são apreciadas pelo grande público, principalmente o das capitais, pelo que encerram de pitoresco, de curioso, de humano, ou pelo que revelam quanto ao crescente progresso das comunidades interioranas.

Viajando pelo Brasil, este repórter, que desde 1947 trabalha para o «Estado», como correspondente em S. José dos Campos, mais de uma vez topou com hoteleiros, motoristas, comerciantes que, sem nunca terem estado naquela cidade da Central, sabiam tudo a respeito dela.

— Como é que o senhor conhece tanta coisa de S. José?

— Ora, sou leitor do «Estado». Não perco uma notícia de lá...

* * *

Uma noite, em Araras, depois de estafante viagem, quando o asfalto do sr. Jânio Quadros ainda não havia chegado por lá, este jornalista procurou abrigo num hotel. Havia dificuldades para obter lugar. Prosa vai, prosa vem, o hospedeiro, quando identificou o viajante, arranjou-lhe acomodação, tratou de recolher seu auto-

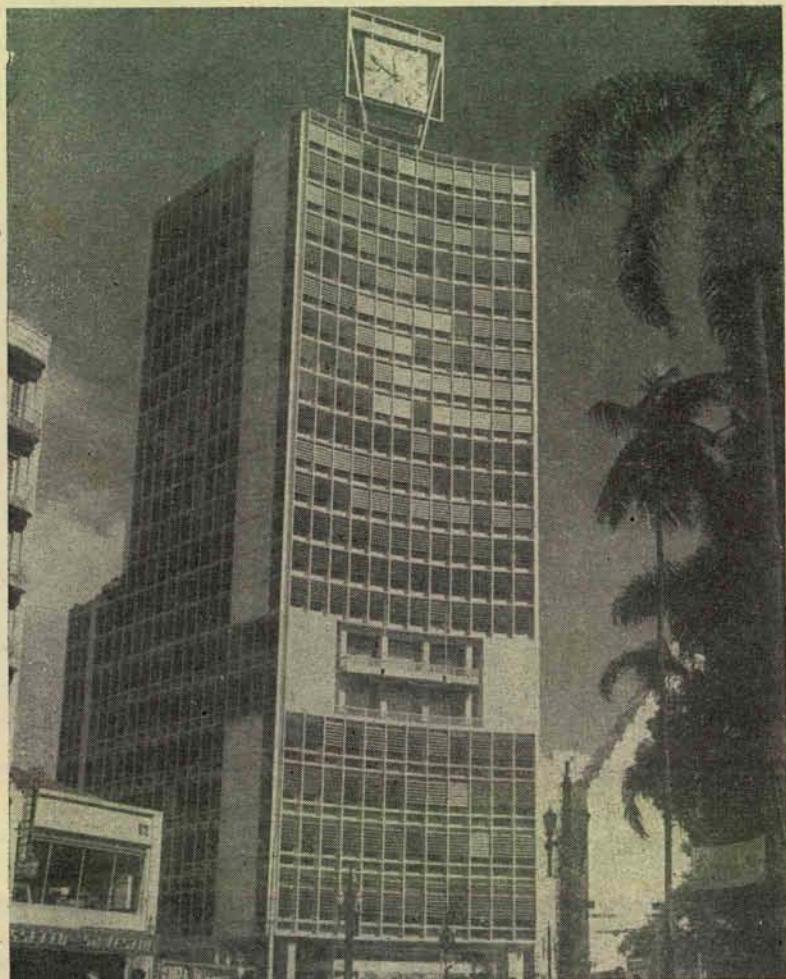
Dr. Júlio de Mesquita Filho, diretor do "Estado de São Paulo", exilado em 1940, quando seu jornal foi ocupado pelas tropas ditatoriais. Regressou ao Brasil 5 anos depois, quando lhe foi devolvido o jornal, novamente transformado numa trincheira em prol da democracia.



Reportagem de ALTINO BONDESAN



O imponente edifício do "Estado", na praça da Biblioteca Municipal, de São Paulo.



CORRESPONDENTES DO INTERIOR

móvel avariado, enfim foi de uma gentileza sem par. E explicou que um correspondente do «seu» jornal merecia todas as honras da casa.

Assim acontecem as coisas. Centenas de vezes tenho encontrado tratamento especial, amabilidades, amizade, até perdão de multas na estrada, quando exibo minha credencial do grande jornal.

* * *

Quanto tempo leva um correspondente para aprender a sua arte? Creio que a vida toda.

O correspondente precisa aprender, à própria custa, o que é e o que não é notícia, o que merece e o que não merece espaço. Precisa estar atento a tudo o que ocorre. Uma conversa de bar pode representar um filão precioso.

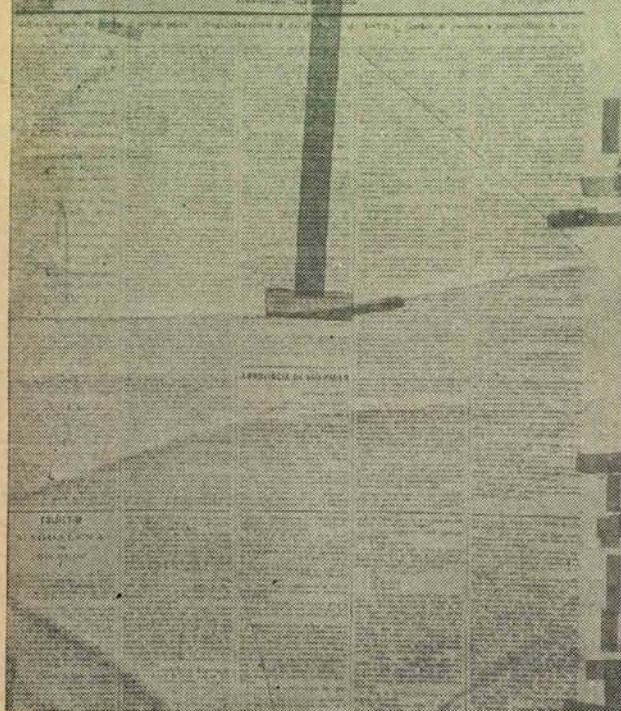
Precisa percorrer sua cidade, diariamente, vigilante, pois pode darse, de um momento para outro, uma fuga de presos, a passagem inesperada do governador, a assinatura de uma lei original, que servirá de modelo a outros municípios, uma greve, uma pancadaria em reunião sindical.

«O Estado» não perdoa ao correspondente relapso. O telefone toca, uma voz nada áspera pergunta se não foi ali, na cidade, que se deu isto ou aquilo. Sim, foi... E a voz do lado de lá: «E'. Vimos na TV» ou «L? nos nos jornais... Só o «Estado» passou em branco... Que pena...»

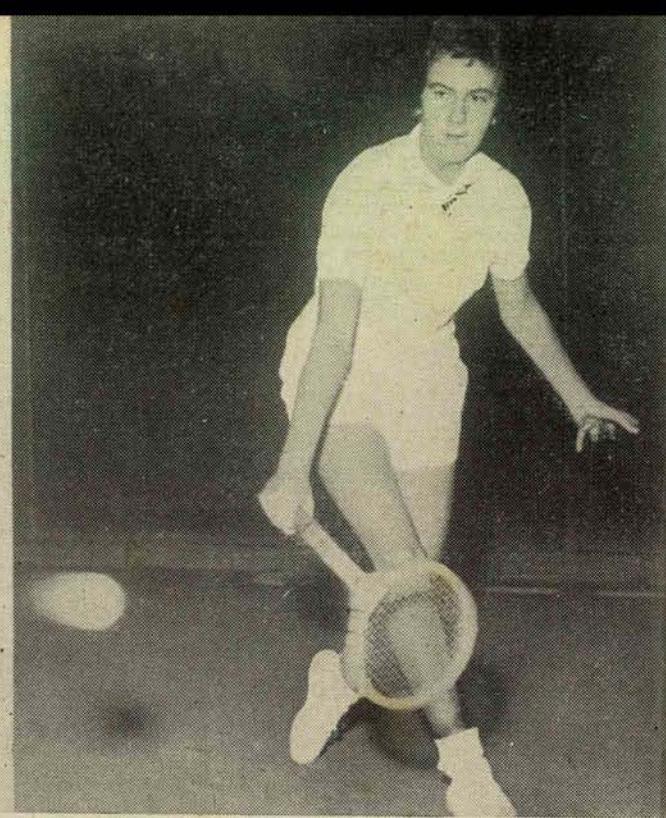
Aprende, então, o correspondente que um «furo» do concorrente é uma desgraça... E trata de nunca mais perder a vez.

Depois de aprender o que é notícia e o que não é, o correspondente precisa aprender a escrever. Isto é, a escrever à moda da casa. O médico só é «doutor» quando no exercício da profissão. E ninguém mais é doutor nesta «doctorilândia» dos ingleses... Nunca se chamará ao referido profissional de «esculápio», «facultativo», «sacerdote da ciência» e outros termos usuais na pequena imprensa do interior. Sim, porque, viciado ao uso da terrinha, o correspondente não pode querer impor tal uso no grande matutino.

Há uma supressão sumária dos qualificativos. O político «nótável», «eminente», «honrado», «dinâmico», «empreendedor», «realizador» — virá a ser apenas político.



Fac-simile do primeiro número da "Província de São Paulo" transformado, com a proclamação da República, em "O Estado de S. Paulo", jornal que participou das campanhas abolicionistas, republicana, civilista, da aliança liberal e pela redemocratização do Brasil. Ruy Barbosa pertenceu à "família" do "Estado", jornal que o apoiou em suas jornadas civilistas. * Maria Ester Bueno, bi-campeã de tênis, glória do esporte patrício, que excursionou vitoriosamente pelos países do mundo, sob o patrocínio do "Estado de São Paulo".



A VIDA OBSCURA...

A notícia terá que obedecer à pirâmide invertida, trazendo o principal no primeiro parágrafo, os pormenores nos parágrafos seguintes. Com a carência de espaço, entretanto, acaba reduzida, quase sempre, a um único período. Por exemplo: «Chegou a esta cidade, sábado à noite, pilotando o helicóptero «Beija-flor», fabricado nas oficinas do CTA, o brigadeiro Casemiro, que reassume suas funções de diretor daquele estabelecimento, após um estágio de duas semanas na América do Norte». E aqui vai o ponto final.

Por via das dúvidas, nos «sociais», os casamentos só são noticiados depois de realizados. Os óbitos vão para a seção de falecimentos, noutra parte do jornal. As notícias mais importantes, de interesse nacional, como encheres, pronunciamentos das autoridades, visitas de personalidades estrangeiras, etc., ganham as honras da última página do jornal.

O noticiário é enviado pelos mais diversos meios de comunicação. A rebelião da Ilha Anchie-

ta foi comunicada por telégrafo, meia hora depois de ocorrida, permitindo ao jornal um «furo» notável... Vá aqui o qualificativo. A morte de Francisco Alves — com pormenores que o único repórter presente conseguiu assinalar — foi dada por telefone, diretamente de Pindamonhangaba. A intentona de Aragarças foi comunicada por meio do rádio-amador. As fotos e o noticiário sobre um coletivo que caiu de vários metros de altura num riacho, na via Dutra, foram enviadas pelo carro de um jornal concorrente, que passava no local por acaso, e cujo motorista ignorava estar levando material para imprensa, pois o correspondente utilizou um amigo para o encaminhamento da correspondência em São Paulo.

Usa-se tudo para remeter notícias. Um conferencista levou os filmes e o resumo de sua conferência, quando regressava, após a sessão solene, rumo à Capital...

O telefone, porém, é o grande mágico. À noite os fios se entre-

laçam, à distância. Pergunta-se em S. José do Rio Preto se já foram identificadas todas as vítimas do ônibus que caiu no rio Turvo; dali se faz comunicação com Iguapé, para conhecer o que realmente houve no canal, quando a balsa virou; e em seguida é chamado Taubaté, para que informe como foi o jogo contra o Corinthians; e vai-se acordar o homem de Presidente Prudente, nos confins da Sorocabana, para que conte se a geada prejudicou os cafés... De Rio Claro, Araraquara, Jundiaí, Ribeirão Preto, Cruzeiro, Bauru, Bragança, Sorocaba, Piracicaba, Votuporanga, Mogi das Cruzes, de toda parte surgem notícias, notícias, notícias. Um imenso aranhol cobre todo o território bandeirante, num serviço talvez único na imprensa brasileira, por sua amplitude, seu interesse humano, seu «sabor» de interior...

Velhos e moços, senhoras e senhoritas, advogados, médicos, estudantes, professores, comercian-

(Continua na pág. 94)

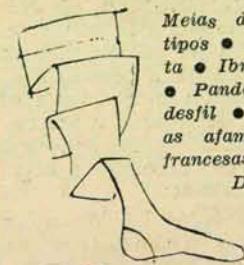
INAUGURADA A PONTE SÔBRE...

Conclusão da pág. 64G

tensão. O chefe é fundador da firma, engenheiro Sérgio Vale Marques de Souza, que tem atuado como técnico em várias comissões de engenheiros, foi um dos responsáveis pelo projeto do Estádio Municipal do Maracanã e conta ainda, entre os seus trabalhos, com vários projetos de edifícios, reservatórios, garagens e oficinas, entre as quais se incluem as da Central do Brasil no Hôrto Florestal, em Belo Horizonte. Tem-se dedicado, também, ao magistério, como livre docente e professor assistente da cadeira de Pontes e

Grandes Estruturas, da Escola Nacional de Engenharia.

«Sérgio Marques de Souza S. A. — Engenharia e Comércio», já projetou e calculou mais de 60 pontes e viadutos, figurando entre as mais bem aparelhadas do País em patrulhas de máquinas para obras de arte e de terraplenagem. Está desempenhando, assim, um papel de relevante importância na expansão da nossa rede rodoviária, que muito deve à sua cooperação técnica e profissional.



Meias de todos os tipos • Meias Viselta • Ibram • Maluf • Pandora • Non-desfil • Kantrum e as famosas meias francesas Cristian Dior.

Mérica
MEIAS

Afonso Pena, 732 — B. Horizonte
Remetemos pelo REEMBÓLSO
POSTAL

NOTA DO GABINETE DO GOVERNADOR DO ESTADO O SENHOR GOVERNADOR,

tendo em vista

- a) que aos encarregados da elaboração dos programas de governo e das normas de sua execução, apesar de esforço, competência e boa vontade, podem escapar minúcias necessárias à obtenção dos resultados objetivados;
- b) que essas deficiências atingem diretamente o povo, sempre que procura ele se valer dos serviços governamentais para solução de seus problemas, e oneram o custo dos programas de governo, impossibilitando novas realizações;
- c) que estando o atual governo empenhado na remodelação dos métodos administrativos, e no firme propósito de oferecer à população do Estado serviços que realmente venham ao encontro de seus anseios,

FAZ SABER :

- 1) que receberá com o máximo interesse toda sugestão partida de qualquer pessoa realmente interessada na melhoria dos serviços públicos do Estado;
- 2) que as sugestões deverão ser apresentadas no Gabinete do Governador ou aos Gabinetes dos Secretários de Estado.

Belo Horizonte, 15-2-61

- a) Paulo Campos Guimarães — Chefe do Gabinete do Governador do Estado.

RECENTEMENTE, em Nova Iorque, um jovem universitário se matou; no Missouri, uma quadrilha de adolescentes cometeu uma série de roubos e aderiu à prostituição; no tronco principal de uma estrada do Sul, um ajudante de caminhão ficou louco de repente e atacou o motorista à faca. Todas essas atividades anti-sociais tiveram uma única causa: o uso excessivo e ilegal de uma droga chamada anfetamina.

Nos Estados Unidos, a anfetamina é uma das drogas mais vendidas. Foi feita estimativa de que mais de seis bilhões de doses comuns são tomadas anualmente no país. Aproximadamente, 150 firmas fabricam compostos de anfetamina em forma de pilulas ou de inaladores nasais. São vendidos sob inúmeras marcas comerciais e são conhecidos por toda a nação. Nos últimos tempos, o abuso de anfetamina tem aumentado tão rapidamente que a polícia, as autoridades federais, médicos, farmacêuticos e o Congresso dos EE.UU. estão seriamente preocupados.

Mas, que são essas drogas? São perigosas, levam a contrair um vício, ou será que têm um lugar legítimo na prática da Medicina?

O primeiro composto de anfetamina foi produzido em 1927 e logo se descobriu que era poderoso estimulante cerebral, e útil para aliviar congestões nasais. O efeito de uma pilula de 10 mg de anfe-

se mais confiantes, esses pacientes respondem mais rapidamente à terapêutica que pode chegar à causa psíquica de sua glutonice.

Os ginecologistas freqüentemente receitam comprimidos de anfetamina para combater a depressão mental que, às vezes, ataca as mulheres, antes ou durante a menstruação ou por ocasião da menopausa. São usados também para combater a letargia e a desesperança, em pessoas idosas. Os hospitais empregam-nos comumente para agir contra efeitos de anestesia e salvar vítimas de doses excessivas de hipnóticos. São usados para tratar o alcoolismo, a epilepsia, a doença de Parkinson e a narcolepsia, um desejo avassalador de dormir. Tomada em doses prescritas, sob a supervisão do médico, a anfetamina se coloca entre as drogas mais seguras. Os seus efeitos paralelos são benignos. O viciamento, no sentido de forte desejo físico formador de hábito causado por narcóticos, não existe, quando há supervisão médica adequada.

Como, então, um remédio tão valioso pode formar uma reputação tão má a ponto de os congressistas pedirem leis, proibindo-o? A razão é que muitos dos bilhões de comprimidos de anfetamina que são engolidos anualmente nos EE.UU. descem pelas gargantas erradas, e muitos inaladores nasais nunca chegam perto de narinas entupidas. Apesar dos esforços do governo e de reputados fabricantes dessa droga,

A terrível ameaça dos estimulantes

Prescritos pelo seu médico, podem ser benéficos. Mas, quando se abusa dêles, podem causar perdas de consciência e delírio — e até levar ao suicídio.

tamina é mais ou menos equivalente a engolir de oito a dez xícaras de café. Enquanto a droga está sendo rapidamente distribuída pelo corpo, constringe os vasos sanguíneos e pode elevar a pressão circulatória. O coração pode começar a bater mais depressa e a tensão muscular aumentar.

Dentro de dez a vinte minutos, o efeito combinado dessas mudanças fisiológicas faz com que a pessoa que ingeriu o comprimido se sinta cada vez mais alerta, com reflexos mais prontos e cheia de energia e confiança em si própria. Torna-a capaz de concentrar-se numa única tarefa durante períodos muito mais longos. A fadiga muscular e cerebral são adiadas e tão bem dissimuladas que a pessoa é capaz de extraordinários esforços físicos e mentais. Experimenta também notável perda de apetite.

A ciência médica descobriu tantos usos para a anfetamina que ela se tornou uma das drogas mais largamente empregadas atualmente. Possui uma miraculosa propriedade de tirar uma pessoa de uma depressão mental perigosa e torná-la otimista e confiante.

— Seria impossível fazer uma estimativa — declara um eminente psiquiatra — de quantos suicídios foram evitados pelo uso adequado de anfetamina.

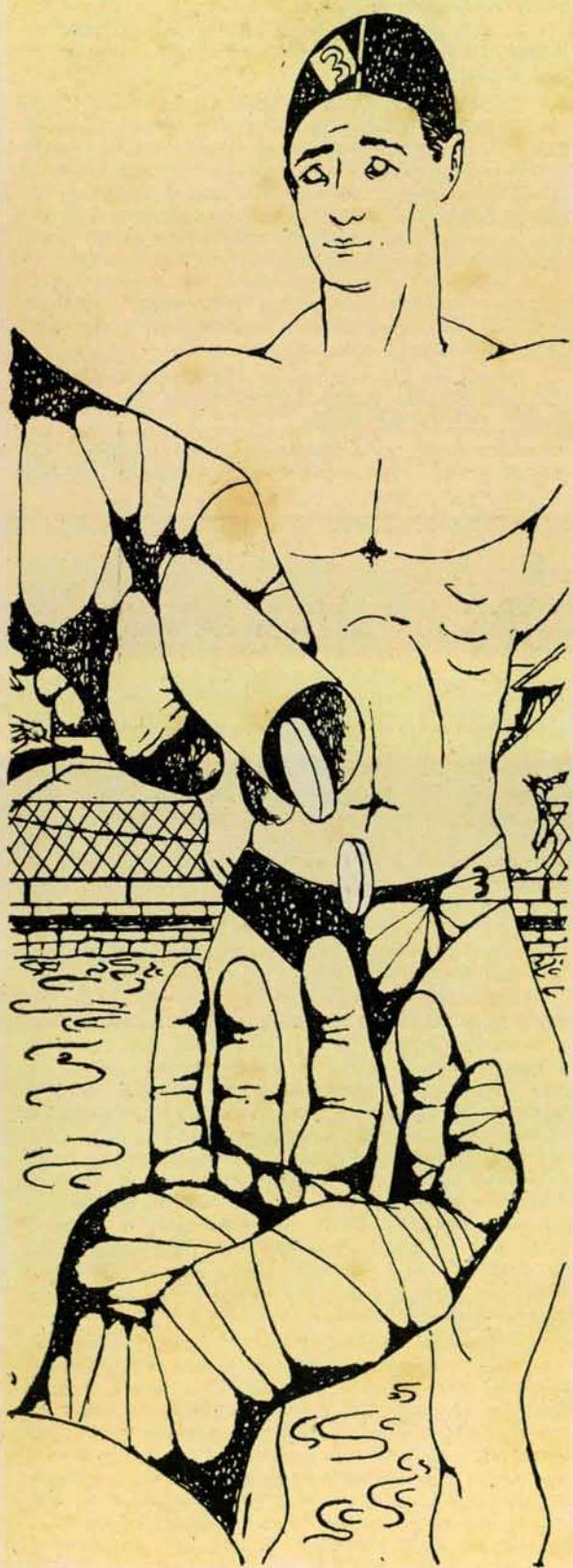
Geralmente aceita hoje em dia como o meio mais eficiente de controlar o apetite, a anfetamina é receitada pelos médicos para diabéticos muito gordos, crianças obesas e adultos emocionalmente perturbados e de peso excessivo. Comendo menos, sentindo-

a venda ilegal de comprimidos e inaladores de anfetamina tornou-se negócio estável, lucrativo e de amplitude nacional.

Os universitários usam esses comprimidos para atravessar as noites decorando, durante os períodos cruciais dos exames. Os viciados em comprimidos para fazer dormir usam-nos para galvanizar suas forças, a fim de sair de suas ébrias obliterações mentais. Motoristas de caminhão, trabalhadores noturnos, artistas, profissionais e homens de negócio engolem para evitar a fadiga e se afinar segundo um dia-paço além de suas capacidades normais. Os presidiários engolem comprimidos contrabandeados ou abusam de inaladores para amortecer as frustrações da vida na prisão ou se animarem a desordens e fugas.

A estimulação de cavalos e cães de corrida com anfetamina transformou-se em tamanha ameaça a esses esportes, que agora são feitos exames de urina do animal vencedor antes que os resultados da corrida se tornem oficiais. Mais recentemente, os adolescentes têm tomado anfetamina para ficar "chumbados" e também para "festas eletrizantes".

Não faz muito tempo, explodiu uma tempestade nas primeiras páginas dos jornais americanos, quando o dr. Herbert Berger, Presidente do Comitê da Sociedade Médica do Estado de Nova Iorque sobre Viciamento em Narcóticos e Álcool, disse numa convenção da Associação Médica Americana que havia razão para se acreditar que a anfetamina estava sendo largamente usada por atletas, para melhorar suas marcas olímpicas.



As acusações do médico foram ácaloradas e convincentemente negadas por famosos corredores, tais como John Landy e Roger Bannister. Mas um portavoz da Associação Olímpica dos EE.UU. descobriu que membros das organizações atléticas Olímpicas, Universitária e Amadora, médicos e outros eram de opinião que uma porção espantosamente grande da população inteira de escolas e faculdades lança mão desse tipo de droga.

Os jornalistas obtiveram informações, confirmando as acusações da Associação Olímpica, de atletas amadores e profissionais, técnicos, treinadores e médicos de equipe. O dr. Fred Davies, médico do "Ottawa Rough Rider's", disse que os quatro grandes clubes de futebol do Canadá põem essas drogas ao dispor de seus jogadores. E, de acordo com o *New York Times*, Davies disse que muitos jogadores tinham aprendido a usar desses comprimidos nos esportes universitários dos Estados Unidos.

Um antigo astro de futebol dos "Forty-Niners" de São Francisco recordou:

— Joguei todas as partidas sem ficar cansado e duvido que isto fosse possível sem estimulantes.

O professor Thomas K. Cureton, diretor do laboratório de pesquisas de aptidão física da Universidade de Illinois, apresentou relatório em que dizia ser o uso de anfetamina, aparentemente, comum entre os nadadores olímpicos australianos, em 1956.

Aquêles que abusam de estimulantes não sabem que a anfetamina pode agir como um bumerangue, trazendo consequências sérias e assustadoras. A razão de estar classificada entre as drogas a serem vendidas "por prescrição médica apenas" é que, quando usada em doses altas, sem supervisão médica adequada, a anfetamina pode causar dores de cabeça, tonteiras, delírio, ataques epilépticos e súbitas perdas de consciência. Estados de pânico, comportamento anti-social temerário e até desejos de suicídio ou homicídio podem resultar de doses excessivas.

Numa investigação de âmbito nacional, a Administração de Alimentos e Drogas (Food and Drug Administration) apresentou provas do que acontece com motoristas de caminhão que recorrem a estimulantes para ajudá-los a viajar com enormes caminhões de dez toneladas sem parar para dormir. Trombadas fatais, alucinações bizarras e motoristas enlouquecidos pelos comprimidos, que puxavam facas ou armas de fogo para os colegas de serviço, são casos que constaram do relatório.

* * *

O efeito de anfetamina ilegalmente vendida a jovem impressionável pode ser trágico.

— Ele costumava ter dificuldade em concentrar-se nos livros — disse o pai de um jovem de Nova Iorque, que cometeu suicídio. — Por isso começou a tomar estimulantes, para se absorver no estudo.

Embora pedisse ao filho que parasse, o rapaz continuou a tomar os comprimidos.

“Enfrentemos os fatos — escreveu numa carta para a família. — Meus períodos de produtividade são poucos e espaçados, mas quando uso comprimidos fico possuído de um desejo quase insaciável de estudar”.

Quando o efeito desaparecia, o jovem era freqüentemente tomado de acessos de desesperança. Uma semana após sua última carta para sua família, deixou subitamente a escola e se matou.

Indubitavelmente, as vítimas mais patéticas de drogas à base de anfetamina ilegalmente vendidas são os adolescentes.

— Em todas as complexidades da adolescência — observa uma autoridade — há uma pressão constante exercida contra o jovem para conquistar e conservar a aprovação social de seu grupo. Quando

um rapaz suscetível, que sofre do sentimento de inadequação ou de inibições sociais, põe as mãos numa droga que o faz conversador, confiante e livre de cuidados, começa a usá-la. Seus amigos experimentam-na. E' precisamente aqui que a anfetamina pode ser mais perigosa. Estudos de laboratório provaram que seus efeitos estimulantes e excitantes são muito mais pronunciados em indivíduo num grupo do que numa pessoa sózinha. O efeito numa turma de adolescentes é contagiantemente progressivo. Os jovens subitamente se sentem como se tivessem três metros de altura.

Alguns dos adolescentes que experimentaram a anfetamina, compram as pílulas de contraventores. Outros adotaram a prática infinitamente mais perigosa de abrir os inaladores de anfetamina e mastigar os cartuchos de papel impregnados com a droga, ou mergulhá-los numa bebida suave ou café. Ultimamente, já que os fabricantes acrescentaram um produto químico nauseante aos inaladores, os adolescentes e outros têm extraído a anfetamina do cartucho, injetando, em seguida, a "sopa" nas veias com agulhas hipodérmicas.

Ao passo que um comprimido costuma conter cerca de 10 mg de anfetamina, o cartucho do inala-

dor pode conter até 250 mg. Assim, um adolescente que nunca engoliria 25 pílulas de uma vez, engole ou injeta em seu corpo o equivalente a essa dose maciça.

Uma bonita adolescente envolvida numa série de furtos, disse à polícia :

— Quando a gente toma aquela negócio, simplesmente não se importa. Fui até prostituta, durante três meses.

Como pode o abuso de anfetamina ser erradicado? A Administração de Alimento e Drogas dos Estados Unidos empreende agora uma campanha de amplitude nacional para prender e processar todos os vendedores ilegais de comprimidos de anfetamina. Emitiu também uma ordem para que as vendas de todos os inaladores nasais de anfetamina sejam feitas "apenas sob prescrição médica", como acontece há muito tempo com os comprimidos. Os fabricantes de produtos farmacêuticos estão removendo a anfetamina de seus inaladores e substituindo-a por uma droga não estimulante.

O uso de anfetamina no atletismo foi colocado fora da lei pela Associação Olímpica Americana e União Atlética Americana.

Mas, neste meio tempo, os lucros a serem obtidos da venda ilegal de estimulantes são tão tentado-

A menina que olhava o trem passar



ELA passou por aqui, esta noite, pelas janelas dos meus olhos, como passou, há muito tempo, de relance, pelas janelas de minha viagem. Encostada ao muro, perto da pequena estação interiorana, braços cruzados, pés descalços, vestido curto de algodão, os olhos mais verdes d'este mundo, os cabelos mais loiros de minha memória, ela olhava o trem passar, ampla melancolia no rosto pequenino.

Não me incomodei com ela no momento. Estava cansado. As conversas dos vizinhos me pareciam sonolentas. Um homem, atrás de mim, comia pastéis, mastigando com a boca quase aberta. Um velho, no banco ao lado, falava, com outro velho, sobre a existência de Deus e a imortalidade da alma. No banco da frente, só e tranqüilo, um moço bebia cerveja gelada num copo que se diria molhado de suor. Eu, encolhido em meu canto, não tinha fome, nem sede, nem vontade de falar, que as palavras jaziam murchas dentro de minha fadiga.

Contentava-me em ver as planícies, com seus bois e suas verduras, viajando, ao lado do trem, para os lados de onde eu viera. De vez em vez, nos casinhos pobres à beira da linha férrea, alguém erguia um braço, e se despedia, ou saudava os passageiros, ou rogava, talvez, que o trem parasse e o levasse, também, para as cidades grandes, de vitrinas coloridas e bondes superlotados. As crianças riam, abanando os braços, dando gritinhos de alegria. Uma lavadeira, na bica de um riacho, abandonou, por um instante, sobre a buracanga, a peça de roupa que esfregava e lançou-nos demorados adeus com as mãos úmidas. Um arado suspendeu o sulco que abria e o lavrador saudou-nos alegremente. Gente simples. Gente boa. Gente feliz.

O homem, agora, atrás, trincava jabuticabas, jogando as cascas no chão. Os velhos traçavam um paralelo entre o custo-de-vida do passado e o do presente. O moço, na frente, fumava, de olhos fechados, talvez com saudade da garrafa vazia. Eu continuava com os olhos fitos na paisagem móvel, palavras sem substância, atenção distraída. Perguntava-me, então, vagamente, por que todos se despediam do trem, as feições cheias de felicidade...

Agora, anos passados, já não me lembrava de

res que os médicos e farmacêuticos concordam que o público americano deve ser educado em relação aos males e sofrimentos que os estimulantes podem causar.

O dr. Herbert Berger afirmou que considera a anfetamina como "uma das drogas mais perigosas existentes hoje em dia", por causa do abuso em grande escala.

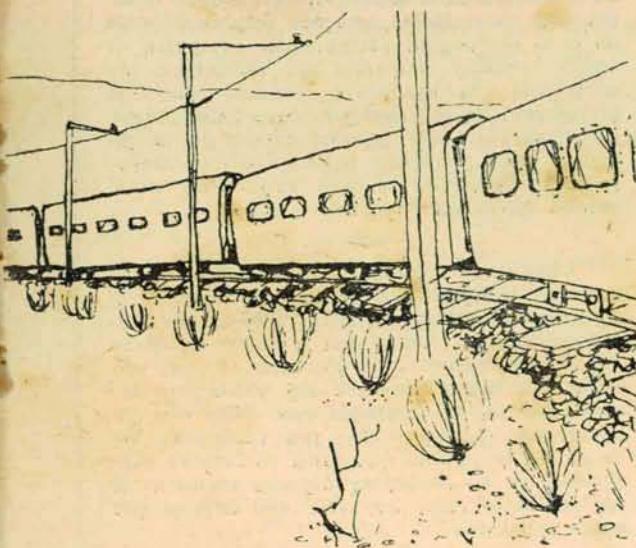
— Uma pessoa — disse ele — que, sem saber, sofre de perturbações do coração ou de pressão alta, pode causar a sua própria morte, ao tomar uma dose desses comprimidos. Rapazes ou moças que imprudentemente tomam doses grandes podem dirigir um carro a 120 por hora... Pais e mães, professores, médicos e técnicos de atletismo devem tomar consciência da venda ilegal de estimulantes.

Se um médico lhe prescreveu anfetamina, você pode tomar a droga sabendo que é poderosa e segura. Não precisa ter medo de se viciar. Sob supervisão médica competente, milhões de pessoas tomaram anfetamina, durante longos períodos de tempo, sem efeitos prejudiciais.

Mas que todos saibam que vidas despedaçadas e má saúde crônica podem ser o preço pago pelo uso de drogas com fins para os quais não são indicadas. Não brinque com estimulantes — eles são perigosos. *Evan M. Wylie.*

nada. Esquecera-me de tudo, na lufa-lufa municipal. A rotina diária engulira as recordações daquela viagem, tão comum mas que me fizera tanto bem aos nervos gastos e ao espírito deprimido. Já me reacostumara às pessoas que passam por nós na rua e mal nos cumprimentam ou não nos vêem. Não achava nada de estranho na tristeza pesada dos homens do asfalto. Nem pensava na simplicidade com que, na estrada, o camponês nos saúda, como se fôssemos seu melhor amigo.

Não comprehendo, no entanto, por que, depois de tanto tempo, quando tudo se me afigurava fora de memória, vejo nitidamente, nas janelas dos meus olhos, fazendo-me recordar a viagem toda, com suas paisagens movediças e alegrias gesticulando despedidas — braços cruzados, pés descalços, vestido curto de algodão, — a menina que olhava o trem passar. — **MILTON COSTA.**



**A Loteria do Estado
faz novos milionários
toda semana**

ÀS SEXTAS-FEIRAS

**LOTERIA DO ESTADO
DE MINAS GERAIS**

a nossa loteria

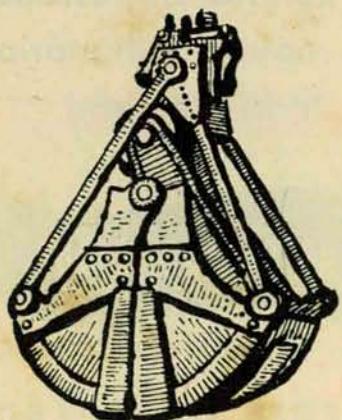


IMAGENS? ou DRAGAGENS?

Se V. deseja um produto...
ou necessita de um serviço,
antes consulte a
Lista Classificada.



ONDE TODOS ENCONTRAM PRATICAMENTE TUDO



COSTUREIRO DA RAINHA

Nos onze ateliers de Norman Hartnell, o «costureiro de Sua Majestade a Rainha da Inglaterra», podem-se encontrar os manequins da mais rica dama da Inglaterra, os únicos que podem dar-se ao luxo de serem clientes do homem que paga pelo seu vestuário mais de cem mil cruzeiros. Embora a Rainha Elizabeth seja a mais célebre cliente do criador da moda inglesa, procurar-se-ia em vão por um manequim seu, nas dependências de Hartnell. As «medidas» de Elizabeth são guardadas com o máximo sigilo, e o seu manequim é conservado cuidadosamente, em um aposento secreto, do qual apenas o grande costureiro em pessoa possui a chave. Norman Hartnell é um dos dez «mágicos da tesoura» que aconselham Elizabeth em matéria de moda e de beleza.

☆ ☆ ☆

CONTRA A INSÔNIA

Para que se durma bem à noite, é necessário que se tomem pilulas para despertar: esta paradoxal afirmação foi feita num congresso austriaco pelo doutor Viktor E. Frankl, diretor da clínica neurológica de Viena. Tomadas durante o dia, as pilulas de despertamento suscitam no paciente um estado de alacridade mental que, ao cair da noite, dá lugar a uma sensação de agradável cansaço e daí ao sono, sem que se deva recorrer a soníferos. Segundo o dr. Frankl, o novo método, aplicado durante certo período de tempo, acaba restabelecendo no paciente o ritmo normal de vigília e sono.

☆ ☆ ☆

CURIOSIDADES MARÍTIMAS

Os técnicos americanos estão preconizando a criação de estações meteorológicas fixas, em alto mar. Essas estações seriam dotadas de uma equipagem permanente, composta de trinta homens, ocupando um verdadeiro observatório em miniatura, próximo de uma plataforma de aterrissagem para helicópteros. Serviriam também de plataforma de lançamento para pequenos batiscafos que, assim, poderiam proceder a uma exploração sistemática do fundo do mar.

—oo—

Uma das fotografias tiradas sob as águas do mar, cumprindo o programa oceânico do Ano Geofísico Internacional (1959), mostrava a superfície do fundo mar a 4.500 m, perto das Ilhas Tuamotu, no Pacífico. A foto revelou aos olhos humanos um verdadeiro tesouro jazendo no fundo do mar. Não, não um tesouro de piratas! Mas um verdadeiro tesouro em manganês que daria ao terreno submarino, se se encontrar alguma maneira de explorá-lo, o valor de 1.500.000 dólares por milha quadrada.

Poesia



MEDITAÇÃO NA TARDE CHUVOSA

Na tarde fria e cinzenta
as árvores estão tristes,
com saudade do sol.
O ipê, sombrio e melancólico,
procura inutilmente o céu,
através da chuva incansável
que enche de solidão
as almas sem destino.
Quando o azul vai embora,
parece que a distância
se transforma,
e não tem mais a meiguice tentadora
que traduz um sonho de poeta,
e nem possui a angelical ternura
espalhada no ar pelo canto do bem-te-vi...
E os pingos dágua
que caem molemente,
docemente,
no esmorecer da tarde sossegada,
são gótas de saudade,
são restos de lembrança,
batendo na janela...

Christina Lessa

CANTIGAS

CHAMA INEXTINGUÍVEL

— Viva e inconstante, fascinante e fria —
Alguém te fêz êste fatal retrato.
Ah ! não calculas quanto me angustia
O atroz receio de que seja exato !

Fascinante — por ti eu me arrebato;
Viva — por ti sou chama e sou poesia !
Mas como enerva imaginar-te fria
E — inconstante — supor-te um sér ingrato !

Pensar que no meu peito uma fogueira
Acendeu teu fascínio singular,
E arderei, como brasa, a vida inteira !

Ah, não poderes, com igual magia,
Chama que ateias, rápido, apagar,
Viva e inconstante, fascinante e fria !

Otoniel Beleza

Lá se vai a minha vida,
rolando de mão em mão,
sem afeto e sem guarida,
em busca de um coração...

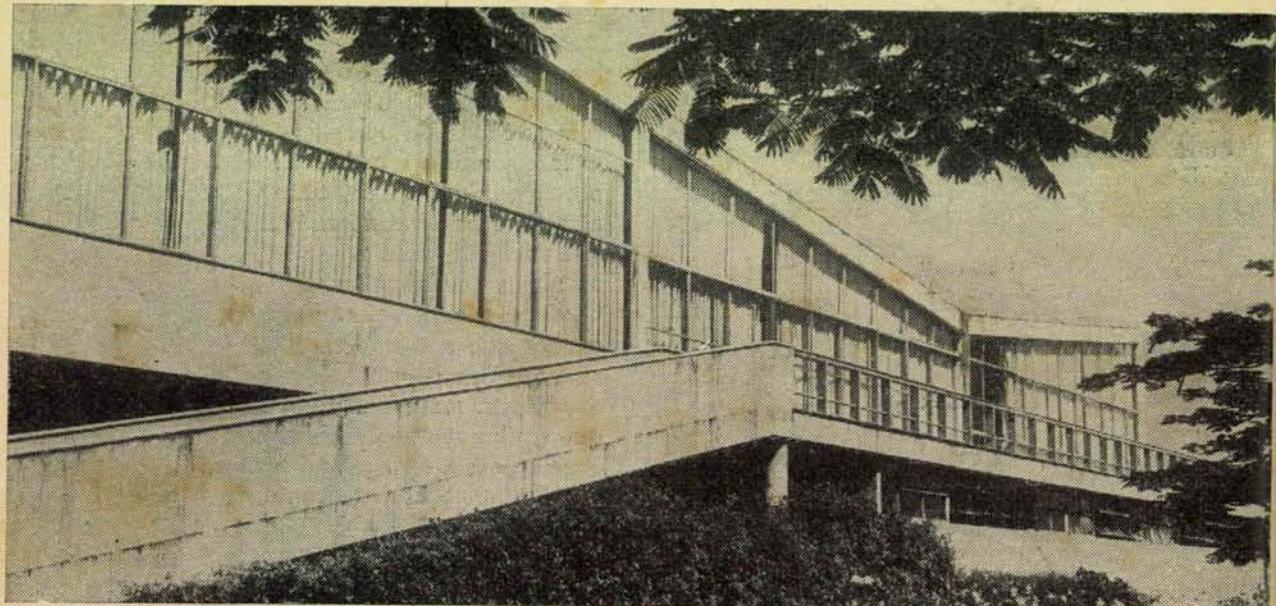
Symaco da Costa

Tomaste-me o teu retrato
Sem nenhuma explicação.
De que valeu ? Tenho outro
guardado no coração !

Cremilda C. Costa

O sonho, enquanto sonhado,
Que belo jardim florido !
Mas, depois de realizado,
Que jardim tão ressequido.

Benny Silva



O Iate Tênis Clube vai liderar as atividades sociais e desportivas da nova Pampulha.

PAMPULHA RENASCE com o Iate Tênis Clube

ALGUÉM já disse que o mineiro é cheio de complexos, porque carece de um mar azul onde possa banhar seu lirismo e sua tristeza mediterrânea; para compensar o sentimento de inferioridade, ele costuma gastar seu pobre salário em fins-de-semana cariocas — e, pelo menos uma vez por mês, embarca para o litoral para viver a doce tarefa de se me-

ter num «short» e molhar sua pele branca, muito branca, nas ondas de Copacabana.

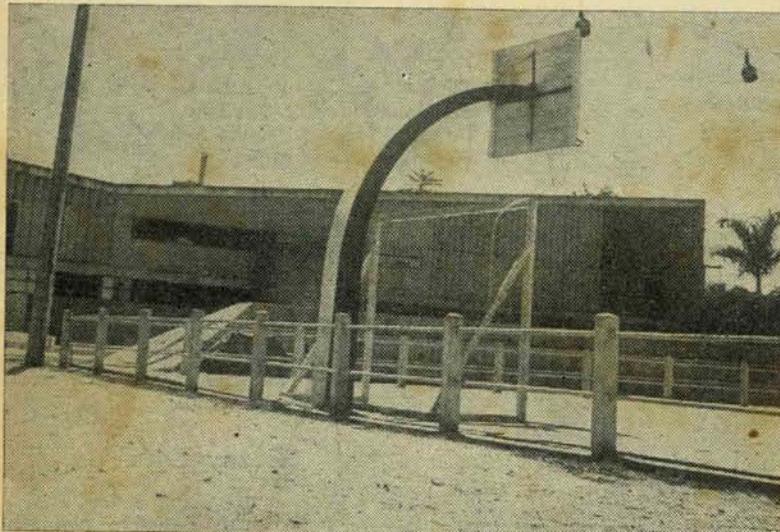
Muitos emigram para lá — e trabalham de sol a sol com o fim exclusivo de usufruir das delícias de um apartamento sala-e-quarto na faixa asfáltica que vai do Pôrto Zero ao Pôrto Seis. Tem até mesmo o caso do mineiro surrealista, que dizia que o Atlântico era

o único túmulo digno de um habitante das montanhas — e foi morrer no mar.

A PROFUNDA LAGOA AZUL

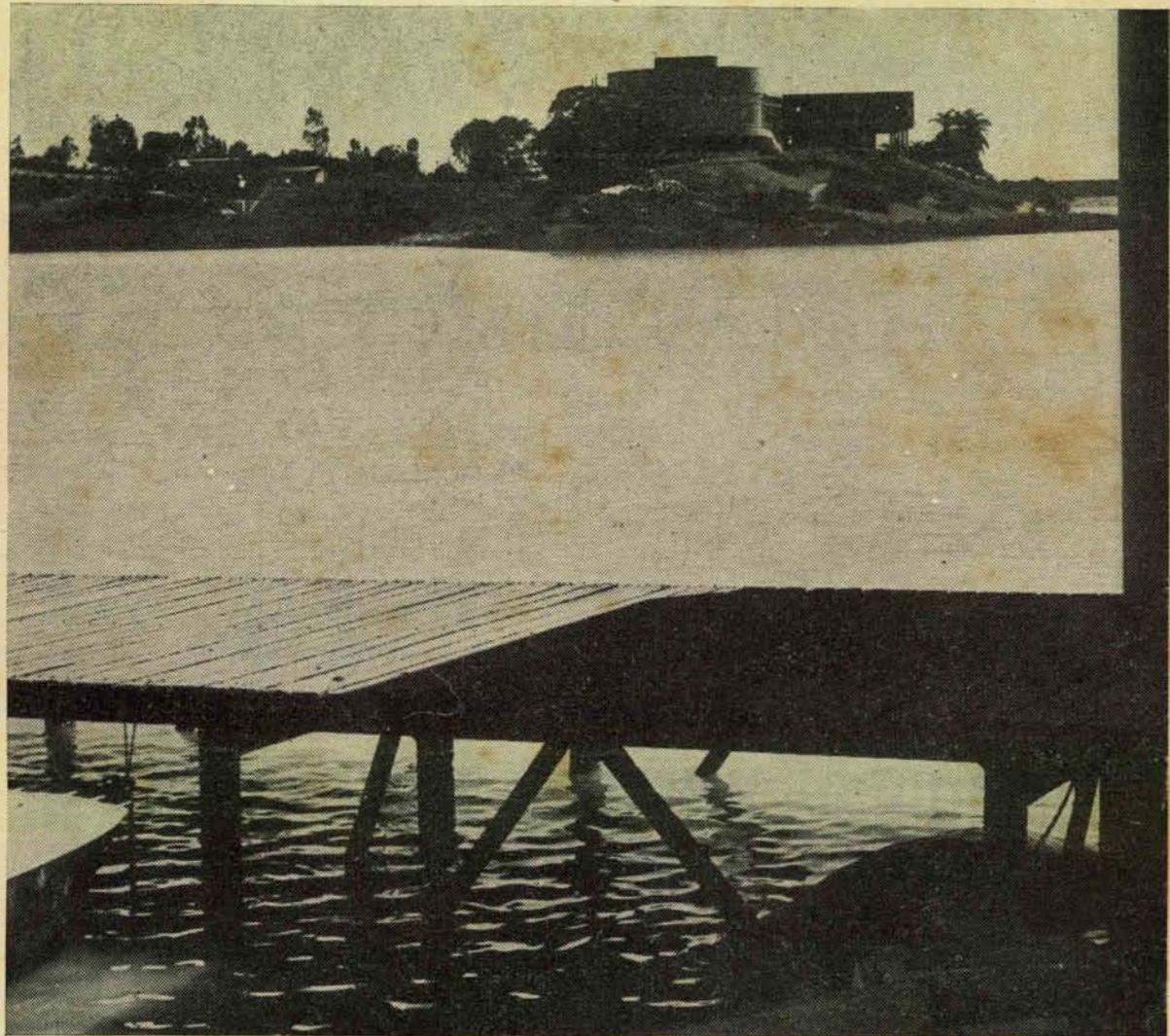
Pelos idos de 43, se não nos enganamos, apareceu por Belo Horizonte um prefeito que também tinha o complexo do mar, chama-

(Continua na pág. 124)

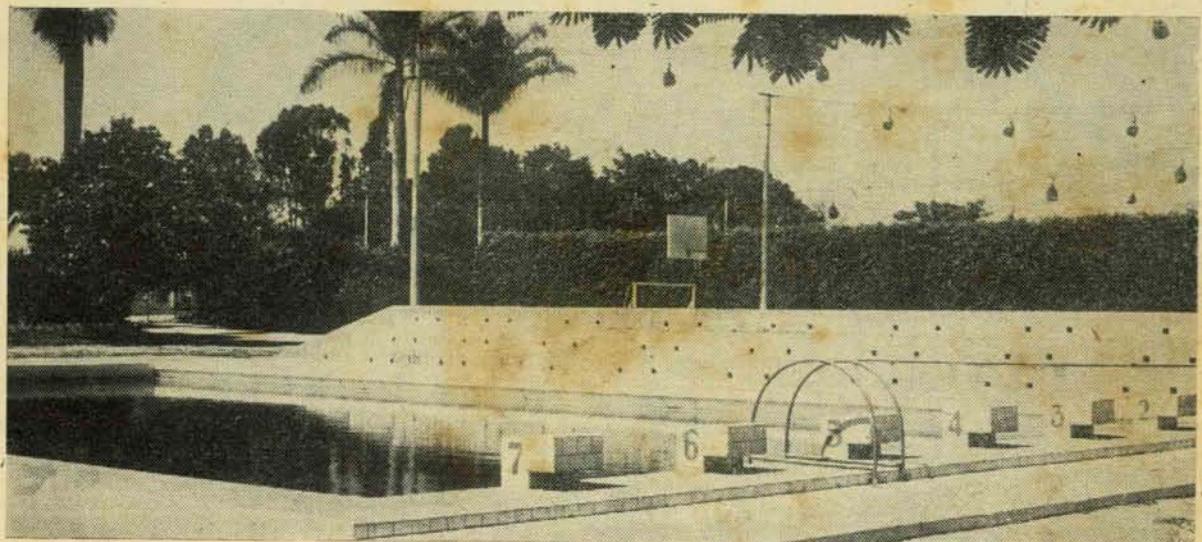


Um aspecto da piscina do Iate Tênis Clube, onde novas gerações de nadadores vão surgir com o renascimento da Pampulha.

A classe internacional do arquiteto Sérgio Bernardes a serviço do Iate Tênis Clube: a praça de esportes passará por uma reforma completa.



Uma nova era se abre para a Pampulha, que assim recupera seu prestígio de dias passados.



AZAR

Na Polônia, a exorbitante taxa de vinte por cento sobre a renda foi, finalmente, abolida para as solteironas, já que elas não permanecem nesse estado por livre e espontânea vontade, mas porque existe nada menos de 1 milhão de mulheres a mais do que homens, o que não lhes dá chance de se casarem. Entretanto, os homens solteiros não foram isentados do imposto! Afinal de contas, se eles estão solteiros é unicamente porque querem, logo, têm que aguentar com as consequências!

☆ ☆ ☆

ÉLE PAGOU O PATO

O comandante de um transatlântico inglês, o capitão James Armstrong, foi exonerado pela sua companhia porque uma belíssima passageira, que jantava à sua mesa, estava em trajes menores, na sala de jantar de primeira classe. Ao se apurarem as causas de tão estranha atitude, verificou-se que a elegante dama não possuía qualquer intenção má: simplesmente fôra vítima da fatalidade, pois ao dar um grande espirro, viu o seu rico vestido rasgar-se de alto a baixo, de maneira irremediável!

☆ ☆ ☆

REMÉDIOS PARA DORMINHOCOS

Companhia norte-americana lançou no mercado uma cama que desperta a pessoa de manhã, levantando-a até a uma posição em que fique sentada. Também pode ser levantada para ver televisão ou para tomar refeições na cama. Preço: 299 dólares e 50 centavos. (Cr\$ 57.000,00).

☆ ☆ ☆

OS CATÓLICOS NOS E.U.A.

O número de católicos nos E.U.A. aumentou em 47,8% desde 1949, segundo a última edição de The Official Catholic Directory. O total de 39.505.475 representa um aumento de 3.481.498 em 1958. O número de padres é 52.689, (acréscimo de 1.876), freiras 164.922 (acréscimo de 347), irmãos leigos 9.709 (acréscimo de 15). E, pelo 13º ano consecutivo, a Igreja conseguiu mais de 100.000 adultos convertidos.

Ofereça
ALTEROSA
aos seus amigos

sem qualquer despesa para você!

ESTAMOS empenhados em aumentar a tiragem desta revista, com a conquista de novos assinantes em todo o Brasil. E quanto maior fôr a sua tiragem, maiores possibilidades terá você de ler uma revista melhor, sem aumento de preço. Por isso mesmo, esperamos contar com a sua colaboração, leitor amigo. Subscreva os cupões que apresentamos agora com os nomes e endereços de pessoas amigas, para que tôdas recebam, gratuitamente, um exemplar da última edição de sua revista. E aceite, desde já, o nosso muito obrigado.

NOME

ENDERECO

CIDADE

ESTADO

Remetam 1 exemplar de ALTEROSA, gratuitamente, para os nomes indicados nestes cupões.

A PEDIDO DE

Enderêço

para o envelope :

SOC. EDITÔRA ALTEROSA LTDA.

Rua Rio de Janeiro, 926 — 3º andar
Caixa Postal 279 - Belo Horizonte - MG.



Flagrante colhido durante a cerimônia inaugural da grande ponte sobre o rio Tocantins, vendo-se a placa comemorativa e o ex-presidente Juscelino Kubitschek acompanhado de autoridades civis e religiosas que compareceram ao ato.

INAUGURADA A PONTE SÔBRE O TOCANTINS

ria nacional, não só pelo arrôjo de sua concepção, pelas dificuldades de toda ordem a serem vencidas, como também por suas características técnicas. O seu vão central de 140 metros em viga reta de concreto pretendido, constitui recorde mundial, e o processo construtivo imaginado para sua execução, dispensando totalmente o uso do escoramento convencional, é inédito em nosso País.

Estruturalmente, a obra é constituída por um trecho central em viga reta de concreto pretendido com um vão central de 140 metros, dois vãos laterais de 53 metros e dois balanços de 5 metros; e por dois trechos laterais que constituem os viadutos de acesso propriamente ditos, em quadros rígidos de concreto armado, com vãos bastante menores da ordem de 20 metros, perfazendo um comprimento total de 532,70 metros.

A ponte apresenta-se em tangente e tem perfil parabólico, a fim de atender às exigências da navegação fluvial. O Estrado, com largura total de 10 metros, compreende uma pista de rolamento de 8,20 metros e dois passeios laterais de 90 cm.

Para atender à execução desta importante obra, foi necessário criar várias frentes de abastecimento, sendo as principais localizadas no Rio de Janeiro, Belém, Goiânia e Recife, recorrendo-se a todos os meios de transporte: rodoviário, fluvial e aéreo.

Foram consumidos na execução dos trabalhos dessa notável obra de arte 55.000 sacos de cimento, 4.500 metros cúbicos de areia, 5.800 metros cúbicos de brita, 20.000 metros cúbicos de tábuas, 450.000 quilos de ferro CA 37, 147.000 quilos de aço duro de 7 mm e 1.128 canos de ancoragem para 40 tons.

Essa magnífica realização da

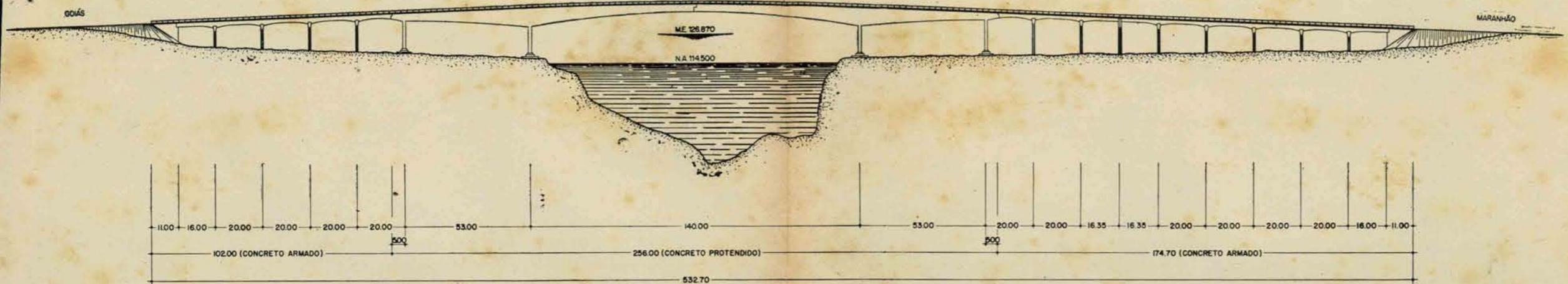
engenharia nacional foi erguida pela «Sérgio Marques de Souza S. A. — Engenharia e Comércio», uma das maiores e mais competentes organizações brasileiras no gênero, responsável por outras importantes obras de arte que valorizam as melhores rodovias brasileiras. Entre os grandes trabalhos já executados por essa conceituada organização de engenheiros patrios, sediada no Rio de Janeiro, à Av. Rio Branco, 103 — 9.º andar, podemos mencionar: duas das maiores pontes da rodovia Belo Horizonte-Brasília, uma sobre o Rio São Francisco, com 360 metros, outra sobre o Rio Abaeté, com 146 metros; um grande viaduto na rodovia Belo Horizonte-São Paulo, com 163,80 metros de comprimento, construído em 269 dias de trabalho; além de outras pontes sobre diversas rodovias nacionais, num total de 2.263,7 metros de ex-

(Conclui na pág. 57)

PONTE PRES. JUSCELINO KUBITSCHKE DE OLIVEIRA

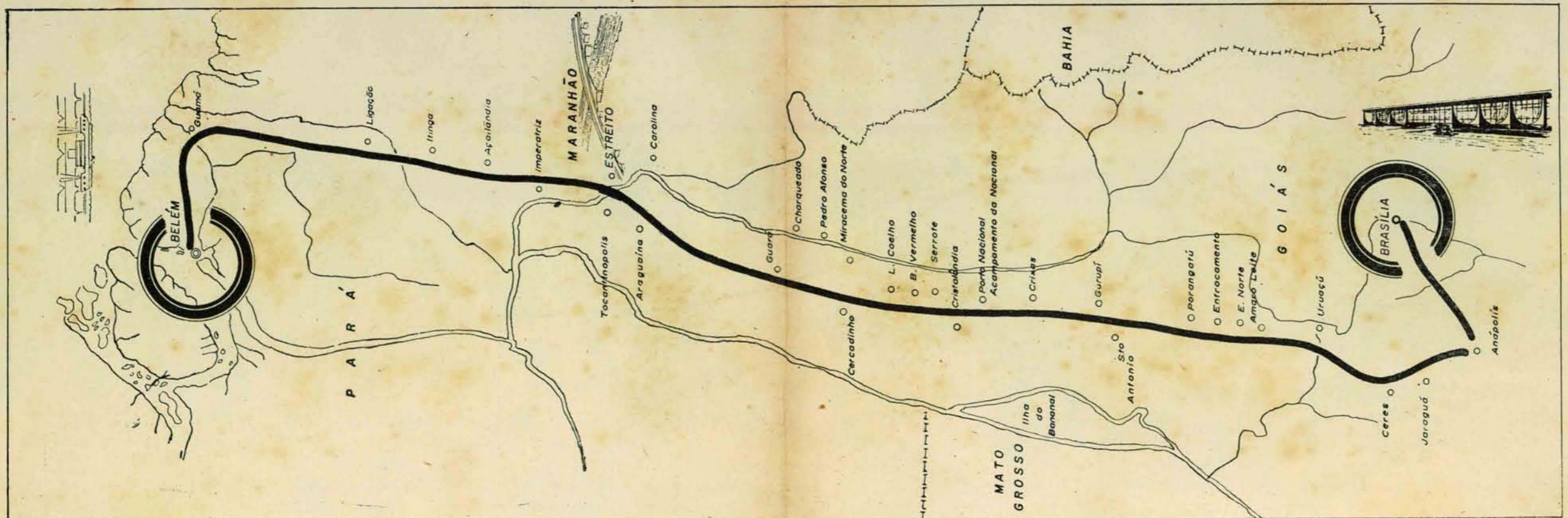
SÔBRE O RIO TOCANTINS NA RODOVIA BELÉM-BRASÍLIA

BR-14



INAUGURADA A PONTE SÔBRE O TOCANTINS: RECORDE MUNDIAL PARA O BRASIL

grante coitido durante a cerimônia
memorativa e o ex-presidente Jusc

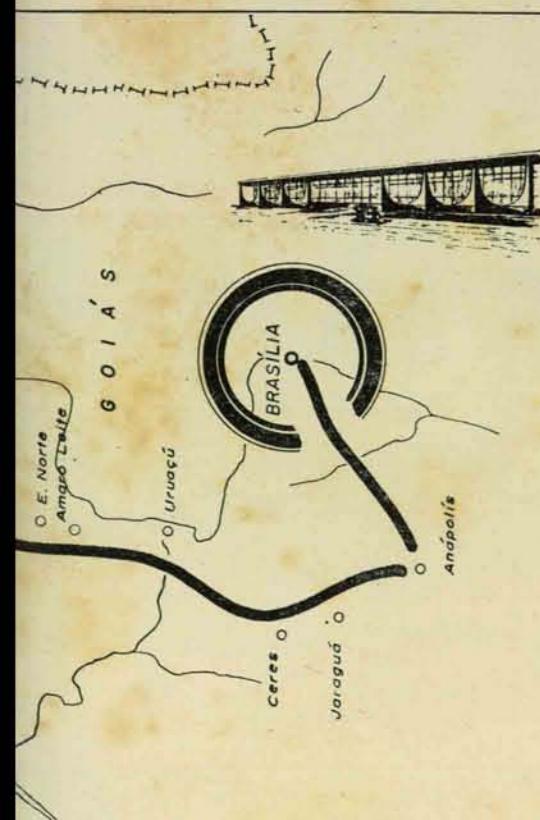


INAUGURADA

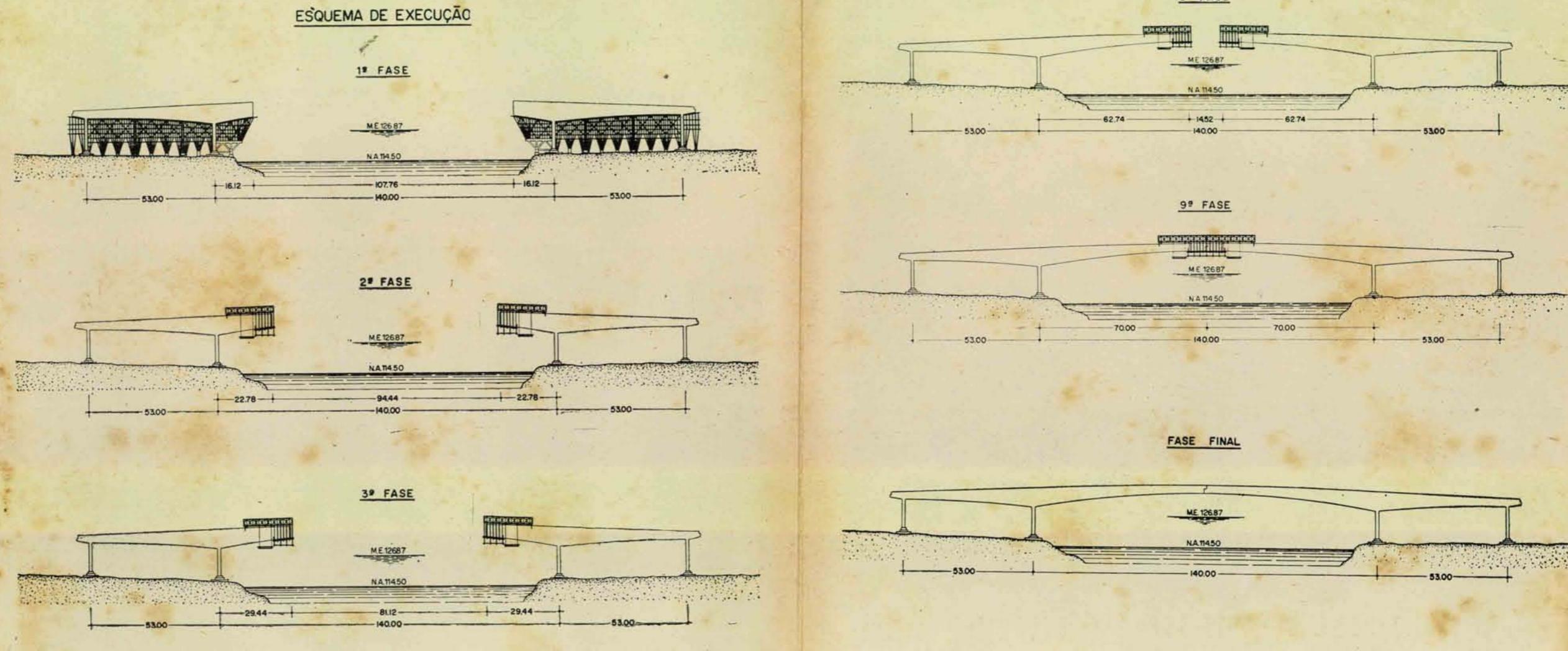
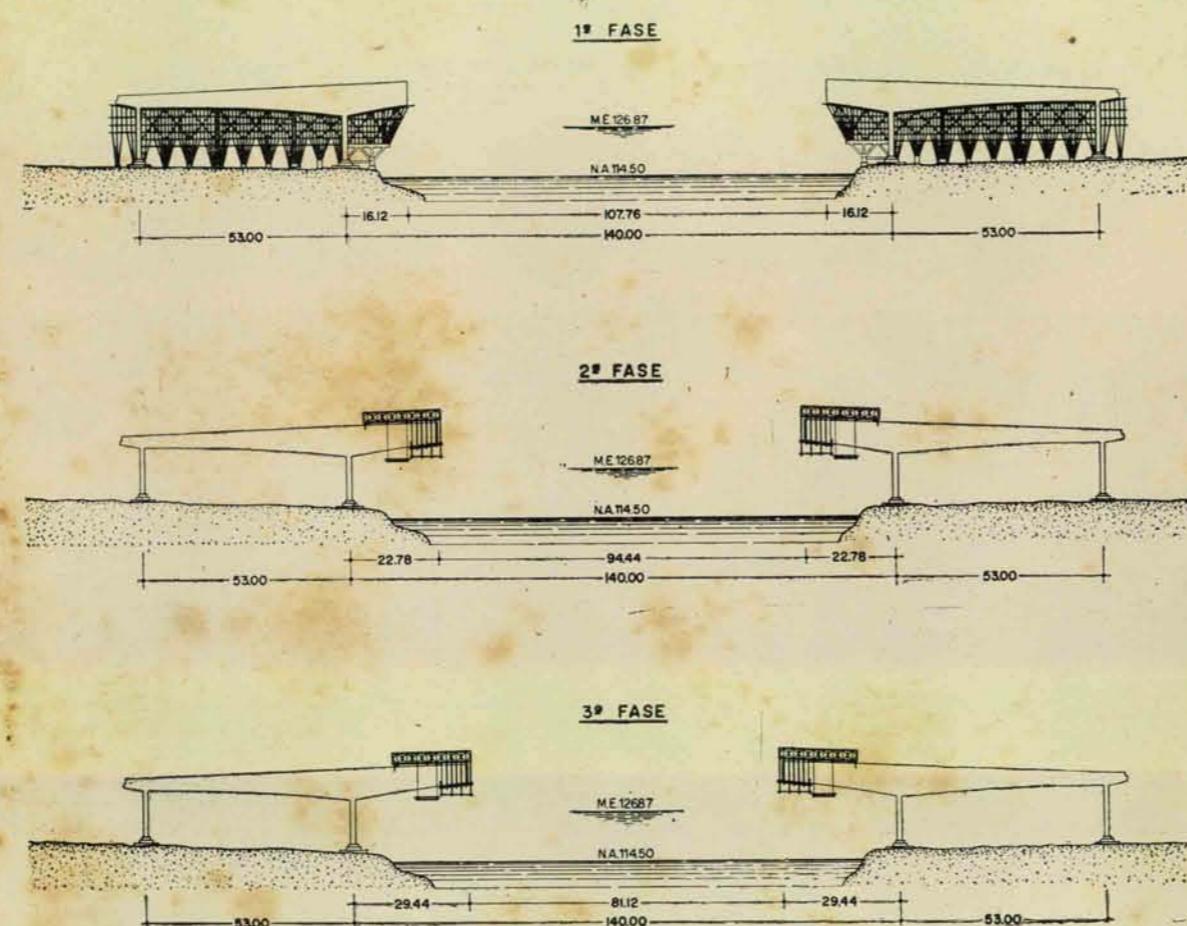
nacional, não só pelo arrôjo da concepção, pelas dificuldades de toda ordem a serem superadas, como também por suas características técnicas. O seu central de 140 metros em viga reta de concreto protendido constitui recorde mundial, processo construtivo imaginado para sua execução, dispensando totalmente o uso do método convencional, é inédito no nosso País.

turalmente, a obra é feita por um trecho central de viga reta de concreto protendido com um vão central de 140 metros, dois vãos laterais de 20 metros e dois balanços de 10 metros; e por dois trechos laterais que constituem os viadutos de acesso propriamente dito, com quadros rígidos de concreto armado, com vãos bastantes da ordem de 20 metros, fazendo um comprimento de 532,70 metros.

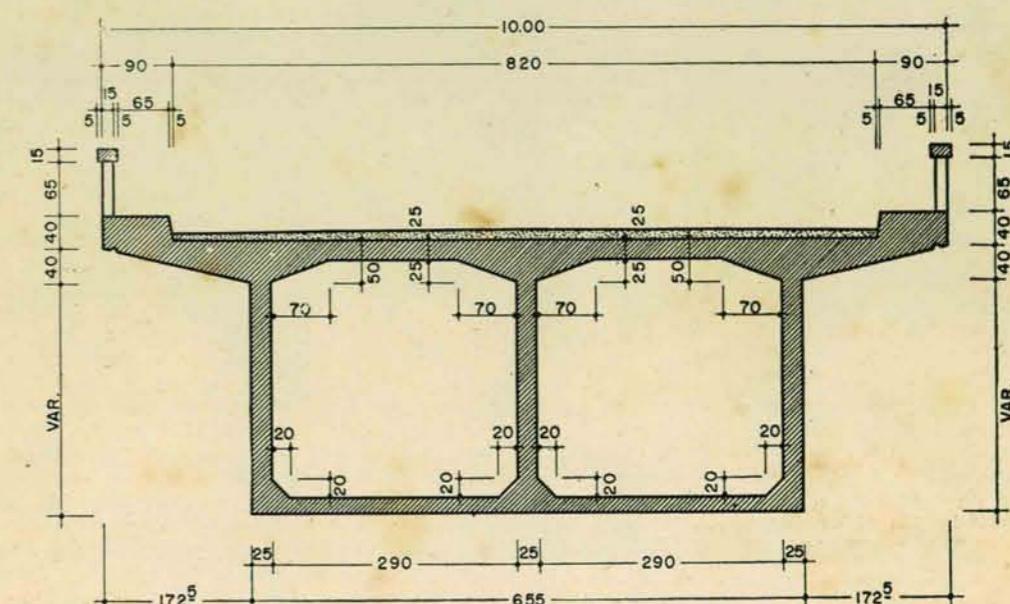
L PARA O BRASIL



ESQUEMA DE EXECUÇÃO



SECÇÃO TRANSVERSAL



NO dia 29 de janeiro último, com a presença do ex-presidente Juscelino Kubitschek, teve lugar a solenidade da entrega ao trânsito público da grande rodovia Bernardo Sayão (Belém-Brasília) — BR-14, que liga a nova capital do País a Belém do Pará, e, simultaneamente, a inauguração da grande ponte Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, sobre o rio Tocantins, a principal obra de arte situada em todo o longo percurso daquela importante rodovia de penetração, com cerca de 2.200 quilômetros.

Não vamos falar aqui sobre a Rodovia Bernardo Sayão, cuja abertura já foi objeto de uma ampla reportagem desta Revista, por ocasião da conclusão dos seus trabalhos de terraplenagem, quando foi espetacularmente cruzada pela famosa Caravana de Integração Nacional, composta de 60 veículos de fabri-

cação brasileira, no período de 23 a 31 de janeiro do ano passado. Nossa objetivo agora é mostrar aos leitores o que representa a grande Ponte Juscelino Kubitschek de Oliveira, sua principal obra de arte, lançada sobre o rio Tocantins, e agora inaugurada juntamente com a solenidade da entrega da rodovia ao trânsito público.

Depois de janeiro do ano passado, após a solenidade a que já nos referimos com a Caravana da Integração Nacional, os trabalhos de implantação progressiva da grande Rodovia Bernardo Sayão prosseguiram em ritmo acelerado, tendo sido atingida a meta estabelecida de dotar a estrada de condições técnicas compatíveis com as necessidades do trânsito atual. Restava o problema da transposição do Rio Tocantins, grande obstáculo à ligação terrestre entre

Pelos estudos aéreos procedidos por ocasião da definição do traçado da rodovia, verificou-se que, a jusante de Carolina, o Rio Tocantins apresentava acentuado estreitamento em sua seção de vazão, com condições ideais para a implantação da obra de arte necessária à sua travessia. Já os moradores locais haviam dado o nome de Estreito à pequena vila, que ali se desenvolvia. O Rio Tocantins, que normalmente se apresenta na região com uma largura de 600 metros, tem neste local apenas a largura de 130 metros, possibilitando, assim, vencer a travessia com um vão único de 140 metros.

Foi projetada, então, uma ponte que constitui uma das obras mais importantes no gênero, executadas no governo do presidente Juscelino Kubitschek, sendo uma das glórias da engenharia.

(Continua na pág. 64G)

Prazer em conhecê-lo, PIC!

Mundo elegante foi apresentado ao PAMPULHA IATE CLUBE



Sr. e sr^a Sálvio Nunes, sr. e sr^a Fernando Veloso e o sr. Elói Heraldo Lima.

TODA a sociedade compareceu ao elegante «cocktail» que o Pampulha Iate Clube ofereceu na boate «Príncipe de Galles», para apresentar a «maquette» e os projetos do clube, que já está sendo construído no pitoresco bairro da Pampulha. Banqueiros, homens de negócios, figuras de destaque do nosso mundo oficial, social e industrial participaram do acontecimento, que foi dos mais «chics» e concorridos do festivo mês de fevereiro. Niemayer, o grande arquiteto brasileiro e autor do projeto do Pampulha, foi a figura central do «cock» e teve a oportunidade de explicar aos convidados detalhes do seu arrojado trabalho.

O Pampulha Iate Clube se localizará às margens do lago, numa extensão de trezentos metros e sobre um platô de 15 metros de altura. Sua área total será de 44 mil metros quadrados. Niemayer concebeu um clube funcional, jogando, ainda, com o belo panorama que se descortina do platô e que oferece uma bela vista de todo o lago, com as outras obras

modernistas também de sua autoria. Assim, o associado, ao mesmo tempo que estará praticando os diversos esportes que o clube terá, desfrutará o magnífico panorama da lagoa. Além das diversas modalidades esportivas, o clube contará com uma piscina de água quente, protegida por uma cúpula de vidro. Terá um completo departamento de fisioterapia, salão de beleza para senhoras, um restaurante flutuante e completo parque esportivo para crianças. O projeto de Niemayer será completado com jardins desenhados por Burle Max e painéis pintados por Portinari. Reencontram-se, portanto, nas mesmas margens que lhes deu fama, os três artistas mais em evidência no Brasil.

O «cocktail» do Pampulha, como disse, reuniu o que há de melhor em sociedade e passo a vocês sómente alguns nomes:

Sr. e sr^a professor José Olímpio de Castro Filho; sr. e sr^a Fernando Veloso; sr. e sr^a Olavo Carvalho Vilela; sr. e sr^a Maurício Quintino dos Santos; sr. Francisco Longo; sr. e sr^a Eduardo Rinz-



O arquiteto Niemayer, autor do projeto do Pampulha com a elegante senhora Helena Castro.

O banqueiro Antônio Mourão Guimarães e o presidente do Pampulha, sr. José Olímpio de Castro Filho.

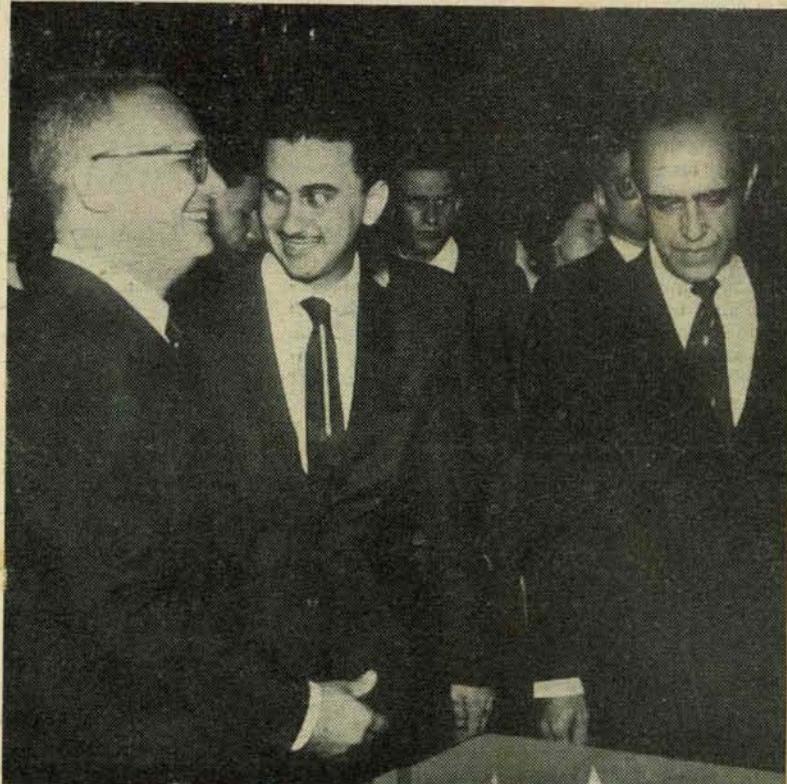


Texto de
WILSON FRADE

ier; sr. e sr^a Paulo Naves (ela foi uma das dez mulheres mais elegantes de 60); sr. e sr^a Jofre Alves Pereira; sr. e sr^a chanceler Hubert Stimpfle; sr. e sr^a Nilo Boechat; sr. e sr^a Mauro Quintino dos Santos; o conhecido engenheiro carioca Del Castilho; sr. e sr^a Aristóteles Brasil; sr. e sr^a Hugo Myrra; sr. Múcio Athayde; sr. e sr^a Márcio Quintino dos Santos; sr. e sr^a Humberto Pimenta Soares; sr. e sr^a Sálvio Nunes; sr. e sr^a Beethoven Mendes; sr. e sr^a Álvaro Marcilio; sr. e sr^a Edgard Leite de Castro; o presidente do Iate Golf Clube, sr. Arsénio Garzon; sr. e sr^a Gerson Sabino; sr. Mário (Acqua Azul) Ramos Vieira; o banqueiro Antônio Mourão Guimarães; sr. e sr^a Eloi Heraldo Lima; sr. Eduardo Borges da Costa Filho; jornalista Enius Marcus de Oliveira Santos; jornalista José Maria Rabelo; sr. Benzion Levy; o banqueiro Oliveira Paula; sr. Roberto Franco; sr. Nelson Ferreira Pinto; sr. Mauro Maletta; sr. Álvaro José Batista de Oliveira; professor Silva de Assis; o procurador-geral da República, sr. Joaquim Ferreira Gonçalves; o procurador-geral do Estado e senhora Marques Lopes; sr. Zaluar Diniz Henriques; sr. Edgard Ludolf; sr. Márcio Fra-
de; os colunistas Mário Fontana, Geraldo Andrada e Ana Marina; sr. Paulo Márcio Gonçalves; sr. Aziz Abras Filho; sr. Renato Mazzola; sr. e sr^a Walter Andrade; banqueiro Eder Brandão de Almeida; sr. Inácio Barroso; sr. Eduardo Couri; sr. Murilo Giannetti; banqueiro Paulo Vivas Guimarães; sr. Cid Horta; sr. e sr^a Hélio Adami de Carvalho; sr. Maria Darcéia Garzon; sr. Eduardo Roxo da Motta.



O presidente da Severo e Vilares (empresa que constrói o Pampulha) engenheiro Del Castilho, com o sr. Múcio Athayde e o arquiteto Niemayer.



Carta...

«Pensar em você era bem melhor do que estar em cinemas, bailes, festas, com outro rapaz qualquer».

Conto de

LIGIA ADÉLIA CORTEZ

SAO Paulo, vinte e oito de julho de mil novecentos e setenta e sete. Talvez seja esta a primeira carta pessoal que V. Ex^a recebe na qualidade de Ministro de Estado. E, já por ser pessoal, pediria a V. Ex^a conceder-me o direito de usar o tratamento «você», abstraindo a alta posição do destinatário da carta e considerando apenas o antigo conhecimento que tem da remetente. Isto posto, eis o que tenho a dizer:

O velho aparelho de televisão trouxe ontem, até a intimidade de meu lar, a cerimônia de posse dos novos membros do Ministério Brasileiro. E você lá estava. Com seu velho sorriso encabulado, os grossos óculos lançando reflexos ante as câmeras da televisão, e aquela grande simpatia que fêz de você um dos mais queridos políticos da Nação. E você falou. Coisas bonitas e simples, que todos sabem serem verdadeiras, porque esta é a razão de sua grande ascendência sobre o povo. Ninguém conseguiu ainda descobrir mancha ou desdouro em sua vida, pública ou particular. Vida que bem conheço, que acompanhei por muitos anos, sem que você o soubesse. E foi tôda essa vida que eu vi desfilar ante meus olhos, como um sonho colorido, enquanto sua voz pausada continuava o discurso de posse...

Engraçado, como não consigo lembrar-me do dia em que o conheci... Com alguma atenção, eu me recordo prontamente de todos os nossos encontros; poderia até enumerá-los, se quisesse. Mas, quanto ao primeiro, é estranho: por mais que tente lembrar-me, foge de minha memória aquêle momento que, sem eu saber, marcaria minha vida. E' fácil situá-lo. Foi na Faculdade, certamente. Não sei se no primeiro dia de aula. Eu lá estava, que sempre fui assídua. Mas, não é provável, porque você gostava de se fazer notar pela ausência. Não era?

Pois assim, ficará vaga e confusa a questão de nosso conhecimento. Se pudéssemos precisar a data, o resto seria fácil. Sua figura de mocinho recém-chegado a uma faculdade era típica. Magrinho, uma boina azul cobrindo a cabeça raspada, e um jeito de sentar-se isolado do resto da classe. Digo mal, em dizer isolado. Porque era uma solidão a dois. Havia seu amigo de tôdas as horas, e que de alguma forma — talvez na magreza — se parecia com você. De modo que devo tê-los conhecido ao mesmo tempo. Porém foi a um que me prendi. Desde o começo das aulas senti aquela atração impossível de analisar e inexplicável sob qualquer ponto de vista. Foi espontâneo e natural o brotar daquele sentimento.



Menção Honrosa no Concurso "Cia. de Seguros Minas-Brasil"

de amor?

Ilust. de Jarbas Juarez



Eu me tornava, às vezes, apreensiva quanto ao que aquél moço sério pensaria de mim. Chegada do interior, habituada aos gostos simples de uma família que se conservara naquele clima tradicional de respeito e afeição, a vida diferente encontrada na capital assustou-me um pouco. De maneira que eu não aderia às ruidosas manifestações com que os alunos comemoravam a vitória nos vestibulares. Mesmo as moças me infundiam certo temor. Não que eu me sentisse inferior a elas. Não era isso. A diferença estava em que eu não suportava bebidas, nem sequer as doses fracas especiais para mulheres. Colegas desenvoltas falavam em «boites». Eu nunca tinha ido a uma. Bebiam coquetéis de receitas misteriosas. Eu não tinha coragem de provar aquilo. E assim, eu deveria ficar afastada da parte social da escola, pois minha turma não se enquadrava nos moldes que eu conhecia e aprovava. Mas, havia você. E havia seus amigos, que constituíam uma turma admirável de moços que levavam a vida em brincadeira, mas, que sabiam ser corretos e sérios nos momentos devidos. A essa turma eu me juntei, porque entre seus membros reinava a mesma camaradagem sincera que eu havia deixado no interior. Era um suceder ininterrupto de passeios, bailes, viagens, festas de São João, e as célebres comemorações. Que comemorávamos? As vitórias da nossa associação esportiva. Mas, como as vitórias eram poucas, comemorávamos as derrotas também. Tudo pelo espírito esportivo! Tudo pelas taças! Ganhas à custa de jogadores catados no meio de sua gangue, mas que nada tinham a ver com a escola. Não que nos movesse o interesse puro de vencer. Tínhamos interesses mais altos — as prateleiras. Sim, as prateleiras da Sede da Associação estavam pedindo a presença festiva e vitoriosa das taças e troféus. E nós os conseguímos. A sala tornou-se uma autêntica sede de campeões. Você era o presidente das grandes vitórias. Eu era sua secretária. Diligente, prestativa, procurava tornar-me útil por todas as formas. Reconheço hoje que, às vezes, eu me excedia. Funcionava como um verdadeiro satélite seu. Minhas razões eram as do amor, e isto talvez tenha saltado aos olhos dos demais, pois alguns amigos nossos referiam-se veladamente ao fato, em conversas comigo. Aí reside, talvez, a minha perseverança. E' que, certo dia, um dé-

les fez-me confessar a verdade, acrescentando ao meu entusiasmo:

— Espere. Espere, que não se arrependerá. Ele também gosta de você, só não se declara porque não tem, agora, possibilidade de se casar. E ele é dos que não aprovam namoros longos. Quando falar com você será para se casarem logo.

Aquelas palavras foram tão diretas ao meu coração, que não passaram pelo cérebro. Não tratei de raciocinar, pensar se poderia ser verdade ou mera brincadeira do Vitor. Elas surgiram como uma promessa para mim, e eu passei a viver em função daquela promessa. Até o dia da

continuou no mesmo vazio. Era sempre a mesma história. As amigas conheciam moços bons, bem intencionados, namoravam, casavam-se. Eu também conhecia moços assim. Mas, não os namorava. Por que? Simplesmente porque não eram você. Pensar em você era bem melhor do que estar em cinemas, bailes, festas, com outro rapaz qualquer. Por isso, se alguém perguntava, vendo minha solidão:

— Como é, ainda não encontrou um dono para esse coração esquivo? Eu respondia, brincando, mas com sinceridade:

— Encontrei, sim. Só que ele não concordou comigo.

Disso eu tinha certeza. Se durante nossa convivência de quatro anos, você só me dera seu bem querer de amigo, que mais esperar, se nossos caminhos tinham-se separado? Era verdade que você me queria um grande bem, disso eu não duvidava. E foi por isso que durante um ano ainda mantivemos contato, pois eu procurava auxiliá-lo em sua terceira campanha, eleição para vereador. As duas primeiras eu acompanhara, trabalhara por sua chapa, ou melhor, por você. Esta terceira foi a última em que você tomou conhecimento de meu trabalho em seu favor. Porque dali por diante resolvi cortar relações, já que apenas me cruciava aquela amizade que se interpunha, no lugar do amor que eu pedia. Mas sua vida continuou sendo objeto de minhas orações, durante todo este tempo.

Sim, amigo. Cada passo, cada projeto, cada campanha, eram seguidos pelas minhas orações. Eu pedia por você, pela sua felicidade, pelo seu êxito. De modo que cada vitória sua dizia-me muito de preocupação, também. Só uma vez não rezei. Foi no dia de seu casamento. Então, por mais que eu desejasse ver claro, não me era possível sair daquele torpor em que ficara. Um amontoado de sentimentos confusos levaram-me a procurar a igreja. Mas, quando percebi que não conseguia acompanhar a cerimônia com o coração livre e os pensamentos coordenados, de lá saí. Saí e fui escrever uma crônica das mais belas e tristes que meus leitores conheciam. Foi através dela que conheci Paulo.

Ele chegou ao jornal para cumprimentar a cronista triste. Porque, no que eu escrevera, tudo tresandava um desespero velado, uma tristeza envolvente. Ao verme jovem e pronta a sorrir, ele teve um movimento de incredulidade.



formatura, esperei que você se pronunciasse. Mas, nada aconteceu. Se é que existia de sua parte algum amor por mim, você o escondeu tão bem, que não pôde encontrá-lo, ao final.

Passada a formatura, vi que ficava encerrada uma ilusão. Procuraria esquecê-lo. Mas, não foi fácil. Durante dois meses, certinhos, excluindo o Dia de Ano Novo, sonhei com você.

Oh, os sonhos! Se eu tivesse podido prender-me a elas, não mais acordar! Mas, a vida não pode ser passada em sonhos. Tentei integrar-me à realidade. Porem, foi só ao trabalho que me preendi. Porque a vida sentimental

dade que não pôde reprimir :

— Então, você é a cronista ? Pois eu a imaginava uma velha solteirona antipática. Melhor assim. Vamos sair daqui para um salão de chá que conheço e que será muito próprio para você contar-me suas tristezas.

Mas, não falei sóbre as tristezas. Não era o momento certo. Só muito depois, quando ele me pediu em casamento foi que eu contei sóbre o antigo amor. E disse-lhe que só poderia oferecer minha amizade sincera. Pensa que ele se ofendeu ? Nem um pouquinho. Com o mais belo sorriso que sabia compor, respondeu-me simplesmente :

— Meu bem, você está subestimando meus encantos. Vai ver que um mês ou pouco mais de vida comigo será suficiente para deixá-la apaixonada por mim. Quer tentar ?

Eu tinha lágrimas nos olhos e um estranho palpitar no coração quando fiz que sim. E ele teve razão, em parte. Seus encantos me prenderam. Só que o tempo necessário não foi tão pouco como ele imaginara. Foi um ano após nosso casamento que senti amá-lo. Voltávamos de um jantar em casa de amigos, quando ele desviou o carro do caminho de casa, dirigindo-o para os lados da Cidade Náutica. Ali, parou o carro sobre uma ponte e abriu-me a porta. Eu nada dizia, porque o via sério. Aproximamo-nos do parapeito, e olhando as águas, ele me falou :

— Você está vendo o rio... Manso, calmo, faz-nos pensar que está parado. No entanto, jamais parou. Suas águas têm que ir sempre adiante, num movimento que os anos vão eternizando. Sempre adiante, é inelutável. Assim é a vida humana. Não há paradas nem recuos. Sempre adiante, até o mar.

Eu quisera brincar, dizer qualquer coisa que destruísse aquela sombra em seu rosto, mas, ele continuou :

— O rio fica preso ao leito, suas margens são a cadeia odiada à qual ele acaba por agradecer. Porque se as margens se quebram, se o leito foge de sob ele, é o caos do penhasco. Então, o rio enlouquece. Atira-se desesperado, perdido, ansioso, à procura de que ? Das margens que antes o cansavam. Do leito em que deseja repousar, tranquílias outra vez, suas águas enlouquecidas. Assim é a nossa vida. O penhasco é a aventura. Aventura que nos põe um brilho diferente no olhar ávido de novidades, e

no coração um misto de alegria e receio. Você ama a aventura ?

— Oh ! Sim... Sim... — respondi sem saber bem o que estava dizendo. Paulo me parecia tão diferente, aquela noite.

— Então, eu lha proponho. Nossa vida há de ser como a do rio. Sempre adiante, sem recuos. Porque não termos a sensação do infinito, deixando-nos rolar como as águas no penhasco ?

Eu não conseguia entender, esperei que ele prosseguisse.

— Mas, será preciso, de sua parte, mais que amor à aventura. Um pouco mais. Será preciso também amor por mim. Você tem a dar-mo ?

A pergunta veio tão inesperada, que eu nada mais fiz que abraçá-lo, chorando. Oh, se o amava ! A ele, que fizera de mim a moça feliz que nunca sonhei pudesse ser ? Oh, se o amava ! E quanto, meu Deus !

Ali mesmo eu soube de que aventura se tratava. A serviço

ser também que tudo não passe de imaginação minha, sempre batida pelo meu velho espírito romântico.

— Qual é, afinal, o segredo ? — estaria você tentando perguntar.

E que aquela meu velho amor de quase trinta anos atrás ainda poderá florescer. Não pelo ressurgimento de um contato entre nós, não pelo milagre de um rejuvenescimento de emoções. Nada disso vai acontecer. Mas, o que Luis Antônio veio-me contar domingo passado, pode ser a prova do que lhe estou dizendo.

Luis Antônio é o meu filho mais velho. Com vinte e três anos, é um rapaz do tipo que as mocinhas não podem olhar, sem por ele tomar interesse. Culto, educado, amante dos esportes, é um dos mais completos alunos da Escola de Engenharia. Sómente para que isto não pareça tólo orgulho de mãe, esclareço que no ano passado, ele conseguiu três medalhas de ouro : a de Aplicação, a de Monitor de Especulações e a de Melhor Atleta.

Juntando a tódas estas qualidades uma simpatia irradiante, você verá porque eu digo que as mocinhas não lhe resistem. Talvez sejam os cabelos, muito loiros em contraste com a pele morena, ou então os olhos grandes, sonhadores, não sei. O certo é que meu rapazinho poderia ser um conquistador. Mas, não é. Até hoje, não houve moça que conseguisse encantá-lo. Ou melhor, até alguns dias atrás, quando seu interesse foi subitamente despertado por uma bela moreninha que encontramos em Guarujá. Estavávamos na praia. Eu acertava uns versos, quando ele se chegou a mim, sorridente :

— Mamãe, quero que a senhora conheça a...

Levantando os olhos, notei que ele trazia pela mão uma bonita moça que sorria, e que corou um pouco ao ser apresentada. E' que o rapaz dizia assim, sem rodeios :

— Olhe mamãe, é ela ! Ela que eu esperava, sempre esperei ! Não é mesmo do jeitinho que eu sonhava ? Diga alguma coisa, mamãe !

Eu calava, realmente. Apenas olhava a quase-menina que estava à minha frente. Onde vira eu aquêles olhos ? Semi-cerrados pela luz do sol, elas me faziam lembrar alguém. Talvez se ela me olhasse bem... Chamei-a :

— Sente-se aqui, minha filha. Como é seu nome ?

Sorrindo, ela respondeu :

— Mariana.

CITO

resolva o
problema
da limpeza

NO BANHEIRO,
COPA E
COZINHA!



Produtos da:

COMP. QUÍMICA "DUAS ANCORAS"
CAIXA POSTAL 2143 - SÃO PAULO



Então, nada mais foi preciso. Tudo era muito claro. Aquelas eram os seus olhos! Aquela era a sua filha! Como eu soube? Foi fácil. Lembrava-me perfeitamente de quando sua filha nasceu. Os jornais noticiaram a respeito da curiosa homenagem que um deputado prestara a seu bairro. O bairro era Vila Mariana e o deputado era você. Eleito de maneira sui-generis, alcado ao poder por unanimidade de votos de um bairro inteiro, sua gratidão àquele povo foi demonstrada assim, dando à filhinha que nasceu àquela época, o nome do bairro que o reverenciara. Vê como me lembro de tudo? Até do terno que você vestia quando foi feita a entrevista com os grandes jornais. Não guardei recortes, mas tudo ficou nítido em minha memória... Bem, vamos deixar de lado os atributos da memória fiel, para falarmos sobre o que realmente interessa. Voltemos ao ponto em que cortei o assunto. Ao Guarujá.

— Então seu nome é Mariana, meu bem? Um nome bonito. Nós a chamaremos Marianinha, não é, Luis Antônio?

— Como? Que foi? — era o meu rapaz que acordava dos sonhos bonitos que estava tendo, os olhos muito abertos fixos em Marianinha. Ela brincou:

— Ora, Luis, você terá muito tempo para me olhar, hoje, no baile. Minha senhora, as irmãs do Luis irão com ele? Quero muito conhecê-las...

E com que voz sua filha dizia aquilo! Se até eu estava ficando encantada!

— Elas irão, se chegarem a tempo. Tenho uma ligação, agora, com São Paulo, e falarei sobre o baile. E você, Luis, tem algum recado?

— Ah! Sim. Diga a papai que venha rápido, se quiser alcançar-me solteiro...

Rimos os três, mas senti que ali estava selado o futuro de meu filho. Futuro que ele partilharia com aquela encantadora moça!

— Luis, vou com sua mãe. Preciso telefonar. Tenho de contar a papai meu lindo segredo de amor...

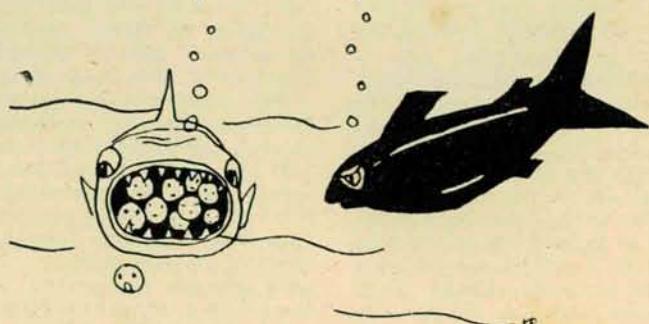
Mas, ela não saiu do lugar. Luis Antônio a retinha presa pela mão, e lá os deixei.

Afinal, se um segredo devia ser contado, aí o tem. Para mim é maravilhoso. Não pude encontrá-lo no altar para o nosso casamento, que foi sólamente meu mais belo sonho de moça. Mas, agora, com alguma variação, ele será feito realidade.

Como realidade é também esta carta enorme, que jamais pensei escrever-lhe, e que aí está, levando a você minha admiração pela filha encantadora que vai ser minha nora, junto aos cumprimentos sinceros pela vida de triunfos que você construiu...

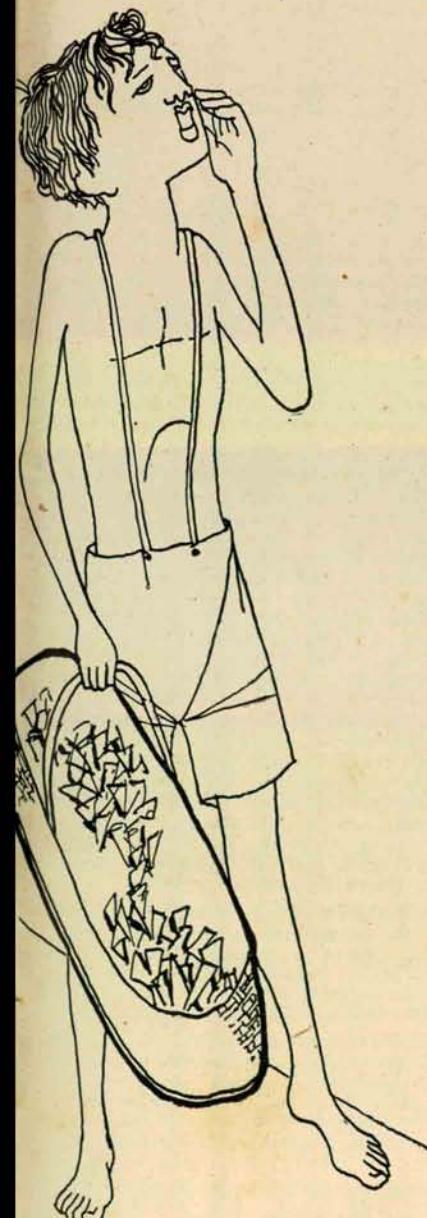
Sinceramente,
Laura.

O MAR... E SEUS SEGREDOS



Um hábito incomum, mesmo entre os fantasmagóricos habitantes do mundo submarino, é encontrado na família dos robalos. Os ovos, de mais ou menos dois centímetros e meio de tamanho, são carregados na boca pelo macho até serem chocados.

Uma sombra do passado



TODOS temos, dentro de nós, um sem número de vozes que, muitas vezes, em tumulto, afloram à lembrança, transportando-nos a tempos longínquos, a paragens remotas, a impressões vividas.

Nas horas de calma e recolhimento, quando alma e coração se voltam para si mesmos, como que a dar balanço na contabilidade emocional do eu inatingido, que doce é ouvir aquelas vozes, falando de passado e de saudade...

Em meu íntimo, bem no fundo de meu coração, guardo a lembrança imperecível daqueles tempos de subúrbio, no Rio de Janeiro, quando a vida era apenas seis anos de aventuras de crianças pobres, calçadas de tamancos, vestidas de chita, cabelos esparsos ao sopro de todos os ventos, olhos abertos a todas as surpresas, ouvidos atentos a todos os chamados.

Quando a vida era seis meninas de mãos dadas, entoando a plenos pulmões as cantigas de roda que tomavam sentido físico, porque Terezinha de Jesus, a viúva inconsolável, Iracema e tantas outras figuras daquelas cantigas viviam, realmente, num canto qualquer, fôsse uma rua desconhecida, um rochedo tão alto que ninguém podia alcançar, o morro da caixa d'água...

Quando a vida era a atenção toda voltada para a voz cantante do menino triste, de olhos grandes e rosto pálido, cesta a tiracolo, gritando desde muito longe, antes da esquina, anunciando a chegada de um momento delicioso:

«Amendoim torradinho,
a cem réis o pacotinho...»

Tinha uma cadência arrastada, tristonha, quase chorada, aquelle pregão.

E como contrastava com o alvorço das meninas que desmanchavam a roda e se acercavam do cestinho, sem ver o garoto!

Os tostões surgiam, como por encanto, do fundo dos bolsos, de dentro dos sapatos, de um canto de parede, onde foram guardados avaramente, até o momento disto.

Só Lota não tinha tostão. Só Lota corria inutilmente, levada de roldão, até junto da cesta, e ficava olhando, os profundos olhos magoados acompanhando cada

mão que espichava o dinheiro e recebia o pacotinho. Só Lota dizia não, quando o menino lhe perguntava se também queria. E só ela recebia, quase de esmola, um pouquinho do pacote daquela que não a esquecia.

Seus lábios nunca se abriram para pedir, mas, não era preciso. Seus olhos diziam tão clara, tão expressivamente, que ela também tinha vontade!

E quando, sentadas todas à beira da calçada, mastigavam, um a um, os grãos torradinhos, ela comia devagar, bem devagarinho, numa preocupação quase dolorosa de que o seu pouquinho acabasse de primeiro e ela tivesse que ficar apenas olhando os outros.

Lota, que pouco sorria. Lota, que muito chorava. Lota, que se esgueirava pelos fundos da casa, tremendo como vara verde, quando o padrasto chegava do serviço antes de ela entrar. Lota, que nos olhava com expressão quase de pavor, quando ouvia a mãe chamarla, porque nunca sabia quando viria o castigo, desmerecido, mas certo. Lota, que se comprazia em brincar de morta, cerrando os olhos, cruzando as mãos no peito e balbuciando um adeus doloroso, enquanto os parentes de meio metro choravam em volta do duro leito de cimento, onde ela jazia para nunca mais voltar. Lota, que não se quis despedir das «meninas do Tenente», quando saímos daquele subúrbio e daquela cidade. Lota, que morreu criança, sem alegria e sem sorriso, talvez realizando, no instante derradeiro, a esperança maior de sua curta vida: ter algo inteiramente seu, que não lhe custasse humilhação nem desencanto.

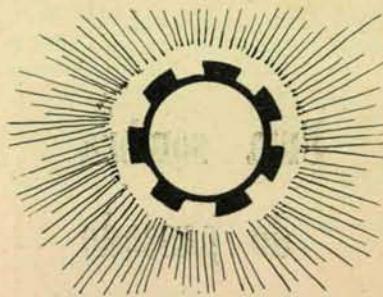
Lota, de quem não me lembra o sorriso, mas que deixou em mim uma saudade enorme, imorredoura, triste como seus profundos olhos escuros, amargurada como seu coração de menina pobre e não querida.

Lota que volta, cada vez, na figura brejeira do menino que vende amendoim a dois mil réis a latinha, com casca e tudo...

Lota, que é a lembrança mais doce de minha infância, a primeira pessoa a quem pude fazer algum bem, a primeira que me fez chorar de saudade.

CARMEM P. DIAS

Está nascendo a Indústria Solar



Segundo os últimos cálculos dos astrofísicos, faz cinco milhões de anos que o Sol alimenta a vida terrestre. Seu calor move os ventos, forma os reservatórios de chuva, desencadeia tempestades, agita ondas, funde montanhas de gelo. A Terra recebe apenas uma quantidade mínima de toda a radiação solar. Se fôssemos alcançados pelo calor total, o globo e os seres viventes seriam tostados em questão de minutos.

Como se faz a produção dessa energia? Podemos considerar o Sol como um gigantesco motor atômico, que funciona sob a ação de um combustível químico — o hidrogênio. Na grande fornalha, mediante um complexo de reações nucleares, o hidrogênio transforma-se num outro elemento natural, o hélio, liberando enorme quantidade de energia.

Calcula-se que a atmosfera terrestre receba, por hora, o equivalente da energia que se obtém de cerca de 23 milhões de toneladas de carvão. Em dois dias recebemos uma quantidade de energia igual àquela produzida por todas as atuais fontes de reservas naturais: carvão, petróleo, gás natural — e, em quarenta dias, teríamos o suficiente para abastecer o mundo nos próximos 100 anos!

Todos estes dados foram citados no Congresso sobre Energia Solar, realizado recentemente pela primeira vez em Roma, quando da Exposição Universal sob o patrocínio do Conselho Nacional de Pesquisas.

Até então, a imensa energia do Sol não tinha qualquer utilidade para a indústria ou a agricultura. Diariamente eram esbanjados no mundo milhares de milhões de kilowatts. Hoje, entretanto, conforme anunciam os cientistas, a conquista desta poderosa fonte natural, velho problema que fascinou e desiludiu tantos inventores do passado, apresenta-se com novas perspectivas de realidade concreta.

Em 1955 foi realizada em Phenix, nos Estados Unidos, uma exposição de máquinas e aparelhos movimentados pela ação dos raios solares: motores, caldeiras, fornos, baterias elétricas, dispositivos de destilação e de aquecimento noturno nas residências por acúmulo de calorias diárias. Parte do mostruário esteve no

Congresso de Eletrônica em Roma, onde os visitantes viram, por exemplo, o primeiro automóvel solar que, a velocidade limitada, anda regularmente, tendo em vista tratar-se da primeira experiência.

Os sistemas aplicados para captar a energia solar são vários e o mais conhecido consiste numa nova versão dos famosos espelhos de Arquimedes que incendiaram os navios romanos, através dos quais se obtém uma intensificação da energia térmica dos raios solares mediante o emprêgo de dispositivos óticos. Exemplo espetacular da aplicação desse sistema é o forno construído no monte Louis, nos Pireneus, no qual o dispositivo, constituído por dois grandes espelhos — um de superfície plana e outro parabólico — permite alcançar a elevada temperatura de 3 mil graus no vácuo.

Atualmente, encontra-se em preparo um forno gigantesco, com um espelho de trinta metros de altura e cinqüenta de largura, destinado a Colom Becher, no Sahara. O grande deserto terá assim o primeiro grandioso aparelho industrial movimentado pela ação do sol.

Outro problema fundamental, que há alguns anos vem preocupando os estudiosos, consiste nas tentativas de aplicações práticas com base nos processos de caráter químico originados das radiações luminosas. Os cientistas consideram, em particular, a função clorofílica das plantas e o mecanismo biológico vegetal. Até há bem pouco tempo, eram poucos os entendidos que sabiam que uma alga microscópica, a clorela, multiplica-se rapidamente, quando colocada em água rica de ácido carbônico e exposta ao Sol. Um grupo de cientistas japoneses, trabalhando no Instituto Tokugawa de Pesquisas Biológicas, sob a orientação do professor Hiroshi Tamai, acaba de anunciar os resultados surpreendentes obtidos da cultura dessa alga unicelular, a qual pode ser empregada não apenas como alimento, mas também como combustível.

Da cultura feita numa área de um hectare nas condições exigidas podem-se obter cerca de cinqüenta toneladas por ano de proteínas — substâncias alimentícias fundamen-

tais e insubstituíveis para o homem e para os animais.

A clorela, grande sentinela de que se têm ocupado últimamente as revistas científicas, possui a propriedade de brotar e desenvolver-se durante o ano inteiro, sem se ressentir das influências das estações. Trata-se, entretanto, de uma agricultura particularmente adaptada aos países ricos em sol e pobres em água.

Vários centros universitários de estudos no Japão, na Índia e em particular o Instituto Carnegie, nos Estados Unidos, estão dando impulso decisivo às pesquisas neste campo, fazendo culturas de clorela e de outras algas que talvez ofereçam possibilidades ainda maiores. A preocupação dos pesquisadores reside no aumento da produção de matéria orgânica vegetal, com a finalidade de se obter das plantas uma quantidade maior de substâncias de utilidade fundamental.

Por outro lado, estão sendo feitos estudos particulares com o objetivo de utilizar as próprias plantas para fixar a energia solar e convertê-la em energia mecânica. Numa recente publicação, o engenheiro Louis Armand, presidente dos grandes conjuntos industriais da África, expôs os seus projetos para tornar o Sahara fecundo e habitável. O notável pioneiro do deserto atribui importância máxima à «agricultura do Sol» e afirma que, estabelecidas as premissas práticas por uma cooperação entre a química do homem e preparação oportuna do solo, é muito provável que os países mais ensolarados deem, para alguns produtos, rendimento muito superior àqueles auferidos da agricultura clássica.

Considerando pois os aspectos gerais do problema da energia, pode-se prever que num futuro muito próximo, grandes oficinas siderúrgicas surgirão nas terras de sol, proporcionando uma feliz revolução na economia mundial. Em pouco tempo foram obtidos progressos rápidos e notáveis, os quais justificam, de qualquer modo, a afirmação feita por alguns cientistas e construtores entusiasmados, de que 1961 pode ser considerado o «ano 1.º da indústria solar». — Hugo Maraldi

Num Congresso realizado pela primeira vez na Itália, foram colocadas em evidência as múltiplas e surpreendentes aplicações práticas da energia solar à indústria e à alimentação.

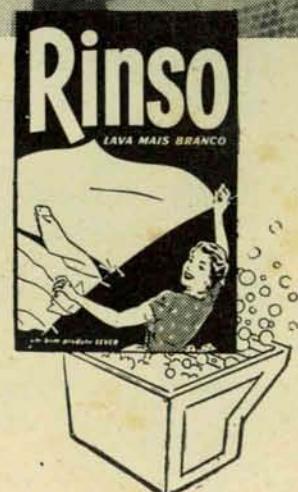
*"Pensei que meu
vestido fosse branco... mas
o seu-que beleza!"*

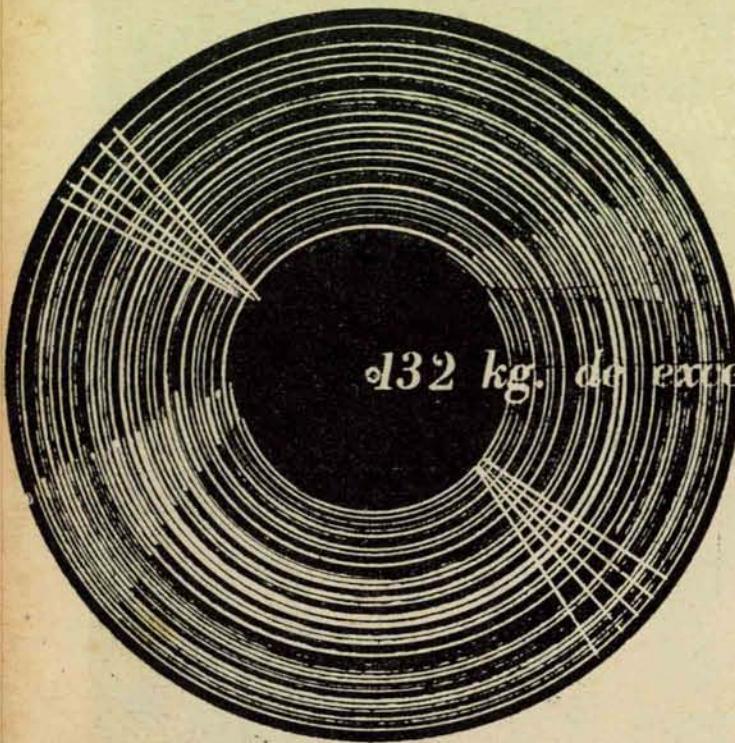
*"É porque
Rinso lava
mais branco!"*



Isso acontece sempre... e é quando muitas donas-de-casa descobrem que a roupa lavada com Rinso é mesmo mais branca! ■ Rinso Lava Mais Branco porque não é como os produtos comuns, que tiram apenas a sujeira superficial. O Môlho Super Espumoso de Rinso vai bem lá dentro do tecido, onde fica entranhada aquela sujeira fina que escurece a roupa. Rinso limpa de verdade! ■ E tudo isso sem estragar a roupa de tanto bater no ralador do tanque, e sem os alvejantes que corroem o tecido. Rinso é puro! Comece a usar Rinso, e a Sra. ficará satisfeita ao ver a sua própria roupa assim... com o branco mais branco que a Sra. já viu! Rinso Lava Mais Branco!

Rinso lava mais branco!





V
O
Z



Fotos de LIFE • Texto de NIDOVAL REIS

Atenciosamente ouve uma de suas gravações. Qualquer defeito em sua maneira de interpretar, poderá com essa atitude, ser corrigido futuramente.





Elvio Gobbi, "Voz de Ouro ABC de 1959", conta a ALTEROSA um pouco de sua recém-iniciada carreira de astro-cantor na vida radiofônica do País. Em sua opinião Sílvio Caldas ainda é o melhor cantor brasileiro.

1º lugar conquistado em disputa com mais de seis mil candidatos — Elvio Gobbi, «Voz de Ouro ABC de 1959» — Revelado pela PRG-8 Bauru Rádio Clube — Projeta-se ainda mais no cenário brasileiro o nome da Cidade sem Limites — Sorensen, pintor; Pelé, gênio do futebol; Nilza Antunes, pianista vencedora do concurso nacional instituído pela Rádio Gazeta e, desta vez, Elvio Gobbi, «Voz de Ouro ABC de 1959» — ALTEROSA entrevista o jovem cantor.

O NOME de Bauru vem se projetando gradativamente no cenário artístico brasileiro — futebol também é arte — com o surgimento de alguns valores positivos, dentre os quais podemos citar Pelé, o inconfundível malabarista da bola, que, embora não tenha nascido na Cidade sem Limites aqui passou toda a sua infância e pequena parte da juventude, pois foi logo levado para clubes de futebol profissional, fazendo alarde de sua classe e abiscoitando para sua bolsa milhões de cruzeiros.

Filho de Bauru, temos aí, como grande artista — pintor — Sorensen, moço vivendo atualmente no Rio e que, segundo os críticos de arte, é o substituto de San-

ta Rosa. Ainda podemos citar o nome da jovem pianista Nilza Antunes que, em difícil concurso nacional do instrumento que immortalizou Chopin, no auditório da Rádio Gazeta de São Paulo, entre dezenas de candidatos, conseguiu sagrar-se vencedora e ter, imediatamente, iniciada sua vida artística, integrando o «cast» da emissora, dando semanalmente, recitais de piano.

O cantor Elvio Gobbi, surgiu no cenário brasileiro depois de ter participado do conhecido concurso «Voz de Ouro ABC». Antes, porém, fez escola no Clube Juvenil da PRG-8, Bauru Rádio Clube, programa esse então dirigido por Horácio Alves Cunha, hoje proprietário de uma emis-

sora e vereador à Câmara da Cidade sem Limites. Elvio Gobbi, o gordo cantor que em obesidade poderia muito bem fazer dupla com Leny Eversong e, quem sabe até mesmo pela voz, para alcançar o galardão que envalidecido ostenta, teve que disputá-lo com mais de seis mil candidatos. A felicidade de ser o vencedor chegou-lhe dia 31 de outubro de 1959, no auditório da Rádio Record, frente às câmeras de televisão da conhecida emissora-TV da Quintino Bocayuva de São Paulo, cantando o samba-canção, «Onde Estará Meu Amor». Por essa vitória Elvio Gobbi, ganhou como prêmios: uma viagem aos Estados Unidos; 1 televisor; contrato com 19 Estados brasileiros;



Sorrindo de satisfação, Elvio Gobbi, focaliza aspectos de sua primeira gravação em disco. Dentro de pouco tempo espera lançar o seu Long Play.

EXCELENTE VOZ

dois carros Buicks: um da Rádio Record e outro do seu próprio progenitor.

Assim falou à nossa reportagem o brilhante cantor patrício:

«Apesar de ter conquistado o primeiro lugar do concurso «Voz de Ouro ABC de 1959», continuei procurando aperfeiçoar ainda mais a minha voz, pois sei-a com vários vícios adquiridos desde a infância, quando iniciei minha vida radiofônica. Para este mister, encontrei na Record a figura sempre amiga do maestro Henrique Simonetti, que me tem revelado segredos da arte que nos deu um Caruso ou ainda o nosso Francisco Alves. Jovem como sou, espero progredir bastante para fazer jus ao título alcançado.

Ao ser declarado vencedor do

«Voz de Ouro ABC de 1959», imediatamente voltei o pensamento à minha infância, quando, enfrentando aos sete anos de idade, o microfone de um programa infantil, cantei a criação de Bob Nelson (coqueluche da época), «Vaca Salomé». Sobre meus projetos futuros e minhas atuais realizações na vida artística, esclareço: tenho contrato com a Rádio Televisão Record e, também para cantar em vários Estados do Brasil. Atualmente, apresento-me na Boate «Cave» do Jardim Magalhães.

Espero, como já disse, cantar cada vez melhor, principalmente para que os meus fãs e amigos de Bauru e do Brasil não se decepcionem comigo. A viagem que ganhei para os Estados Unidos, se me fosse dado escolher, trocá-

la-ia por uma ao México, pátria do poeta Amado Nervo. Isto porque, na terra azteca, há muito romantismo e o encantamento de suas paisagens e de seu povo, que conheço através da música e fotografias, muito me encanta».

Finalizando sua entrevista, Elvio Gobbi esclareceu: há muita gente nova no cenário radiofônico brasileiro. Cantores de bons predicados, porém, poucos. Não quero cometer injustiça contra ninguém, mas, dentre os novos, desejo destacar as figuras de Agnaldo Raiol e Roberto Luna. Das cantoras, sou fã incondicional de Angela Maria e Leny Eversong (com o apoio do repórter). O maior de todos, no entanto, é Silvio Caldas, pois nem mesmo os anos conseguem torná-lo astro em ofuscamento.

CALOR NO ESPAÇO

Numa nave espacial hermética mente fechada, que acontece com o calor gerado pelo corpo do passageiro? Uma cobaia colocada numa sacola de matéria plástica morreria assada por seu próprio calor em 15 minutos. E um homem numa destas cápsulas herméticas cozinharia a si próprio em sete minutos. Mas alguns pesquisadores norte-americanos já encontraram solução para o problema. O calor gerado pelo corpo do homem do espaço será absorvido por um sistema de circulação de água. Com o calor ferve e o vapor será lançado no espaço por meio de tubulações.

☆ ☆ ☆

O PROBLEMA É ESCOLHER

O pastor da cidade de Jacksonville, bastante preocupado em levar seus fiéis a não se preocuparem sómente com as coisas terrenas, resolveu servir-se do anúncio publicitário de uma agência de turismo para transmitir-lhes um lembrete. Assim, quando a agência, às vésperas dos festejos de fim de ano, colocou em destaque um cartaz onde se lia: «Onde passarás as férias?», o pastor tratou de colocar-lhe ao lado um outro com os seguintes dizeres: «Onde Passarás a Eternidade?».

☆ ☆ ☆

NÃO FAZEM NADA

O número de desocupados na Alemanha atingiu agora o nível mais baixo já alcançado, que é de 320.800, o que significa que 11,6 por cento dos cidadãos aptos para o trabalho não fazem nada.

☆ ☆ ☆

PATRÃO FIEL

Depois de tantos exemplos de fidelidade da parte de animais para com os seus donos, eis um patético caso de afeição de um dono para com o seu animal: um ancião italiano chamado Giovanni Pietrini, que passava quase o dia inteiro montado no seu cavalo «Albino», que possuía desde a idade dos 18 anos e ao qual se afeiçoara muitíssimo, não resistindo à morte do animal, veio a falecer um mês depois, em consequência da grande tristeza de que ficou possuído.

Teste

VOCÊ É
BOA PSICÓLOGA?



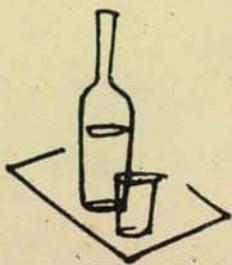
PARA um grande número de pessoas, a psicologia nada mais é que bom-senso. Entretanto, trata-se de uma ciência exata, que repousa sobre dados precisos e experiências irrefutáveis. Eis porque muitas pessoas consideradas «psicólogas» podem enganar-se fragorosamente, quando se propõem interpretar atos e gestos de seus semelhantes.

Aqui está um meio de você verificar se é boa psicóloga. Responda às perguntas abaixo, marcando 3 pontos para cada resposta afirmativa.

1. Acredita que a futura mamãe pode influenciar, por meio de seus pensamentos, o caráter do filhinho que espera?
2. Na sua opinião as crianças prematuras são mais fracas e adoecem com mais facilidade?
3. Acha que os casamentos entre membros da mesma família dão, quase irremediavelmente, filhos psíquica ou moralmente mal equilibrados?
4. Acredita que existem povos inclinados naturalmente à preguiça ou à aptidão especial, ao talento ou à hostilidade?
5. Quando uma pessoa não olha francamente nos olhos, acha que ela deve ser considerada como portadora de honra duvidosa?
6. Você é de opinião que a criança é indiferente às primeiras experiências e que, por conseguinte, estas têm pouca possibilidade de exercer influências sobre sua personalidade futura?
7. Acredita que as pessoas podem nascer com temores instintivos?
8. Está persuadida de que só muito raramente as doenças mentais podem ser curadas?
9. Acha que é possível apontar um culpado no meio de um grupo de pessoas, valendo-se da expressão e da conduta dele?
10. Acredita que as pessoas podem nascer com capacidade de distinguir o bem do mal?

Agora, verifique o total dos pontos. Se você alcançou de 24 a 30, saiba que está pouco capacitada para julgar os outros, pois sua psicologia repousa em falsas concepções, e em observações mal feitas.

Entre 9 e 21, você ainda é vítima de numerosos erros de concepção, sendo-lhe necessária uma boa revisão de idéias. Finalmente, com um resultado inferior a 9 pontos, seu espírito não está obstruído por juízos antecipados, o que significa que você é forte em psicologia.



LEMBRO-ME ainda dos Markovics, embora a maior parte de minhas recordações não sejam oriundas do escanífrado Berci. De fato, a receptividade de meu cérebro foi maior em relação a mui decorativa "companheira de sua vida" que todos chamavam de "A giganta". Sim, esse nome fêz-se notório em tóda Debrecen, dos subúrbios até a "Catedral" cujos

sinos, no dizer das más-línguas, gozavam da exclusiva faculdade de igualar o rumor de sua voz. Lembram-me também os bons tempos de minha infância, quando íamos às estepes de Hortobagy, acompanhando nosso padroeiro Laci Rab no carro municipal, tirado por quatro cavalos.

Precisamente numa daquelas viagens me foi dado contemplar pela primeira vez a "Giganta". Vi-a além da aldeia de Pallag defronte de sua granja bela e rica, embora solitária e desolada. De primeiro, um grande temor invadiu-me. Era muito criança e não pude logo discernir de que se tratava: homem ou mulher. Era mais alta que um granadeiro: dois metros, se não mais. Estava no alpendre da velha casa cheia de arcos. Usava saia curta, botas de granjeiro e, na sua mão, um cajado masculino tremia belicosamente. A jaqueta masculina semelhante a um gibão cerrava seu corpo maciço, mas a mulher se revelava num vivo lenço de camponês, que lhe recobria a cabeça. Sob o lenço, apontava um rosto forte, oliváceo, que seria belo não tivesse a variola feito ásperas suas feições. Seus olhos, muito abertos, abrangiam tóda a granja e mal focalizados por eles os mais preguiçosos "camaradas" apalpavam suas costas, como a pressentir o bastão impiedoso do "Tio Borcsa".

A senhora Markovics era o chamado "Tio Borcsa". Pelo contrário, seu marido era chamado, com a maior estima, "Tia Berci", denominação que lhe caía como uma luva. Era louro, e seus bigodes ralos. Ainda o vejo pavoneando-se junto da mulher na varanda, todo peralvílio em suas calças bem cuidadas. Era um "dandy" camponês que fumava cachimbo e mangava da mulher e de seus cuidados, rindo-se com um riso esganicado tirante ao grito das gralhas. A "Giganta" se aborrecia algumas vezes e brandia na sua direção o bastão de capataz.

— Mandrião, preguiçoso, imprestável...

— Um verdadeiro senhor não trabalha! gritava Berci, pondo-se ao fresco com um saltinho.

— Um verdadeiro senhor? Então você se julga um senhor, hem? Só porque trouxe a bagagem para minha casa e agora vive gastando meu dinheiro... Bem vejo! Agora é viver enrougado nestas calças que fazem palpitar o coração às mulheres de Budapest. Sim, é a mesma coisa quando vai a dançar nos salões de Buzalka... Oh! aquéle maldito Buzalka...

Hoje, passado tanto tempo, sucede-me ouvir o tinar das botas de Berci a refilar-se, seguido pelo riso sufocado de Laci Rab. Depois era a carreta reentrando na estrada, e sendo tirada pelos cavalos trotando miudinho... Naquela época com a vivacidade própria dos garotos fiquei profundamente interessado pela história dos Markovics. Laci Rab sabia muita coisa sobre o casal e contou-me tudo.

Ela conheceu, quando menina, Borcsa Máteffi, a endinheirada "cidadã" (como é de uso chamar-se em Debrecen a mulher casada). Era u'a mocetona com ar de meter medo, que costumava, ao dançar czardas tremulantes, tomar a mão de seu par e le-

UMA GARRAFA DE VINHO

vantá-lo no espaço. Era uma moça dêste tipo: destabocada e forte. Depois um pardalzinho do deserto, isto é, alguém estranho a Debrecen, mas que era de boa linhagem, prendeu sua afeição. O herói chamava-se Berci Markovics. Os arrogantes e untuosos "cidadãos" de Debrecen não julgaram de bom alvitre aquelas núpcias e lhe previram um fim escabroso. Tudo foi inútil. Vindos da "Catedral" Borcsa lançou um banquinho diante de seu marido e lhe disse, tóda ternura :

— E agora, querido Berci, pule neste banco e dê-me um beijo...

Berci não se fêz de rogado; mas, quanto mais beijos trocaram, mais se acostumou o finório àquela altitude imponente. Para o fim, entrou a crer que sempre tinha um banquinho sob os pés, julgando-se tão alto como sua portentosa esposa. Logo se fêz mau e deu de mandar. E acontecia que, se brigavam, a "Giganta" o lançava fora de seu pedestal, mas vinda a paz, repunha-o no seu banquinho. E foi de tal modo, que a Golias dos Markovics perdeu a batalha contra seu minguado David.

No tempo destas coisas, na companhia de Laci Rab, passei junto à granja de Borcsa. Ela cuidava de tudo e mourejava na terra como um feitor de saias. Era inútil. Os gastos senhoris de Berci, como um rio na cheia, tragavam pedaços cada vez maiores das vastas terras dos Máteffi. Borcsa suportava tudo como um castigo dos céus, suspirava, mas pouco a pouco se enfraquecia. Sua voz ia-se fazendo mais suave, sua ira menos violenta. Vieram doenças e não houve senão contratar um feitor. Os primeiros candidatos ao cargo, a giganta pô-los na rua, a cabo de pás. Depois chegou a vez de Gazsi Sajna, um sujeito meio dado à bebida, mas de boa índole. Era um tipo colossal êste Gazsi. Louro, tinha um físico de búfalo gordo. Suas faces eram mimosas, lisas e rosadas como o rosto de uma mocinha quando enrubescem. Seu rosto era pintalgado de sardas, tão numerosas como suas boas intenções.

E Gazsi revelou-se talhado para as funções. Não demorou, falava-se que a "Giganta" vivia com os olhos fitos nêle. Nós mesmos numa tarde vimos senhora e feitor, passeando juntos num campo de restolhos. Por então, Borcsa já vivia doente, com balida, mostrando no rosto um ar de pranto. Certamente, queixava-se de Berci, cujas ausências eram cada vez mais demoradas.

Um dia, soubemos que a senhora Markovics tinha adoecido. O marido, como sempre estava em Budapest, no cabaré de Buzalka. Mas, o bom do Gazsi Sajna cuidava dela fielmente. Pouco depois nos contaram que a "Giganta" morrera de repente. Achamos estranho, mas naturalmente não estive na granja para saber do que se passou. Em Debrecen só vi uma coisa: na rua Peterfia todos os parentes se reuniram. Eram os Tóth, os Varga, os Kiss, que tinham vivido entre querelas seguidas e haviam jurado nunca pôr os pés na casa do odiado "Tio Borcsa".

Agora, cobertos de preto, se punham, lépidos, a caminho, buscando uma herança ainda respeitável...

Imediatamente, partiram de carro para a granja. Lá encontraram Gazsi Sajna, molhado de suor, concluindo seu grande trabalho — o caixão mortuário (o esquife vindo da cidade, naturalmente, era pequeno). Os olhos marejados de lágrimas, o feitor tinha construído outro maior com suas próprias mãos; pintara-o de preto e na grande sala tinha armado o catafalco da senhora Markovics.

— Muito bem — disse-lhe a desempenada senhora Tóth, entrando com sua cara de perua. — Como é preciso dormir em um lugar qualquer e já estamos aqui, fiquemos o resto da noite.

— Naturalmente — confirmaram todos com voz ameaçadora.

A senhora Kiss, que parecia alguém que vivesse sentindo maus odores, falou também, num tom de ameaça:

— Queremos ver as coisas detalhadamente! Dejamos ver o que ficou do patrimônio usurpado, o que resta ainda nas gavetas e nos armários!

Gazsi era um sujeito de bom coração. Sinceralmente condoliado pela morte de sua patroa, sentiu-se revoltado com a insensibilidade de seus parentes.

Não se abalaram mesmo a ver a pobre morta. Sairam correndo para sua busca concupiscente. Sacrifício! Mas, Gazsi, um bonachão dos maiores, obedeceu, entregando imediatamente o molho de chaves aos "Cidadãos".

Os homens se lançaram a um trabalho diferente: queriam comer, buscavam os "melhores vinhos"... Deus do céu!

Dentro de casa, as mulheres faziam as véses de oficiais de justiça; abriam os armários, as cômodas, perquiriam as gavetas, tiravam as jóias e sacavam cédulas dentre os livros de orações. Quando veio a tarde elas começaram a chegar a vias-de-fato. Babel... tumulto... cabelos puxados. Ouviam-se gritos. "Não, não, isto é meu!" "Seu, uma ova". "Cuidado, Júlia, senão lhe dou umas palmadas".

O feitor procurou mediar, implorou:

— Antes, velemos a morta, como é de preceito!

— Velar? e se puseram a disputar com ele a respeito disto. — O que mais deseja você? Primeiro se faz a distribuição! Deve-se procurar as coisas detalhadamente.

A Tóth, com sua face de perua que estivesse a ponto de estourar, meteu nas mãos de Gazsi uma garrafa de vinho, e, ato contínuo, expulsou-o do salão.

— Eis aqui uma garrafa das grandes. Mas não vá se embriagar e dormir. Faça você mesmo a vigília.

Vinho! Sentado aos pés do caixão, Gazsi, ralado de mágoas contemplava sua patroa jazendo entre duas velas. Mas, céus! Como tudo lhe parecia estranho. Onde andaria agora o marido da morta, a "Tia Berci"? Entre fundos suspiros, como haustos de uma estufa mal ventilada, olhou o rosto enrijecido da defunta. Logo, porém, sentiu um objeto nas mãos. Uma garrafa? Sim e das melhores. Forçou os ouvidos que não mais lhe revelaram tumulto algum nos quartos distantes. Os cidadãos, saciados, tinham-se posto na cama. Contudo, as "Cidadãs", as mãos cer-



randos os despojos, haviam-se sentado nos baús, nas gavetas vazias e aí tinham adormecido. Uma garrafa de vinho? Envergonhado, o capataz fitou a morta. Depois — não podia deixar de fazê-lo — bebeu um grande sôrvo da garrafa. Sim, era dos "melhores"... Mais um gole, três, cinco... Perdeu a conta.

Vexado pelos "cidadãos" não havia jantado naquele dia. Talvez, por isso mesmo, o vinho, rapidamente fôra ter à sua cabeça. Sentia-se muito leve e chegou ao catafalco. Ali, entrou a rir gostosamente, e depôs o cálice cheio de vinho na boca da face enrijecida. "Brindemo-nos, nós dois, minha comadre" — disse enquanto com a mão esquerda levantava a garrafa até seus próprios lábios. Decerto foi muito longo aquele sôrvo. Levantando os olhos, Gazsi notou que a "Comadre" o compreendera e segurava o copo, embora a mão lhe tremesse.

Então, abriram-se os olhos da Senhora Markovics.

— Meu bom Gazsi, este é o melhor vinho que temos...

— De fato, muito bom, não é?

— Excelente. Mas quem lho deu sem meu consentimento?

— Quem? A senhora Tóth e a senhora Kiss.

— Estão elas por aqui?

— Sim aquelas velhacas... vieram dividir as coisas... seguir o enterrô... Sei lá...

A senhora Markovics levantou-se atônita, sentou-se no caixão mortuário.

— Enterrô? Enterrro de quem?

— Quem me dera saber, minha patroa... Mas... Vou contar... Agora mesmo me lembrei...

A "Giganta" olhou em volta, estremeceu, mas rapidamente pegou tudo:

— Afinal, o cadáver sou eu, meu caro Gazsi. Dormi demais, mas o sono me fêz bem. Ajude-me um pouco. Agora...

A senhora Markovics saiu do esquife e coube-lhe então amparar o feitor embriagado.

Lá fora, o mundo se iluminava, a manhã nascia. A "Giganta" não era mulher de perder tempo: apagou as duas velas do catafalco e fêz o embriagado deitar-se no sofá. Desvanecida, ela se tomou de cuidados por ele.

— E Berci? Não veio?

(Conclui na pág. 96)

Você conhece meu País?

NO fim de contas — pensei — é impossível que não tenham ouvido falar de nós. Somos um mundo, pela extensão territorial, pela população, por nossa contribuição à causa da democracia.

Com esse pensamento fiz-me ao mar largo da avenida Pensilvânia, que liga a Casa Branca ao Capitólio — trajeto percorrido por Lincoln e tantos outros presidentes. Necessitava de um relógio, entrei na primeira joalheria, situada próximo à esquina da rua 12, vale dizer, a pequena distância de meu hotel. Mr. Leeland, o joalheiro, como o movimento não era muito àquela hora da noite (estávamos em vésperas de Natal e o comércio funcionava até vinte e duas horas), dispôs-se a ouvir-me contar coisas de minha terra.

Conhecia-nos, é claro. Sabia que existia na parte sul uma grande nação, amiga e... A não sei que propósito, como pai que exibe a todo mundo a fotografia do recém-nascido, saquei de umas vistas de São Paulo, onde a cidade aparecia esplendorosa, com seus arranha-céus imponentes.

Mr. Leeland arregalou os olhos, contou os andares do edifício do Banco do Estado, felicitou-me por aquela demonstração de pujança. E fomos, até depois da hora de cerrar as portas, numa conversa prolongada, em que narrei com riqueza de pormenores nossa História, de Cabral a Juscelino, citando esses nomes, de Rui a Pelé, referindo nossa investida agrícola, com os cafêzais do Paraná e nosso surto industrial, com Volta Redonda e Santo André.

Foi boa experiência. Repeti a «conferência» dezenas de vêzes, achando graça em ver nosso Pedro I transformado em Peter, the First e o velho Cabral promovido a «Portuguese Admiral»...

Ganhei um amigo, o Brasil também. Quando regressei do Sul, tempos após, Mr. Leeland acolheu-me afetuosamente, pediu notícias do meu «big country» e prometeu-me que dali por diante ia ler muito sobre nossa pátria.

Pouco depois, em Baltimore, numa reunião social, topei com meia dúzia de homens de negócios, mais ou menos informados a nosso respeito. Um deles, calvo como bola de bilhar, citou estatísticas e demonstrou um razoável ponto de vista sobre nosso futuro.

Em Miami, na praia alvíssima (que contrasta com Long Beach, onde a areia é côn de ocre, sinal de petróleo), topei com um casal de judeus, ela de talhe avantajado, bonita como uma palmeira, da-

quelas que enfeitam a orla marítima, ele um tipo atlético e simpático. Marido e mulher tinham estado em nossa terra, havia anos. Não tanto quanto um português, que falava muito mal o vernáculo e fazia parte da grei do Pai Divino, em Filadélfia. Esse passara por Santos e Rio, ao tempo do Centenário. E pensava que tudo estava como deixara...

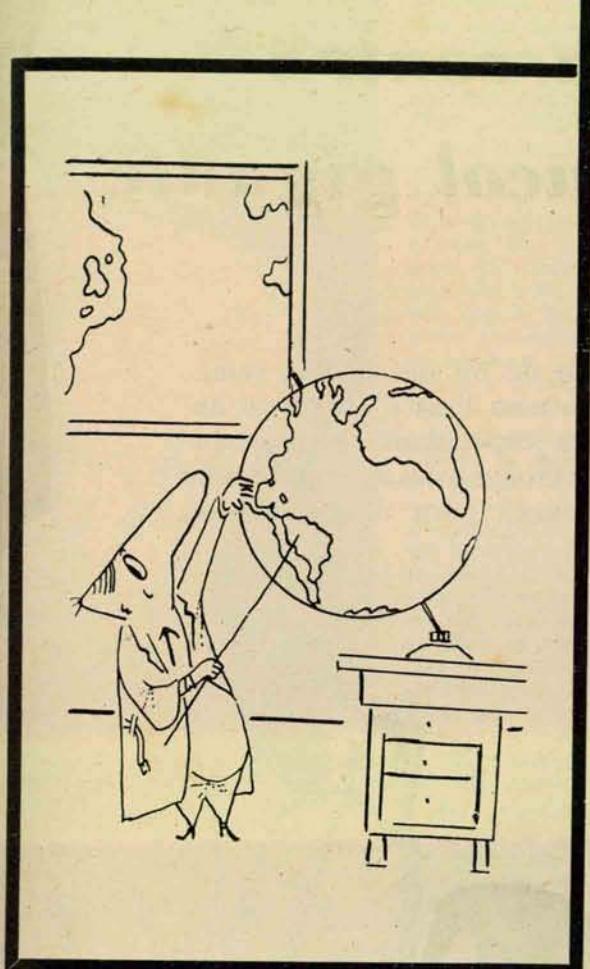
Miami vivia grandes momentos, em vésperas do Desfile da Laranja, no último dia do ano. Moças e rapazes de toda parte chegavam, em caravanas, para os festejos. Fiz amizade com as componentes da banda de música da Universidade de Homer, Louisiana, que gozavam as delícias do banho de mar. Cercaram-me, perguntando coisas do Brasil. E se desculpavam. Haviam estudado geografia, mas os países são tantos... E para elas, do México para baixo tudo era... Espanha... Protestei: pertencímos, se assim se podia dizer, à América Portuguesa (e voltou à cena o nosso já íntimo Admiral Padr'Alvares...)

Uma das moças, versada em línguas românicas, exibiu as similitudes entre o castelhano e o idioma lusitano. «Amigos — «amigos». «Ciudad» — «cidade». Tôdas a aplaudiram. Mas desfiz a vitória, lembrando que enquanto eles diziam «pañuelo», nós dizíamos «lenço», «ventana» para nós era «janela» e «rodillas», «joelhos»...

Um advogado, no trem de Nova Iorque, queria minúcias acerca dos índios e jacarés. Para ele Brasil era Amazonas e Mato Grosso. E as cobras? Retruquei que cobra mesmo, só no Butantan, jacaré eu nunca vira um e quanto a índios, os únicos que conhecera, foram os do Tennessee, das Smoky Mountains — por sinal que homens estudados, com TV e outros confortos, mas que se conservavam índios por esperteza...

Na Lane Jones, junto à Wall Street, fui encontrar gente para quem o Brasil era, de fato, uma potência. Eram os negociantes de café. Mr. Mc Cauley, um irlandês de seus sessenta anos, sabia, até, os nomes, os hábitos e outros pormenores dos principais exportadores da rubiácea em Santos... Visitara uma vez aquèle pôrto; em compensação tinha visitas constantes de brasileiros. O segredo? Era quem atendia às ordens de pagamento, sempre que os dólares escasseavam — tal o meu caso...

Não muito longe, na rua Washington, ficava o Victor, especialista em vender artigos para os brasileiros. Conhecia nossa língua, nossos deputados e



Artigo de

ALTINO BONDESAN

conto publicado na «Saturday Evening Post», cuja redação fica na praça da Independência, em Filadélfia. «A girl named Brazil» era o título e nada tinha a ver conosco. A moça é que tinha o nome do nosso país, porque o pai aqui vivera algum tempo. E só.

Mas... na América há de tudo. Gerard era um maníaco do Brasil. Não sei como nos descobriu no Clark, em Los Angeles. Levou-nos à sua casa, em Beverly Hills. Tinha jornais e revistas de nossa terra, dominava o português com perfeição, conhecia personalidades de nosso «society», enfim, era fã incondicional do Brasil. Desejava visitar-nos, tão logo tivesse vagares e dinheiro para tanto. Era vizinho de Edward G. Robinson e Joan Fontaine. Narrava com tristeza o triste fim de La Miranda, explorada pelo marido, que a obrigava a três shows por noite. Nem bem a «pequena notável» morreu, passou nos cobres a residência, arranjou outra, isto é, outra casa e outra mulher. De fato, telefonando para o endereço de Carmen Miranda, ouvi o ocupante da casa dizer que não sabia que ali havia morado a artista — embora o telefone figurasse na lista em nome dela...

Outro amigo do Brasil era Rusty (Enferrujado), de São Francisco da Califórnia. Conhecemos ao acaso, no «Copacabana», cujo proprietário era mexicano. Fêz-me companhia na noite de S. Valentino, escoltando-me aos locais onde se comemorava tão grata efeméride. Amava o Brasil, onde passara dois meses. Tinha saudades de nosso sol, de nossas montanhas, de nossas morenas.

E, por fim, falarrei de uma morena, aluna da Universidade do Tennessee, com quem conversei em Knoxville. Seu nome: Kitty (pronunciavam ki-ri). Vivia triste, na solidão da cidade pouco movimentada, «entreaberto botão, entrefechada rosa». Toma-se de amores pelo Brasil, país de sonho e de poesia. Preferia ouvir pouco a respeito. Gostava do Brasil imaginado, criado em sua fantasia, um Brasil de palmeiras, de pássaros, de sol, de amor... Um Brasil que lhe trazia, ao coração de mocinha, entregue às duras obrigações escolares, um pouco de sol, um pouco de luz... Disse-lhe que ela se parecia muito com as mulheres de minha terra... «Não é o primeiro que me diz isso... Não tornei a vê-la, mas estou quase certo que algum brasileiro, de passagem por aqueles fins do mundo, havia lançado no peito da morena as sementes de uma paixão...

senadores, todo mundo... Era, até, proprietário de um apartamento em São Vicente, pretendia logo vir ao Brasil, a ver sua propriedade.

Nosso escritório comercial, na 5^a Avenida, está localizado em andar superior e pouco faz, se o compararmos com a modesta sala de réis do chão, do escritório português, com vitrina atraindo milhares de vistos, na zona do Waldorf Astoria. Lá vi Camões, Vasco da Gama, instrumentos náuticos, bem assim outras coisas que concorrem para a propaganda de Portugal, como atração turística e terra de heróis.

Os jornais não falam do Brasil. Ou falavam quando havia coisa ruim para contar: um senador assassinado pelo sobrinho, um prédio de dez andares que ruiu no Rio de Janeiro, uns criminosos atirados às piranhas por soldados desalmados, no São Francisco e coisas parecidas.

Nas estações, nos coletivos, nas repartições, em hotéis e lojas, poucos tinham notícia de nossa existência. Carmen Miranda era famosa, seu nome era recordado com saudades. «Aquarela do Brasil» corria de boca em boca, era disco muito solicitado nas caixas de música dos restaurantes e lugares de diversões. E o Cinerama exibia as «Sete Maravilhas do Mundo», onde apareciam vistas do Rio de Janeiro. Que mais? Brasil era o nome da castanha do Pará — «Brazil nuts», marca de biscoito e título de um

HA tempos, um homem não identificado, acompanhado de seu filho, chegou a uma fazenda em Mesa, Estado de Arizona, nos Estados Unidos, e presenteou o seu proprietário com dois enormes caracóis, explicando que ao deixar Honolulu, onde fôra em viagem de recreio, permitira que seu filhinho escondesse aquêles dois bichinhos em sua bagagem, já que o menino queria tê-los como animais de estimação. Entretanto, os caracóis foram excitados pelo calor e promoveram uma verdadeira balbúrdia na malha, razão pela qual ele queria livrar-se dêles imediatamente. O homem não contou ao fazendeiro que nada dissera a respeito dos bichos aos funcionários da alfândega dos Estados Unidos. Aliás, isto podia ter-lhe custado um ano de prisão e 500 dólares de multa.

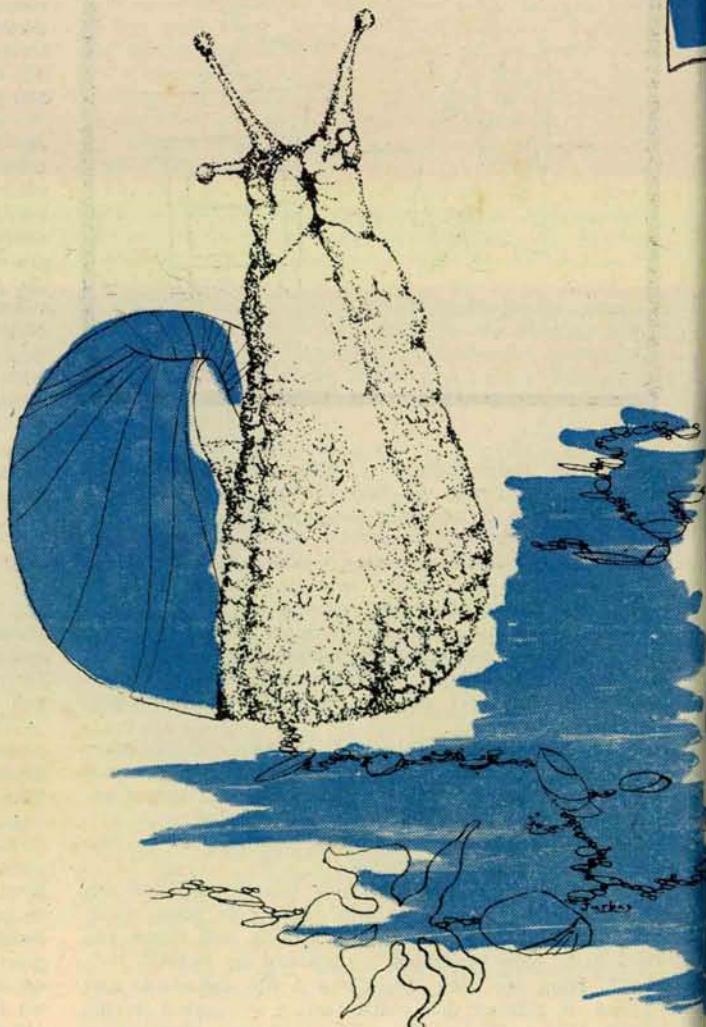
Sem saber que estava brincando com autêntica dinamite biológica, o fazendeiro recebeu o presente, certo de que ia enriquecer sua coleção de animais raros. Acontece porém que não se tratava dos inocentes caracóis havaianos que ele supunha. Ao contrário, tratava-se de moluscos monstros — Golias entre caracóis — que atingiam de 16 a 23 centímetros de comprimento, eram naturais da costa leste da África, dispunham de 80 mil dentes semelhantes a uma lima e possuíam um voraz apetite pelas lavouras.

Além de tudo isto, eram verdadeiros hermafroditas, segregando em seus corpos tanto células masculinas como femininas. Cada caracol, portanto, era um reproduutor capaz de botar 300 ovos do tamanho de uma ervilha por vez, várias vezes no ano. Nesta linha, era matematicamente possível aos dois caracóis introduzidos por contrabando no Arizona, dar origem a 22 bilhões de progênitos no espaço de cinco anos. Deve-se a esta fantástica porcentagem de reprodução a pressa com que o Congresso tratou de aprovar uma lei contra este perigoso saqueador, em 1953, pouco depois que os legisladores tiveram conhecimento de que o gigante africano ameaçava invadir as terras continentais dos Estados Unidos.

Verdadeiros exércitos dêsses Golias já invadiram o continente asiático e muitas das ilhas do Pacífico, ocasionando bilhões de cruzeiros de prejuízo. E, por uma aterradora coincidência, os ancestrais dos caracóis contrabandeados chegaram às ilhas havaianas exatamente do mesmo modo co-

A luta contra o caracol gigante

Dispondo de 80 mil dentes semelhantes a uma lima e com uma assustadora capacidade de reprodução, este Golias voraz constitui uma séria ameaça para a agricultura.





mo seus descendentes alcançaram o Arizona: numa bagagem, já que uma mulher, regressando a Honolulu de uma excursão a Formosa, em 1938, também pensou que elas fossem lindas animais domésticos.

Para a felicidade dos fazendeiros e agricultores dos estados americanos, a notícia da presença dos caracóis em Mesa chegou aos ouvidos de um eminent zoólogo da Universidade de Arizona, Albert R. Mead, duas semanas depois da entrada dos perigosos animais. O zoólogo convocou seus auxiliares imediatamente e ordenou que os caracóis fossem confiscados e destruídos.

O aparecimento do Golias no Estado do Arizona assinalou sua oitava tentativa, infrutífera, aliás, de invadir os Estados Unidos. Tendo iniciado sua longa viagem em direção às praias americanas no início do século XIX quando conseguiu saltar de sua terra natal na costa leste da África para as ilhas de Madagascar e Mauricíus, mergulhou no oceano Índico em 1821. Uma vez em marcha, não podia ser interceptado. Em 1847 alcançou a Índia e, a respeito dele, em Ceilão, escreveu um governador entomologista em 1910:

«Os enormes caracóis estão sendo vistos em todos os lugares, aos milhões, arrastando-se pelo chão, trepando nas paredes e vigas, e empilhados aos cachos nos troncos das árvores; num coqueiro foram contados cerca de 227».

Golias destruiu plantações novas de chá em Perak, devastou plantações de borracha em Malaya e pilhou os jardins de Java, Sumatra e Tailândia. Num ataque contra os invasores em Sarawak, 500 mil caracóis e 20 milhões de ovos foram destruídos em 15 dias, mas um ano depois eram mais abundantes que nunca!

Em 1938 Golias estava comendo até a caiação dos muros de Singapura. Durante os dez anos que se seguiram, ele espalhou-se pela China, Hong Kong, Formosa, Nova Guiné, Filipinas e alcançou o Havai. Loucos como são por guisado de caracol, os japonenses introduziram a peste que devora plantas nas Marianas em 1940, arruinando completamente a agricultura das ilhas. Quando as tropas americanas tomaram as ilhas, 4 anos depois, os bichos eram de tal maneira numerosos que se podia ouvir à noite o barulho provocado por centenas deles comendo ou destruindo folhas, segundo o testemunho de um soldado.

No fim da guerra, inspetores alfandegários começaram a encon-

trar caracol africano em carregamento de material bélico que era trazido para os portos da costa oeste americana. Depois viram os indesejáveis animais na área do cais de São Pedro, na Califórnia, e chegaram à conclusão de que elas tinham sido transportados juntamente com o barro que se acumulava do lado de fora dos jipes e caminhões que vinham das Marianas. Sem perda de tempo a área foi bloqueada e os mais energicos meios de evaporação foram usados, com a finalidade de «ferver» os bichos até a morte.

Em San Diego, em 1949, foram encontrados caracóis adultos vivos a bordo do «S. S. Julia Luckenback», que descarregava compra e açúcar das Filipinas. Mais tarde, foram encontrados outros seis caracóis em Vancouver, no porão do navio e os oficiais da alfândega mostraram-se surpresos de que os animais tivessem sobrevivido àquela viagem de dois meses. Naturalmente elas ignoravam que o Golias pode passar até seis meses sem alimentação.

Em virtude da continuada afluência do caracol gigante, o Conselho Nacional de Pesquisas, órgão americano que investiga assuntos de interesse científico, foi chamado a intervir no sentido de impedir a ameaça de invasão. Assim, depois de um cuidadoso estudo dos inimigos naturais do Golias, a equipe do C. N. P. concluiu que o «David» capaz de destruí-lo vivia nas selvas do sul de Mombasa, um porto marítimo da África. O David em questão é um canibalesco caracol do formato de uma bolinha de gude e cuja principal alegria na vida é banquetear-se à custa do caracol gigante. Seu método de ataque é bastante simples. Depois de localizar sua grande presa, através do faro, começa a morder o Golias. Este, instintivamente, recolhe-se na sua concha, mas, ao invés de encontrar a proteção que procura, acaba por aprisionar-se a si mesmo, pois o David o acompanha, devorando-o vivo em sua própria casa.

O Conselho Nacional de Pesquisas decidiu então colocar em prática uma experiência jamais tentada: estabelecer colônias dos dois tipos de caracóis em Agiguan, uma ilha desabitada nas Marianas e deixá-los batalhar, na esperança de que David fosse bem sucedido numa empreza em que chamas, iscas venenosas, DDT e gás cianeto haviam falhado.

R. Tucker Abbott, especialista em caracóis, foi designado para

conseguir caracóis canibais em quantidade suficiente para povoar a ilha Agiguan. Viajando para Mombasa, Abbott alugou uma cabana de sapé numa praia perto da selva e anunciou que pagaria um determinado preço por cada David que os nativos lhe apanhassem. Foi o quanto bastou para que se formassem filas enormes do lado de fora da cabana «onde o demente bwana estava pagando uma fortuna (dois cents) por um doodo (David no dialeto nativo)». No fim de dez dias, o alegre bwana tinha em seu poder nada menos de dois mil doodoos.

Entretanto, a alegria de Abbott foi de pequena duração, pois ao preparar os caracóis para transportá-los no navio, verificou com espanto que eles se devoravam uns aos outros com o mesmo apetite com que digeriam os Golias.

Com o intuito de evitar que eles se destruissem durante a viagem da África para o arquipélago das Marianas, Abbott tentou forçá-los a estivar.

— Estivação é uma forma de hibernação — explica Abbott, acrescentando: — Durante o tempo muito quente e seco, quando água e comida são escassas, os caracóis recolhem-se às suas conchas para dormir ou estivar até que as condições lhes sejam mais favoráveis. É sabido que alguns estivam por mais de 4 anos.

Acontece que Abbott estava tra-

balhando em plena estação chuvosa e, por isto, seus doodoos estavam no auge da euforia. Ele tentou obrigar-los a estivar por meio de calor artificial, mas concluiu que acabaria matando a todos mais depressa do que os havia conseguido. Uma noite, o pobre homem foi dormir desconsolado, deixando que alguns doodoos rodassem livremente pela cabana e, ao despertar, pela manhã, observou que as paredes estavam cobertas de pegadas de caracóis, tódas assinalando uma interrupção brusca que marcava justamente o ponto em que os animais haviam caído ao chão, em estado de estivação.

— As luzes que eu estivera queimando secaram a cabana completamente durante a noite — explica Abbott — e os rastejantes caracóis acabaram com a umidade que tinham em depósito. Ao perceberem que não podiam reabastecer seu estoque de umidade, recolheram-se em suas conchas e começaram a estivar. Transportei-os imediatamente para Mombasa, onde aluguei o quarto de hotel mais seco que pude encontrar. Libertei-os e deixei que eles rastejassem até cair novamente em estado de estivação. Suponho que até hoje o dono do hotel esteja intrigado por causa das pegadas que ele encontrou nas paredes e nos móveis, depois que deixei o quarto.

Quietinhos como estavam, os caracóis foram enviados para Agiguan e soltos sobre os Golias, tendo a ciência conservado um olho atento sobre a ilha durante os quatro anos que se seguiram. A princípio, David e Golias se multiplicaram quase que igualmente, mas depois, este último começou a perder terreno e, por volta de 1955, calculava-se uma porcentagem de 60% de David sobre o inimigo, o que representa um resultado relativamente bom, segundo os padrões biológicos. Nesta época, uma equipe de cientistas apanhou 5 mil espécimes de caracóis canibais, espalhando-os por tódas as ilhas havaianas e pelas ilhas restantes do arquipélago das Marianas.

Enquanto isto, sabia-se que a população do caracol gigante em Ceilão estava declinando assustadoramente. Uma doença contagiosa, ainda não identificada, estava destruindo principalmente os caracóis de mais de cinco anos de idade, e foi encontrada também entre os animais de Singapura e Hong Kong. Nas ilhas havaianas também foram encontrados Golias doentes e moribundos, mas os agentes perceberam logo que a espantosa capacidade reprodutora do perigoso animal estava muito acima da média de morte provocada pela misteriosa doença. Tanto assim que, recentemente, estudiosos da questão des-

Este, por sua vez, asseguraria aos três grandes partidos da oposição que os seus correligionários no interior não seriam hostilizados, garantindo-lhes, ainda, as indicações de autoridades estaduais nos municípios onde são majoritários.

Procuraria, assim, o sr. Magalhães Pinto, harmonizar a família política de Minas Gerais, para que lhe seja possível levar a efeito um governo proveitoso na esfera das reformas e empreendimentos públicos que compõem o seu plano de administração. Contando com uma esmagadora maioria parlamentar, mais fácil lhe seria obter as leis necessárias ao cumprimento do seu programa, já que a bancada udenista na Assembléia é composta sómente de 11 deputados, num total de 74.

Este ambiente de concórdia, convém recordar, foi também desejado pelo governo Milton Campos, quando seu então Secretário do Interior, sr. Pedro Aleixo, chegou a manter entendimentos com o sr. Benedito Valadares. Não se chegou, então, a uma conclusão feliz nas negociações, pelo fato de terem sido estas torpedeadas pela forte corrente udenista então denominada de «ala brigadeirista». O mesmo se repete agora, com a atitude assumida pela bancada parlamentar da UDN, que veio a público para condenar qualquer pacificação com as forças políticas anatematizadas pelo povo nas urnas de 3 de outubro. Entendem esses parlamentares que qualquer acordo com os partidos derrotados nas urnas constituiria um ato de suicídio político da UDN,

Dois estilos de governo

Continuação da pág. 48

que não poderia mais crescer no interior prestigian- do os mesmos grupos que combativeram o seu candidato, embora com algumas conhecidas e notórias defecções. E recordam o ocorrido no governo Milton Campos, quando o PR e a dissidência pessedista, depois de participarem do Governo Estadual durante todo o seu mandato, se uniram, em seguida, ao PSD ortodoxo e ao PTB, para elegerem o sr. Juscelino Kubitschek e derrotarem o candidato udenista Gabriel Passos.

Acontece, porém, que o sr. Magalhães Pinto teve a sua candidatura considerada «super-partidária» pela própria UDN, para que pudesse fazer qualquer combinação política no interior, em busca da vitória eleitoral. E esta veio, sem dúvida, por isso mesmo, já que a votação do atual Governador foi muito superior ao número de legendas obtidas pela UDN nos últimos pleitos. Não se pode deixar de concluir, assim, que foi com a soma de legendas do PR, do PTB e do próprio PSD, nos municípios em que este se achava em contra-posição ao sr. Tancredo Neves, que foi possível ao sr. Maga-

cobriram que Golias ainda está em marcha no Havaí, procedente agora das ilhas de Oahu e Maui para Kauai e para as próprias ilhas havaianas.

Concluindo que nem David e nem a misteriosa doença foram capazes de impedir que Golias continuasse sua marcha destruidora, a Diretoria de Agricultura e Florestas do Havaí acaba de lançar dois novos tipos de caracóis canibais nas linhas de combate. Um é proveniente da Flórida e o outro de Cuba.

Não obstante ser ainda muito cedo para se saber se os novos atacantes têm apetite mais voraz do que o do seus primos africanos, a verdade é que não se encontram muitos zoologistas que achem que o gigante africano será erradicado eventualmente ou pela doença ou por uma multiplicidade de tribos de canibais, pois a verdade é que o perigoso inimigo vem se sobrepondo a todo o obstáculo que o homem e a natureza procuram colocar em seu caminho.

— A lei que o Congresso aprovou ajudará muito — disse Abbott. — Mesmo assim acho que tudo depende mais dos inspetores de alfândega, que devem estar sempre alertas. Se eles permitirem que alguns poucos Golias sejam introduzidos no país, podemos ter a certeza de que teremos dificuldades sérias nos estados do sul. — James Poling.

Ilhães Pinto alcançar a vitória que o levou ao Palácio da Liberdade. A própria ausência de um nome para vice-governador, na chapa do sr. Magalhães Pinto, como é sabido, teve por objetivo facilitar êsses acordos municipais, que lhe proporcionaram a vitória.

Como justificar, diante de tudo isso, uma política agressiva contra alguns chefes municipais do PR, do PTB e do PSD, em seus redutos políticos, quando êsses mesmos chefes participaram, com os seu votos, para a eleição do novo Governador? Não seria paradoxal que o sr. Magalhães Pinto, depois de receber os votos do PTB de Raposos, do PSD de Leopoldina, do PR de Salinas, através de entendimentos diretos com os chefes regionais desses partidos — entendimentos previamente autorizados pela UDN — permitisse agora que se hostilizassem êsses mesmos políticos sómente porque não fazem parte de sua agremiação partidária?

O incidente ocorrido entre o deputado federal udenista, sr. José Bonifácio, e o secretário Osvaldo Pierucetti, com a recusa deste em substituir autoridades estaduais de Barbacena, parece valer por uma resposta negativa aos que admitem a possibilidade de vir o sr. Magalhães Pinto a modificar a sua tendência pacificadora. Pacificação que, convém salientar, não envolve protocolos, nem barganhas, nem acomodações onerosas aos cofres públicos. Pacificação que visa, tão sómente, facilitar o advento de um ambiente de compreensão e res-



Aspecto parcial da mesa, vendo-se as Embaixatrices do Turismo ladeadas pelas srs. Custódio de Souza Oliveira e Benito J. Savassi, diretor-presidente e diretor-superintendente de Mate-Couro S.A. e sr. Frederico Chateaubriand, diretor-geral da TV Itacolomi.

Cortesia de Mate-Couro S/A

HOMENAGEM ÀS «EMBAIXATRIZES DO TURISMO

CONSTITUIU acontecimento de destacado relevo em nosso mundo social, a homenagem prestada por Mate Couro S. A. (produtor dos famosos refrigerantes «Mate-Couro» e «Pepsi-Cola») às belas senhoritas Margarida Lofêgo, Mara Cardeal e Angela Diniz, que foram eleitas Embaixatrices do Turismo na cidade de Poços de Caldas, durante a recente visita das mesmas a Belo Horizonte. A homenagem consistiu em um almoço na Churrascaria Camponeza, com a presença de toda a direção daquela conceituada indústria mineira, dos promotores do certame, representantes da imprensa falada e escrita e figuras destacadas de nossos meios sociais.

peito aos direitos dos adversários, sem quebra, porém, dos deveres de todos para com a coletividade mineira, cujos interesses devem pairar acima dos ódios, paixões ou ressentimentos partidários.

O Governador está jogando, nesse lance, a sua própria popularidade, pois já se ouvem conversas de rua, entre elementos que trabalharam pela sua candidatura, revelando um certo desapontamento ante a possibilidade de ruir por terra todo o programa de saneamento moral defendido pelo sr. Magalhães Pinto na sua campanha. E esse desapontamento parece agravar-se diante da morosidade com que se processa a substituição de certos elementos considerados como implicados em atos de corrupção administrativas, nas repartições e nas empresas controladas pelo Estado.

Parece-nos, entretanto, que há um pouco de precipitação nesse descontentamento. Conhecemos suficientemente o governador Magalhães Pinto e o sabemos incapaz de tolerar qualquer desvio no cumprimento do dever, seja da parte de quem for. Seus métodos de ação podem ser mais brandos, mais meticulosos, mais prudentes, mas é certo que atingirão os seus fins, ainda que — e talvez por isso mesmo — sem faltar com o respeito e a consideração que são devidos aos adversários políticos de reconhecida probidade e espírito público. E êstes, felizmente, ainda existem em todos os partidos, inclusive nos que foram derrotados no último pleito.

(Continua na pág. 120)

ATE' os quatorze anos, ignorei a verdade a respeito de meus pais. Tia Bessie disse-me únicamente que meu pai tinha morrido e que eu tinha de viver com ela e com o tio Will, enquanto minha mãe trabalhava em uma outra cidade para sustentarme. Minha mãe vinha visitar-me sómente uma vez por ano e ficava em casa dois ou três dias, precisamente na época em que chegava à nossa cidade a feira de diversões. Con-

tou-me que trabalhava como secretária de uma grande companhia, em certa cidade muito distante. Não obstante, ao ir-me fazendo maior, comecei a pensar que minha mãe com aqueles vestidos justos que usava e a espessa maquilagem que punha no rosto, não tinha o aspecto de outras secretárias que eu conhecia. Além disso, não era vista dois anos seguidos com a mesma côr de cabelo. Era tão diferente de minha sóbria tia Bessie que

mal se acreditaria que fôssem irmãs.

Depois de uma de suas visitas, a curiosidade pôde mais do que eu.

— Diga-me, tia Bessie — disse eu, assim que minha mãe saiu de casa — por que mamãe pinta tanto a cara? A filha da sr^a Linden, que mora na esquina, também é secretária e não se pinta assim, nem usa vestidos tão justos.

Tia Bessie fitou-me de um modo estranho.

Ilust. de Jarbas Juarez

Texto de Florence Smith



— Não há nada de mau nisso, querida — respondeu, com voz levemente inquieta.

— Sua mãe se veste como as outras moças que trabalham na mesma companhia.

Essa resposta vaga não me satisfez.

— Mas onde trabalha? — insisti. — Precisa vestir-se assim? A mim não agrada.

Em vez de responder-me, tia Bessie continuou tricotando em silêncio.

Aguardei durante vários mi-

notícias encheu-me de satisfação. Compreendi também por que motivo tia Bessie titubeava ao dizer-mo. Ela e tio Bill eram duas pessoas de severa seriedade e o parque de diversões, com suas tómbolas e seus espetáculos populares, não lhes parecia um lugar recomendável.

Quando minha mãe veio verme, naquela tarde, abordei-a, entusiasmada.

— Mamãe! — exclamei. — Por que não me tinha dito

— insisti, caprichosa. Tinha-se metido na minha cabeça a idéia de ir àquele famoso parque. E com muito mais razão, por ali trabalhar minha mãe!

— Não é um passeio para meninas — explicou mamãe, sem conseguir que sua voz se mostrasse convincente.

Aquilo de chamar-me menina aborreceu-me um pouco. Tinha já quatorze anos e considerava-me algo mais do que uma menina. Disse-o à minha mãe. Sorrindo, respondeu-me:

Complexo Filial

PRIMEIRA PARTE

nutos, mas ao perceber que tia Bessie não parecia disposta a esclarecer minhas dúvidas, impacientei-me.

— Titia... será que não vai-me dizer?

Ela suspirou profundamente.

— Bem, Célia, bem... — disse. — Creio que já está em idade de sabê-lo...

Não obstante, vacilou como se não estivesse segura do que ia dizer.

— Sua mãe trabalha no parque de diversões, Célia — disse, com voz apagada.

— Oh! — exclamei, maravilhada.

Isto explicava tudo. Minha mãe tinha de se trajar de modo a chamar a atenção, porque seu trabalho era diferente dos demais... muito mais interessante decerto... e mais romântico do que ser uma secretária de óculos e costume. A

que trabalhava como secretária no parque de diversões?

— Quem lhe contou isso? — perguntou, sobressaltada.

— Tia Bessie.

Sentou-se no divã e acendeu um cigarro. Sempre me havia incomodado um tanto ver minha mãe fumar, mas sabendo que trabalhava num lugar tão maravilhoso, começou a parecer-me encantador que fumassem.

— Bem... Já o sabe... — comentou, ficando logo depois silenciosa.

— Levar-me-á com a senhora, mamãe? Diga que me leva... Estou certa de que se fôr com a senhora, tia Bessie não se oporá...

A mão que segurava o cigarro tremeu-lhe um tantinho.

— Melhor será que faça o que lhe diz sua tia — replicou secamente.

— Mas, por que, mamãe?

— Sei que você já é uma mulherzinha, Célia... Mas não deve ir a uma feira de diversões contra a vontade de sua tia, que é tão boa e cuida tanto de você.

Todos os meus rogos e argumentos foram inúteis. Minha mãe não mudou de opinião.

Quando saiu, como o fazia sempre durante suas visitas anuais, tomei uma decisão. Tia Bessie não havia regressado ainda da reunião do Clube das Damas e restava-me tempo para dar uma escapada até o parque e ver com meus próprios olhos aquêle lugar de sonho.

Ali pelas quatro da tarde cheguei ao parque. Aquilo era um esbanjamento de alegria e de côr. A enorme roda de «A Volta ao Mundo» girava lentamente, parava, tornava a girar. A multidão se movia como

um turbulento rio, de atração em atração. Diante das barracas, homens em trajes gritantes convidavam o público a tomar parte nos jogos e nos espetáculos. E por cima flutuava um resplendor, um murmurio de regosijo, uma aura de encanto...

E' maravilhoso — pensei:
— **Não sei porque mamãe não me deixava vir...**

Diante de uma das barracas havia uma agitada multidão, composta de homens em sua maior parte. Ali me detive, meio imobilizada entre a compacta multidão.

— Entre, entrem, entrem! gritava diante da barraca um homem de bengala e palheta.

— Estão-se esgotando os lugares! Só restam cinco cadeiras! Entram para ver as bailarinas mais bonitas que chegaram a esta cidade em toda a sua história!

Naquele momento começou a ouvir-se uma canção, cuja música vibrava no alto-falante colocado sobre a cabeça do locutor. Depois abriu-se a cortina, em frente do palco, e apareceu uma bailarina exóticamente ataviada que se colocou no centro do tablado, marcando o ritmo sugestivo da dança.

Era minha mãe!

Terrivelmente mortificada, dei meia volta e abri caminho à força de cotovelada. Não sei como me contive durante a viagem de regresso à casa, no ônibus. Sentia-me doente de desgosto. Quando cheguei em casa, subi correndo para meu quarto e, atirando-me em cima da cama, pus-me a chorar desesperadamente. Não podia apagar de meus olhos a imagem de minha mãe, bailando aquela dança exótica diante de um público que ria e vocifera-va.

Tia Bessie deve ter-me ouvido, porque minutos mais tarde entrou em meu quarto e começou a fazer-me perguntas

e a consolar-me. Quando por fim lhe disse o que tinha visto, abraçou-me carinhosamente e contou-me a verdade.

— Não deve acusar Sue May, querida... Teve má sorte. Deve tratar de compreendê-la.

A história era muito simples: quando faleceu meu avô, Bessie e Sue ficaram sós. Minha tia casou-se com Will Hubble, que possuía um pequeno negócio de ferragens. Mas Sue May, minha mãe, preferiu sair



com rapazes e divertir-se o mais possível.

Na primavera seguinte, quando o parque de diversões chegou à cidade, conheceu Sue May um acrobata e casou-se com ele, incorporando-se dessa maneira à companhia da feira. Regressou à casa no inverno e permaneceu nela até que eu nasci. Ao voltar a primavera e, junto com ela, o parque de diversões, foi-se novamente com seu marido, deixando-me a cargo dos tios. Desde então, invariavelmente tinha vindo visitar-me uma vez por ano, quando o parque se instalava na cidade.

— E meu pai? — perguntei, afogada em soluços. — Veio ver-me alguma vez? Onde está?

— Não, querida... Nunca

veio vê-la... E faleceu em consequência de uma queda do trapézio, quando você tinha dois anos.

— Que espécie de homem era que nunca sentiu desejo de conhecer sua filha? Como pôde minha mãe gostar dele?

— O amor costuma escolher caminhos estranhos, Célia... Compreendê-lo-á quando fôr mais crescida... O certo é que sua mãe continuou trabalhando na feira de diversões para ajudar-nos a manter você. A dança converteu-se na sua profissão e não se atreveu a começar outra vida. Fêz-me prometer que nunca diria a verdade a você, para que não se envergonhasse dela. A pobre Sue May sofreu muito, Célia...

Tia Bessie deixou-me sózinha, com o amargo sabor da vergonha, tão novo para mim. Até aquêle dia tinha sido uma menina como qualquer outra, alegre e inocente. Já não podia continuar sendo assim.

Quando minha mãe regressou à casa, naquela tarde, estava eu esperando-a, sózinha. Tia Bessie tinha saído a fazer umas compras, de modo que poderíamos conversar sem ser interrompidas.

Não deixei que minha mãe me beijasse, nem a fitei. Depois de alguns instantes, ao ver que seus esforços para travar conversa eram inúteis, perguntei-me intrigada:

— Que há com você, filha? Ainda está aborrecida porque não lhe permiti ir à feira?

Toda a vergonha e humilhação que sentia, rebentaram de repente.

— Fui à feira — gritei. — Vi a senhora esta tarde bailando diante daqueles homens! Isso é o que a senhora faz ano após ano... Oh! meu Deus! Como é que a senhora não se envergonha?!

Sentou-se, com a cabeça inclinada, cobrindo o rosto com

as mãos e chorando. Quando levantou a vista, tinha envelhecido dez anos. A maquilagem escorria-lhe pela cara, os lábios tremiam-lhe.

— Dói-me tanto, minha filha... Tanto... Por isso não queria que fosse ali... Desejava que nunca o soubesse. Aquela é o meu trabalho, Célia... O único que soube fazer para sustentar você. Você é demasiado jovem para compreender... talvez não o compreenda nunca...

Enxugou as lágrimas com a manga da capa, estragando ainda mais sua maquilagem.

— Escute-me, Célia... Nunca o disse a ninguém, sabe? Todos o ignoram. Se permitir que continue visitando-a dois ou três dias por ano, como até agora, conformar-meia... E tão pouco o que lhe peço... E faria qualquer coisa para que não me conhecessem... Entraria pela porta traseira, poria um véu... Célia querida... você é a única coisa que tenho no mundo... Não me proiba que a veja.

— E meu pai? — perguntei, desafiadora. — Por que o preferiu, uma vez que nunca quis-me ver? Agora sou a única coisa que a senhora tem no mundo, mas quando o tinha, era mais importante para a senhora do que eu.

Contemplou-me por longo tempo. Depois abanou a cabeça como admitindo que o mal não tinha remédio e pôs-se de pé. Erguida, parecia até orgulhosa.

— Quisera poder dizer-lhe que não voltarei nunca mais... Mas sei que não serei capaz de cumprir essa promessa. Virei todos os anos... E talvez algum dia me perdoe.

Com um olhar final de seus olhos tristes, saiu.

Voltou, ano após ano, até que completei dezessete anos. Sempre tratei de fazer que nossas entrevistas fossem breves, e como que apenas formais.

Nunca a beijei.

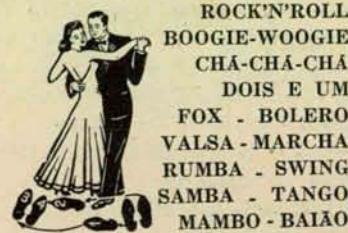
Quando estava eu com dezenas de anos, faleceu meu tio Will, Tia Bessie e eu tivemos de arranjar-nos para viver com a importância do seguro e algum dinheiro a mais que minha tia ganhava fazendo chapéus para suas amigas. Entrementes, a revelação de minha origem e da conduta de minha mãe tinha modificado profundamente meu caráter. Deixei de andar com os companheiros da escola secundária, com medo de que, criando intimidade com algum, me fosse preciso revelar-lhe os tristes segredos de minha família. Só saia de tarde em tarde, formando parte de grupos numerosos e sempre tratava de passar inadvertida. Não obstante, o amor sempre encontra seu caminho. E apesar de ter lutado tenazmente contra o sentimento que crescia em mim, enamorei-me de Joe Barton, um rapaz alto, moreno e robusto, que conheci num piquenique. Pertencia a conhecida família da cidade e nossas relações lograram imediatamente o afetuoso apoio de Tia Bessie, que era amiga da srª Emily Barton, mãe de Joe.

Nunca fui tão feliz como naqueles primeiros dias de nosso romance. Quando conseguia afugentar minhas apreensões e entregar-me à fraca ilusão daquele carinho, encolhida entre os braços fortes de Joe, sentindo em meus lábios a carícia de seus beijos, o futuro parecia despojar-se de suas tintas escuras e abriasse franco e otimista. Chegou o momento em que Joe me pediu que casasse com ele.

Um vago temor se interpôs. Todo o meu ser gritava que sim, mas estremecia de horror ao pensar no que sucederia se Joe viesse a saber de meu segredo.

Havia-lhe dito, certa vez, de passagem, que meu pai tinha falecido e que supunha que mi-

APRENDA A DANÇAR



ROCK'N'ROLL
BOOGIE-WOOGIE
CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
FOX - BOLERO
VALSA - MARCHA
RUMBA - SWING
SAMBA - TANGO
MAMBO - BAIÃO

em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 12ª edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, SEM PROFESSOR. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal 649 — São Paulo — Cr\$ 250,00. Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 às 22 horas, à avenida Liberdade, 120, 2º andar, conj. 8, fone: 37-2414, S. Paulo.



ÓLEO DE PEROBA
surgiu para dar vida nova aos
seus móveis velhos e vida
longa aos seus móveis novos.

Deseja um clichê de qualidade garantida e com a máxima presteza? Envie o seu original para a SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA., Caixa Postal 279, Belo Horizonte.

nha mãe também, uma vez que não tinha notícias dela desde muito pequena. Depois havia evitado falar do assunto. Não queria arriscar-me a perdê-lo e estava certa de que o perderia se a verdade viesse a lume.

Depois de meditar muito tempo, consultei tia Bessie.

— Compreendo-a perfeitamente — disse-me.

Mostrava o semblante firme e um tanto duro que eu lhe conhecia desde muito, sinal de que tinha adotado uma decisão.

— Célia... esqueça tôda essa história. E se fôr preciso, esqueça Sue May. Quero muito à minha irmã, mas não admito que os erros cometidos por ela fechem a você o caminho da felicidade. Pouca gente resta nesta cidade que se recorde do que sucedeu há vinte anos. Os que o recordam são meus amigos. Emily Barton está demasiado transtornada desde que faleceu seu espôso para pôr-se a

fazer averiguações. E se você se casar com Joe e forem viver numa cidade distante, ele também se inteirará de nada.

Eu a fitava, hesitante. Aquilo não conseguia convencer-me, ou, pelo menos, não fazia calar meus escrúulos íntimos. Tia Bessie notou-o.

— A culpa não é sua, Célia, e a ninguém causará você dano com seu silêncio. Faça o que lhe digo. Case-se com Joe e enfrente a vida. Estou certa de que você será feliz.

Naquela noite estive a ponto de ser sincera com Joe. Tinhamos ido ao cinema e, ao terminar a função, havíamos saído em seu automóvel num passeio de umas dez milhas fora da cidade. Ali detivemos o carro numa curva da estrada, junto do rio. Reuni minhas forças para contar-lhe tudo, porque sabia que o que me propunha tia Bessie haveria de pesar-me sempre na consciência.

Mas naquele mesmo instante, Joe atraiu-me para si e beijou-me. Arrebatada pela carícia, olvidei todos os meus remorsos, sabendo que o que mais me importava no mundo era seu amor, ainda que para salvaguardá-lo tivesse de mentir a vida inteira. Prometi-lhe que nos casaríamos muito em breve e numa casinha limpa e alegre encerrariamos aquela paixão juvenil, que brotava como os botões novos ao chegar a primavera.

Durante a viagem de regresso fizemos mil projetos. Joe tinha de regressar à capital, porque suas breves férias universitárias tinham terminado. Mas voltaria à nossa cidade todos os fins de semana para ver sua mãe e passar o sábado e o domingo junto de mim.

Já em frente de casa, demos o longo beijo de despedida, um beijo que tinha um novo significado: o de uma promessa terna e cálida.

☆ ☆ ☆

marido para a vida. Criada Raimunda, dizendo «valha-me, Deus», foi para o alpendre soltar o alarme.

— Seu Aristides morreu !!!
Seu Aristides morreu !!!

Zeca da Iaiá, que passava lá embaixo na direção do Trapiá, veio inventando vereda, chegando em zigue-zague, pelo meio do mato seco. Esgalhou os olhos na entrada do alpendre:

— Morreu mesmo ?...

— Morreu dormindo, seu Zeca. Tá no quarto com sinhá Teresa...

Zeca da Iaiá entrou cheio de respeito, pisando de leve, chapéu na mão trêmula, se benzendo, criando coragem para pôr os olhos em cima do falecido. Parou na porta do quarto, o coração estançado, dizendo de mau jeito, os olhos pregados no morto:

— Deus dê o seu descanso, Coronel...

Criada Raimunda agora chorava. Velha Teresa abraçada com o seu velho, ali impassível na sua posição, olhando as telhas, bôca aberta.

— Ele tá morto, seu Zeca... Ele morreu... Aristides !

Zeca parado, entalado, sem ati-

tude a tomar. Nem sabe como disse :

— Acenda uma vela, dona Teresa...

Apareceu a cabeça espantada de vaqueiro Nena na janela do oitão.

— O que foi ?

Olhou desnorteado para os presentes e depois para dentro da rede.

— Virge Maria !...

Arrodeou para entrar, chapéu na mão, se benzendo. Mas antes soltou o seu grito, bem da ponta do alpendre :

— Seu Aristides morreu !!!

Já vinha subindo Manuel da Pupuca e, por detrás da casa, chegava a mulher do comboieiro Chico Bento.

O quarto foi-se enchendo. Outros por fora, na sala de jantar, temendo enfrentar a morte de velho Aristides. Mestre Romualdo e a mulher, seu Brito, vaqueiro Nena, Zeca da Iaiá, seu Apareci-

do mais as duas filhas, faziam roda em torno da rede, guardando respeito. Velho Aristides indiferente, olhos ainda para cima. Velha Teresa agora arriada no baú, soltando o chôro, cercada da velha Assunção e da prêta, mulher de Misael. Mestre Romualdo foi quem criou coragem :

— Vambora ajeitar êle ?...

Zeca da Iaiá saiu empurrando os de fora para chamar padre Zefé, no Trapiá, dar a notícia na vila.

No alpendre, pelo corredor, na sala, o povo ia entulhando. Outros já pelo terreiro, temendo se aproximar. Criada Raimunda sentada no pilão, na cozinha, soluava alto. Algumas mulheres por perto, observando o chôro, sem coragem de interferir.

A novidade ganhava rápida as caatingas, levada pelo vento nos seus redemoinhos, trazendo o po-

VENTANIA

Continuação da pág. 33

Desci do automóvel e corri pela veredazinha da entrada até os degraus do alpendre. A noite estava escura. Tropecei com um vulto que caiu a meus pés e tombei de bruços. Naquele instante ouvi o motor do automóvel que se afastava.

Levantando-me, dolorida, subi ao alpendre e acendi a luz.

Recostada à porta, com os olhos fechados, o rosto marcado por uma triste expressão em que se misturavam a fadiga, a enfermidade e a velhice, estava minha mãe.

Ao pé dos degraus divisei a maleta em que havia tropeçado.

Ajoelhei-me junto de minha mãe e, rodeando-a com meus braços, tratei de levantá-la. Sua cabeça caiu para um lado, como inanimada.

Dando um grito de espanto, entrei em casa e fui acordar tia Bessie.

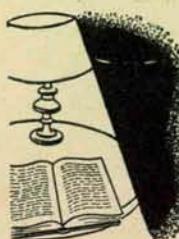
vo que passava, chegando às fazendas distantes.

I V

Parecia dia de festa. O casarão escancarado. Gente por fora, por dentro, escorados no parapeito, acocorados no terreiro. Animais amarrados nos paus-de-cérra, na pitombeira do quintal, amontoados na frente da casa. As janelas da sala de fora cheias de cabeças olhando para dentro, curiosas, temerosas.

Mais gente vindo de todas as direções. Gente silenciosa, os homens de chapéus na mão, as mulheres com seus rosários, orações na boca.

O vento zunia, levantando os redemoinhos, brincando com o juazeiro da extrema, envolvendo o povo entulhado na casa-grande, zoando no alpendre, entrando na sala, apagando as velas, mexendo de manso os cabelos brancos de velho Aristides. Na sua impomência de morto, estendido em cima da mesa, impondo respeito com a sua ausência e sisudez, metido na roupa preta, nas botas de couro. Os mais importantes por perto. Padre Zefé, Cel. Amarício da Serrota, Irineu, irmão de Manoel Alves, seu Oseas do Coité,

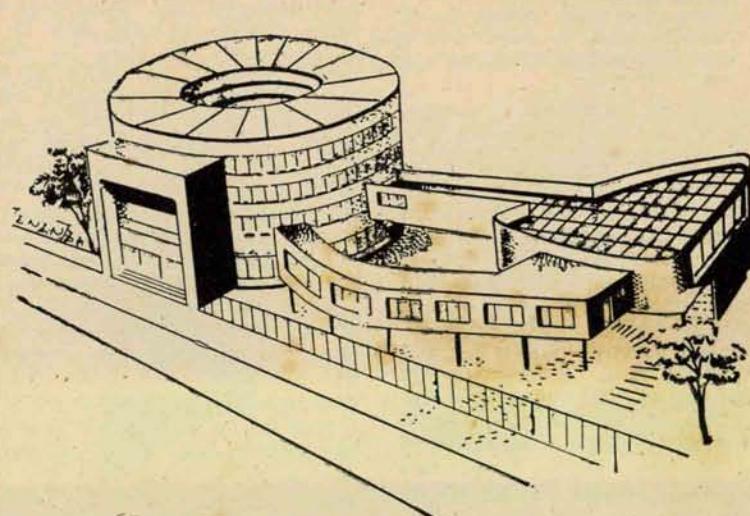


Lê ou Estuda Muito?

banhe seus
olhos com



ALÍVIO E FRESCOR EM CADA GÓTA



A CASA DE SAÚDE "ANDRÉ LUIZ" propõe-se a tratar, gratuitamente e amorosamente, doentes mentais, sem distinção de cor, sexo ou religião. O único Dono e Senhor desta obra é Jesus, que aceita o concurso de todos os de boa vontade.

Dê-nos, amigo, o seu generoso apoio certo de que
«O POUCO DE MUITOS SERÁ O MUITO DE TODOS»

CASA DE SAÚDE «ANDRÉ LUIZ»

Rua Rio Pardo, 38 — Santa Efigênia — Fone: 2-8595 —
Belo Horizonte

Não basta anunciar. É necessário anunciar bem, num veículo conceituado, de grande tiragem e de público com bom poder aquisitivo. Anuncie sempre em ALTEROSA, para alcançar melhor seu objetivo, com segurança de alto rendimento para suas vendas.

MUSEU DO OURO

Documentação histórica e artística do Ciclo do Ouro em Minas Gerais.

Aberto diariamente das 12 às 17 horas (Fechado às 2^{as} feiras para limpeza).

SABARA — MG

Renato, filho de velho Renato, seu Sabino, Soares, prefeito do Taimbé, Cel. Cirilo da Mata Fresca, Leocádio, cunhado do falecido velho Das Onças, chefe político de Pitombeira. Todos ali em torno, sem palavras. Gente nas cadeiras, uma velha puxando a reza num canto. Homens escorados nas paredes. Vaqueiro Nena perto de vaqueiro Rafael.

No quarto, estirada na rede,

Passam os anos à semelhança da água que corre. Nem a onda que passa voltará novamente nem a hora que transcorre poderá voltar outra vez. — Ovídio.

velha Teresa com a sobrinha ao lado, que veio do Trapiá para consolá-la. Conhecidas e comadres do lado. Na cozinha, no banco, criada Raimunda, agora conversando baixo com as amigas, contando passagens de velho Aristides.

Os que estavam no terreiro, por detrás da casa, conversavam em roda, uns de pé, outros acocorados. Zeca da Iaiá se orgulhava de ter sido o primeiro a socorrer velho Aristides. Outros lembravam bravuras passadas do falecido na briga com os Castros.

Entrou com um chicote na mão e deu até nas crianças...

Recordavam a primeira eleição no Coité. Velho Aristides mandando acabar com a brincadeira. Zésérgio informava:

— Meu pai foi quem fêz o serviço. Velho Aristides chamou êle aqui e deu cem mil-réis pelo trabalho.

Alguns bebiam cachaça, outros rejeitavam por respeito. Vicente, irmão do vaqueiro Nena, tocou no assunto das vinte braças que dr. Tancredo queria adquirir do Serrado. Vinte braças de caatinga sem serventia. O Serrado era terra muita. Renitêncio do velho. O apêgo ao juazeiro era caduque. Dr. Tancredo queria estender a manga, favorecer os vizinhos, inclusive o falecido. Uns ouviam calados, outros pediam respeito. O morto estava na sala, ausente.

O vento rodopiava no terreiro, obrigando os homens a se protegerem. Zunia no alpendre, os amadores tranqüilos, indiferentes. Entrava na sala, apagava de novo as velas, bolia no bigode de velho Aristides, de leve, de leve.

V

Noé deu mais uma picaretada, bem por debaixo da raiz. Depois

se escorou no cabo, limpou o suor dos peitos com a fralda da camisa. Mundoca bebia água, ali perto. O juazeiro estendido no chão, galhos murchos. Só faltava arrancarem o tronco, as raízes duras, metidas chão a dentro.

O vento agora passava sólto, sem zunir nos galhos da árvore. Marchava livre na direção do casarão do Serrado, lá no alto, trancado, abandonado na sua solidão. Sem a rede no alpendre, sem o vulto de velho Aristides batendo nos tijolos o seu cajado. Só o cata-vento ao lado do poço, por detrás da casa, dava sinal de vida, virando o leme para lá e para cá, de cá para lá. Sem velha Teresa, o seu vulto na janela às tardinhas, às vezes sentada ali perto da rede de seu velho. Sem criada Raimunda no Trapiá. O gado com seu Sabino. O Serrado esquecido da sua soberba, nas mãos de dr. Tancredo. O juazeiro da extrema, orgulho de finado Aristides, dormindo no chão, galhos murchos, cansado das ventanias, dando o seu lugar para as águas da manga passarem.

Noé voltou ao trabalho, a picareta cantou feia. Mundoca esgrima a foice, mutilando o juazeiro.

— Se velho Aristides visse isto, hem, Noé?

— Era.

A picareta cantou outra vez por debaixo da raiz e o aço tiniu como sino.

— Bateu em ferro, Mundoca. O outro veio de lá. Espiou.

— Parece um prego, aí por debaixo da raiz.

Noé se baixou, cabeça enviesada, quartos para cima.

— E' mesmo. Ajuda, Mundoca.

A picareta escorava por baixo, a foice trabalhava por cima. A raiz foi cedendo, o chão rachando.

— Por que foi que pregaram esse prego aí, Noé?

— Sei lá...

A foicada partiu a raiz em duas e o prego apareceu todo, grande, enferrujado.

— Será que foi pra marcar alguma coisa, Mundoca?

O outro não deu resposta. Enterrou a foice na areia, por debaixo do prego, escorando todo o corpo no cabo, a careta aumentando com a fôrça.

— Tem uma coisa dura aí, Noé.

A picareta e a foice trabalhavam ligeiras, alternadas, às vezes emparelhadas.

— Parece que é ferro...

— Capaz de ser pedra, Mundo-
ca.

— Mete por debaixo.

A picareta bateu forte e veio voltando, devagarinho, forçando como alavanca

— E' uma caixa, Noé...

— E é de ferro.

Agora trabalhavam de joelhos, com as mãos, vexados. O pensamento chegou rápido e Noé parou o serviço.

— Será...

Ficaram se olhando, cara a cara, olhos abertos de espanto.

— E' bem capaz...

O vento zunia livre, levantando redemoinhos, chorando no caatingal, marchando para o casarão solitário.

— Puxa devagar, Noé. Assim...

Noé gemia com o esforço. Veio trazendo devagarinho com jeito, respirando forte.

— Pronto.

A caixa enferrujada tremia nas suas mãos, o coração na boca, olhos vigiando os lados. Mundoca paralizado, sem fala, também se virando.

— Vai abrir, Noé?

Noé só soube responder:

— Hem?

Um cambiteiro passava na estrada, soltava de lá o seu cumprimento. Mundoca respondeu e falou rápido, mal abrindo a boca:

— Guarda, Noé...

Noé despistava, meio de costas, se escondendo. O cambiteiro se foi tangendo os burros.

— Abre logo, Noé...

Nervoso, Noé limpava a tampa da caixa com a camisa.

— E' pesada, Mundoca... E tem um nome... Tu sabe ler?

O outro se aproximou, espremeu os olhos, custou a soletrar:

— Tá apagado... Aris...

Para o homem cuja religião é a paz, o preço supremo é o amor, mas para aquele cuja religião é a guerra, o preço maior é a luta. — G. B. Dickinson.

Aris... Aristides... O resto tá apagado...

Noé arregalou os olhos, perdeu a fala. Só a custo soltou:

— Será dêle, Mundoca?

Mundoca engolia seco, o coração batendo na goela.

— Tu vajá abrir, Noé?

— Sei não... Pode ser pecado... A alma dêle pode aperrear a gente...

A caixa agora no chão, tranqüila, os quatro olhos em cima.

— Abre primeiro, Mundoca.

— Abre tu...

O grito veio de longe. Viraram-se rápido. Era mestre Guilherme, encarregado do serviço da manga, que vinha vindo.

— Enterre de novo, Noé. Depois nós resolve.

Noé trabalhou rápido, colocando a caixa no seu lugar de debaixo do chão, cobrindo-a de terra.

— Depois a gente vem ver de novo, n'é, Mundoca ?...

— E'...

— Por isso que ele não queria mexer no juazeiro, n'era, Mundoca ?...

— Acho que era...

— Depois nós vem ver de novo...

— E'...

Mestre Guilherme aproximava-se assobiando. Noé ainda cochichou:

— N'é pecado não, Mundoca ?...

Olharam-se uma fração de segundo, a dúvida imensa pairando. O assvio de mestre Guilherme cantava perto. Noé procurava esconder os sinais, acariciando a terra com a mão nervosa, de leve, de leve.

————— ☆ ☆ ☆ —————

Escrevem para Viver

DE quando em quando o duque e a duquesa de Windsor tomam da pena e escrevem um livro ou uma série de artigos sobre a existência passada do casal, ou de sua vida presente. Agora é a vez da duquesa, que não tardará a publicar o primeiro capítulo de uma nova série de artigos, sob o título a todos os respeitos promissor: «Como os ingleses trataram meu marido».

Na realidade, é o único meio com que podem fazer frente às suas despesas e permitirem-se um padrão de vida um tanto elevado. Calcula-se que, entre as viagens, divertimentos e manutenção das suas residências (duas casas na França, uma no Canadá, e um apartamento no Waldorf Astoria, de Nova Iorque), gastam todos os anos nada menos de 5 milhões e 100 mil cruzeiros. E já que não recebem um vintém da corte britânica (pelo menos, é isto que dizem), devem compensar esta desvantagem escrevendo sempre. Desde quando começaram a escrever, há quatorze anos, os direitos autorais renderam ao duque, que renunciou ao trono da Inglaterra, pouco menos de 450 milhões de cruzeiros.

NUMEROSAS pessoas queixam-se de distúrbios do aparelho digestivo, quando, na verdade, não estão afetadas por uma doença a cargo desse ou daquele órgão. Não raro, apresentam apenas uma queda das vísceras abdominais — a chamada ptose visceral — mórbida às vezes, pois o fato de uma víscera não estar em seu devido lugar comporta uma alteração de suas funções, tanto maior quanto mais acentuado for o deslocamento.

A queda pode ser global, isto é, pode afetar todos os órgãos contidos na cavidade abdominal. Entretanto, na maioria dos casos, atinge apenas o intestino ou o estômago, os rins e também o fígado. A ptose atinge de preferência as mulheres (80% dos casos) bem como as pessoas altas e magras, e tem sua origem ligada ou a fatores constitucionais ou a fatores adquiridos. Entre os constitucionais, citam-se: fraqueza das estruturas musculares e lassidão dos ligamentos que mantêm unidas as vísceras entre si. Entre os fatores adquiridos estão compreendidas tóidas as causas que enfraquecem a tonicidade da resistência das paredes abdominais, dos ligamentos e dos músculos. Neste caso são quase sempre responsáveis as maturidades muito repetidas.

A queda visceral geralmente dá lugar a manifestações um tanto vagas, que nada têm de característico e que, variando de caso para caso, tornam o diagnóstico difícil e muitas vezes até impossível, a menos que se proceda a uma investigação radiográfica. Entre os



Cuidado com a queda visceral

sintomas de caráter geral, figuram: cansaço, falta de forças, inapetência, hemicrania, tendência à depressão psíquica e à melancolia.

Os sintomas de caráter local compreendem sensações vagas de mal-estar e de vazio no estômago, retesamento e queda das vísceras, sensação dolorosa de peso, sobretudo na metade inferior do abdômen. Sintoma típico dessas manifestações é o fato de se acentuarem quando a pessoa fica de pé por longo tempo, atenuando-se ou até mesmo desaparecendo, quando o paciente permanece deitado.

O tratamento da ptose abdominal compreende três partes distintas: a higiênica, a dietética e a medicamentosa. É necessário que a pessoa observe uma vida pouco fatigante, evitando ficar de pé por muito tempo. Por outro lado, são bastante úteis os movimentos moderados e os exercícios que visem a reforçar a musculatura das paredes abdominais. Outra medida útil é o uso de cinta e o repouso depois de cada refeição, preferindo-se a posição lateral sobre o lado direito, a fim de facilitar o processo digestivo. A dieta deve ser substancial, mas leve, facilmente digerível, devendo-se reduzir ao mínimo indispensável os líquidos ingeridos durante ou imediatamente após as refeições.

Quanto aos medicamentos, aconselha-se às pessoas magras um regime de engorda, com preparados à base de lecitina através de injeções, bem como produtos à base de glicose, hormônios neutros e pequena quantidade de insulina.

CAPSULAS

- Para combater a prisão de ventre, sempre presente nos casos de ptose visceral, são recomendáveis os laxativos brandos e as lavagens intestinais.
- Antiespasmódicos à base de beladona ou de papaverina combatem as eventuais cólicas dolorosas decorrentes da queda abdominal.
- Para o tratamento das chamadas verrugas planas ou juvenis, aconselha-se a aplicação de pomadas ou líquidos à base de ácido salicílico, resorcina e crisarobina.

tes, comerciários, inclusive agentes postais e carteiros, formam o imenso corpo de auxiliares do «Estado». Alguns são intelectuais com livros publicados, como o professor e tradutor Pedretti, de Botucatu. Outros são jornalistas profissionais, de pena ágil e raciocínio instantâneo, como Francisco de Camargo César, de Sorocaba. Outros são poetas, como o Eduardo Maluf, de Capivari, com laureados trabalhos editados. Outros são mocinhos entusiastas, como Monteclaro César, de Taubaté, que atravessou a cidade de Paraibuna, inundada, equilibrando-se sobre uma alta máquina rodoviária, realizando uma cobertura notável. E há, por fim, o decano dos correspondentes, o professor Antônio de Arruda Ribeiro, de Santa Bárbara do Oeste, nomeado em 1907, com mais de meio século de serviços ao jornal, onde sempre se distinguiu pela assiduidade e leveza de estilo. Dr. Oséias Mota Cortez, de Ribeirão Preto, é o diretor regional dos correios da zona. Virgílio Carderelli é o secretário da Câmara de Jaçareí. O correspondente de Pindamonhangaba trabalha auxiliado pelos três filhos já moços... E são tantos!

Alguns só escrevem à mão. Outros não dispensam a máquina. Muitos usam papel pautado. Há os que só escrevem em linha dágua, fornecido das aparas do jornal.

A maioria dos correspondentes só conhece os colegas «de nome». Poucos tiveram oportunidade de

distinguir o efeito da causa e ver que a vida lhe corre mal porque foi inteiramente gasta com o álcool?

No entanto, todo esse joio espiritual não nasce no vazio. Ele nasce numa terra ricamente adubada de toda a espécie de podridão, onde a própria existência gera o ceticismo, a falta de fé na Razão, na Justiça e nos objetivos criadores da Vida. A arte de abocanhar o que foi criado pelos outros constitui a filosofia dessa geração degenerada.

E isto não pode deixar de causar preocupação. Os pais e as mães desses pequenos «snobs» que se fazem de bobos na família e na rua, buscam causas externas para isso, para se isentarem da culpa na tragédia que se aproxima. Mas, pelo visto, as raízes são muito mais profundas. Aqui, muita coisa pode ser explicada pelo filme produzido por um grupo de jovens cineastas americanos e que veio para as telas sob o título de «Olho Penetrante». Nêle não se trata da juventude e sim da geração inteiramente madura dos pais e mães. Feito pelo método da crônica,

Vida Obscura do Correspondente do Interior

Conclusão da pág. 56

um bate-papo com os companheiros de «metier». Une-os, porém, uma idéia: a de servir ao interior, divulgando seus acontecimentos, informando sobre seu progresso, revelando sua vida cotidiana, coisas de sua história, de seus homens de prole, até, dos seus tipos populares.

Uma coleção do «Estado», só na seleção interiorana, oferece farto material sociológico e folclórico, precioso, porque obtido nas fontes mais puras, através de uma vivência de centenas de observadores locais.

* * *

O «Estado» não mede despesas, sempre que se trate de bem informar aos leitores. Gastou um milhão de cruzeiros, custeando um levantamento sobre as favelas cariocas, realizado em trabalho estafante de um ano, por equipe a cuja testa se encontrava um padre francês. (Esse equipe jamais sairia no matutino paulistano, onde os galicismos são considerados crime de morte). Grandes reportagens tem feito o jornal, no Brasil e no estrangeiro, através de seus enviados especiais, seja a cobertura das eleições norte-americanas, ou da conferência comercial russo-brasileira em Moscou, ou

das cheias do Amazonas, ou das condições de vida no Nordeste, ou da existência à margem do São Francisco.

Todavia, nem sempre há tempo para enviar um jornalista especializado a determinado ponto do País. E então o correspondente recebe tarefas de envergadura, como fotografar um avião sinistrado, correr a um ponto distante, onde explodiu uma fábrica de pólvora, ou localizar no Alto da Serra de Caraguatatuba um casal de aviadores perdidos...

— Gaste o que fôr necessário, mas não deixe de enviar a notícia HOJE.

Ordens dadas, executadas. O correspondente sai pelo mundo, assume ares de «big-reporter» e coleciona aventuras, para contar mais tarde aos netos, tal como faria um «newspaper» novaiorquino, metido entre gangsters ou às voltas com o sr. Nikita.

* * *

«O Estado» mantém concurso entre os correspondentes, premiando a assiduidade, a notícia de primeira mão, a colaboração. Proporciona, assim, ou por mera liberalidade, um «bico» financeiro aos que mais diretamente o auxiliam.

O Cinema e o Homem de Hoje

Continuação da pág. 112

esse filme rivaliza com «Doce Vida» no que se refere às reflexões amargas sobre os nossos contemporâneos. Oprimidos pela publicidade e pela devassidão mecânica, ensurdecidos pela sensação, os homens caminham em busca da felicidade quais cãezinhos cegos, ora dando encontros uns nos outros, ora caindo uns sobre os outros, amontoados.

Todavia, se o espectador ocidental vai assistir ao filme soviético «Balada ao Soldado», eilo que se queda, admirado, diante desse quadro puro e claro. Todos como que voltam a si e repetem admirados: «Deus meu, que pureza! E, como se parece com a verdade!», procurando como que afastar de si o pensamento de que o filme reflete a situação real das coisas no país que elas ainda não são capazes de compreender.

Foi assim que o cinema, como verdadeiro filho do século, tornou-se participante da luta entre duas concepções, entre duas ideologias, entre dois mundos.

Foi posto em jôgo o futuro da humanidade. De todas as ciências que se dirigem hoje para o prosseguimento do progresso, a ciência mais importante é, provavelmente, a da capacidade de educar o filho ou a filha como lutadores pela vida, pelo trabalho, por uma consciência limpa, pela dignidade humana e pela paz na Terra. O cinema, chamado a ser mestre da vida e educador das gerações pode realizar aí um trabalho imenso. E a justiça manda que digamos que, em comparação com seu destino, ele faz ainda muito pouco.

A cinematografia mundial produz

Longe, porém, do correspondente a idéia de trabalhar visando proveitos materiais. Pagan-no a certeza de colaborar num jornal de renome internacional, o privilégio de ser o embaixador de sua cidade junto a 500 municípios paulistas e todas as grandes cidades do País, e, mais que tudo isso, a convicção de estar tomando parte, embora obscuramente, na luta titânica que o órgão de imprensa vem mantendo, através dos anos, em prol da democracia e da moralização de nossos costumes políticos.

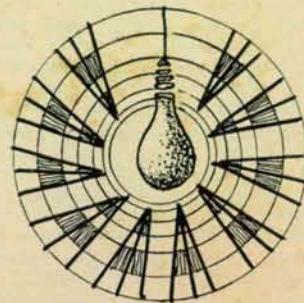
As funções de correspondente são algo nobre, que se transmite de pai a filho. Nelas põe cada representante interiorano um bocado de sua alma, tornando o «Estado» uma parte preponderante do seu ser, alegre de ver o jornal, novamente, sob a direção dos Mesquitas, cujo chefe, Júlio de Mesquita Filho, preferiu ver confiscado, por anos a fio, o seu jornal, ir para o exílio e comer o pão que o diabo amassou, a curvar-se às imposições dos inimigos da liberdade.

Alguns correspondentes do «Estado» iniciaram suas atividades ainda imberbes e hoje estão curvados ao péso dos anos. São vidas inteiras consagradas ao jornal. E, fato curioso, alguns deles jamais saíram de sua cidadelha perdida no mapa, jamais galgaram as escadas do imponente edifício da praça da Biblioteca. Não precisam ir ao «Estado», porque trazem o «Estado» dentro do coração...

mais de dois mil filmes artísticos por ano. Todos os anos surgem nas telas mais de dois mil enredos e dezenas de milhares de imagens. Centenas de milhões de espectadores dão diariamente sua atenção a sempre novos filmes, esperando obter novas impressões, novas idéias sobre a vida e uma nova experiência. Na maior parte das vezes elas deixam a sala decepcionados e com o sentimento de haverem sido enganados. As tramas dos enredos, com a alteração das parcelas ao infinito, não modificam a soma. As descobertas não surgem, tudo se limitando à perda de tempo, à ilusão superficial que se transforma em pó, logo que a tela se torna de novo branca e muda. Mesmo os cenaristas e os diretores, depois de assistirem a mais um «prato do dia» comercial, por vezes sentem-se decepcionados e se envergonham de sua profissão.

Mas, não se deve chegar ao desespero. Também os escritores conhecem esse sentimento de dúvida e de angústia, ao folhearem um livro vazio e imprestável, onde, apa-

Transformando o som em energia



DOS Estados Unidos chega-nos a notícia de uma curiosa invenção: trata-se de um aparelho que transforma o som em energia elétrica. Entre os usos mais «especializados» aos quais o novo sistema será destinado, figura o emprêgo nos projéteis e satélites artificiais.

«Cheguei à invenção do «Phono-power» estudando o funcionamento de um pequeno fonógrafo estereofônico portátil», explicou o engenheiro Eugene Russel, inventor do aparelho destinado, talvez, a revolucionar os sistemas de produção de energia elétrica hoje empregados.

Eugene Russel é o diretor do departamento de pesquisas de uma companhia americana, junto da qual construiu o primeiro modelo do «phono-power», apresentado há poucos dias à imprensa especializada americana. O aparelho, no seu aspecto exterior, é semelhante aos estabilizadores de voltagem comuns, usados para melhorar o funcionamento dos aparelhos de televisão, e para aplicar a expressão do próprio Russel, «funciona como um aparelho de rádio às avessas».

De fato, enquanto o rádio recebe energia elétrica e a transforma em som, o «phono-power» transforma os sons e ruidos em energia elétrica. «Não se trata, na verdade — explica o inventor — de um princípio novo, já que sempre se soube que, segundo ensina a Física, o fenômeno acústico, manifestação vibratória, é uma espécie de energia. Novo é apenas o método adotado para transformar a energia acústica em energia elétrica, e tal método está protegido por patente».

Captando os ruidos, o aparelho inventado por Eugene Russel, com a colaboração de Andrew Duncan, engenheiro eletrônico, produz energia elétrica. Uma vez aplicado a um motor de explosão, por exemplo, o «phono-power» está em condições de fornecer ao motor a eletricidade necessária para fazer aparecer a centelha na câmara de explosão dos cilindros, substituindo completamente o gerador e, em parte, a bateria.

Numa sala da companhia onde trabalha, o engenheiro Russel mostrou para alguns jornalistas um pequeno motor a explosão, no qual se encontrava adaptado um «phono-power». Um microfone adaptado junto ao cano de descarga levava seus ruidos até o pequeno aparelho. O motor estava parado e, portanto, o «phono-power» não estava produzindo energia. Apenas, porém, o motor a explosão começou a funcionar, Eugene excluiu o circuito da bateria e do gerador: o motor continuou a funcionar regularmente, graças à energia produzida pelo «phono-power». «Num automóvel comum, disse o inventor, o meu aparelho pode fornecer energia elétrica necessária ao funcionamento do motor e dos instrumentos auxiliares, como rádio, limpador-parabrisas, etc.».

Assim dizendo, Russel conduziu os presentes a um outro local, onde uma sirene gritava a toda altura. E uma fileira de lâmpadas que se notavam à frente, se achavam acesas devido ao som da sirene, produzindo uma luz muito forte que aquecia a sala. No caso dos automóveis, concluiu Russel, não é possível eliminar-se de todo a bateria, porque esta serve para acionar o motor de arranque.

rentemente tudo está bem, onde os heróis parece que amam, emocionam-se, fazem qualquer coisa, alcançam algo, juram e traem e encontram sua felicidade na cama ou em torno da mesa de chá. E então também a pena cai da mão e o papel parece traidor. E então o escritor dirige-se aos seus velhos amigos, abre os volumes de Tolstoi, Tchekhov, Shakespeare, Stendhal, tira da prateleira um livrinho de Puchkin ou de Byrns e, lendo-os, como que se lava nesses rios puros, restabelecendo o balanço da alma.

Recentemente tive a oportunidade de assistir ao filme «O Encouraçado Potiomkin» de Eisenstein, exibido nos cursos estudantis internacionais, na cidade de Gurzuf, na Crimeia 150 jovens, jovens inteligências, de educação muito diversa, foram novamente conquistados pelo gênio desse filme imorredouro.

Sim, desde a época em que ele foi produzido, a técnica cinematográfica avançou muito. Submetendo-se às leis do progresso ininterrupto, ela busca as formas mais expressivas, as mais assombrosas e as mais concentradas. Todos os anos, inovadores jovens madurões e já envelhecidos buscam nos pavilhões e nas salas de montagem novas soluções para a encenação e novas combinações da montagem. Ninguém deve ser acusado por isso evidentemente e mesmo,

mais freqüentemente, é preciso agradecer por essas buscas. Se elas não existissem, não teríamos muitas das conquistas da cultura cinematográfica desses últimos anos.

Mas, estudando os filmes do jovem francês Chabrol, vindo para o cinema diretamente da literatura, do sueco Bergman, com sua atenção doentia voltada para a complexidade inexplicável do comportamento humano, deliciando-nos com a arte refinada do japonês Kurassava, voltando-nos em pensamento para as buscas inovadoras dos nossos patriarcas que abriam caminho para a arte cinematográfica nos ápices da mais humana das filosofias, da moral mais elevada e luminosa. O caráter inovador de sua arte mergulhava suas raízes nas profundidades do conteúdo e, alimentando-se de seu vivo caráter revolucionário, transformava-se numa forma completa e lógicamente pensada. Era assim a criação de Eisenstein, era assim que Pudóvkin criava seus primeiros filmes, foi assim que trabalhou até os seus últimos dias Dovjénko. Erguia-se diante deles a vida da humanidade pela qual eles combatiam com as armas puras e certeiras do seu talento. E eles nos legaram o sentimento do novo encarnado na disposição para a luta por uma vida melhor para todos os homens da Terra. Eles nos legaram a obrigação de compreendermos o

homem, de revelarmos todas as ligações existentes na vida, salientando os traços do belo dentro do próprio homem, como sendo a garantia de suas vitórias futuras sobre a natureza, sobre todas as sobrevivências da moral do lôdo que puxa o homem para trás.

Nossos filmes vencem cada vez mais decididamente nos festivais internacionais e trazem ao cinema soviético uma glória merecida. Mas, na luta que a humanidade de vanguarda trava hoje pelos destinos da geração, as proporções são outras, outro é o élan. Sem compreendê-lo, não vale a pena iniciar hoje um novo trabalho. Não se trata aqui da glória individual do artista. Trata-se de uma ofensiva geral, na qual cada filme, como o soldado, já deve trazer consigo o bastão de marcha. Para isso, é preciso não inventar, é preciso saber, saber o mais possível e o mais precisamente possível. E então nascerá aquela liberdade da imaginação que dá à fantasia a força categórica do fato.

Ao se tornar mestre da vida, o cinema perdeu definitivamente o direito aos esquemas de tostão, ao que é aproximado, à mentira. Temos um número demasiado grande de discípulos sobre a Terra, discípulos que esperam ouvir de nós a Verdade, para que possamos recorrer a isso. Temos a obrigação de lhes dar essa Verdade.

☆ ☆ ☆

Ihe que nunca mais haverei de embriagar-me.

Foram esses os fatos que fizeram da senhora Markovics a esposa de seu capataz.

Mas, depois de um ano de vida conjugal a velha moléstia ganhou alento e enfermou-a mais uma vez.

Ela previa seu fim, embora acalentasse uma esperança de melhores dias. Suas derradeiras palavras diziam :

— Meu bom Gazsi, não esqueça a garrafa de vinho durante a vigília... Quero que tudo se passe como da outra vez...

E o marido não esqueceu. A garrafa de vinho foi deposta de novo junto do catafalco. Contudo, em nenhum momento da noite, Gazsi Sajna deitou a mão na bebida. Havia nêle perplexidade e luta com seus próprios sentimentos. Podia? Devia? Passou a noite, veio a manhã. A esposa foi enterrada e terminados os funerais, ele voltou a casa, já remoendo amargurantes remorsos. E pensava: "Talvez"; e dizia: "Quem sabe eu devia ter ofertado à minha esposa ainda desta vez um copo de bebida?" Olhou a garrafa por muito tempo. Depois... Depois lançou-a contra a parede, que fê-la em mil pedaços.

E desde então, jamais bebeu vinho durante sua vida. — Giula Pekár.

☆ ☆ ☆

Você que é pai, deve saber que ambientes sua filha freqüenta... deve reparar nas roupas que veste... Sendo um pai cuidadoso e amigo, terá por certo uma boa filha!

Uma Garrafa de Vinho

Conclusão da pág. 79

— Não... está em casa de Bu... Bu... Buzalka.
— Está bem. Durma tranqüilo.

Para isto Gazsi não precisava de conselhos. A senhora Markovics, tôda ternura, contemplou-o por muito tempo; depois levantou-se e foi para a cozinha. Seus vivos gestos fizeram calar a criadagem amedrontada. Ato contínuo, chegou ao fogão e preparou café. Os parentes estavam despertando, quando a "Giganta", ainda envolta em sua mortalha, entrava na sala e de bandeja na mão, voltava-se para as mulheres, e dizia :

— Eis o café, gente minha... Pobrezinhos, dividiram à tua minha herança!

Gritos, urros, desatino, mulheres de camisola saltando janelas. Como se visados por um tiro de fuzil, os vorazes parentes e aderentes sumiram num minuto.

A senhora Markovics riu alto e entrando na sala grande despertou o capataz.

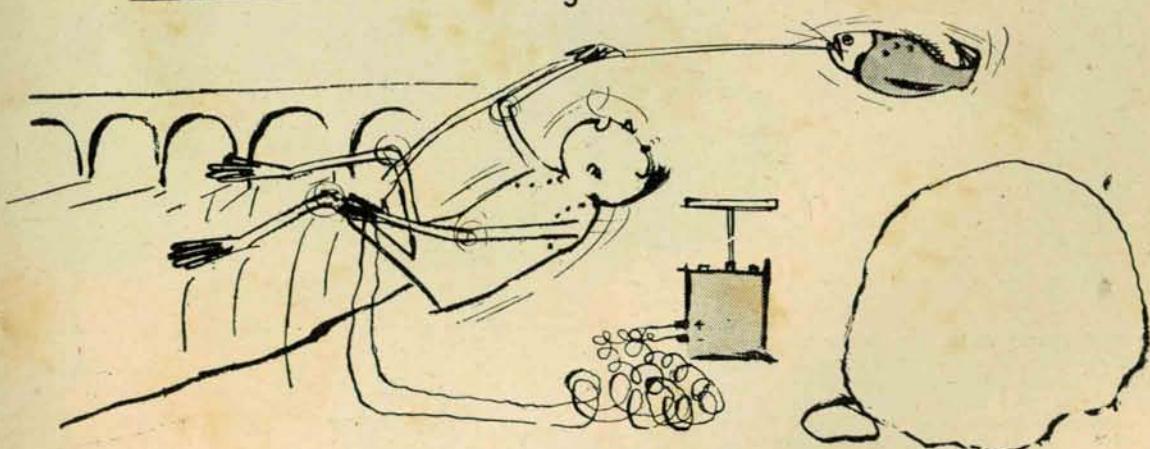
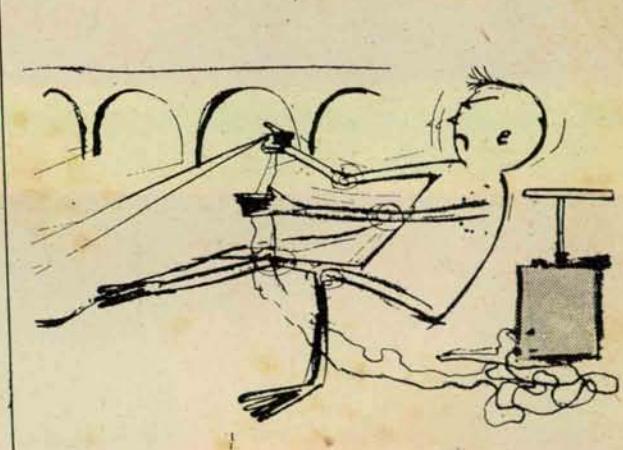
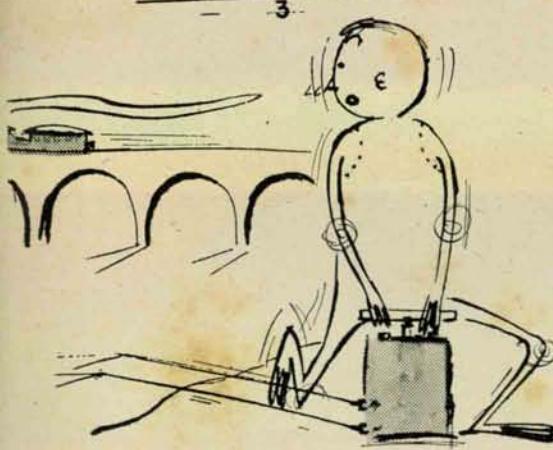
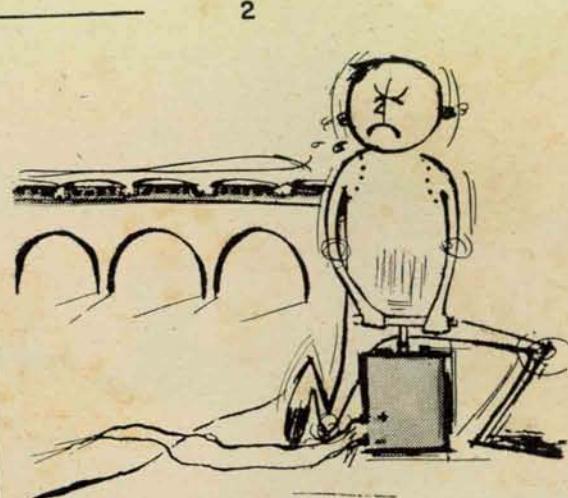
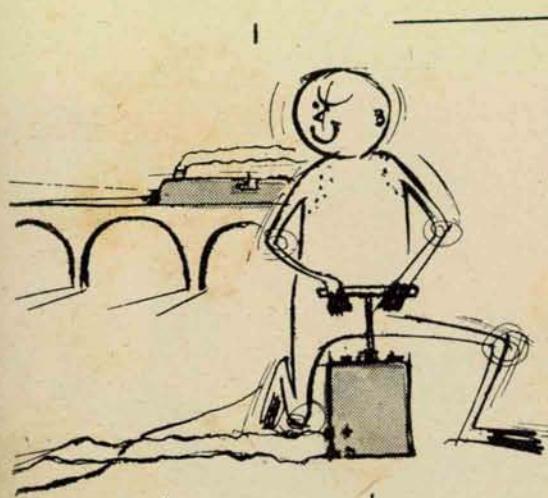
— Acorda, querido Gazsi. Mesmo bêbado, você vale mais do que Berci, o tratante. Mas deixa estar que vou divorciar-me. Devo-lhe tudo, Gazsi, meu bêbado e por isso me casarei com você.

O capataz recobrara o conhecimento e depois de ficar aturdido por um minuto beijou respeitoso as mãos da mulher.

— Muito obrigado, minha patroa... Quanta vergonha me trouxe o caso daquele vinho... Mas, juro-

HUMOR

Victor Angelo*





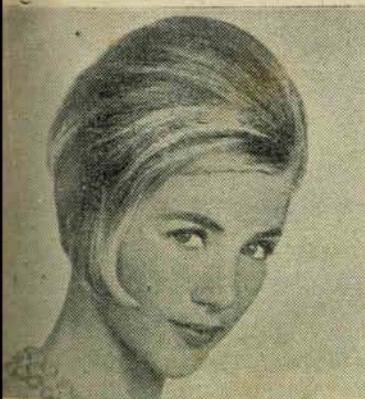
Bazar
Feminino

Se você possui testa bem feita, não perca oportunidade de valorizá-la: duas ondas altas e cheias limitam as têmporas e terminam em dois anéis encaracolados para o exterior. Esta linha — «ponto interrogativo pelo avesso» — é característica da moda de 1961.

U «CANTINHO» da televisão fica realmente enriquecido com este sofá circular. O ponto alto da decoração dessa sala-de-estar reside na parede de vidro opaco com desenhos de pequenas fôlhas. A mesinha central é recoberta com o mesmo vidro, mas sem os desenhos. Uma luz no centro da sala, de modo a poder ser distanciada ou aproximada, produz iluminação repousante. (Foto Hollywood Press Syndicate).

CABELOS A LA

«*Nouvelle vague*»



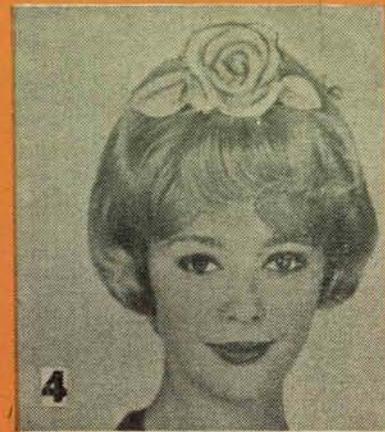
1

Seu rosto é perfeitamente oval? Então, adote este penteado tipo «ôvo», no qual as madeixas são completamente lisas, apanhadas na nuca e, descrevendo uma curva perfeita, há uma que desce pelas têmporas e pela face, terminando por uma «ponta».



2

Estão muito em moda os cabelos lisos, próprios para serem usados como mostra a foto: perfeitamente soltos e cortados. Desejando-se, pode ser usado um passador para descobrir a orelha esquerda. Este penteado é próprio para aquelas que possuem olhos luminosos, tipo gato e que desejam realçá-los mais.



4



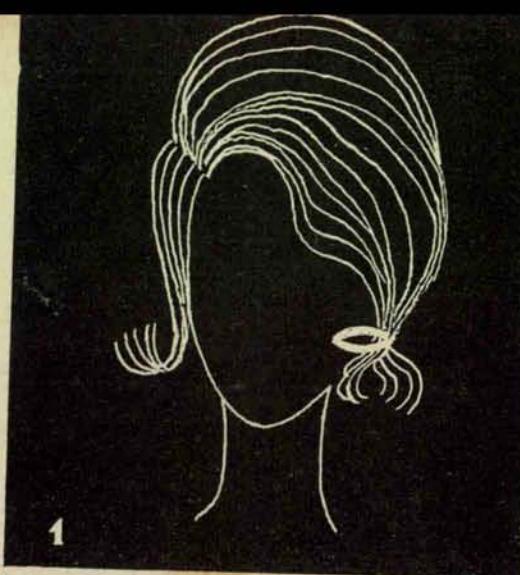
5

4

Também para a noite, cabelos naturais, não anelados, nem ondulados, mas tendo como único adereço uma rosa de cores fantásticas e inusitadas, (lilás, verde apagado, cinza, azul), colocada sobre um arco de veludo e metal.

5

Não mais a rosa, mas uma borboleta de cetim marrom, para cobrir o arco de veludo e, por cima, uma cúpula leve e não muito larga de tule, que não ultrapassa as orelhas e acenta a sombra dos olhos. (Paulette)



BAZAR FEMININO

PEQUENAS SUGESTÕES PARA VOCÊ

Com esta série de desenhos divertidos, apresentamos à leitora a moda do passador entre os cabelos.

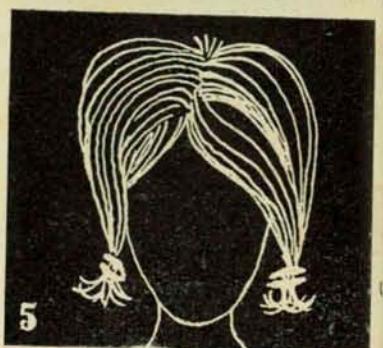
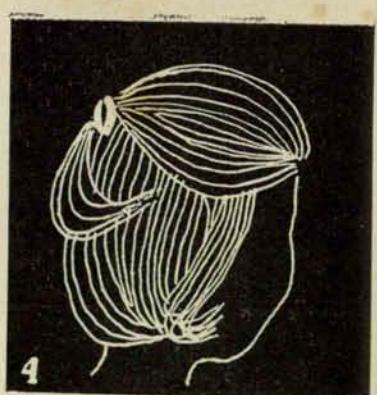
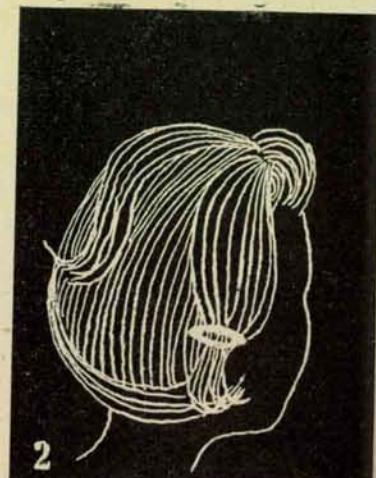
1 Seus cabelos são de comprimento médio? Coloque o **passador** de um só lado, na altura da metade da face.

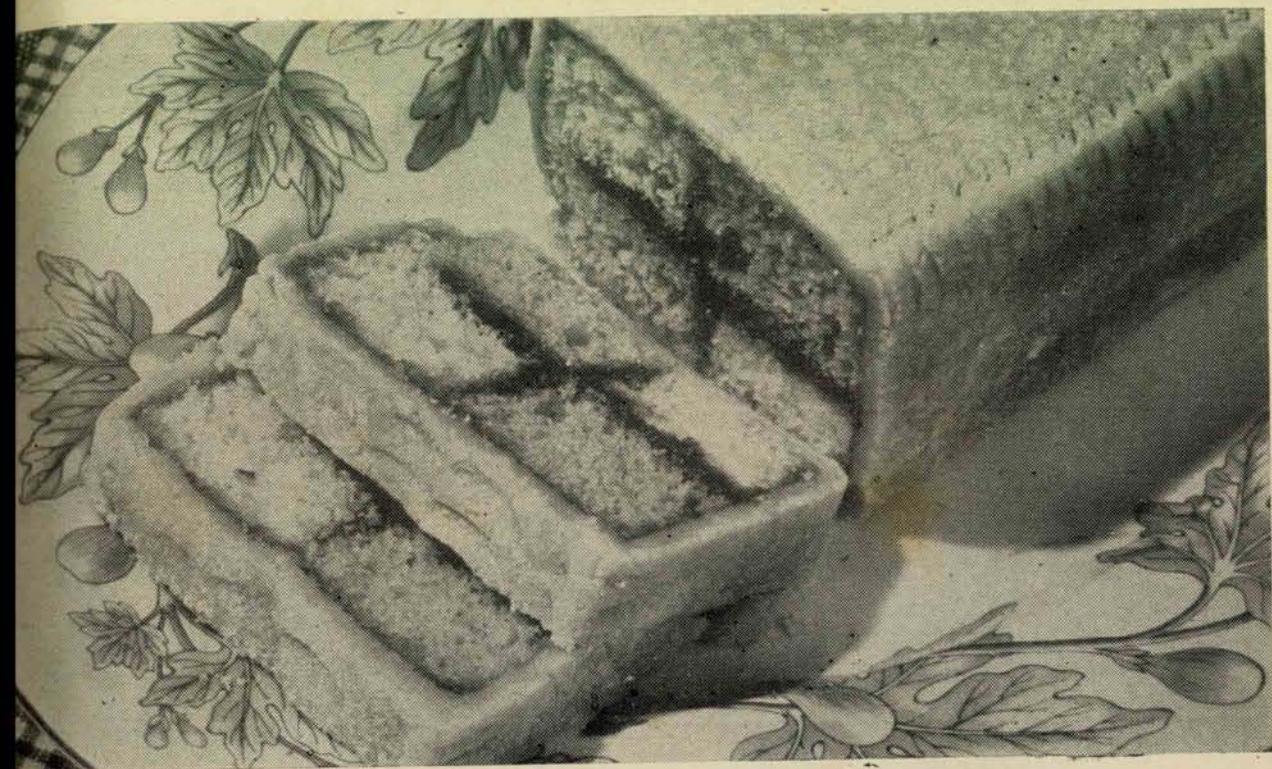
2 Você tem uma franjinha que lhe fica muito bem, não é? Pois a moda atual permite que você a continue usando, mas lhe aconselha uma nuca cheia, uma vírgula para cima e um **passador** colocado sobre a orelha.

3 Seus olhos são sutis, luzidios e puxados como os do gato? Coloque o **pegador** quase à altura dos olhos, e verá o excelente efeito produzido.

4 Sua testa é branca, lisa e perfeita? Então coloque-a em evidência, penteando os cabelos para trás e prendendo a mecha do meio com o **passador**...

5 Se você possui um rosto tranqüilo e regular, mas deseja torná-lo mais «provocante», ajunte os cabelos no alto da cabeça, tire duas mechas iguais da frente e prenda-as com os **passadores** bem nas pontas.





Comendo Bolo Xadrez, qualquer pessoa dirá: "Xeque-mate!"

BÔLO XADREZ

INGREDIENTES

Para a massa : Para a pasta :

- | | |
|------------------------------|-----------------------------|
| 1 xícara de açúcar refinado | 1 1/2 xícaras de amêndoas |
| 1 xícara de manteiga | 1 xícara de açúcar refinado |
| 2 ovos | 1 xícara de açúcar cristal |
| 1 xícara de farinha de trigo | 1 ôvo |
| 1 colher de chá de fermento | suco de limão |
| essência de baunilha | essências de baunilha |
| geléia de morangos; anilina | e de amêndoa |

Como preparar o bolo

BATA a manteiga com o açúcar, até obter um creme e, em seguida, acrescente-lhe os ovos ligeiramente batidos, misturando, logo depois, a farinha, o fermento e a essência de baunilha.

Divida um tabuleiro em duas partes, separando-as com uma folha de papel impermeável, de modo a obter dois quadrados. Unite-os e despeje a metade da massa, em um dos lados do tabuleiro. Depois de colorir a metade restante com a anilina, coloque na outra parte do ta-

buleiro e leve tudo a assar em forno brando, durante 20 minutos. Depois que as duas partes estiverem fritas, corte-as em pedaços iguais e ajunte os pedaços, de quatro em quatro, depois de ter passado geléia quente nas suas bordas, para que se liguem, cuidando de alternar as cores. Torne a ajuntar os pedaços novamente, apertando-os bem.

Como preparar a massa de amêndoas : Coloque as amêndoas, o açúcar refinado e o açúcar cristal peneirado em

uma tigela; acrescente as essências de baunilha e de amêndoa, o suco de limão e o ôvo batido, e amasse bem, até que a pasta forme uma bola lisa. Abra-a e cubra o bolo com ela, apertando bem para que forme um quadrado bem firme. Com o auxílio de um garfo, aperte a pasta nas beiradas do bolo, formando desenho. Enrole o bolo cuidadosamente em um papel impermeável, aperte bem e deixe-o assim durante algumas horas, antes de parti-lo.

BAZAR FEMININO



"Chemisier" original para as tardes elegantes, enfeitado por amplo laço de chiffon.

Simples e bonito, este modelo com mangas três quartos bem ajustadas e decote redondo é ideal para acentuar sua elegância.

Rugas

Inimigas da beleza feminina

MULHER alguma pode fingir ignorar o pior inimigo de sua beleza, e tão pouco as mais jovens devem iludir-se, pensando que as rugas tardarão a aparecer. Os cosméticos avançam a passos largos na defesa contra a injúria do tempo, mas as rugas atacam até o rosto melhor conservado, constituindo indício infalível e implacável, que denuncia a idade da mulher. Entretanto, não há razões para dramas, pois, atualmente, o aparecimento das rugas pode ser retardado por vários anos. Comece por saber como e porque se formam as rugas e ser-lhe-á mais fácil escolher os remédios adequados.

A estrutura anatômica do rosto e do colo é diferente daquela de outras partes do corpo, razão porque as pernas podem manter-se esbeltas, os ombros rígidos e musculosos e os braços lisos, enquanto o rosto envelhece precocemente. Cada músculo do rosto possui uma função particular para dar expressão à fisionomia, do mesmo modo que cada músculo facial possui um modo característico de contrair-se. E' justamente por isto que as rugas se

formam em sentidos diversos: vertical, horizontal ou em forma de leque. A luta contra as rugas deve ser efetuada com método, seguindo um sistema preciso e, sobretudo, com constância. Se sua pele é do tipo seco, limpe-a bem com detergente líquido, antes de iniciar o tratamento: pele seca é mais predisposta à formação de rugas, devido principalmente à falta de nutrição proveniente do interior. Pele desnutrida não pode manter inalteradas a elasticidade e a maciez tão indispensáveis para defendê-la contra as rugas. Os produtos curativos mais indicados são os que contêm vitaminas e substâncias tonificantes, especificamente contrárias a rugas. A pele oleosa é menos predisposta a rugas, mas, quando estas aparecem, são mais difíceis de serem eliminadas. Por isto, faz-se necessário um tratamento preventivo, com detergentes líquidos, ligeiramente alcoólicos e produtos curativos tidos como bio-estimulantes, extratos placentares ou hormonais.

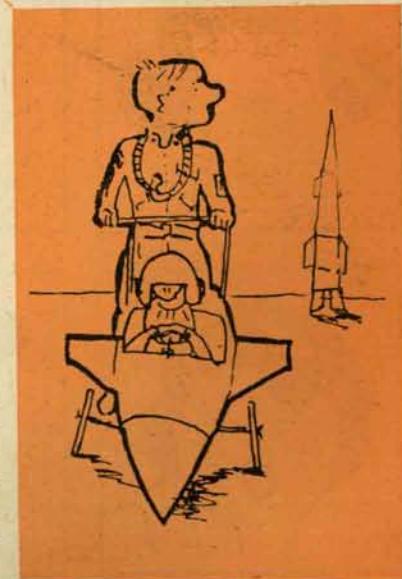
O tratamento, tanto para pele seca como para a oleosa, deve ser feito do seguinte modo: como os músci-

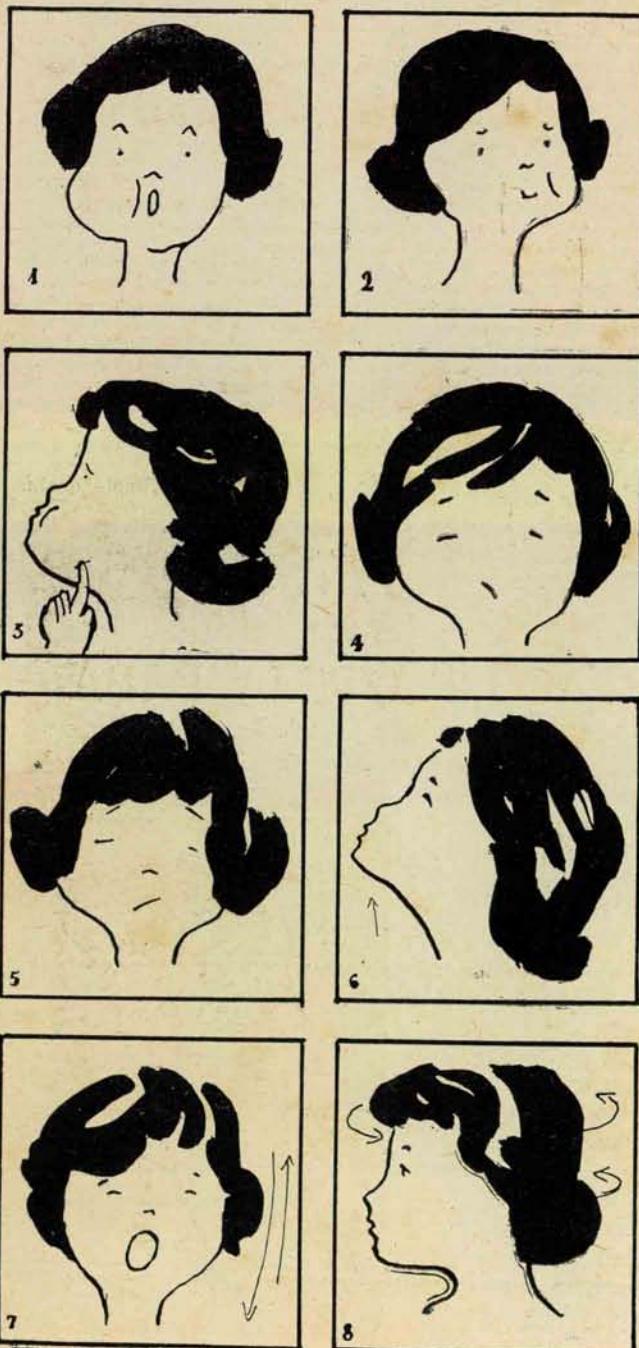
culos da testa possuem direção vertical, o creme penetrará essa região através de massagem ligeira, feita levemente com os dedos. Use os dois anulares e, com ligeira pressão, massageie para o alto, alternando o anular direito com o esquerdo. Nas pequenas rugas que se formam entre as sobrancelhas, faça penetrar o creme com levíssimos beliscões. Os pés-de-galinha formam uma espécie de anel em torno dos olhos, região que, dada a sua delicadeza, requer bastante cuidado: a massagem deverá ser leve, constituindo-se de imperceptíveis tapinhas dados com a ponta dos dedos. Sobre a face, espalhe maior quantidade de creme e massageie com um pouco mais de energia, com os dedos unidos e observando movimento circular. O colo, ao contrário, exige massagem feita com a mão aberta, em movimentos alternados, sempre tendendo para o alto. Finalmente, não se esqueça de bater, sem piedade, o duplo queixo, pois, sómente assim obterá bom resultado. Se você ainda não tiver duplo queixo, tanto melhor, mas proceda como se o tivesse.

O HOMEM DO ESPAÇO É ÓTIMA BABA

MICHELANGELO Trombetta, grande sociólogo italiano, escreveu um livro em 1909 para demonstrar que a mulher «não tem capacidade nem para instruir, nem para educar». Três anos antes, entretanto, Maria Montessori, laureada em medicina, ciências naturais, filosofia e letras, fôra convidada, dada a sua experiência no campo da educação de crianças anormais, para dirigir a «Casa da Criança», instituída em Roma, e precisamente no mesmo ano, escreveu um volume para ilustrar o «Método da Pedagogia Científica».

A mulher já conquistou muitas posições na sociedade moderna e, na América do Norte, parece que o matriarcado já constitui fato consumado, pois sómente os caricaturistas se riem dos homens que se munem de aventais para lavar os pratos ou da lata de talco para mudar a fralda do nenê. E o homem americano, ao que parece, sente-se muito satisfeito pela sua condição. Walter Marty Schirra, um dos sete voluntários do «projeto Mercury» que se encontram em treinamento para enfrentar a próxima viagem à lua, é uma «babá» perfeita e não cede a ninguém, nem mesmo à esposa, o privilégio de vestir e desvestir Susanna, sua filhinha de vinte e dois meses.



OITO EXERCÍCIOS**contra as rugas**

Se você ri muito, ou fica melancólica, é o quanto basta para que rugas sutis se delineiem do nariz aos lábios. Contra isso, o remédio é ginástica. Encha bem a face esquerda.

2

Conte mentalmente até 5 e repita o «exercício» com a face direita, alternando assim uma dezena de vezes.

3

Em seguida, passe ao exercício número 3: encha a face direita, depois a esquerda e feche os lábios com força. Depois, aperte o indicador contra as faces, «esvaziando-as» decididamente.

4

Como o exercício é muito divertido, você passará voluntariamente a outro movimento, e é bom que este seja feito em frente ao espelho. Dê aos lábios uma atitude de desgosto, voltando os ângulos para baixo, com bastante força.

5

O último divertimento: dos ângulos para baixo, passe aos ângulos para cima, com movimento rapidíssimo. A finalidade desse exercício, (que deverá ser repetido 10 vezes, como os outros), é robustecer os músculos faciais e dar elasticidade aos lábios.

6

Imediatamente depois do exercício com os lábios, deve ser feita a especial e facilíssima ginástica do queixo duplo, dos contornos do pescoço. Primeiro: erga o pescoço e estenda-o o máximo.

7

Agora, incline a cabeça para baixo, com o mesmo ímpeto e, imediatamente depois, volte à posição de partida, abra a boca, como se bocejasse, procurando distender bem os músculos de sob o queixo.

8

O último exercício aconselha a girar a cabeça e o pescoço, primeiro para a direita e depois para a esquerda, conservando ombros e busto sempre imóveis. Repita-o umas doze vezes.



PARA AS PERNAS: PARA PERNAS ÁSPERAS, IRRITADAS PELO FRIO INTENSO OU QUEIMADAS PELO SOL, MASSAGENS COM ANTISARDINA N. 3 RESTITUIRÃO O PRIMITIVO FRESCOR DA PELE.



PARA O COLO E PESCOÇO: PARA EVITAR A FLACIDEZ DOS TECIDOS DO PESCOÇO E EMBELEZAR A PELE DO COLO, UTILIZE ANTISARDINA N. 2. DURANTE O DIA PROTEJA-SE COM ANTISARDINA N. 1.



PARA OS OMBROS: NA CORREÇÃO DAS IMPERFEIÇÕES DA PELE DOS OMBROS, FAÇA LEVE MASSAGEM COM ANTISARDINA N. 3, ATÉ SER O CREME TOTALMENTE ABSORVIDO.



PARA AS MÃOS: ANTISARDINA N. 1, À NOITE OU AO SAIR, PROTEGE AS MÃOS EVITANDO QUE FIQUEM ÁSPERAS OU VERMELHAS. APLIQUE ANTISARDINA N. 3 PARA REMOVER MANCHAS E ASPEREZAS.



Apenas um minuto diário... e ANTISARDINA transforma seus encantos naturais em motivos de inveja e admiração! ANTISARDINA é um creme de beleza cientificamente preparado com 3 fórmulas distintas. ANTISARDINA nutre as células, limpa e clareia a epiderme! É uma garantia de beleza e saúde da pele!

PARA O ROSTO: ANTISARDINA N. 1, EXCELENTE BASE PARA PÓ, PROTEGE A PELE SÁ CONTRA O APARECIMENTO DE IMPERFEIÇÕES. PARA ELIMINAR SARDAS, MANCHAS, ESPINHAS, ETC, APLIQUE ANTISARDINA N. 2.



PARA OS BRAÇOS: AS VERMELHIDÓES E ASPEREZAS, TÃO COMUNS E QUE ENFIAM TANTO A PELE DOS BRAÇOS, COM ANTISARDINA N. 3 DESAPARECEM FÁCILMENTE.

Antisardina

O SEGREDO
DA BELEZA
FEMININA



VOCÊ PODERÁ SENTIR UMA LEVE REAÇÃO INICIAL AS PRIMEIRAS APLICAÇÕES DE ANTISARDINA NAS FÓRMULAS 2 E 3. ESSA REAÇÃO, NATURAL E BENÉFICA, DESAPARECERÁ COM O USO DIÁRIO DO MODERNO CREME REVITALIZADOR DAS CÉLULAS DA EPIDERME.

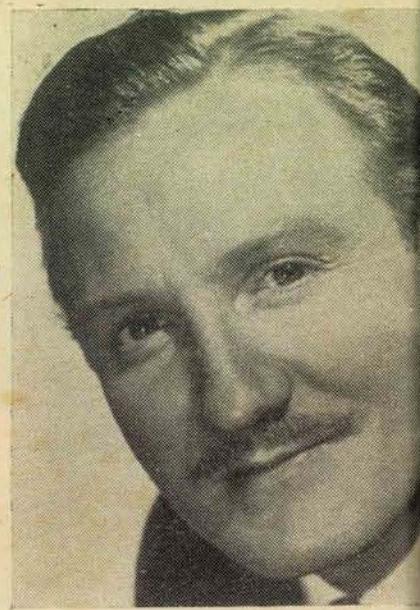
SIGA À RISCA AS INSTRUÇÕES DA BULA QUE ACOMPANHA CADA POTE DE ANTISARDINA



Joan Sims estréla de "Doctor in love".

ESTE é Leslie Phillips, um dos mais ativos atores ingleses, que vem militando no campo artístico desde a idade de 10 anos, já tendo aparecido em mais de 500 produções no palco, no vídeo e na tela. Leslie filmou em Hollywood, com Mitzi Gaynor, Gene Kelly e a falecida Kay Kendall, a película «The Girls» e tra-

lhou na Itália, ao lado de Vittorio de Sica, em «Ferdinando de Nápoles». Atualmente, incluem-se entre os mais recentes sucessos do ator «Watch Your Stern» e «No Kidding», ambos distribuídos pela Organização Rank, para a qual o famoso astro assegurou um grande sucesso com o filme «Doctor In Love».



LESLIE PHILLIPS

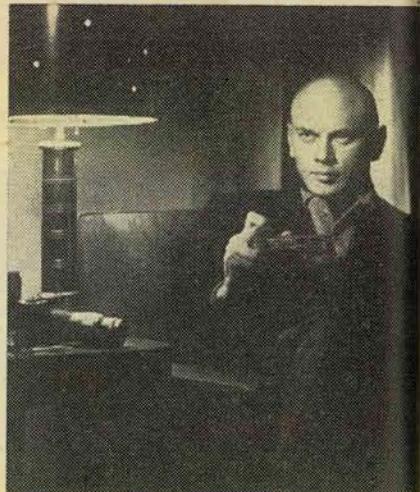
FOTOGRAFIA E «HOBBY» DE YUL BRYNNER

UM dos mais ativos e competentes fotógrafos amadores da colônia artística de Hollywood é, sem dúvida alguma, o famoso Yul Brynner, intérprete do papel de Jean Lafitte na super-produção da Paramount «O Corsário Sem Pátria».

Algumas das lindas fotografias feitas pelo consagrado ator — mais de 2.500! — duran-

te os trabalhos de filmagem daquela produção, foram enviadas para o Rio e exibidas em artística exposição no hall do Cine Ópera.

Brynner usou, durante mais de oitenta dias, para a execução dessa atividade que constitui o seu **hobby**, um total de oito câmeras fotográficas e aproximadamente duas dúzias de lentes.



O "careca" e sua câmera fotográfica.

GINETTE PIGEON ama a Arqueologia

LOURA, esbelta, com o narizinho arrebitado e os olhos risonhos, Ginette Pigeon se apresenta diante de nós com uma autoridade que pareceia aproximar-se da audácia, não fosse ela temperada com um encanto todo especial.

Nascida a 5 de setembro de 1933 em Herblay, esta nova e encantadora revelação do cinema francês foi a princípio muito estudiosa. Depois de completar os

ursos secundários no Liceu La Fontaine e passar pelos dois bachelados, Ginette matriculou-se nos cursos de arte dramática de Mme. Dussane e Maurice Escande. Seguiram-se depois «tournées» pelas províncias e no estrangeiro, com tudo aquilo que elas comportam de imprevisto, de fantástico, difícil e desencorajador.

Foi ao lado de Madeleine Robinson, em «Adorable Julia», que a jovem estréla estreou no palco

parisiense, contratada por Jean Wall, que a observou na TV em «Georges et Margaret». O cinema se apoderou logo dessa beleza admirável, e sucederam-se os filmes dos quais os mais importantes são: «Les Fruits de l'Eté», «On Déménage le Colonel», «Bonjou Toubib», «Vacances Explosives», «Jeunes filles en Uniformes» além de vários outros feitos na Alemanha, um feito em Praga, com Raymond Bussières e outro na Espanha — «Casque Blanc», com Raymond Pellegrin.

Em «Les Petits Chats», de Jacques R. Villa, Ginette teve um desempenho difícil, por motivo de sua complexidade psicológica e em «Merci Natercia», ela mostrará um novo aspecto de seu talento de múltiplas possibilidades. Em «La Brune que Voilá», será a parceira de Robert Lamoureux e, finalmente, em «Recours en Grace», contracenará com Raf Vallone.

CINE-NOTAS

* Após concluir «Tentação», com Ava Gardner, Dirk Bogarde ficou tão entusiasmado com sua companheira de trabalho, que já fez todos os arranjos para tê-la novamente a seu lado noutro filme. Desta vez será uma comédia leve e moderna, cujos direitos Dirk já possui, a ser produzida pela Benrose Productions, e com a direção de Georges Cukor.

* Hardy Kruger, que atua ao lado de Micheline Presle e Stanley Baker no filme da Paramount «Encontro com a Morte» (Chance Meeting), é grande amante de esportes, passando todo o tempo livre em sua lancha de corrida, em seu avião particular, ou então esquiando. O ator e sua esposa Reni estão construindo a «casa de seus sonhos» perto do lago Lugano, na Suíça. Kruger é um dos atores mais populares da Europa e ficará conhecido pela maioria do público americano com o filme «Encontro com a Morte».

* Jeanne Moreau, considerada uma das mais autênticas artistas francesas, não quer abandonar o teatro: representará «Judith», de Jean Giradoux, no Odeon, na companhia de Jean-Louis Barrault.

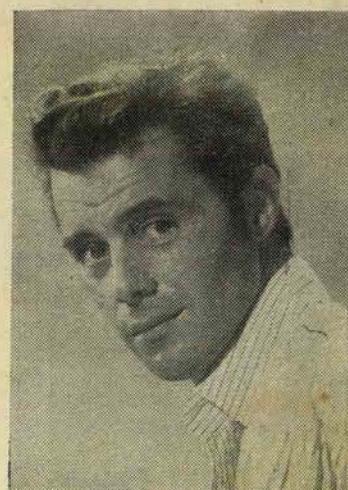
* John Gavin é um dos poucos «astros» que podem figurar ao lado do ex-Presidente Eisenhower e de Mrs. Eleanor Roosevelt em alguma



A louríssima Ginette Pigeon.



JEANNE MOREAU



DIRK BOGARDE

Impulsiva e sentimental, Ginette Pigeon afirma que teria escolhido a carreira política se não se tivesse consagrado ao cinema. A estrelinha fala correntemente o inglês e o alemão e possui duas grandes paixões: Maurice e a Arqueologia. Maurice é um cão «teckel», de pêlos compridos, que não partilha do gosto da dona pelas antiguidades, talvez porque se vê obrigado a ficar à porta dos museus...

citação oficial. Condecorado duas vezes por suas contribuições ao Pan-Americanismo, o atraente e simpático ator foi agraciado, tal como o ex-Presidente Eisenhower, com a «Ordem da Fundação Eloy Alfonso», e tal como Mrs. Roosevelt, com a «Ordem de Balboa do Governo do Panamá». Tais homenagens, John Gavin as recebeu durante o período em que serviu na Marinha dos Estados Unidos.

* Alex Romero, treinador coreográfico de grande número de astros e estrelas, recebeu ultimamente a incumbência de preparar Glenn Ford e Lee J. Cobb para os tangos argentinos que terão que executar em «Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse», que a Metro distribuirá.

* Ava Gardner acha que trabalhar ao sopé de um vulcão é tão perigoso quanto trabalhar em seu topo. Ela, Dirk Bogarde e Joseph Cotten tiveram que filmar grande parte de «Tentação» na Catania, Sicília, onde está situado o vulcão Etna. «Felizmente o trabalho chegou ao final com o Etna se comportando muito bem». A apreensão de Ava era plenamente justificada, pois não muito depois que a equipe artística deixou a Catania, o Etna teve uma das maiores erupções dos últimos tempos.

O astro Sérguei Bondarchuk, no papel de Andréi Sokolov, no filme «O Destino de um Homem».

O CINEMA E O HOMEM DE HOJE

Por
Serguéi
Guerássimov
(Diretor Soviético)

Desdémona e Otelo, vividos por I. Skobtseva S. Bondarchuk.





Na sessão do júri do Festival Internacional de Moscou, em 1959, quando se pronunciava o representante soviético Serguéi Guerásimov.

No último festival de Cannes foi laudado com o primeiro prêmio — a palma de ouro — o filme do diretor Fellini, «Doce Vida». Na competição dos filmes, estava ao seu lado o filme soviético «Balada ao Soldado». Teve um êxito extraordinário também um outro filme nosso — «A dama do cãozinho».

Até agora não se amainaram ainda as paixões que se desencadearam em torno da distribuição dos prêmios. No Festival de Karlovy Vary tivemos a oportunidade de testemunhar numerosos ataques de representantes da cinematografia ocidental ao filme de Fellini. Causava perplexidade o fato do júri haver considerado possível premiá-lo com o Grande Prêmio, enquanto, na opinião geral, o principal prêmio do festival deveria ser atribuído, por uma questão de justiça, ao filme «Balada ao Soldado». Teria provavelmente pouco sentido discutir agora a decisão do júri, adotada após grandes discussões mas, com a necessária maioria de votos. E' evidente apenas que, não se deve ao acaso o fato desses dois filmes haverem atraído a atenção no Festival de Cannes, transformando-se agora numa espécie de bandeiras de duas direções na arte cinematográfica mundial.

O filme de V. Iejov e G. Tchukhrái «Balada ao Soldado» não foi compreendido de imediato. Talvez nisso tenha desempenhado um certo papel o seu título. O espectador está cansado de imagens tiradas da guerra e sente-se naturalmente atraído pelos quadros da vida pacífica.

Mas, pouco a pouco, pessoas de idades e de interesses diversos distinguiram nesse filme sua significação artística permanente. Esse filme é profundamente atual, apesar de fazer os espectadores retornarem aos anos da segunda guerra mundial. Essa sua atualidade está na própria essência dos dois caracteres principais, apresentados com grande amplitude e liberdade pelos autores. Os heróis do filme são muito jovens. Eles foram educados por essa época dura na qual o sentimento de responsabilidade surge no rapaz e na jovem muitos anos antes do que isso acontece em condições de paz. A necessidade de tomarem consciência do lugar que ocupam na vida e responderem por ele, a capacidade de defenderem sua dignidade e lutarem por sua causa até o fim, constituem os traços característicos principais que tornam atraentes esses jovens heróis.

O filme tem muitas cenas tocantes e mesmo engraçadas. Os espectadores riem muito mas, continuamente também recorrem ao lenço para enxugarem os olhos que súbitamente se enchem de lágrimas. Temos diante de nós uma arte capaz de emocionar, de provocar associações. Tendo avaliado profunda e justamente os festejamentos da vida, os autores escolhem a linha da simpatia e a ela se mantêm fiéis até o fim. E revela-se então o conteúdo principal da vida, a beleza espiritual do novo homem, sua abnegação e a força de sua consciência social. Essas figuras não puderam deixar de apaixonar mesmo homens pertencentes a um mundo dife-



A estréla T. Samoilova numa cena com o ator A. Batalov.

rente e oposto. O filme «Balada ao Soldado» mostrou as posições do humanismo soviético dentro da série de filmes que, de forma mais ou menos artística, revelam o mundo da dissolução, da vilania e das humilhações.

Em sua maioria, os filmes levados ao Festival de Cannes pelos países do Ocidente não se elevavam acima da solução de problemas sexuais, caindo por vezes, em evidente pornografia. E apenas um único filme, destacado com justiça pela crítica e pelo júri do festival elevou-se ao nível de uma grande generalização social. Esse filme foi exatamente «Doce Vida» de Fellini. O próprio título do filme, penetrado de uma ironia causticante, nos dá a chave para a compreensão das intenções do autor.

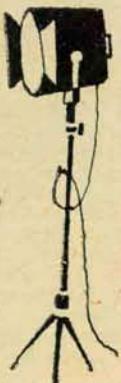
Fellini não é um artista carinhoso. O princípio diretor de sua arte consiste em tratar a sociedade com remédios amargos. E, neste filme seu último trabalho, alcançou, num elevado grau, resultados consideráveis. Com a objetividade terrível do cronista, cena após cena, ele vai mostrando aos espectadores essa sociedade onde tudo é baixo, mentiroso e venal, tudo, a começar pela exploração dos sentimentos religiosos e a terminar pelos abraços de amor. E ele vai prodigalizando cenas enojantes dessa «doce vida» contra a qual dirige tôda a ênfase de seu filme. E' verdade que, sendo apaixonado e ardente, ele, a semelhança do que acontece com o escritor americano E. Caldwell, concentra conscientemente sua

atenção apenas numa das faces, ou melhor, num dos trechos da vida dessa sociedade ocidental tão múltipla em seus aspectos.

O mundo das paixões animais é mostrado nesse filme com força tremenda. Basta recordarmos a cena final quando, depois de uma orgia repugnante, êsses representantes da alta roda, roídos pelos vícios, êsses homens-máscaras, êsses homens-monstros, vão de madrugada para a praia. Mal arrastando os pés, caminham êles em meio aos magníficos pinheiros que crescem junto ao mar, balbuciando qualquer coisa sóbre a atração atávica do homem pela natureza e acompanhando essas suas reflexões de requebros sujos. E, ao encontro dêles, os pescadores vêm trazendo do oceano para a praia, um monstro que se embarcou em sua réde. O monstro está morto e apenas seu olho redondo encara terrível e perplexo êsses rostos que se inclinam sóbre êle e que não são rostos humanos. E, diante do espectador, ergue-se a pergunta: qual dos monstros é mais medonho, onde está o verdadeiro monstro? Onde está êle, nesse corpo informe que entrou em decomposição ou nesse monte humano que aí está aos gritos agudos e com as pernas vacilantes, feito de gente que chegou a um bêco moral e que está fadada ao auto-extermínio? Um pensamento medonho e cruel. Por êle, o artista não poupou seu trabalho e o trabalho dos atores, criando como que um novo círculo do «Inferno» de Dante, no qual está fadada a se desintegrar e a se decompor a «gentalha da alta roda» de nossos dias.



Cena do filme "Balada ao Soldado".



Esse filme coloca muitos problemas e está muito longe de resolvê-los todos. Mas, em nenhum de seus trabalhos, Fellini tentou resolver até o fim os problemas da vida. Ele quer e pode, porém, colocá-los com uma retidão aguçada e colérica. E tôdas às vezes ele o faz com uma força artística sempre nova.

O que falta a esse seu filme extremamente cruel e tão talentoso? Falta-lhe, talvez, exatamente o homem.

No tema da luta entre o homem e o animal que, pelo visto, é o tema de tôda a sua vida, o artista, tôdas às vezes, não encontra um tempo suficiente, ou suficiente atenção ou força de alma para ver, penetrar, compreender e amar o homem até o fim. Em seus filmes há sempre um herói que, com sua fraqueza amarga, se opõe à fatalidade do princípio do mal. No filme «O Caminho», temos a pequena bobinha maltratada que acompanha o circo. Em «Noites de Cabiria» é a própria Cabiria, essa garota-mulher de má vida dos subúrbios de Roma, impiedosamente tratada pelo destino. Em ambos os casos, o êxito do filme é compartilhado por essa extraordinária artista que é Julietta Massina.

Mas, no último filme, já não há nem mesmo um herói assim. Dian-te dos nossos olhos um rapaz vadio e vazio que escolheu a profissão cômoda de cronista social, vai se

dissolvendo pouco a pouco no meio que o cerca, transformando-se num animal incapaz de se opor de uma forma qualquer ao charco que o vai devorando. Mas, não se tem pena dele, pois todos compreendem que isso é bem feito, que ele não é absolutamente aquela haste que sustenta a vida pois, tôdas as pessoas, mesmo as de inteligência muito limitada, compreendem que essa haste sempre foi, é e será o homem que trabalha.

E a contradição do filme está exatamente no fato dêle tomar a natureza da dissolução de uma forma abstrata, concentrando tôda a atenção do espectador no mundo íntimo desses animais cegados e ricos que dirigem o mundo, de acordo com as leis da desigualdade social. A ausência de um meio de vida real, que não pode ser substituído por alguns episódios secundários, torna menos significativo e mais pálido o objetivo artístico escolhido pelo autor. Mas, apesar disso, esse filme atrai o espectador pela força das acusações e o obriga a pensar em que não é possível viver assim, conformando-se com êsses fatos revoltantes. E nasce então um justificado protesto no qual há sempre o inicio de uma força que se afirma.

O choque de dois filmes — o italiano e o soviético — no Festival de Cannes constitue talvez o acontecimento mais notável de nossa



deixa sua pele
"RESPIRAR"

A expressão é exatamente esta. Sua pele precisa "respirar", através de poros limpos, livres de cravos, espinhas, panos, manchas e outras imperfeições. Só assim você terá uma pele suave, aparentando um vigor permanente... um frescor juvenil... o brilho de uma pele bem cuidada. Para manter sua pele imaculada, experimente o Creme de Alface Brilhante. Em poucos dias, você notará a diferença. Para seu encanto de mulher fascinante use o



Creme de
ALFACE
Brilhante

LABORATÓRIO ALVIM & FREITAS

DR. JOSÉ CHIABI

Clínica e cirurgia de
Ouvido, Nariz e Garganta



Edif. Banco Crédito Real —
13º pav. — Sala 1302 — Rua
Espírito Santo, 495 — Telefó-
ne: 4-4040.

DR. J. MANSO PEREIRA

Docente da Faculdade de Medicina
da Universidade do Brasil

Úlceras do estômago — Obesidade
e magreza — Crianças fisicamente
retardadas — Diabete — Alergia
clínica.



Consultório: Rua Ouvidor, 169 —
8º andar - Sala 809 - Fone: 23-6230

RIO DE JANEIRO

época cinematográfica. Chocaram-se não apenas dois mundos, chocaram-se duas atitudes perante a vida, o homem e seu destino. E, por mais paradoxal que isto pareça à primeira vista, esses dois filmes, num certo sentido, completaram-se mutuamente diante do espectador mundial. Não se pode viver assim — afirma «Doce Vida». E preciso viver assim! — proclama a «Balada ao Soldado».

* * *

No XII Festival Cinematográfico de Karlovy Vary teve lugar o tradicional debate entre os trabalhadores do cinema, a assim chamada Tribuna Livre. Falou-se ali nos melhores e nos piores filmes do ano, nas direções e nas tendências que vão se constituindo nas maiores cinematografias do mundo.

Os franceses falaram em sua «nova onda». O crítico Marcel Martin referiu-se a ela e, de suas palavras, era possível depreender que lhe desperta a simpatia, mas o nome que o conteúdo dessa direção. A seguir, o debate que se desenrolava sob o lema «O homem de 1960» passou aos conceitos de «novo» e «novidade».

Os cineastas franceses sempre foram os iniciadores de buscas de novas formas artísticas. Basta que recordemos os primeiros filmes da «Vanguarda» francesa, os primeiros trabalhos de René Claire, Renoir, Feider. Hoje os nomes são novos e novas são as tendências. Martin foi obrigado a referir-se de forma pouco elogiosa a muitos dos filmes da «nova onda». Também nessa corrente, passaram ao primeiro plano os motivos sexuais, os problemas do leito, como dizem os franceses. Tivemos a oportunidade de ver em Paris alguns filmes nos quais os choques sexuais são elaborados pelos autores ao nível de um filme de divulgação científica, oferecendo aos espectadores uma representação não dissimulada do amor, se aqui é o caso de se fazer uso desse conceito amplo e altamente significativo. A anatomia aberta das paixões, interessando-se o menos possível pela alma e pelo coração, voltava, de muito boa vontade, seu interesse em direção da pura fisiologia.

A «Nova Onda», geralmente, volta-se para a história das relações da jovem geração. Pela tela passam jovens em maiôs negros que são tirados, de vez em quando, com ou sem pretexto. Eles se enganham uns aos outros, traem uns aos outros, cometem pequenas e grandes vilanias e crimes. Os filmes terminam com assassinatos, suicídios ou desastres de automóveis. Como estão vendendo, também aqui há um elemento de condenação. Mas, mesmo a olho nu, é perfeitamente visível que a ênfase desses filmes é totalmente outra.

Para se compreender a posição da qual partem os representantes da «nova onda», deve-se recordar o filme de um de seus líderes de talento, o diretor Alain René — «Hiroshima, meu amor».

Esse filme tem muitos partidários e mesmo admiradores mas, tem o mesmo número, senão um número

maior, de inimigos. Isso, provavelmente, vem caracterizar o grau de sua importância mas esta, pode ser de dois gêneros. O caráter sensacional do filme «Hiroshima, meu amor» está, aparentemente, não tanto nos achados curiosos do diretor, quanto no próprio enredo. O filme como que protesta contra a guerra atômica. Daí provém seu título. Mas, esse seu protesto demanda atenção e estudo acurado.

A heroína do filme é uma francesa. Ficamos sabendo através de sua narrativa que, nos anos da ocupação hitlerista, ela se apaixonou loucamente por um alemão-ocupante, tendo sido trancada numa adega onde, de acordo com suas próprias palavras, gemia e uivava de paixão insatisfeita. Ela recorda essa história nos braços de seu novo amante, um japonês que testemunhou a tragédia de Hiroshima. O pensamento do autor é, aparentemente, o seguinte: tudo nesse mundo é temporário, transitório e, propriamente falando, insignificante; todas as relações humanas, fora os abraços gerados pela paixão, são o resultado de preconceitos sombrios, de invenções ociosas de homens inclinados a se entredevorarem.

A redação de uma das revistas soviéticas recebeu em novembro do ano passado uma carta colérica de uma professora francesa que acusava violentamente o filme «Hiroshima, meu amor». Não se pode, escrevia a professora, não só concordar com o autor, como nem mesmo compreender sua posição vergonhosa. Será que o sangue dos participantes da Resistência, as muitas e muitas vidas dos patriotas da França, dadas em nome da liberdade da pátria, podem ser atiradas aos pés dessa mulher indigna que se libertou a si mesma das noções de consciência e honra? Se seguirmos seu caminho, chegaremos à vida animal que nada, nunca, poderá justificar. Este é aproximadamente o sentido da carta. E é difícil deixar de se concordar com ela. E, no entanto, esse filme, repito, tornou-se um dos mais populares entre os jovens espectadores ocidentais.

É ele como que justifica o estado de espírito e os pontos de vista amplamente divulgados hoje entre a juventude ocidental, que os próprios jovens se inclinam a designar como sendo a moral «da geração perdida» que se constituiu naturalmente.

Eis afinal um conceito que nos obriga a pensar em muitos problemas. O que perdeu essa geração que mata o tempo nas ruas principais das capitais ou que se reúne, cheia de importância, em sórdidos botequins ou em clubes noturnos? Ela teria perdido a fé na humanidade e em seu futuro, o interesse pela vida e pelo trabalho? Ou, antes disso, ela perdeu simplesmente a consciência e os princípios elementares da convivência humana e agora, à semelhança do alcoólatra que justifica seu hábito nefasto pelo fato de haver sido mal sucedido na vida, ela não sabe

(Continua na pág. 94)

Flagrante colhido por ocasião da assinatura do termo de aquisição do controle acionário do Banco de Crédito Pessoal S. A., representadas as partes pelos srs. Ovídio Xavier de Abreu e pelo sr. José Machado Mourão, este último em nome do grupo mineiro.

Banco Carioca Passa às Mão Mineiras

ESTILO MINEIRO A SERVIÇO DO CRÉDITO PARA O DESENVOLVIMENTO

Importante grupo financeiro (nova geração) adquiriu o controle do Banco de Crédito Pessoal S/A

A PARTIR mais ou menos do fim da segunda guerra mundial, vem o Estado de Minas Gerais assistindo ao florescimento de uma nova geração de financistas, à qual tem cabido um papel cada vez mais importante no mundo dos negócios, não só do Estado, mas do País inteiro. Herdeira e continuadora das nossas tradições de prudência e correção em tóda sorte de operações financeiras, é essa nova geração uma das principais responsáveis pela invulgar solidez, que já vinha de longe mas que o apôs-guerra tornou maior, da rôde bancária mineira.

Formado no contacto e na participação contínua nos negócios bancários de Minas, um grupo de financistas acaba de assumir o controle de um Banco carioca, ao qual por certo saberá levar aquêle novo estilo de negociar a que já se convencionou chamar «estilo mineiro». O estabelecimento é o Banco de Crédito Pessoal S. A., fundado no antigo Distrito Federal, pelo já falecido banqueiro sr. José Francisco Coelho Lima. Sua sede fica na rua do Rosário, 110, na cidade do Rio de Janeiro, onde se tornou um endereço conhecido de todos os homens de negócio do Estado da Guanabara.

ra, com numerosas agências distribuídas pelos subúrbios da cidade e gozando de sólido prestígio entre a população carioca.

O grupo que acaba de adquirir o controle do Banco de Crédito Pessoal S. A. é liderado pelos srs. José Machado Mourão, um valor novo, que exerceu até agora a superintendência do Banco de Crédito e Comércio de Minas Gerais e a direção do Banco de Minas Gerais S. A., cargos de que se afasta para assumir a presidência do antigo instituto de crédito da Guanabara; Willer Magalhães Pinto e Roberto Magalhães Pinto, filho e neto do saudoso banqueiro mineiro prof. Estevão Pinto, que foi um dos fundadores do Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais e de outras importantes organizações mineiras, Willer Magalhães Pinto é presidente de várias organizações industriais, entre as quais Artefatos Hércules Ltda. e Civilídro, tendo ocupado também, a direção do Banco Industrial de Minas Gerais S. A. e do Banco Belo Horizonte. Roberto Magalhães Pinto faz parte de várias organizações de relevantes serviços à economia mineira, entre as quais a Construtora Magalhães Pinto, Construtora Rodoviária e Construto-

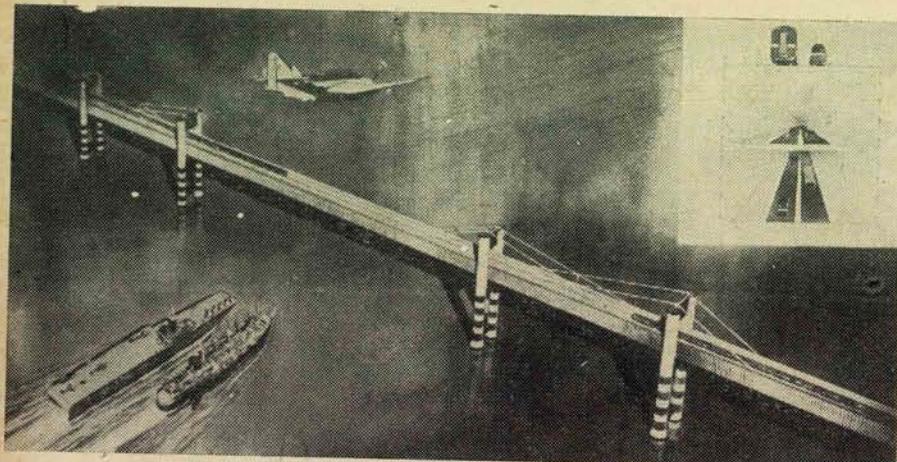
ra Camargos, conta com larga experiência em negócios e foi um dos idealizadores desse sólido e experiente grupo financeiro, do qual faz parte ainda o sr. Flávio Gutierrez, figura altamente relacionada nos melhores círculos econômicos de Minas e dotada de uma grande experiência em negócios bancários, sendo ainda grande produtor de leite e diretor de uma das maiores firmas empreiteiras do País, a Construtora Andrade & Gutierrez.

Decorrido apenas um mês da nova fase de sua existência, o Banco de Crédito Pessoal S. A. já vem sentindo os benefícios de uma larga experiência e de um amadurecido conhecimento da conjuntura econômico-financeira do País, levados à sua gestão pelo grupo mineiro, cujo programa de expansão, já iniciado, proporcionará um estímulo cada vez maior às suas operações. Na Guanabara, e em outras zonas do País onde o novo grupo pretende extender a sua atividade, estará o Banco de Crédito Pessoal S. A., dentro em breve, cumprindo, mais ampla e eficientemente, a verdadeira função social de qualquer Banco: pôr o crédito e a moeda a serviço do constante aumento dos níveis de produção, emprégo e consumo.



Esta é a nova diretoria do Banco de Crédito Pessoal S.A.: José Machado Mourão, diretor-presidente; Roberto Magalhães Pinto, diretor vice-presidente; Willer Magalhães Pinto, presidente do Conselho de Administração; Flávio Castelo Branco Gutierrez, vice-presidente do Conselho; Geraldo Magela Batone, diretor-superintendente; e Milton Machado Mourão, diretor.





PONTE SÔBRE A MANCHA
Espectacular, mas, muito cara.

PANORAMA

PONTE
EM VEZ DE TÚNEL

O ARQUITETO londrino Owen William anunciou, recentemente, durante uma entrevista co-

CARTÃO DE NATAL

É VELHO costume nos Estados Unidos, decorarem-se os cartões de Natal com uma fotografia exibindo o crescimento da família. Poucos, entretanto, em Hollywood, estão melhor aparelhados para tanto do que o ator-diretor José Ferrer e sua esposa, cantora Rosemary Clooney, que posam, radiantes, com seus cinco

garotos: Miguel José, de 5 anos; Maria Providência, de 4; Gabriel Vicente, de 3 anos. Rosemary aparece segurando ainda Monsita Theresa, de 2 anos, e Ferrer, por sua vez, abraça o pequeno Rafael Francisco, o mais novo, com apenas oito meses. Assim os Ferrer festejaram o último Natal. No corrente ano poderão festejar melhor, na base da meia dúzia.



FAMÍLIA FERRER
Cresce de ano para ano.

FLAGRANTES

* Desde 1º de janeiro último, o rublo soviético passou a valer um pouco mais do que o dólar, contendo 0,987 de grama ouro puro por rublo. Assim, o dólar passou a valer 90 kopecks.

* Foi inaugurada recentemente em Moscou a «Universidade da Amizade Entre os Povos», com presença de bolsistas de todos os países latino-americanos e de quase todos os países da Ásia e África. As bolsas são oferecidas pelo governo soviético.

* Divulgou-se, há pouco, que a cidade de Nova Iorque despende anualmente a apreciável cifra de 67 milhões e 500 mil dólares (mais de 13 bilhões de cruzeiros) para prevenir, controlar e reprimir a delinquência juvenil.

* Acusados pelos avós maternos e por duas tias de haverem sido criados por meio de fecundação artificial, Stephen e Karen Sandler, dirigiram-se ao tribunal de Cambridge, Massachusetts, pleiteando dois milhões de dólares de indenização, por difamação.

* Luiz Cheskin, diretor do «Instituto de Pesquisas de Cônjuges», de Chicago, declarou, recentemente, que, os americanos a fim de se libertarem do complexo de ostentação de que sempre sofreram, deverão passar a adquirir vestuário de cônjuges sóbrios, ao invés dos conhecidos

dos modelos «americanos» de cores vivissimas.

* Uma fábrica japonesa acaba de construir um motor microscópico, único no mundo, de 29 mm de diâmetro, 40 mm de comprimento e 3 gramas de peso. O motor deverá ser utilizado nas câmaras fotográficas, magneto-fones e outros aparelhos de precisão.

* Deverá passar oito meses no cárcere, em Bagdá, o cidadão Kassem Chanub, que simulou ter morrido e, «ressuscitando», «deu o fora» quando apareceu a polícia. Todos achavam que Kassem havia morrido mesmo, durante um conflito verificado entre as autoridades e trabalhadores grevistas. Quando a coisa «ficou pronta», isto é, quando o «morto» percebeu que ia ser enterrado levantou-se do caixão e fuiu de mortalha e tudo.

letiva à imprensa realizada na Capital inglesa que, no seu modo de entender, seria preferível que, a fim de ligar a Inglaterra ao continente, em território francês, fosse construída uma ponte, ao invés do túnel recomendado por muitos outros técnicos.

A foto mostra o tipo de ponte que Owen projetou. Abaixo do piso, destinado à passagem dos trilhos ferroviários, ficariam situadas pistas duplas reservadas ao tráfego rodoviário, na considerável extensão que a ponte vence com seus três pavimentos. A execução do projeto tornaria possível o trânsito para toda espécie de veículos, mas seu custo seria da ordem de 175.000.000 de libras esterlinas, conforme calculam os entendidos.

PESTALOZZI ÀS AVESSAS

Os norte-americanos julgam que a criança muito inteligente corre, numa escola comum, maiores riscos que o chamado menino «burro»: desajustada entre os companheiros que não a compreendem, e não tendo necessidade de fazer esforço para sair-se bem em lições muito fáceis, a criança nestas condições perde todo o interesse pela escola, fecha-se em si mesma e rebela-se abertamente contra professores e pais. Muitos casos, aparentemente

inexplicáveis de jovens que não se balançam a prosseguir nos estudos, têm tal origem. Por isso mesmo, nos Estados Unidos, vai-se desenvolvendo sempre mais a tendência de se enviarem para estabelecimentos especiais de ensino os alunos cujo quociente de inteligência (medido em testes pedagógicos largamente empregados em todas as escolas norte-americanas) mostra-se superior à média. A foto mostra o mais notável destes estabelecimentos espe-

cializados: o Hunter College, de Nova Iorque. Ali são admitidos 300 alunos por ano, selecionados entre mais de 4 mil aspirantes às vagas. Nenhuma discriminação social ou racial (como se pode depreender da presença de garoto de cor, na foto) é observada. Os resultados da inovação são surpreendentes: meninos, até agora considerados pedagógicamente «inadaptados», costumam chegar ao fim dos cursos com um, dois e até três anos de antecipação.

* Na Suíça, numa granja de Riggberg, nasceu, há pouco, um bezerro de duas cabeças, quatro patas dianteiras, duas caudas, dois corações e um só pulmão. O bezerro monstro foi sacrificado. Era muita cabeça, muita pata, muita cauda e muito coração para um bezerro só.

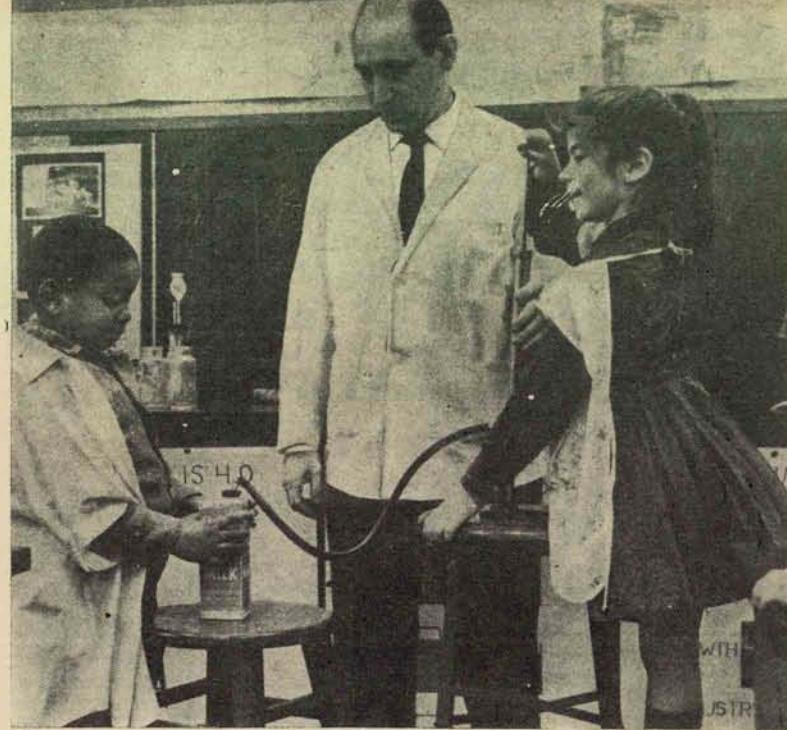
* Para o marechal Montgomery, o general De Gaulle é um «gênio» e «o maior líder do mundo ocidental». Tal opinião aparece num capítulo que Montgomery dedica ao presidente da França em seu livro «O Caminho da Chefia», lançado recentemente. Montgomery conclui: «De Gaulle é indispensável à França e à Europa, e deveria servi-las ainda por mais dez anos, no mínimo».

* Conforme divulga a Divisão de Transportes da Comissão Econômica para a Europa, da ONU, sessenta mil pessoas morrem anualmente na

Europa, em consequência de acidentes rodoviários.

* Na cidade mexicana de Huiquilugan, uma multidão achava-se há pouco, reunida na principal igreja local, para participar da festa de San Martin Caballero, padroeiro da região, quando uma tremenda explosão abalou o templo. A mesma originou-se de um quilo de dinamite e 1.152 foguetes que se achavam guardados na sacristia, e determinou a morte de 5 pessoas, além de 45 feridos.

* Uma extensa pesquisa da opinião pública, efetuada pelo Instituto de Nuremberg, na Alemanha, e baseada na pergunta: «Que nos resta fazer para o futuro?», constatou a seguinte resposta geral: «Trabalhar menos, dormir mais e ingerir alimentos mais sadios».



ESCOLA ESPECIALIZADA
Mais inteligentes fazem cursos em menos tempo.



DE GAULLE



PANORAMA

KENNEDY:

Primeiro Católico, Segundo Escritor

LOCAL DA POSSE
Kennedy não prescindiu da ajuda de Deus.

A LÉM de ser o mais jovem presidente dos Estados Unidos, o católico John Kennedy é ainda o segundo escritor a ocupar o governo daquele país. O primeiro foi William C. Harding, cujo mandato iniciado em 1921, não foi totalmente cumprido em vista de sua morte. Mas, não só escritores vêm ocupando a Casa Branca no correr dos tempos, sendo que poderemos registrar a passagem ali de militares e advogados, alguns políticos profissionais e um engenheiro. Isto sem falar em Andrew Johnson, que sucedeu a Lincoln após a morte deste, e era nada mais que um alfaiate.

No dia de sua posse no alto cargo, Kennedy começou por assistir à Missa, às nove horas da manhã. Posteriormente, dirigiu-se de automóvel ao Capitólio e, sob um vento gelado, depois de uma tempestade de neve que açoitou a Capital, fez o juramento solene ante o presidente da Suprema Corte, Earl Warren, sobre uma Bíblia Católica que pertenceu à sua avó. A antiga fórmula do juramento, Kennedy acrescentou, como também fizera George Washington, as palavras «que Deus me ajude». A seguir, de pé só-

bre um tapete vermelho na imponente tribuna erigida para a cerimônia, na escadaria do Capitólio, o novo presidente, rodeado pela esposa, parentes, e pelos ex-presidentes Dwight D. Eisenhower e Harry Truman, proferiu o discurso «inaugural», apelando para que seja começada novamente a marcha para um mundo de paz e justiça. Prosseguindo, disse Kennedy: «Que dêste momento e lugar vá a palavra a amigos e inimigos por igual, para anunciar-lhes que a tocha foi entregue a uma nova geração de norte-americanos — nascidos neste século, temperados pela guerra, disciplinados por uma fria e amarga paz, orgulhosos de nossa antiga herança — não dispostos a presenciar ou permitir a lenta destruição dessas liberdades humanas, às quais esta nação sempre esteve consagrada, e às quais estamos consagrados hoje». Noutro trecho de seu discurso de posse acentuou: «Pagaremos qualquer preço, suportaremos qualquer carga, faremos frente a tóda penúria, apoiamos a todo amigo e nos oporemos a todo inimigo para assegurar a sobrevivência e o triunfo da liberdade». A multidão ouvia es-

tas palavras enquanto permanecia encantada com a senhora Jacqueline Kennedy, soridente durante toda a duração da cerimônia. No entanto, alguns puderam notar o pesar que ia no coração de Pat Nixon, mulher que poderia ser a primeira dama do país e não o é. Seu pesar não era por si, e sim pelo marido Richard Nixon.

Todos os povos do mundo têm agora suas vistas voltadas para o homem de 43 anos, de cabelos hirsutos e ampla dentadura, a quem foi confiada uma das tarefas mais árduas dêste planeta. Eis o gabinete com que o Presidente Kennedy pretende governar a maior potência do mundo ocidental: Dean Rusk: Secretário de Estado; Clarence Douglas Dillon: Secretário do Tesouro; Robert Strange McNamara: Secretário da Defesa; Luther Hodges: Secretário do Comércio; Orville Lothrop: Secretário da Agricultura; Arthur Goldberg: Secretário do Trabalho; Robert Francis Kennedy: Procurador Geral da República; Abraham Alexander Ribicoff: Secretário da Saúde, Educação e Bem-Estar; Edward Day: Chefe dos Correios.

CONGO:

Turbulência Crônica

No Congo, a esposa do ex-premier Patrice Lumumba dá vasão ao seu desespero ao to-

mar conhecimento de que seu marido estava sendo transferido para a província de Katanga, o que significava a sua entrega ao seu pior inimigo, o governador Tshombe. Durante a viagem, Lumumba foi bárbaramente espancado, o que determinou, inclusive, a intervenção da Rússia, com um pedido à ONU exigindo a sua imediata libertação, o, que de nada valeu pois o mesmo acabou sendo assassinado. O filho olha surpreso para aquela senhora que se parece muito pouco com a antiga primeira dama do país.

SENHORA LUMUMBA E FILHO
A adversidade não a fez esperar.



«ESTE é o lugar mais agradável do mundo», declarou Cristóvão Colombo, logo após haver tomado posse do Novo Mundo, na ilha Espanhola (nas Caraíbas), hoje dividida entre o Haiti e a República Dominicana. A seguir, de acordo com a lenda, teria acrescentado: «Aqui serei enterrado». E lá, efetivamente, em 1898, foram seus restos mortais, à vista de todos, sepultados numa tumba de mármore localizada na Catedral da Cidade de São Domingos, hoje chamada Ciudad Trujillo. No entanto, naquele mesmo ano, os descendentes

co norte-americano ofereceu uma resposta «salomônica» à questão, destinada a satisfazer ambas as partes. Trata-se do professor Charles Weer Goff, docente de cirurgia ortopédica em Yale e antropologia física em Hartford. Afirmou simplesmente, o professor, dando a entender que a coisa não passava mesmo de «um óvo de Colombo» que alguns fragmentos de Colombo permanecem em Sevilha, e outros em Ciudad Trujillo.

O Dr. Goff levou mais de um ano para chegar a esta conclusão. Escrevendo no «Jornal Americano de Antropologia Física», dá conta de como, levado pela curiosidade,

analisando um por um, quanto à idade, quanto à estrutura e quanto à resistência. Muitos ossos não foram identificados, mas os restantes claramente pertenciam a um homem alto, que possuía uma grande cabeça, sofria de artrite, e havia morrido entre os 55 a 60 anos, possivelmente de deficiência cardíaca. Deduziu-se também que o homem, devido a um defeito, mancava. Com certeza se ferira. Quando Goff veio então a encontrar uma bala de chumbo misturada aos ossos, teve sua hipótese fortalecida. Em Madri, acabou encontrando uma carta escrita pelo descobridor e datada de 7 de julho, que dizia: «Os mares estavam tão altos que minha ferida abriu-se novamente».

Enquanto isso, na Espanha, não tardaria a verificar que nenhum osso encontrado em Ciudad Trujillo existia em duplicata em Sevilha. Tudo isso levou o estudioso a tirar a seguinte conclusão, aliás em acordo com fatos conhecidos: «Colombo havia morrido em 1506, em Valladolid, na Espanha. Seus restos mortais, conservados por monges franciscanos por alguns anos, foram, em seguida, inumados num mosteiro localizado nas proximidades de Sevilha. Mais tarde, em 1541, os ditos despojos foram embarcados com destino à cidade de São Domingos, tendo sido cuidadosamente sepultados na Catedral. Reencontrados nos fins do século XVIII, foram, segundo tudo indica, distribuídos, tendo alguns sido enviados para Havana, voltando, depois, para Sevilha, enquanto o resto permaneceu na Catedral. Tanto este resto que ficou na Catedral, como os que seguiram para Sevilha, foram novamente enterrados em 1898».

«Por enquanto, minha teoria não pode ser desprezada facilmente», arremata o Dr. Goff, «mas, para ser universalmente aceita deverá sofrer novo teste».



CRISTÓVÃO COLOMBO
Mistério no paradeiro de seus ossos.

do navegador anunciam que haviam também sepultado os seus despojos, no jazigo da família em Sevilha. A dúvida logo surgiu. E uma enorme controvérsia permanece desde então: onde, afinal, está Cristóvão Colombo enterrado?

Há algumas semanas, um médi-

ONDE JAZ COLOMBO

sidade, conseguiu que o embaixador dos EUA, na República Dominicana, Joseph Farland, convencesse os dominicanos a abrir a famosa tumba, em 1959. «Debaixo de exigente protocolo», diz no artigo, «três chaves, e uma comissão especial incluindo o arcebispo, professores universitários, cientistas, autoridades e, naturalmente, dezenas de turistas curiosos, as portas de bronze do histórico sepulcro foram abertas. A antiga urna de chumbo também foi aberta e se conteúdo ósseo foi colocado à minha frente numa mesa. Devia esclarecer, de uma vez por todas, o mistério».

Semanas a fio, Goff mediou e fotografou cada pedaço de osso,

tre os times Dartford e Gravesend. O árbitro Alf Sturgeon, indignado pela des cortesia com que as duas equipes se tratavam, interrompeu a competição, mandando para casa todos os jogadores. Mais tarde, enviou um áspero relatório ao dirigente da federação de futebol.

EXPULSAO COLETIVA

UM dos fatos mais raros na história do futebol de todos os tempos ocorreu há pouco, quando todos os vinte e dois jogadores foram expulsos do gramado onde se realizava uma partida. O excepcional episódio teve lugar na Inglaterra, dez minutos antes do término da partida en-

Multado o Helicóptero

GUARDAS de trânsito de Miami (Flórida) multaram, recentemente, por estacionamento em local proibido, o proprietário de um helicóptero, acusado de haver deixado o aparelho na rua, defronte à porta de sua residência. Foi a primeira vez no mundo que se verificou tal contravenção, e o dono da aeronave desculpou-se dizendo: «Normalmente eu estacionava o carro junto ao meio-fio de minha casa. Ontem, vendi o automóvel e comprei um helicóptero. Fui vítima apenas, de um velho hábito».

deixar o território soviético. Mas não é destes que trata o jornalista. Aliás, pode-se dizer que desde o término do último grande conflito, nem um ano se passou sem uma nova catástrofe política ou militar, com a consequente multidão de indivíduos obrigados a abandonar suas residências a fim de salvar a pele. De 4 anos para cá, por exemplo, 180 mil húngaros cruzaram a fronteira de seu país rumo à Áustria. Posteriormente, 200 mil mulheres, velhos e crianças escaparam dali para Tunis e Marrocos.

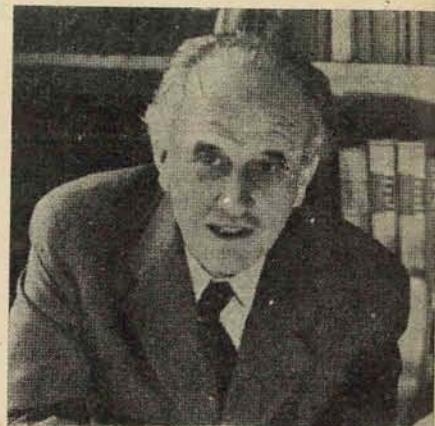
Ao estudar-se mais detidamente o problema, procurando-se saber onde se encontram hoje maiores quantidades de refugiados, tem-se um trágico balanço. Há refugiados na Europa, 180 mil dos quais não dispõem de habitação, distribuídos principalmente pela Itália (mais de 20 mil), França (cerca de 400 mil). Muitos deles são velhos, doentes ou inválidos. No decorrer do Ano Mundial do Refugiado, mais de 10 mil foram para a Itália, na maior parte procedendo da Iugoslávia e Albânia, fugindo do regime comunista. Na França, que não impõe muitas restrições na escolha dos indivíduos que lhe pedem asilo político, mais de 43 mil refugiados vivem em precárias condições; o restante leva vida regular. No entanto, na Europa, muitos problemas relativos aos refugiados estão em via de serem resolvidos. A ONU também tem agido e espera beneficiar muitos deles, com os fundos arrecadados durante o Ano Mundial do Refugiado.

Entretanto, o grave problema persiste. E em muitas outras partes do mundo milhares de seres humanos nas mesmas condições podem ser encontrados. Diz ainda Philpot: «Parece-me que todo o Israel se pode descrever como uma nação de refugiados».

Em Hong Kong, numa ilhota rochosa, existem mais refugiados que torrões de areia na praia e estão apinhados como em nenhuma outra parte do mundo. Vivem ali 1 milhão de chineses e europeus aguardando partida para melhores terras. E' certo, por outro lado, que o governo chinês tem agido, construindo edifícios de nove andares, onde os infelizes são alojados aos montões. Na Bélgica Oriental, umas 108 mil famílias se refugiaram, e destas, 52 mil não dispõem de habitação. Os refugiados, em geral, vivem em promiscuidade. Em qualquer local ou povoado, se acampam e passam a residir.

Philpot, em seu trabalho, deduziu as seguintes cifras, que mostram onde os refugiados, em números totais, se encontram em maior incidência: Coréia do Sul: 4.000.000; Vietnam do Sul: ... 800.000; Hong Kong: 1.000.000; China Continental: 6.500; Índia e Paquistão: 5.000.000; Nepal e Índia: 40.000; Líbano, Jordânia, Faixa de Gaza, RAU (Síria): 1.000.000; Tunis e Marrocos: 200.000; República Federal da Alemanha: 3.300.000; França: 300.000; Áustria, Grécia, Itália, etc.: 75.000.

MAIS VELHA QUE PARECE



GJERSTAD
Acrescentou mais alguns anos na idade de Roma.

SEGUNDO os historiadores antigos, Roma foi fundada pelos irmãos Rómulo e Remo, a fim de servir como refúgio para a Juventude Transviada da remota Idade do Ferro Latina, tendo sobrevivido sómente graças ao rapto das 527 mulheres sabinas. A data tradicional de sua fundação é de 21 de abril de 753 AC — embora, há muito, venham os estudiosos de História se dando a controvérsias quanto à exatidão de tal aniversário. Semanas atrás, indicando que tais controvérsias estão longe do fim, o «Instituto de Antigüidades e Belas Artes» da Capital italiana veio à cena para informar que, muito antes dos «transviados» de Rómulo haverem encostado a mão numa mulher sabina, Roma já existia.

Fundamentando tal tese, sabe-se que, no ano passado, o arqueólogo sueco Einar Gjerstad, juntamente com o professor Antônio M. Colini, este último diretor de Museus e Escavações Arqueológicas de Roma, resolveram abrir uma cavidade junto a uma parede da igreja medieval consagrada a Santo Homobonus, patrono dos alfaiates. A mais de seis metros de profundidade, os dois tiveram a atenção despertada para um largo alicerce de pedra, logo identificado como tendo sido a fundação de dois antigos templos româ-

nos, um dos quais dedicado à Mater Matuta (Deusa do Nascimento), e Fortuna (Protetora das mulheres que se haviam casado uma só vez). Neste trecho de terreno sagrado, encontraram também cerca de doze fragmentos de louças de tonalidade marrom escuro, decoradas com figuras geométricas.

Para os dois ilustres arqueólogos, estes achados insignificantes muito representavam e «só faltavam falar». Como de fato falam a Gjerstad, especialista em coisas da antiga Roma. Para Gjerstad, tais fragmentos de louça foram confeccionados pelos «Apénicos», povo quase desconhecido que viveu na península itálica muito antes do inicio da própria mitologia. Com certeza, não vivia tal povo no local exato onde os pedaços de vasos e potes foram encontrados, os quais teriam vindo de regiões próximas. Por sua vez, o professor Antonio Colini acredita que no ano de 1400 antes de Cristo este povo já habitava na cidade (mais antiga do que parece) e foi por ele denominada «Roma Apénica». E conclui o arqueólogo Gjerstad: «Estas são as mais velhas relíquias históricas já encontradas em Roma. Farão com que a História da Cidade Eterna tenha seu inicio recuado em mais ou menos 700 anos».



EX-PRESIDENTE TRUMAN
Não quis lançar a 3ª bomba A.

TRUMAN X MAC ARTHUR: BRIGA NÃO TERMINOU

O MAU humor entre duas famosas personagens, Harry Truman, de 76 anos de idade, e o general Douglas Mac Arthur, de 80, volta a se manifestar novamente. Num encontro com a imprensa, realizado em Chicago e transmitido pela televisão, o ex-presidente Truman foi interrogado à queima-roupa, se fôra ele o pressionado no sentido de empregar a bomba atômica no conflito coreano. Fazendo mira no general, por ele removido do comando das forças dos EE.UU. na guerra coreana, em 1951, Truman replicou: «Sim, Mac Arthur queria assim... Queria bombardear a China, a Rússia Oriental e tudo o mais».

Horas mais tarde, veio o contra-ataque de Mac Arthur: «Inteira-

mente falso!» disse: «O bombardeamento atômico na guerra coreana nunca foi discutido nem no meu centro de operações nem em qualquer comunicação feita com Washington ou vinda de lá». A seguir, insistiu que só dava prosseguimento «a esta disputa controvertida» com o intuito de impedir que a História fôsse falseada. Finalmente, dando mais um lance na antiga disputa com o seu ex-comandante em chefe, Truman, exclamou Mac Arthur: «O fato de não termos vencido a guerra coreana foi o maior desastre para o mundo livre». E conclui, prussianamente: «Uma grande nação que espontaneamente entra na guerra e não lhe dá andamento até a vitória, teria, naturalmente, de sofrer todas as consequências da derrota».

O JORNALISTA britânico Trevor Philpot trabalhava para uma revista de seu país quando, em 1957, foi enviado à Coreia, onde, pela primeira vez, pôde observar mais de perto a sofredora classe dos refugiados. Mais tarde, pôde também observá-los nos países árabes, no Paquistão e Europa. Com a experiência adquirida, inclusive na Hungria, onde também esteve, este jornalista acaba de publicar na

revista Rotária Internacional interessante artigo sobre o assunto. «O tremendo problema dos refugiados», diz Philpot, «constitui o maior repto já lançado à nossa capacidade técnica e política. Comparada a ele, a questão das viagens espaciais é apenas um brinquedo de criança».

Philpot, um dos idealizadores do «Ano Mundial dos Refugiados», prossegue: «Não se deve esquecer que há famílias inteiras

que possuem pátria, mas não têm um lar: cerca de um milhão e quinhentas mil pessoas, que, tendo fugido de seu país, acham-se sob os cuidados da ONU. Muitos outros, todavia, não gozam desta mesma proteção».

Sabe-se, que cerca de 150 milhões de pessoas fugiram ou foram exiladas da Rússia, desde a revolução de 1917, sem falar na II Guerra Mundial, depois da qual 40 milhões foram obrigados a

PANORAMA

REFUGIADOS: Grave problema



REFUGIADO EM TUNIS
A expressão triste e comovedora reflete o drama argelino.

Magalhães: governo humanitário

TEM causado boa repercussão o interesse revelado pelo governador Magalhães Pinto para com os problemas humanos que afligem a vida de uma coletividade de mais de setecentas mil almas, como a de Belo Horizonte. Afastando-se do conforto das instalações palacianas, o novo Governador mineiro tem surgido, em visitas inesperadas, que a imprensa passou a chamar de «incertas governamentais», nos cárceres, hospitais, depósitos de presos, restaurantes populares mantidos pelo Estado e outros centros onde se desenvolvem ou deveriam se desenvolver, a ação governamental em benefício dos humildes.

Desnecessário se torna registrar que o Governador ficou verdadeiramente surpreendido, para não dizer chocado, com o que lhe foi dado a conhecer. E isto não constitui, para nós, nenhuma novidade, pois conhecemos de sobra o abandono a que estão relegados os nossos graves problemas sociais.

E' bem verdade que o tesouro mineiro anda pobre de recursos para atender a todos os deveres do Estado, mas não é menos verdade que se esses recursos fôssem bem empregados, seria possível, quando menos, minorar a aflitiva situação que tanto entristeceu o governador Magalhães Pinto.

E como o chefe do Governo Mineiro pediu sugestões à imprensa, no sentido de apontar ao seu estudo as falhas da administração pública no campo da assistência social, aqui vão algumas, que oferecemos à sua alta apreciação :

- Cada deputado estadual dispõe de uma verba de alguns milhões de cruzeiros, para distribuição às entidades mineiras de assistência social. Procure o

sr. Governador verificar os beneficiários dessas verbas, entre as quais encontrará muitos milhões de cruzeiros em aplicações de utilidade exclusivamente eleitoreira.

- Se o Governador se dispuser a examinar a lista das instituições beneficiadas com as verbas da Loteria do Estado, constatará facilmente que, também ali, existe uma enorme soma de recursos que não tem sido convenientemente aplicada devido às interreferências de ordem política.

- No que tange às acumulações de cargos, dentro da área administrativa estadual, onde muitos são os que recebem por dois, três, quatro e até cinco emprégos, sem exercer efetivamente nenhum deles, há também milhões de cruzeiros por ano que poderiam ser desviados para os angustiosos problemas humanos de nossa coletividade.

- Se não existem recursos para amparar os doentes que estão morrendo debaixo de pontes, sem um leito que os abrigue na Santa Casa e nos hospitais, por que deve haver leis que mandam dar milhões para se construir sedes de entidades de classe e para subvencionar entidades recreativas e esportivas, como o novo estádio de futebol que vai consumir mais de duzentos milhões ?

- O desperdício de gasolina, óleos e pneus, com o abuso dos carros oficiais a serviço dos figurões e figurinhas da nossa burocracia, representam outros milhões que poderiam ser empregados em minorar os sofrimentos dos doentes sem recursos, dos menores abandonados e dos presos mal tratados.

Sem dúvida alguma, o governador Magalhães Pinto está revelando uma acurada sensibilidade para com o abandono de nossos irmãos desvalidos e sofredores, como é do dever de um verdadeiro estadista. Por isso mesmo, confiamos em que a Divina Providência o assistirá em suas decisões, de modo a inspirar-lhe os melhores planos para uma solução eficiente e prática do nosso grave problema social.



Trabalhadores humildes de Brasília, admiradores do presidente Jânio Quadros, levantam suas vassouras para saudar o novo chefe do Governo Federal durante as solenidades de sua posse.

CANTOS DA TERRA E DO HOMEM

EUCLIDES M. ANDRADE

«CANTOS da Terra e do Homem», de Nóbrega de Siqueira, a respeito do qual já fizemos referência nesta seção, é trabalho de homem afeito à emoção poética. Nóbrega de Siqueira movimenta suas composições «com amor e ironia». Levanta a capa dos acontecimentos para olhar bem fundo, e ali descobrir os anseios mais íntimos do ser humano.

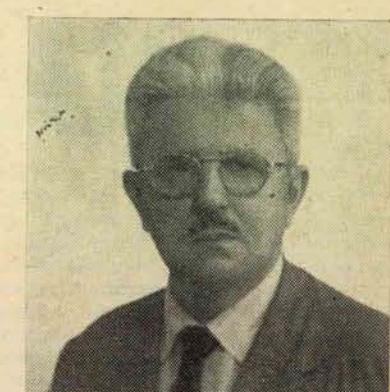
Maneja as palavras com desenvoltura, escolhendo seus temas com simplicidade e justeza. Nascido no interior paulista, Nóbrega de Siqueira conserva até hoje saudade da pequena Igreja de sua terra natal. «Candelária» nos dá conta disto.

Vindo recentemente de uma longa viagem à volta do mundo, naturalmente o autor de «Cantos da Terra e do Homem» vai-nos oferecer em breve novo trabalho,

onde nos contará o que viu e sentiu neste vasto mundo.

Autor de «Faz de Conta», «Copacabana», «Roteiro», «Canto ao Brasil Novo», «Terra Roxa», «Poemas de Amor» e muitos outros livros, Nóbrega de Siqueira, no presente trabalho, canta várias regiões do Brasil.

Falando sobre este autor, que tem colaborado com freqüência em ALTEROSA, tendo mesmo surgido como contista nas páginas desta revista, Adonias Filho assim se manifesta: «Não há no livro um só poema que não disponha de tessitura lírica. Em seus livros, aliás, a partir da estreia, em 1933, é o lirismo que os caracteriza ao transformar-se numa espécie de estrutura que sustenta a variação temática. Invariavelmente objetiva, essa variação temática não asfixia os traços que



NÓBREGA DE SIQUEIRA

fazem de Nóbrega de Siqueira um poeta aceito pelo grande público».

Em «Invenção», Nóbrega de Siqueira atinge uma simplicidade que nos comove. Vemos no transluzir de suas palavras a criança encantada com seus brinquedos, com a vida. Ainda em «Boneca de Pano» e «Minha Vida» pode-se perceber toda a ânsia do poeta para atingir aquela mansa região onde os seres se entendem e se dão as mãos.

Outra virtude deste artista é a simplicidade com que aborda sua variada temática. Não se comprazendo em estreitos hermetismos, Nóbrega de Siqueira prefere dizer o que sente em palavras que o homem da rua logo entende e aprende. E através de todo o livro vai cantando «as coisas simples pelas quais os homens morrem».

VOCAÇÃO DE MINAS

FOI lançado há pouco, pela Editora Itatiaia, «Vocação de Minas», do ex-governador Bias Fortes. Reunindo discursos prounciados em diversas solenidades, o sr. José Francisco Bias Fortes nos apresenta, neste trabalho, seu pensamento sobre as questões básicas de nosso Estado.

HOMEM AO QUADRADO

O RISO alimenta a chama da vida — dizem os homens sérios. Leon Eliachar tem feito muita gente rir e pretende ainda fazer isto por muito tempo. Homem sério, porém, Leon Eliachar acredita nos livros... Tanto que resolveu publicar mais um. Trata-se de «O Homem ao Quadrado» que a Francisco Alves acaba de lançar.

POLÍTICOS & POETAS

NILO Pereira, da Academia Pernambucana de Letras, assim se refere a uns e outros: «O que mais me horroriza nos políticos é que eles, geralmente, não gostam de música, nem de poesia. Isso é terrível... Quem pode viver sem a beleza? Ao menos,

valham-nos os poetas nas horas difíceis ou simplesmente nas horas silenciosas quando a solidão convida a ouvir estes mistérios que andam esparsos, que descem das estrelas no côro dos anjos e nós outros não percebemos».

POETA DO ESPIRITO SANTO

ARGENTINA Lopes Tristão, poetisa do Espírito Santo, tem algumas composições de real emoção. Entre elas destaca-se «Meu Filho», onde a artista canta: «E quero que esta fé seja tão firme/ Que para amenizar as tuas dores/ Ela transforme as pedras do caminho/ Num estendal de perfumadas flores!»



VIVALDI MOREIRA

UMA BIBLIOTECA VIVA

É MUITO bonito ver livros arrumadinhos nas estantes... todos de lombadas vistosas e títulos em letras douradas. E' uma maravilha mesmo. Alguns, é claro, são virgens, mas isto não tem importância, a maravilha continua.

Bem mais interessante porém é percorrer uma biblioteca como a que tivemos oportunidade de visitar há dias. Foi a de Vivaldi Moreira. Da Academia Mineira de Letras. Além de imortal, é o atual secretário da Casa. Mas nada disto impede que Vivaldi leia de fato os seus livros... Como também o Tribunal de Contas não impede.

Folheando os livros de Vivaldi Moreira vimos como anota nas margens e como risca! Como gostamos de riscar em nossos modestos livros as passagens que mais nos agradam, apreciamos aquilo. Eduardo Frieiro em um de seus trabalhos fala sobre a imbecilidade de certas cotas. Citamos de memória, não nos recordamos das palavras exatas, mas o sentido é mais ou menos este.

As de Vivaldi Moreira não são assim. Muito pelo contrário, elas nos mostram um homem debruçado sobre o mistério da gente humana, em constante procura. Tentando descobrir num livro e noutro o refluir nem sempre manso da verdade.

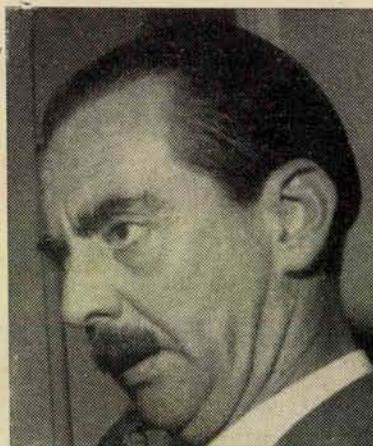
O POETA E O PRESIDENTE

PELA primeira vez na história dos Estados Unidos um poeta recitou na posse do Presidente. Isto se deu, como foi amplamente noticiado, no dia em que John Kennedy investiu-se na qualidade de primeiro mandatário da grande nação amiga. O poeta foi Robert Frost que leu «The Gift Outright» (A Dádiva Incondicional), um de seus poemas de maior sentido nacional, como ele mesmo o classifica.

O poema, criado em 1930, quando Frost contava 56 anos, já foi declamado muitas vezes em público, pelo autor. E' um canto patriótico, em versos livres exaltando a Guerra da Independência.

O PRESIDENTE E O PROFESSOR

UM escritor nacional que se preza deve saber, além de nossa língua, pelo menos o inglês, o francês e o espanhol. Assim também um Presidente da República. Foi pensando nisto, talvez, que um professor de inglês de Brasília ofereceu ao presidente Jânio Quadros seu serviço profissional. Nossa Presidente domina muito bem a língua de Shakespeare e respondeu ao oferecimento mais ou menos nestes termos: «Agradeço muito ao esforçado Professor. Acontece, porém, que quando falo o inglês todo o mundo me entende. Tal, no entanto,



PRES. JÂNIO QUADROS

não se dá quando falo o português, pois são tais e tão variadas as interpretações que dão às minhas palavras, que esta conclusão é inevitável. E neste terreno Você não me pode socorrer. Agradeço, pois, o oferecimento».

GRACILIANO RAMOS EM ALEMÃO

«SÃO Bernardo», de Graciliano Ramos, é um livro onde se sente, desde as primeiras páginas, o sopro da autêntica criação. Li o livro há muitos anos e até hoje me lembro dêle como um dos nossos melhores trabalhos. Ao lado de «Memórias do Cárcere», compõe, sem dúvida, a

parte melhor do velho e inesquecível Graciliano.

«São Bernardo», agora, será publicado na Alemanha, já em segunda edição. A primeira esgotou-se em pouco tempo. O tradutor é Willy Keller.

GILBERTO DE ALENCAR

GILBERTO de Alencar era um coração puro e bom. E um grande escritor. Por isto, a notícia de seu desaparecimento, em



GILBERTO DE ALENCAR

Juiz de Fora, causou o mais profundo pesar em todo o Estado.

Esta revista, que sempre teve nela um de seus mais constantes colaboradores vê, com tristeza, silenciar esta voz de tão alta ressonância. O autor desta secção que recebeu dêle palavras amáveis, quando de uma referência que lhe fizemos, também participa desta mesma emoção.

Gilberto de Alencar descendia do grande José de Alencar. Seu pai, Fernando de Alencar, era escritor, vindo do Ceará para Minas. Ambos fizeram parte da Academia Mineira de Letras.

Autor de «Prosa Rude», «Névoas ao Vento», «Memórias Sem Malícia de Gudesteu Rodovalho», «Misael e Maria Rita», «Tal Dia é o Batizado» e muitos outros trabalhos, Gilberto de Alencar era de uma modéstia a toda prova. Temperamento puro e delicado, discordava da fanfarra a proclamar o próprio talento — tão do gosto de certos escritores de hoje.

Romancista de estilo limpo e castigado, amigo das coisas simples e altas é um dos maiores escritores de Minas e do Brasil.

Regulamento
do Concurso
Permanente
de Contos

NO sentido de incentivar os valores novos de nossas letras, a Cia. de Seguros "Minas-Brasil" patrocina o Concurso Permanente de contos desta revista, nas seguintes bases :

1º) — O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço nº 2, com o máximo de 8 e o mínimo de 3 laudas, formato ofício.

2º) — Motivo e ambiente nacionais.

3º) — Observância dos princípios morais que regem os costumes da família brasileira.

4º) — Argumento isento de tragédias fortes e mistérios tenebrosos, fixando, de preferência, as emoções do ambiente de família, do lar, e as narrativas de fundo moral sadio e honesto.

5º) — Os trabalhos devem ser rigorosamente inéditos e, uma vez publicados, terão seus direitos autorais reservados por ALTEROSA.

6º) — É permitido ao concorrente assinar o trabalho com pseudônimo. Neste caso, deverá mencionar, também, seu nome e endereço completos, para a remessa do prêmio que eventualmente lhe couber.

7º) — Serão atribuídos Cr\$... 2.000,00 e Cr\$ 1.000,00, aos trabalhos classificados respectivamente para 1º ou 2º prêmio, a critério exclusivo do crítico literário desta revista. Eventualmente outro trabalho poderá ser também aproveitado, embora não classificado para os prêmios, se merecer Menção Honrosa conferida pelo mesmo crítico.

8º) — Os prêmios serão enviados por ALTEROSA aos autores dos trabalhos classificados, em 30 dias após a publicação dos mesmos, em cheque bancário, pelo Correio.

9º) — A relação dos trabalhos classificados aparece sempre nas edições de ALTEROSA, na seção "Colaboração de Leitores".

10º) — Não se devolvem originais, ainda que não sejam aproveitados.

Colaborações de Leitores

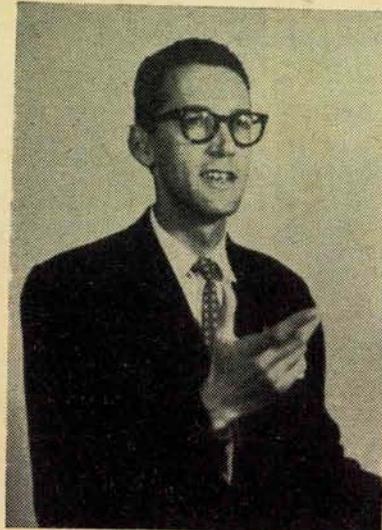
PARA conhecimento de nossos leitores que concorrem com trabalhos para o Concurso "Minas-Brasil" e com outras colaborações espontâneas para esta revista, mencionamos a seguir as produções recebidas durante o mês de janeiro e que mereceram aprovação da Comissão Julgadora :

CONTOS : "Meus Cinco Mil Reis" de Nege Alem, "Haroldo" de Alba Christina Lessa e "Agouro" de José Ribamar Lopes.

POESIAS : "Indiferença" e 1 trova de Adénis Bergamaschi, "Chegaste Tarde" de Teresinha Martins, 2 trovas de Cremilda Corrêa Costa e "Cena Medieval" de Altino Bondesan.

CRÓNICAS : "A menina que olhava o trem passar" e "Dia de hoje" de Milton Costa.

Professor Ulpiano Guimarães quando pronunciava a sua conferência.

FUNDAÇÃO LOGOSÓFICA
PATROCINA
CICLO DE PALESTRAS

EM vista de se ter realizado, recentemente, no Uruguai, o Primeiro Congresso Internacional de Logosofia, a Fundação Logosófica de Belo Horizonte acaba de patrocinar um ciclo de palestras versando sobre as conclusões a que chegaram os participantes do referido certame. Os temas foram focalizados por logó-

sofos da filial belorizontina, que tiveram destacada participação no Uruguai, onde apresentaram diversos estudos e teses sobre os vários pontos do temário. Uma das melhores conferências foi a do sr. Ulpiano Guimarães, que falou com segurança sobre a «Influência construtiva do conhecimento logosófico».



Aspecto do auditório, colhido durante a conferência do prof. Ulpiano.



IATE TÊNIS CLUBE

Continuação da pág. 64A

do Juscelino Kubitschek, Faraó do século XX, ele reuniu seu estado-maior e deu a ordem : Minas tinha direito a um oceano em miniatura. E foi assim que apareceu a

Pampulha. Em volta da lagoa, o homem plantou uma arquitetura bonita, saída da prancheta de Oscar Niemeyer, com azulejos de Portinari enfeitando o concreto.

A Pampulha ficou famosa no mundo inteiro, a imprensa abria-lhe colunas, os estudantes aprendiam com ela, os poetas escreviam-lhe poemas. E a obra se transformou num marco importante da arquitetura contemporânea.

MAS O MAR SECOU

Um dia, as comportas da barragem se romperam — e a Pampulha foi por água abaixo. O mineiro voltou à sua antiga angústia continental, sofrendo em silêncio a morte de seu marzinho de brinquedo. Ancorado na terra firme, esperou paciente — até que resolveram de novo encher dágua a Copacabana de BH.

Recuperado o esplendor, a Pampulha lá está, outra vez, à espera das lanchas a motor, do esqui aquático e — também — dos turistas que espalharam sua fama pelos quatro cantos do mundo.

O recanto floresce com a plenitude de seus grandes dias, quando gente de toda parte vinha à Capital para arriscar milhões no Cassino, hoje transformado em Museu de Arte.

O IATE E O FUTURO DA PAMPULHA

Com o renascimento da Pampulha, um grande futuro está reservado ao mais famoso bairro da cidade. Dentro do impulso que ela paulatinamente vai tomando, o Iate Tênis Clube — ex-Iate Gólf Clube — surge como o líder certo das atividades sociais e desportivas da lagoa, daqui para a frente. Arrematado por uma empresa belo-horizontina — a Sociedade Mineira de Empreendimentos Ltda.

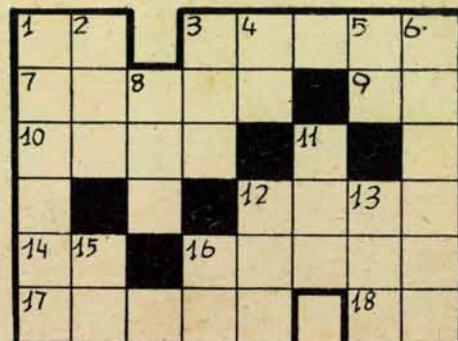
— o novo Iate aponta vitorioso no fluxo de vitalidade que anima toda a Pampulha, e, incorporado à renovação da vida do elegante recanto, traduz-se no marco que assinalará, definitivamente, a ascensão turística da mesma a uma categoria nunca antes havida.

Uma série de melhoramentos de toda espécie já está sendo introduzida no Clube, para adaptá-lo ainda mais às finalidades para as quais foi construído. Esse trabalho, a cargo do famoso arquiteto Sérgio Bernardes (que projetou a Universidade de Berlim), estará terminado em breve.

Contando com um corpo social inteiramente renovado, o Iate Tênis poderá vir a ser um dos clubes mais «fechados» do País, segundo é a intenção de sua nova administração, que, acima de tudo, tem uma meta a cumprir: mantê-lo sempre na liderança absoluta que sempre ocupou, na paisagem mundialmente famosa da Pampulha.

Palavras
Cruzadas

VETERANOS

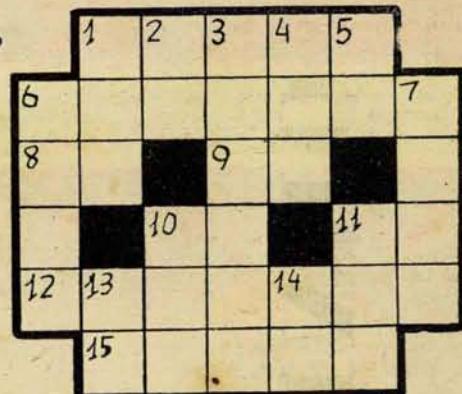


HORIZONTAIS : 1 — Letra grega. 3 — Sacrifica. 7 — Cabelo duro e enroscado. 9 — Sigla automobilística do Amazonas. 10 — Volume de obra impressa. 12 — Caução. 14 — Pronome pessoal. 16 — Ser microscópico rudimentar, pertencente à classe dos protozoários. 17 — Aguardente de arroz. 18 — Atmosfera.

VERTICIAIS : 1 — Tolo. 2 — O mesmo que eirô. 3 — Íntimo. 4 — O carneiro faz... 5 — Nota musical. 6 — Afiar. 8 — Patrão. 11 — Pássaro. 12 — Certa árvore da ilha de São Tomé. 13 — Proteção. 15 — Pátria de Abraão. 16 — O Actínio.

ERNESTO R. NETO

NOVATOS



HORIZONTAIS : 1 — Estância hidromineral. 6 — Fosfato de cálcio natural, que contém flúor ou cloro. 8 — Ruim. 9 — Existente. 10 — Prefixo grego, indica negação. 11 — Atmosfera. 12 — Que nasce em Minas. 15 — Boi bravo.

VERTICIAIS : 1 — Constelação austral. 2 — Deus egípcio. 3 — Academia. 4 — Nome de uma letra de nosso alfabeto. 6 — Gostam. 7 — Azêdo. 10 — Doze meses. 11 — Anel. 13 — Encanto pessoal. 14 — Morrer.

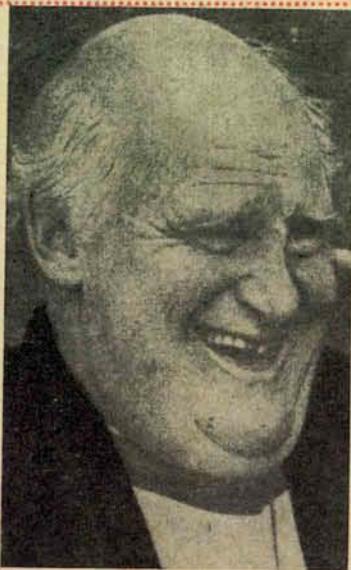
SOLUÇÕES ANTERIORES

VETERANOS — Horiz. : Pira — par — ar — zoico — maloca — ra — geo — mar — ac — acasos — nôdoa — au — ora — rara.

Vert. : Pam — irara — azo — piagás — ac — rodo — oc — larada — ecoar — mano — co — aar — sua — or.

NOVATOS — Horiz. : Começo — tonel — ro — eril — roma — as — pilar — animal.

Vert. : Côr — onix — mel — el — or — tema — omar — mola — rim — mal — sa — pi.



ARCEBISPO DE CANTERBURY

THEATRINO

AS COISAS, leitor amigo como tu sabes — e sentes por dentro e por fora do corpo e da alma — estão rudes, cada vez mais rudes. E ásperas, cada vez mais ásperas.

Tudo de acôrdo, aliás, com o bilhetinho que, mês passado, o Presidente logo de entrada, nos endereçou — a nós, a ti, ao povo em geral: «Excelências: este será um governo rude e áspero!»

Francamente, não sabemos se é bem disso que o Brasil, coitado, anda precisando: de rudezas e asperezas. Mas sabemos, por experiência nacional, que o quê JQ diz, JQ faz. Às vezes, não diz, mas faz. E às vezes, nem faz, mas diz.

Enfim JQ é uma esfinge. Mas não devemos desanimar. Temos cinco anos para decifrá-la...

ATÉ LA o melhor, é nas horas vagas — nas vagas horas que o batente nos dá — abrir o Rubáiyát do velho Omar Káháyyán — velho mesmo, velho de 900 anos — e ler em voz alta:

«Além da Terra, além do Infinito, eu procurava em vão o Céu e o Inferno. Mas uma voz me disse: o Céu e o Inferno estão em ti mesmo!»

«Pensa livremente e livremente encara o Céu e a Terra. Perdoa a todos os culpados. Não entristeças ninguém. E esconde-te, para sorrir...»

«Procura ser feliz ainda hoje, pois não sabes o que te reserva o dia de amanhã. Toma uma urna cheia de vinho, senta-te ao clarão do luar e monologa: talvez, amanhã, a Lua me procure em vão...»

Se não tiveres urna não faz mal, se não tiveres vinho, não te importes, abre as páginas tranqüilas de tua revista, que elas te darão consôlo.

OS ARCEBISPOS DE CANTERBURY estão nos saindo melhores que a encomenda. Eles são os chefes da Igreja Anglicana e cada Primaz é uma espécie de Papa do protestantismo inglês. O 99º arcebispo de Canterbury que vai deixar o posto é o Dr. Geoffrey Fisher, cuja recente visita ao Papa João XXIII (com quem recentemente andou batendo um papo cordialíssimo, de ressonância internacional revolucionou, no bom sentido, as relações entre anglicanos e católicos).

Agora, sai o Dr. Geoffrey e entra para substitui-lo, como primaz da Igreja Anglicana o Dr. Arthur Michael Ramsey que, de arcebispo de York, transformar-se-á, por designação da Rainha Elizabeth, no centésimo Arcebispo de Canterbury.

Pois vejam só, este pedacinho de alocução recentemente proferida pelo novo Primaz britânico, que pérola de bossa-nova bíblica:

«A Teologia só tem valor à medida que acompanha as exigências da vida moderna. O adultério não é um crime, e um bom divórcio vale mais do que um mau casamento».

Que diremos a isso, nós, os bossas-velhas da moral subdesenvolvida?

CHORA A LIGHT, no Rio, de barriga cheia, «devolvendo» ao governo da Guanabara, os bondes da zona sul (um amontoado de ferro velho) sob a alegação de que sofreu em 1959 um prejuízo de 62 milhões de cruzeiros.

Chora os prejuízos, mas não faz menção aos lucros obtidos nos setores de eletricidade e de gás, lucros de cerca de 2 bilhões de cruzeiros, ou seja, em número exatos:

RECEITA

Serviço de Eletricidade	Cr\$ 3.564.426.444,70
» » Gás	1.419.215.702,60
» » Bonde	944.371.959,60

TOTAL Cr\$ 5.938.514.106,90

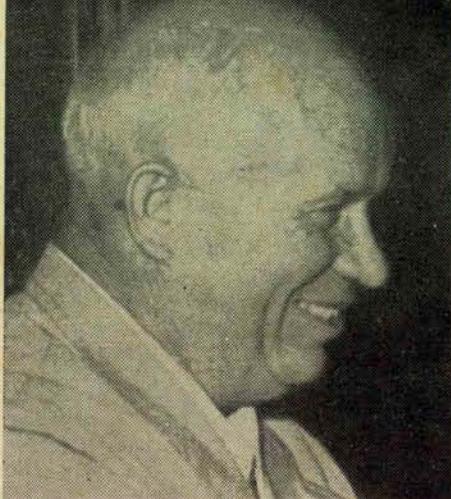
DESPESA

Serviço de Eletricidade	Cr\$ 1.774.649.001,90
» » Gás	1.231.286.937,90
» » Bonde	1.168.892.528,90

TOTAL Cr\$ 4.174.828.468,70

SALDO TOTAL Cr\$ 1.753.685.638,20

Grandes amigos! como sempre, roendo a carne até o tutano e atirando os ossos no «quintal»...



KRUSCHEV



MARILYN MONROE

Gibson Lessa

CARLOS LACERDA, eleito e empossado, por minoria absoluta, governador da Belacap (graças à meta democrática lançada e consolidada por Juscelino) levou para o Palácio Guanabara um cachorro e um côrvo propriamente dito. O cão se chama Xanam e é tão negro quanto o côrvo, que se chama Vicente e foi doado à Lacerda quando de suas andanças pelas plagas salazaristas.

Tanto o côrvo quanto o cachorro passam o dia inteiro no gabinete de trabalho do seu dono, mas se o côrvo é bem comportado e passa as horas pensativa no poleiro da gaiola a contemplar o seu parente humano, o cachorro é um demônio e já ferrou os dentes nos fundilhos das calças de um repórter da TV Tupi e de dois contínuos. Lacerda mandou pedir desculpa aos ofendidos por intermédio de um oficial de gabinete e no Xanam mandou batar uma mordaça...

O TEATRO FRANCISCO NUNES o único teatro de Belo Horizonte, é um galpão que humilha qualquer cidade civilizada do mundo, todavia, ostenta uma glória rara: o palco dele já foi pisado pelos pés Margot Fonteyn. E por falar em Margot, notícia amarga: em junho, depois de realizar com o «Ballet Royal» uma excursão à União Soviética, a mais famosa bailarina inglesa, vai abandonar a dança.

PODE SER que a Berlim Ocidental seja melhor que a Berlim Oriental. Mas se algum dia você fôr à Alemanha e tiver de falar ao telefone, não hesite, escolha a Oriental, pois Teatrinho acaba de

saber que na Berlim dos vermelhos o som da campainha dos telefones vai ser dentro de breves dias substituído por acordes célebres da música de Wagner.

POUCA GENTE soube ou leu (saiu tão espremidinho numa coluna de «O Globo») o telegrama que **Nikita Kruchtchev** (primeiro ministro da União Soviética) enviou ao **Presidente Jânio Quadros**. Foi o seguinte:

«Por motivo de sua investidura no alto posto de Presidente dos Estados Unidos do Brasil, rogamos-lhe aceita V. Ex*, em nome dos povos da União Soviética e em nosso próprio, sinceros cumprimentos e votos de êxito na sua atividade para o bem do povo brasileiro, amante da paz. Quiséramos, Sr. Presidente, expressar a esperança de que as relações entre a União Soviética e o Brasil adquirissem maior desenvolvimento. Isto, sem dúvida, corresponderia aos interesses da consolidação da paz universal».

Será que nem assim, não vai?

OS BONS EXEMPLOS: A montagem de aparelhos de rádio foi adotada como trabalho manual obrigatório nas escolas primárias da China Continental. Aqui no Brasil em pleno curso secundário, a rapaziada aprende a fazer sacolas de malha, cestinhas de arame para guardar ovos e cantoneiras para bibelôs.

NO CAIRO, Mustafá Ali Harbi, agente de polícia egípcio acordou fora de hora, tamanho o barulho que a mulher armou dentro de casa com a empregada. Levantou-se, aproximou-se e calou as duas, botando-as nocaute. Aí interveio

a filha, aos gritos. Mustafá calou-a. Vendo a criada, a esposa e a filha «na lona», Mustafá julgou que as havia matado e como um louco atirou-se de cabeça pela janela do 4º andar onde morava. Foi cair por cima da cabeça de outra mulher que passava na calçada. Epílogo: Mustafá e as quatro mulheres foram para a Santa Casa, vivos, mas em estado de nocaute quádruplo.

SUJEITO QUANDO NASCE para palhaço, não tem jeito, há de ser palhaço sempre, ainda que se meta em coisas sérias. **Danny Kaye**, por exemplo, vai interpretar as figuras de Churchill, Roosevelt e Stalin, conforme a aparência de cada qual na Conferência de Malta. Até aí, nenhuma palhaçada, tudo até muito solene. No mesmo filme, porém, eis que de repente Danny Kaye abandonou a pele de Churchill, Roosevelt e Stalin e surge no palco, lânguido como um anjo azul, travestido de Marlene Dietrich. E canta. E suspira. E etc.

QUEM NASCEU PARA DI MAGGIO para quê foi meter-se com **Arthur Miller**? **Marilyn Monroe**, aquêle busto colossal, aquêle colosso de busto, pensou que era fácil amar um dramaturgo depois de ter sido amada por um campeão de base-ball. Conseqüência: teve de voltar aos biceps do campeão. Agora, saindo de um restaurante atracada com **Di Maggio** (seu segundo e agora quarto marido) saiu-se com esta:

«Joe não pensa muito e isto é muito repousante».

Pobre Marilyn... ou pobre Joe?

«**A**GORA, com o que sonho é viver em paz. Sei que ainda é sonho alto, mas sei também que é sonho realizável. Tirei a ambição dos caminhos ásperos por onde a deixei sóta tanto tempo, baixei os olhos para o chão, meditei — e conclui que, afinal, viver em paz é ainda o melhor programa. Ah, viver em paz, só isto. Encurtei as rédeas às ilusões de antes, pus mordaça e freio aos devaneios — e cai, lisa e maciamente, no campo fresco dos desejos limitados e dos anseios parcios.

Viver em paz. Sonho com isto, agora, e configuro as pequenas necessidades que terei de atender, miúdas e cotidianas. E tão confortadoras! Postos à margem, e inteiramente desfigurados, os velhos objetivos causam-me, agora, riso e sarcasmo. De súbito, como se um relâmpago me ferisse a retina e desvendasse ante meus olhos deslumbrados a insignificância e toleima dos ideais antigos,

dão e a tortura dos alvos inacessíveis. Agora, vejo a poesia humilde do viver em paz, vejo a graça das horas ociosas, o encanto leve dos dias sem ocupações sufocantes e das noites vazias de tormentosos cálculos... Calcular o quê? Agora, é viver dia a dia, hora a hora, ciente da frágil estabilidade de uma condição submissa a fados desconhecidos. Viver dia a dia, gozar cada hora realizada, alhear-se ao amanhã e ao ontem... E restam-me tantas coisas! Restam-me? Não, as coisas que me ficaram não podem ser consideradas resto. São a essência mesma da vida, seu perfume e alma... Custei a compreender-lhes o valor, muito tardei a avaliar-lhes o preço, mas sei, agora, que constituem, na sua simplicidade e modéstia, os únicos bens verdadeiros a que podemos aspirar.

Viver em paz. Deixei de ser uma criatura isolada numa comunidade de fantasmas sonâmbulos:

rei, a meu dispor, inteiramente meus, a frescura matinal do dia nascente, todo o azul do céu, nuvens leves pastando na imensa campina pálida, raios de sol, a água do tanque brilhando serenamente... E o dia que nasce. As horas de sol, as possíveis bátegas cantantes, o verde molhado, a doce melodia de um rádio próximo, o grito do leiteiro, o vidro azul da mesinha da sala com dois ou três galhos de pessegueiro em flor, o doce perfume do assado a espalhar-se pela casa tóda.

Terei tudo isto. E a tarde que virá, depois, e a noite, e as estrelas tódas. E o perfume da trepadeira que engrinaldou a porta da garagem, e os risos das crianças a correrem na rua, e os vultos embuçados dos namorados perdidos na meia sombra dos portões escuros... Terei tudo isto, e mais a esperança de que o amanhã não me tirará nada de tais dons. E estarei tão satisfeita e cumulada

Viver em Paz

Cosette de Alencar

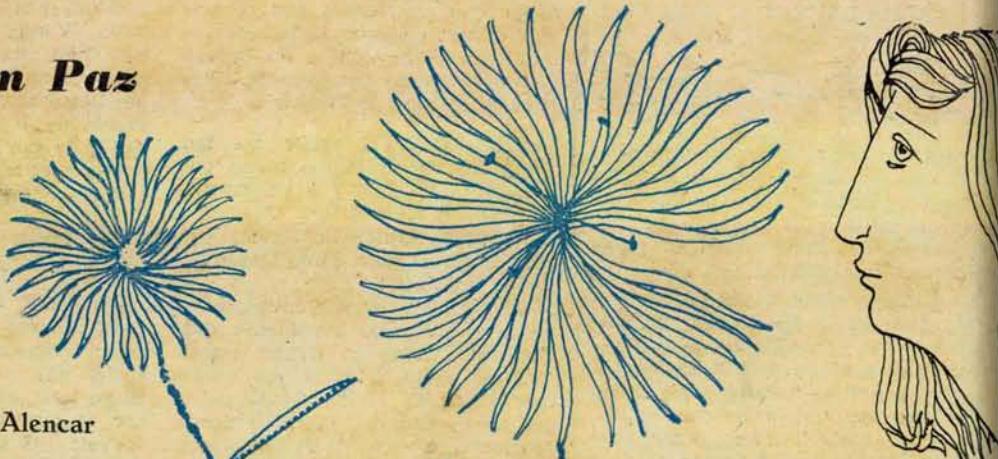
percebo a inamidade dos mesmos. E tenho a intuição de que andei beirando um abismo, numa avidez estúpida de bens ilusórios e prazeres enganadores... Olho diante de mim, percebo minha insignificância total num mundo que se atropela desabaladamente atrás dos mesmos bens em que acredipei por tanto tempo — e dou graças aos céus. Dou graças aos céus que me fizeram recuar, embora um pouco tarde. Ah, tanto tempo perdido! Tantos dias e horas malbaratados, tantas manhãs radiosas inutilizadas na vã perseguição da meta inatingível, tantas noites ocupadas com cálculos inúteis, sem que o tempo jamais sobrasse para um minuto de contemplação às plácidas estrelas! Embora tarde, vejo que deserto da alucinação desvairada — e se esfumam na distância a sofregui-

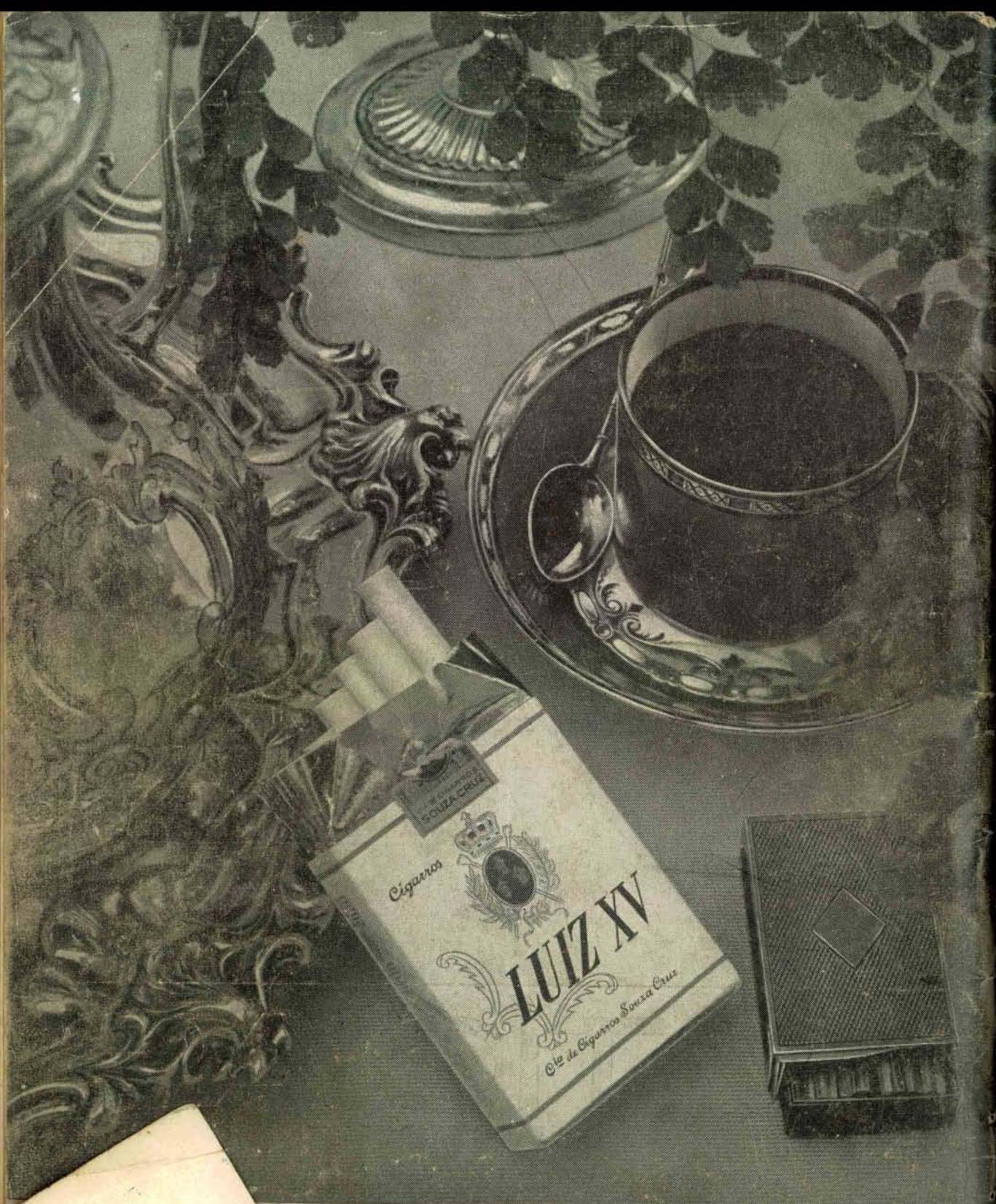
e tornei-me peça de uma engrenagem maravilhosa, peça anônima e desvaliosa, mas imprecindível à marcha do mundo. Sou uma peça da engrenagem, só isto — e nunca me considerei tão importante assim, nem mesmo nos tempos em que persegui, com obstinação e loucura, a glória dos homens.

Agora, tenho à minha disposição os dons da vida. Vejo-me rica e senhora de tudo. E que é que poderia atingir-me, tanto me desloquei para a margem dos acontecimentos todos? Acordo cantando, sei que surpresas maravilhosas aguardam-me a cada nova manhã que o Senhor me concede: posso ir encontrar, aberto, o botão de rosa que na véspera surpreendi, rubro e fino, como um dom de fadas deposto na haste da velha roseira do muro. E te-

que nada mais desejaréi, senão que isto se prolongue com esta inefável sensação de paz íntima, provinda de desvãos interiores, misteriosos e inexplicáveis.

Que sou eu no mundo? Uma peça na engrenagem. Mas, enquanto a máquina se move, e a peça humilde preenche sua função, a vida se espalha longamente e é doce e terna. O sol, a chuva, o botão rubro, a tarde, o cheiro bom do assado, o riso dos meninos, as mãos dos namorados, ávidas e incertas, ah!, as bocas, os olhos, as estrelas... Tudo meu. E esta paz imensa, macia como a relva fina do jardim molhado. Feita de renúncia e compreensão. E de uma esquisita gratidão e humildade. Quem sou eu, Senhor, para que me mostrasses tudo isto com tua mão aberta, largamente aberta?»





LUIZ XV

de ontem para uma elite de hoje

da aí
esfumam

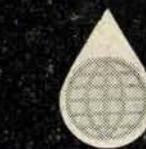
128

CIA. DE
CIGARROS
SOUZA CRUZ

R-1.550-b



DE MEIA EM MEIA HORA...



NOTÍCIAS

DE TODO O MUNDO NA RÁDIO GUARANI !

Um perfeito serviço de informações com as últimas notícias de todo o mundo. Com teletipo ligado diretamente com Nova York, a sua Rádio Guarani apresenta 3 minutos de notícias bem dosadas, na hora certa. Deixe o seu rádio nos 1.340 kc e, de 1/2 em 1/2 hora, as notícias virão a você.

1 Em seguida; V ouve música, muita música, cuidadosamente selecionada.

2 E... em cada intervalo, 1 anúncio (um só)...

3 Em pequenas doses, a fórmula "bossa-nova" em rádio moderno: o "fator X".

RÁDIO GUARANI

Belo Horizonte

Deixe o rádio ligado nos **1.340** kilociclos